CARLOS NOUGUÉ

SUMA Gramatical DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada



SUMA
Gramatical
DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITOR
Edson Manoel de Oliveira Filho

PRODUÇÃO EDITORIAL, CAPA E PROJETO GRÁFICO
É Realizações Editora

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO
William C. Cruz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N699s
Nougué, Carlos, 1952-
Suma gramatical da língua portuguesa : gramática geral e avançada / Carlos Nougué. - 1. ed. - São Paulo : É-Realizações, 2015.
608 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8033-203-2

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

15-23998

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

23/06/2015 25/06/2015

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002
Caixa Postal: 45321 · 04010-970 · Telefax: (5511) 5572 5363
atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Gráfica Corprint em julho de 2015. Os tipos são da família Adobe Garamond e News Gothic. O papel do miolo é o alta alvura 90g, e o da capa, cartão ningbo star 250g.

A Paulo Sérgio e a Rosa Clara,
e a Maria Augusta.

¡Cuántas veces el ángel me decía:
"Alma, asómate ahora a la ventana,
verás con cuánto amor llamar porfía"!
LOPE DE VEGA

Não é coisa de qualquer homem impor nomes, mas de um "nominador". E este é, ao que parece, o legislador, que naturalmente é entre os homens o mais raro dos artesãos.

SÓCRATES / PLATÃO

A linguagem é figura do entendimento: e assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa.

FERNÃO DE OLIVEIRA

A pena é língua da alma; quais forem os conceitos que nela se engendraram, tais serão seus escritos.

DOM QUIXOTE

A gramática de uma língua é a arte de [escrever e pois de] falar corretamente, isto é, conforme ao bom uso.

ANDRÉS BELLO

A prevenção mais desfavorável [...] é a daqueles que julgam que em gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos carecem de inconveniente, desde que, por outro lado, se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino.

ANDRÉS BELLO

A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo.

ANTOINE RIVAROL

Amo-te, ó rude e doloroso idioma, / Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"

OLAVO BILAC

Sumário

QUARTA PARTE: MORFOLOGIA, OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS (NA LÍNGUA PORTUGUESA)

QUINTA PARTE: OUTROS PARADIGMAS E PRIMEIROS EMPREGOS DAS CLASSES GRAMATICAIS

SEXTA PARTE: SINTAXE GERAL

SÉTIMA PARTE: REGÊNCIA VERBAL E CRASE

OITAVA PARTE: CONCORDÂNCIA NOMINAL E CONCORDÂNCIA VERBAL

NONA PARTE: COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS

DÉCIMA PARTE: PONTUAÇÃO

Apresentação

Desembargador Ricardo Dip[1]

Há uma cena no filme *Life of Brian* (1979), dirigido por Terry Jones, em que a personagem central, Brian (vivido por Graham Chapman), se põe a pichar os muros de Jerusalém: "*Romanes eunt domus*" (o que se pretendia era escrever "Romanos, ide para casa"). Um centurião surpreende Brian e coage-o a corrigir, passo a passo, o mau uso do latim, concluindo-se com a sentença "*Romani ite domum*", que o centurião impõe a Brian escreva cem vezes sobre os muros da cidade. Menos evidente do que o objetivo de espancar a pedagogia contemporânea do latim e, segundo alguns críticos, desfiar uma sequência de blasfêmias, calha que a cena retrata uma liberdade expressiva entre os romanos, que, sem embargo, não implica a transigência com a perversão do idioma, porque isso importaria na ruptura de uma relação cara aos romanos – e cara até porque se revestia de um suposto caráter divino –, qual a que se dá entre o *nomen* e o *numen*. Ou seja, na essência de cada coisa entendiam os romanos encontrar-se um *numen* (traduza-se livremente: "o mistério", o "ignoto") – e Cícero dirá que "tudo está regido e governado pelo *numen* dos deuses" –, *numen* que se descobre mediante o proferimento do *nomen*. Por isso, conhecer o *nomen* de dada coisa, entre os romanos, é descobrir-lhe o *mysterium*, é revelar – diz Alfredo Di Pietro, em *Verbum Iuris* – "*el secreto divino ínsito en la cosa*".

Essa relação *nomen-numen* explica em larga medida o cuidadoso formalismo romano. Estar na posse do *nomen* (desvelador do *numen*) do deus impetrado por seu próprio e misterioso nome era condição para o êxito das invocações. A certo Valerius Soranus, por exemplo, consta imposta a pena de crucifixão ao ter proferido, em alta voz, o *nomen urbis* atrativo da proteção dos romanos, o que permitira sua impiedosa *evocatio* pelos inimigos de Roma. Noutro exemplo, S. Agostinho, na *Cidade de Deus*, refere-se ao episódio de Marcus Attilius Regulus, prisioneiro dos cartagineses, que morreu para ser atentamente fiel à palavra que empenhara: fidelidade ao *nomen* é fidelidade ao *numen*, fidelidade não apenas à realidade das coisas desveladas de seu mistério, mas fidelidade ainda ao próprio homem que,

[1] Ricardo Dip é Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, acadêmico de honra da Real Academia de Jurisprudencia y Legislación de Madrid e membro fundador do Instituto Interdisciplinar da Universidade do Porto.

exatamente pelo *nomen*, chega à revelação do *mysterium*. O *numen* de cada coisa, assim, corresponde a um *nomen*, a um *canto numinoso* ou *encanto* que lhe é próprio, de tal sorte que se possa compreender a profundidade metafísica e epistêmica desta sentença de Afonso Botelho: "ser, em canto ser".

Essa verdadeira garantia de integridade da relação *nomen-numen* exige-se quer num plano psicológico – para o qual basta referir as lições de Robert Brennan, em sua *Psicologia Geral*: "todo aquele que inventa ou emprega uma linguagem deve estar conscientemente inteirado da significação de fatos, situações, relações e, assim, sucessivamente, antes de poder usar um meio, falado ou escrito, para expressar seus estados mentais" –, quer noutro, de domínio social, porque a linguagem não é só, nem primeiramente, uma atividade humana isolada, senão que um meio informativo, *re*-presentativo e de expressão na vida humana política (*i.e.*, na *polis*).

A linguagem não está a serviço do *pensamento solitário* – a que já aludira Paul Bourget, nos *Ensaios de Psicologia Contemporânea*. A decadência da literatura, dizia Bourget, não é mais do que um aspecto análogo ao da decadência social, uma e outra provenientes de uma anarquia egótica – ou, agora, melhor acaso se diga: de um niilismo –, em que uma radical independência dos indivíduos destrói o conjunto: "a unidade do livro decompõe-se, para dar lugar à independência da página; a página decompõe-se, para dar turno à independência da frase; e a frase, para dar vez à independência da palavra". Se com Aristóteles, no livro da *Política*, pode admitir-se que a linguagem existe para fazer manifesto o bem e o mal, o justo e o injusto, e que é a comunidade dessas coisas o que constitui a família e o Estado, corre-se grave perigo social quando a linguagem se torna "independente de normas", anárquica, niilista, meio azótica, meio hebraica – para remontar aos tempos de Neemias (Neemias 13,24). O caos do *nomen* é o caos do *numen*: "*words are symbols of ideas about reality*" (Miriam Joseph), e a ruptura do liame nome--coisas, entregue a linguagem a uma suposta liberdade do falante, parece acusar que a razão está posta em agonia, tal a diagnose, referindo-se à *information déformante*, de um valoroso libelo de Marcel de Corte (*L'Intelligence en Péril de Mort*).

À realidade das coisas – em certo sentido, uma realidade fechada, enquanto assim proposta ao conhecimento humano – dirige-se a realidade aberta da pessoa humana, uma realidade que, inacabada, tem de construir-se em meio (ou melhor, com apoio) da realidade de todas as coisas e das pessoas com que é vocacionada a conviver: nenhuma construção pessoal pode marginar-se da informação, da representação e da expressão do real também no domínio político (*vide*, a propósito,

Xosé Manoel Domínguez, *Psicología de la Persona*). Mas, no ambiente da *polis*, o niilismo de regras – incluído o egotismo no uso das palavras, ou seja, uma *babelização* – é a negação do próprio contacto com o real.

Nesse estado de coisas, é um marco de justificável esperança ler, já ao princípio desta *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*, de Carlos Nougué, que não se haja de abandonar as palavras à solta, que não caiba conformar-se com o caos da *lingua derelicta*, com que *les mots sont les maux*:

> DEIXADA À DERIVA, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

A Gramática é conhecimento regulativo (ou normativo), bem por isso uma arte (em sentido analógico) mais diretamente voltada à produção do literal e, de algum modo limitado, ainda à da linguagem falada: dirá Nougué, "arte estritamente normativa da escrita"; "a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática", averbando que "a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, mas de conservá-las".

Arte por semelhança, em virtude de sua analogia com as artes em sentido próprio (os hábitos produtivos de índole racional), a Gramática é uma das sete artes ditas liberais, um saber – a exemplo da Lógica, saber este que a subalterna proximamente –, por certo aspecto, *especulativo* (na medida, bem o observou Leopoldo Eulogio Palacios, em que apenas se produz diretamente pela razão), mas, por outro, *prático* (*secundum quid speculativum, secundum quid practicum*), e que, à vista de seu fim (*quantum ad finem*), prepondera como saber prático (*magis practicum quam speculativum*). Porque, como arte que é, prossegue Nougué, a Gramática "não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais".

Contando-se ao lado da Lógica (ou Dialética) e da Retórica entre as chamadas *artes sermocinales* – as artes lógicas ou do *trivium* –, a Gramática é um saber intimamente ligado à Lógica, porque não é possível o discurso humano sem a palavra. Poderia pensar-se numa linguagem própria da Lógica (e ela, com efeito, permeia as várias Lógicas simbólicas), mas o desenrolar natural do pensamento exige uma linguagem ordinária, por meio de palavras que informem, representem e expressem o mundo interior não apenas aos especialistas em determinada metalinguagem lógica.

A Gramática é um saber (sobretudo o da escrita, que é signo da fala, observa Nougué) que comunga dos fins da Lógica, quais sejam a retidão (ou consequência) e a verdade do pensamento. Os efeitos da Gramática são, de pronto, imanentes ao próprio intelecto, e estão voltados a realizar os fins fruídos da Lógica, na medida em que, como visto, bem escrever e, mais limitadamente, bem falar importam em bem julgar e bem discursar, equivale a dizer, em ser formalmente reto e materialmente veraz nas proposições e argumentações.

Essa comunidade teleológica não implica, todavia, absorção da Gramática pela Lógica (ou, por outra, a identificação de seus objetos: a palavra e o pensamento). Isso já se avista de aquela, a Gramática, servir também, e de algum modo, à Poética e à Retórica (o que bem assinalou Nougué), e pode pôr-se em evidência com o ingresso no que José Miguel Gambra designou como “câmara sagrada da analogia”: o árduo tema dos conceitos análogos. É que as palavras – e as sentenças, inclusive – padecem, senão de uma equivocidade tendencial, de uma irresistível vocação analógica (que o uso e abuso das metáforas mostra amplamente). Só por meio de uma pouco menos do que inimaginável linguagem analítica absoluta seria possível sonhar – mas, acaso, ao modo de um pesadelo (o inferno é o reino da monotonia) – o conforto de conceitos sempre unívocos. A Gramática tem aí seu papel de crisol, discriminando, no uso recolhido, as acepções das palavras.

A subalternação próxima de um saber a outro não inibe a subordinação remota ou indireta que provenha de um primeiro saber subalternante subpor-se a outro. E é assim, para que a Lógica – e com ela a Gramática – não se destrua de irrealismo, que a Metafísica deve constituir-se por ciência primeira e subalternante de ambas: da Lógica, diretamente, da Gramática, de modo remoto. E nisso está Nougué.

Carlos Nougué completou sua *Suma*. Obra de gramático. Obra de consagrado lexicógrafo. Obra teórico-prática de um professor experienciado, que nos indica deva a Gramática ensinar-se:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita;

mas obra também de um filósofo prudente, de alguém acostumado a leituras árduas e que não se deixa abater pelas tempestades periféricas: vai às profundezas, em busca de fundamentos últimos aos quais possa discretamente arrimar sua arte regulativa, a da palavra.

Estamos, enfim, diante de um pensador.

SUMA GRAMATICAL

DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gramática Geral e Avançada

Prólogo

I

Deixada à deriva, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, ao ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

Isso, no entanto, é pura negação do óbvio: é *parte intrínseca* de toda e qualquer língua *ter regras*; é o dique ou comporta sem a qual ela de fato fluiria e fluiria sem nenhuma permanência. E, com efeito, pai algum, mãe alguma, se dotados ao menos do ínfimo senso natural de cuidado e educação da prole, deixarão de corrigir o filho se ele disser algo *errado*. Se o pequeno disser, por exemplo, "zinza" em vez de "cinza", tal pai e tal mãe não haverão de calar-se nem, muito menos, de deleitar-se com mais essa novidade de uma permanente deriva linguística.

E de fato os propugnadores da tese da língua sem regras não conseguem ver que sem esta nem sequer se poderia propor sua tese – simplesmente porque nem sequer haveria nenhuma língua. Bem sabemos que se retrucará: "Mas as línguas mudam constantemente..." Impossível negá-lo. Todavia, mudam em duplo sentido: no primeiro, corrompendo-se, não raro até ao desaparecimento; no segundo, progredindo.

Corrompem-se mais aceleradamente quando, entre fiapos de civilização, há apenas as regras *intrínsecas* da Linguagem: essa é a razão por que as línguas ágrafas tendiam (e tendem) incessantemente à desordem de seus próprios paradigmas e de seu quadro fonético. Menos impetuosamente quando, em meio a uma verdadeira civilização universal (ou tendente à universalidade), se tem a escrita com sua arte própria e especial, a Gramática. – Mais ainda, neste último caso podem tender até a grande estabilidade: foi o que se deu com o latim ao tornar-se língua altamente normatizada e ordenada à Ciência e à Sabedoria.[1]

---

[1] Há em verdade um caso intermédio: o da chamada "tradição de estilo global-oral", ou seja, a fundada sobre a memorização de textos longos como a Bíblia, os Vedas, a epopeia finlandesa *Kaleava*, as epopeias homéricas, etc. Cf. especialmente os trabalhos do diretor do Institut de Mimopédagogie Yves Beaupérin (como *Rabbi Iéshoua de Nazareth: une Pédagogie de Style Global*, t. 1: "Du Text Écrit au Geste Global". Paris, Éd. Désiris, 2000, e *Anthropologie du Geste Symbolique*. Paris, l'Harmattan, 2002);

Progridem, por outro lado, mediante sobretudo a escrita e sua Gramática, já quando fecham um novo paradigma,[2] já quando criam e incorporam a seu léxico palavras que expressem novas concepções da realidade.[3] E tanto mais progredirão quanto mais cultivadas forem, ou seja, quanto mais se valerem delas e as aprimorarem verdadeiros mestres. Foi o caso, por exemplo, de Platão e de Aristóteles com respeito ao grego antigo: não só lhe deram todo um conjunto de novas palavras para significar os mais profundos conceitos científicos, mas, pela necessidade mesma de fazer servir a língua à Filosofia, contribuíram ainda para o aprimoramento de seus paradigmas casuais.[4]

Naturalmente, o conceito de "Linguagem" e o de "língua", bem como muitos outros implicados ou supostos na arte da Gramática, requerem um aprofundamento científico impossível de dar-se nos marcos de um prólogo.[5] Fique já estabelecido aqui, contudo, que sem fatores que se sobrepusessem às regras implícitas da Linguagem, sairíamos do sul do Brasil com uma língua e, ao chegar ao norte dele, depararíamos com outra – para não falar dos países lusófonos de além-mar.

Limitemo-nos ainda, aqui, ao estado da língua em nosso país. Por um lado, sim, é verdade que ao menos os gaúchos e os nortistas com algum grau de escolaridade se entendem uns aos outros. Isso porém não implica que sejam, propriamente falando, senhores da Gramática da língua portuguesa, porque tal mútuo entendimento não resulta senão das regras implícitas da Linguagem reforçadas pelos meios de comunicação modernos e por meros rudimentos gramaticais escolares. Explique-se.

Antes de tudo, um apanhado histórico. Com a consolidação, entre o século XIV e o XVI, dos estados absolutistas e o consequente fim da exclusividade do latim

---

e os de Marcel Jousse (como "Études de Pychologie Linguistique. Le Style Oral Rythmique et Mnémotechnique chez les Verbo-moteurs". In: *Revue Archives de Philosophie*, vol. II, cahier IV. Paris, Gabriel Beauchesne, Éditeur, 1925). – Parece-nos inegável, todavia, que tal efetiva e nobre tradição sempre foi para poucos, enquanto a escrita é para maior número, razão por que, conquanto defendendo aquela tradição contra a escrita, Platão se viu obrigado a plasmar por escrito grande parte de seu pensamento, assim como os poemas homéricos acabaram por transcrever-se, e como o Novo Testamento foi *imediatamente* escrito. O assunto, porém, requer lugar próprio.

[2] Tome-se *paradigma* em sentido lato, ou seja, quer como conjunto de formas que servem de modelo de derivação ou de flexão – como as das conjugações verbais –, quer como toda e qualquer regra gramatical – como a da concordância nominal.

[3] Usamos indiferentemente *palavra*, *vocábulo* ou ainda *termo* para denominar a unidade significativa mínima da linguagem.

[4] Cf. Émile Boutroux, *Aristóteles*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

[5] O qual, porém, se dará ao longo desta *Suma*, porque, com efeito, sem tratamento teórico todo o normativo gramatical ficaria como que suspenso no vazio. Por isso mesmo, aliás, é que esta *Suma* se diz gramática geral *avançada*.

como língua de civilização, as antigas línguas locais da Europa viram-se progressivamente na necessidade de contar com gramática própria. Não contavam, contudo, ao contrário do latim, com tradição escrita (nem falada) de serviço à Ciência e à Sabedoria. Cingiam-se a servir, havia dois ou três séculos, à Literatura e à Retórica (e aqui e ali ao Direito), razão por que as diversas gramáticas que iam surgindo não só se erguiam exclusivamente sobre a Literatura e, em menor grau, sobre a Retórica – no sentido de extrair suas regras dos textos dos melhores literatos e dos melhores oradores –, mas, consequentemente, se ordenavam sobretudo a elas – no sentido de preparar os moços em particular para a arte poética e para a arte oratória.

Isto teve um preço: o beletrismo, o atrelamento da Gramática ao carro da Literatura, ou seja, às necessidades dos literatos.[6] Resultado: as gramáticas que iam surgindo e aperfeiçoando-se não buscavam com suficiente empenho fechar quanto possível paradigmas, e compraziam-se na multiplicação das exceções. Não podia ser diferente, uma vez que o reino do literário e ainda o do oratório não são de todo normatizáveis pelo gramatical.

Pois bem, esta situação perdurou, quase inalteravelmente, até meados do século XX, quando começou a transtornar-se pelo surgimento da Sociologia e, sobretudo, da Linguística. A partir de então, os gramáticos, com as defesas já minadas por seu próprio beletrismo, foram sucumbindo de algum modo ao lema de que as línguas deveriam ser deixadas à deriva, como dissemos no início. Podemos constatá-lo, em algum grau, em parte considerável das gramáticas da segunda metade do século passado para cá; e agora já se passa de atrelar a gramática ao carro do literário e do oratório a atrelá-la ao carro dos falares do "povo". Mas dispor de uma arte gramatical falha, como o era a beletrista, é patentemente menos daninho que não dispor de nenhuma arte gramatical, porque, como visto, sem esta a língua tende mais impetuosamente à corrupção e ao desaparecimento.

No Brasil, a situação agravou-se, ainda, com o surto desenvolvimentista da década de 1970. Mediante uma reforma do ensino[7] que não visava senão a atender a tal surto, separou-se a faculdade de Filosofia da de Letras (com o que se tirou totalmente à Gramática as luzes superiores da Lógica),[8] suprimiu-se o curso clássico, eliminaram-

[6] E não raro dos próprios literatos latinos ou latinizantes.

[7] A promovida pelo ministro Jarbas Passarinho.

[8] Não se trata de empreender uma Gramática "filosófica" ou "lógica", equívoco que igualmente não raro se deu (desde a gramática nominalista de fins do Medievo até a gramática racionalista de Port-Royal); a relação entre a Gramática e a Lógica, como se verá mais adiante, é tão só de

-se do currículo escolar o Latim e o Francês, privilegiaram-se umas Ciências ditas "exatas"[9] e um Inglês ordenados estritamente ao técnico-comercial – e restringiu-se o ensino da Gramática à transmissão de regrinhas e "macetes" que capacitassem para a aprovação em concursos e vestibulares. Passados tais exames, com aprovação ou sem ela, nada mais natural que se deixassem para trás tais "artinhas" atormentadoras.

Estamos ainda no bojo desse processo, que parece já atinge patamares alarmantes. E dizemos "alarmantes" porque, se tão precário ensino da Gramática, aliado aos efeitos dos *media* modernos, é capaz de ao menos momentaneamente assegurar que gaúchos e nortistas se compreendam uns aos outros na fala, não é nem de longe, porém, capaz de efetivamente formar ninguém para a escrita – o que com tristeza se pode verificar, em larga escala, em nosso próprio meio acadêmico. E a Gramática, com efeito, ou há de ser antes de tudo a arte da língua escrita, ou não será propriamente Gramática. Ademais, a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, *mas de conservá-las*. É fato *evidentíssimo* que, por exemplo, o grego ático de um Platão ou o latim romano de um Cícero não nos teriam chegado se não fora a escrita; assim como também é fato evidente que não é senão em razão da escrita que podemos dizer, *com toda a propriedade*, que o português do Brasil e o de certas regiões dos demais países lusófonos são a mesma língua.

Mais que isso, todavia: o que, combinado com a ação dos *media*, o ensino gramatical rudimentar propicia nos dias de hoje não é mais que uma *trivial* compreensão entre gaúchos e nortistas, porque de fato não só desaparece em geral a capacidade de escrita, mas a mesma capacidade de discurso mais articulado e mais profundo – o que, ainda infelizmente, também se manifesta em ampla escala no mesmo meio acadêmico. Pois o que por reflexo propicia mais cabalmente o bem falar é o ler bons autores e o bem escrever, tudo o que, por sua vez, não é propiciado senão pelo ensino não rudimentar da Gramática.

II

Mesmo porém no limitado âmbito deste PRÓLOGO, não basta apontar determinado estado calamitoso e suas causas: é preciso dizer ainda, ao menos sumariamente,

subalternação daquela a esta. Mas, como veremos também, um gramático sem suficiente conhecimento da Lógica perde, por isso mesmo, consistência teórica e portanto normativa.

[9] Destas, com efeito, só a Matemática e em parte a Física podem dizer-se *de algum modo* exatas.

a) a que se ordena a Gramática; e, em razão disso, **b**) em que deve fundar-se, **c**) como deve considerar-se, **d**) como deve fazer-se, **e**) como deve ensinar-se.

a. A Gramática ordena-se:

- antes de tudo, a constituir-se justamente como a arte da escrita;
- como porém a escrita é signo da fala, a normatizar (dentro de certos limites) a esta, servindo assim à sua arte, a Linguagem;[10]
- superiormente, a servir à arte-ciência da Lógica e pois à Ciência e à Sabedoria;
- e também, afinal, à Poética e à Retórica, as quais, todavia, por sua mesma índole e por seus mesmos princípios e fins, só se cingirão mais ou menos estritamente a ela e suas regras.[11]

b. Deve fundar-se:

- antes de tudo, nos melhores escritores não literários (filósofos, jurisconsultos, historiadores...) e, naturalmente, nos gramáticos enquanto são bons escritores;
- mas também, em justa medida, nos melhores oradores e nos melhores literatos;
- e ainda nas melhores traduções ao português.

c. Deve considerar-se:

- como arte, que, como toda e qualquer arte, tem seu corpo teórico, dotado de princípios próprios, mas iluminado por princípios de outras ciências, superiores;
- como arte que é, todavia, não há de ter corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins (artísticos), assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e à da execução musicais.

d. Deve fazer-se:

- como arte estritamente normativa da escrita e, insista-se, dentro de certos limites, também da fala;
- para tal, deve ter sempre em vista a manutenção e o fechamento de paradigmas;
- consequentemente, deve formular regras as mais simples e de abrangência o mais ampla possível – o que implica esquivar, ainda quanto possível, as exceções;
- e, por razões metodológico-didáticas, deve expor-se em espiral ou, mais propriamente, em hélice. Explique-se.

---

[10] "Sendo a língua o meio de que se valem os homens para comunicar uns aos outros quanto sabem, pensam e sentem, não pode ser menos que grande a utilidade da Gramática, já para falar de maneira que se compreenda bem o que dizemos (seja de viva voz, seja por escrito), já para fixar com exatidão o sentido do que outros disseram" (Andrés Bello & Rufino J. Cuervo, *Gramática de la Lengua Castellana*. Argentina, Editorial Sopena, 1973, p. 27).

[11] Voltaremos adiante, mais aprofundadamente, a tudo quanto se acaba de dizer.

A Gramática tem de ocupar-se, por exemplo, das letras, das demais partes formadoras das palavras e das palavras enquanto divididas em classes gramaticais; e, em princípio, as letras deveriam anteceder na exposição às demais partes das palavras, e tais partes às classes destas. Todavia, não é conveniente falar, na seção do uso do hífen, de prefixos antes que se saiba o que estes são, ou de locuções antes que se estude como se formam as palavras; assim como tampouco o é falar de sufixos nominais ou de sufixos verbais se ainda não se sabe o que são os nomes e os verbos. Por isso, o uso do hífen, que comumente se expõe antes do estudo da formação das palavras, seguir-se-á aqui a este. Por sua vez, a definição e as principais propriedades das diversas classes gramaticais se exporão antes do estudo da formação das palavras, mas tornarão a tratar-se depois deste: antes de tudo, para a ordenação das palavras de tais classes em paradigmas tanto segundo sua respectiva significação como segundo as partes de que se compõem; e, depois, para sua ordenação a um correto uso. E assim para todos os demais casos.

e. Deve ensinar-se:

- normativamente, tendo sempre em vista aquilo a que se ordena;
- desde a infância (com a necessária gradação no decorrer do tempo);
- paralelamente à leitura dos melhores autores;
- e ao exercício constante da escrita.

Pois bem, nunca nos esqueceremos de ter ouvido certa vez, com estupor, uma professora universitária de Língua Portuguesa perguntar aos alunos: "Para que a Gramática?" Era pergunta retórica, que trazia implícita sua resposta: "Para nada. Deixemos a língua seguir sua deriva". Não é essa, obviamente, a nossa resposta, senão esta: Para fazer que nossa língua seja rio, sim, mas rio que graças aos diques e ao curso que lhe demos ajude a atingir a foz da Sabedoria.

III

Não obstante, a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* não deixará de topar com árduos obstáculos para o atingimento de seus fins.

- Antes de tudo, não só o já referido descrédito em que vem caindo a Gramática, mas o próprio e crescente desuso, entre as mesmas camadas mais instruídas, da leitura dos melhores autores.
- Depois, e em decorrência do dito anteriormente, a imensa pressão das derivas coloquiais, que tomam cada vez mais o falar da própria gente mais

instruída e, com isso, abrem um abismo cada vez mais largo entre este falar e as normas gramaticais.

- Também a já muito difundida concepção de que a Gramática deve nivelar-se, digamos, "por baixo", ao contrário de destinar-se a um público culto ou que queira e possa sê-lo e que, portanto, possa valer-se cabalmente dela, seja para a própria escrita, seja para estudos superiores, seja para o magistério em qualquer grau (com as devidas adaptações).[12]

Apraz-nos muito certa passagem do gramático Napoleão Mendes de Almeida. Conta nela, pouco mais ou menos, que certa vez viu um pedreiro sair à procura de trabalho. À volta, provavelmente algo entristecido, disse-lhe este que não encontrara nada: "Não *há* vagas". Perguntou-lhe o gramático onde aprendera a dizer o castiço *haver* em lugar do corrente *ter*. Resposta: "Estava escrito num cartaz".

Pois nesta historieta se cifra, esplendidamente, algo implícito à afirmação de que a Gramática deve destinar-se a um público culto ou que o queira e possa ser: assim como só se fala bem graças ao estudo da Gramática, à leitura dos bons autores e ao exercício da boa escrita, assim também os que não queiram ou não possam fazê-lo falarão tão mais corretamente quanto mais o fizerem os que o queiram e possam.[13]

- O último obstáculo é a chamada Nomenclatura Gramatical Brasileira (a N.G.B.), instituída em 1959 pelo então governo da República mediante portaria. Seu texto foi integralmente elaborado por uma comissão composta de gramáticos e filólogos de gabarito: Antenor Nascentes, Clóvis do Rêgo Monteiro, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha, os quais por sua vez contaram com a assessoria dos igualmente competentes Antônio José Chediak, Serafim Silva Neto e Sílvio Edmundo Elia. Leia-se o preâmbulo da portaria:

> ➢ "Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959
>
> O Ministro do Estado da Educação e Cultura, tendo em vista as razões que determinaram a expedição da Portaria nº 152, de 24 de abril de 1957, e considerando que o trabalho proposto pela Comissão resultou de minucioso exame das contribuições apresentadas por filólogos e

---

[12] E é exatamente a tal público e em ordem a tais fins que escrevemos esta *Suma*.

[13] Sirva ademais esta referência a Napoleão Mendes de Almeida de indicador de nossa postura ante os melhores gramáticos: como em tudo na vida, e em especial na vida intelectual, não podemos elevar-nos senão sobre os ombros de nossos melhores antecessores – ainda que divirjamos grandemente deles.

> linguistas, de todo o País, ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, resolve:
>
> Art. 1º – Recomendar a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que segue anexa à presente Portaria, no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino.
>
> Art. 2º – Aconselhar que entre em vigor:
>
> a. para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;
>
> b. para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960."

Veja-se pois que não se tratava de lei imperativa, mas de ato que antes recomendava e aconselhava. E, conquanto seja inegável que já há meio século ela se vem impondo algo consuetudinariamente, também o é que peca ao menos por simplismo e insuficiência, o que foi dito, posteriormente, até por alguns de seus mesmos signatários – todos os quais, por outro lado, em grau variado, nunca a seguiram de todo. Pois bem, não a seguimos sempre que insuperavelmente implique equívoco, conquanto tampouco deixemos de segui-la sempre que se coadune com os justos princípios ou possa de algum modo adaptar-se a eles – porque assim procedendo evitamos o mais possível rupturas com o já tradicional.[14]

IV

Seria ocioso dizer, por fim, que nenhuma gramática tem o condão de esgotar os assuntos relativos à normatização de uma língua. Por isso, nossa *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* deverá ter permanente continuidade em outros lugares.

---

[14] Tenham-se sempre em mente, todavia, estas palavras de Andrés Bello: "A prevenção mais desfavorável, pelo império que tem mesmo sobre pessoas suficientemente instruídas, é a daqueles que figuram que na gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos não têm inconveniente, desde que por outro lado se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis; que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando, desenvolvendo os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino..." (*op. cit.*, p. 19). – Quanto à validade de instituir legalmente, de qualquer modo, nomenclatura e classificação científicas, não é assunto para esta obra.

PRIMEIRA PARTE

LÍNGUA, LINGUAGEM, GRAMÁTICA

I
FALA E LINGUAGEM

1.1. Fosse o homem por natureza um animal solitário, bastar-lhe-ia pensar para ter notícia ou conhecimento intelectual das coisas. Mas não o é, senão que, *em decorrência de sua mesma natureza intelectual*, é também um animal POLÍTICO OU SOCIAL, razão por que seus conceitos, seus juízos, seus raciocínios – tudo isso mediante o qual ele conhece e compreende a realidade ou pode ordená-la na medida de suas possibilidades – hão de ensinar-se ou manifestar-se aos demais e aprender-se ou receber-se deles. Tal se dá mediante SIGNOS de tais concepções, de tais juízos, de tais raciocínios – são as PALAVRAS ORAIS, as PROPOSIÇÕES ORAIS, as ARGUMENTAÇÕES ORAIS, tudo isso que, precisamente, permite aos homens conviver entre si. Trata-se da necessidade da FALA, que resulta, assim, de uma *intenção* significativa e comunicativa.

> ➢ Pelo que se acaba de dizer, já pode aquilatar-se o problema que a variedade de línguas implica.

1.2. Mas, para que alcance os fins para os quais é necessária, a fala requer uma *arte* que a ordene a eles – e esta arte é a Linguagem.[1]

---

[1] O homem, animal racional, vive de ciências e de artes. – Há que assinalar, porém, desde já, que a arte não se reduz às chamadas "artes do belo" (Música, Pintura, Escultura, etc.). Toda e qualquer ciência e toda e qualquer arte são hábitos intelectuais. Ora, o próprio do intelecto é a *ordem*, é *ordenar*. Mas pode ordenar-se de dois modos: especulativa ou teoricamente, quer dizer, enquanto se considera a ordem natural das coisas – e temos as ciências –, ou artisticamente, quer dizer, enquanto se dá ordem artificial a uma matéria preexistente e já informada – e temos as artes. Pois bem, as artes dividem-se em dois subgêneros: as *servis* (as que se exercem mediante atos corporais e/ou para alguma utilidade corporal, como, por exemplo, a Marcenaria, a Náutica e a Equitação) e as *liberais* (as que dirigem os atos da razão e/ou têm alguma finalidade significativa, como, por exemplo, a Lógica, a Gramática e a Retórica). Como se vê pelos exemplos, estes dois subgêneros se dividem, por sua vez, em espécies. O que porém ainda importa assinalar aqui é que:

- quando falarmos de *artificial*, falaremos no sentido de "feito com arte" (artefato < *arte factus*);
- e, quando falarmos de algo *essencial* ou de algo *acidental* com respeito à língua, falaremos *em abstrato*, porque, com efeito, a fala mesma é forma acidental da voz – assim como a mesa é forma acidental da madeira.

1.3. A Linguagem, ademais, tende a refletir em suas construções a própria constituição da realidade.[2] É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS OU GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE,[3] a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade, qualidade, relação, lugar* (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação* e *paixão* (ou *ser paciente de uma ação*).[4] Não é difícil notar que a classe do *substantivo* exprime as "substâncias" ou os "acidentes tratados como substância"; que o *adjetivo* corresponde à "qualidade" – e à "relação", à "situação", à "posse", etc., entendidas a modo de qualidade; que o *verbo* expressa, propriamente, a "ação" e a "paixão", mas também a "posse" entendida como ação de possuir, etc.; e que o *advérbio* não só se ocupa do "tempo" e do "lugar", mas se aplica a qualquer forma passível de receber mais ou menos, ou seja, de ter certas modalidades.

II
A DIVERSIDADE DE LÍNGUAS

2.1. Não é este o espaço para investigar aprofundadamente por que há diversidade de línguas, a qual porém resulta de uma como incapacidade da Linguagem de sustentar, de algum modo, a unidade de sua obra.[5] E, se aderimos firmemente à tese da monogênese não só da Humanidade mas da mesma linguagem,[6] deve partir-se aqui, não obstante, da evidência de que há tal diversidade – e de que se perde no tempo o momento em que começou a dar-se.

---

[2] E, como vimos no Prólogo, tanto mais se atualizará esta tendência quanto mais cultivada for a língua, ou seja, quanto mais se valerem dela e a aprimorarem verdadeiros mestres.

[3] São as DEZ CATEGORIAS descobertas por Aristóteles.

[4] Olhe-se para qualquer homem, que é uma *substância* assim como o é qualquer cisne ou qualquer laranjeira, e constatar-se-á, por exemplo, que tem determinada altura e determinado peso (*quantidade*); que é branco ou negro (*qualidade*); que é pai ou filho de alguém (*relação*); que está numa fazenda ou numa cidade (*lugar* ou *onde*); que vive em tal ou qual década de dado século (*tempo* ou *quando*); que está de pé ou sentado (*situação*); que está calçado ou se cobre com um sobretudo (*hábito*); que caminha ou toca um trompete (*ação*); e que é molhado pela chuva ou queimado pelo sol (*paixão*).

[5] Note-se, antes de tudo, que *língua* é a própria *fala* enquanto ordenada ou regrada pela Linguagem. – Mas note-se também que qualquer língua pode vir a completar-se com a escrita e sua Gramática, razão por que há línguas que se dizem ágrafas e outras que se dizem não ágrafas.

[6] Sempre que usarmos LINGUAGEM, com inicial maiúscula, a palavra terá o sentido de *arte da fala*; sempre porém que usarmos LINGUAGEM, com inicial minúscula, a palavra ou será sinônima de *fala* (como compreendida em **1.1** desta Parte) ou englobará a *fala* e a *escrita*.

2.2. Como antecipado, a diversidade das línguas vai a contrapelo da finalidade precípua da fala. Sim, porque, se a fala decorre da natureza intelecto-social do homem e, pois, de sua necessidade de intercomunicação, a diversidade linguística pelo menos dificulta o atendimento desta; mas o mais das vezes o impede – se não se conta com a atuação de intérpretes (outrora chamados "línguas") ou tradutores. Com efeito, entre línguas de um mesmo ramo linguístico, ainda pode dar-se *alguma* compreensibilidade mútua, como de fato se dá entre as línguas do ramo latino, entre as do germânico ou entre as do eslavo. Não assim, porém, entre línguas de ramos remotos nem, muito menos, entre línguas de troncos distintos.

➢ Desse modo, por exemplo, alguma compreensibilidade mútua se dá entre os falantes do português, os do espanhol e os do italiano – e, conquanto menos, os do francês, em verdade uma língua neolatina que, todavia, conservou muito de seu substrato germânico, o frâncico. Ainda alguma compreensibilidade mútua (ínfima) pode dar-se entre os falantes das línguas neolatinas e os do inglês, mas isso porque este não é puramente do ramo germânico: tem longa história de influência do latim e, sobretudo, do francês.

➢ Tal compreensibilidade mútua, todavia, é *de todo* impossível se se trata de línguas de troncos diferentes, como o são, por exemplo, o português – do tronco indo-europeu[7] e do sub-ramo latino –, o húngaro – do tronco uraliano e do ramo fino-ugriano –, o árabe – do tronco camito-semítico e, ele mesmo, ramo deste – e o chinês – do tronco sino-tibetano e, ele mesmo, ramo deste. Entre os falantes destas línguas não haverá alguma compreensibilidade senão mediante gestos e sinais, o que *em certo sentido* faz recuar a linguagem um pouco na direção do animal.

---

[7] Indo-europeu é tronco de línguas aparentadas e faladas em parte da Ásia e em grande parte da Europa. Divide-se nos seguintes ramos: indo-iraniano, anatólio (desaparecido), báltico, eslavo, itálico (de que faz parte o sub-ramo latino), germânico e celta – com suas respectivas protolínguas e as línguas derivadas destas –, além do grego, do albanês e do armênio, línguas isoladas. – Também se dá o nome de indo-europeu a uma hipotética língua pré-histórica, conjecturada a partir da comparação das mais antigas línguas indo-europeias conhecidas, e que teria sido a protolíngua do tronco indo-europeu.

2.3. E tal mútua incompreensibilidade se deve não somente a que as mesmas coisas se nomeiem diferentemente nas diversas línguas, mas também, e em alguns casos sobretudo, às seguintes razões.

2.3.1. O homem pode articular grandíssimo número de fonemas; entre eles, as línguas selecionam alguns, mas nem sempre os mesmos. Assim, para começar pelo mais próximo, o espanhol tem um *j* que o português não tem, enquanto o português tem ditongos nasais não presentes em nenhuma outra língua neolatina. O árabe, por sua vez, é dotado de fonemas faringais com que nem sonham os neolatinos, enquanto o italiano mantém consoantes geminadas, de todo ausentes do âmbito ibérico e do âmbito gálico. Já os falantes das línguas boxímanes, da África meridional, convertem estalos da língua em fonemas. E assim por diante.

2.3.2. Do ângulo das partes das palavras e das construções sintáticas, a variedade é ainda maior, muito maior.

2.3.2.a. Enquanto algumas línguas se valem abundante e pleonasticamente de desinências nominais[8] (port. "a menina morena", "os livros importantes", etc.), outras, que em geral as perderam, são obrigadas a recorrer à altura: são as línguas *tonais*, como o chinês e até algumas variantes populares do espanhol, as quais, pela perda geral da desinência de plural *s*, têm de recorrer à altura ou tom para distinguir *las puertas* de *la puerta*.

> ➢ E veja-se o curioso de certo modo de falar do interior brasileiro: nele, em vez de dizer-se "Que animais bem cuidados!" ou "Oi, minhas filhas", indica-se já de início o plural geral: "Ques animal bem cuidado!" e "Ois, minha filha".

2.3.2.b. Por outro lado, enquanto nas línguas latinas há para os verbos desinências modo-temporais e número-pessoais (*eu estudava, tu estudavas, ele estudava,* ***nós estudávamos, vós estudáveis, eles estudavam***), não assim em numerosíssimas línguas.

[8] Ou seja, como se verá mais adiante, valem-se de flexões para determinar-lhes já o gênero, já o número, já o grau. – As flexões de grau, aliás, como igualmente se verá, também podem aplicar-se a certos advérbios.

➢ E dá-se até o caso, no inglês moderno, de o mesmo *s* que serve de desinência nominal de plural servir também de desinência verbal de terceira pessoa do singular do presente, enquanto as demais pessoas, incluídas as do plural, perderam a sua (exemplo: *I sing, you sing, he sings; we sing, you sing, they sing*).

2.3.2.c. Ademais, enquanto algumas línguas indicam a função sintática das palavras mediante terminações casuais – são as línguas declináveis, como o grego clássico, o latim, o alemão, etc. –, outras – como a maioria das neolatinas e o inglês – o fazem grandemente por meio da ordem frasal.

2.3.2.d. Aos lusófonos nada nos parece mais natural que a concordância do verbo com o sujeito (e, como veremos no devido lugar, devem limitar-se hoje os casos admissíveis de silepse). Em grego, não obstante, era não só permitido mas usual fazer concordar o singular das formas verbais com o plural dos nomes neutros.

2.3.2.e. E não nos deixa de surpreender a seguinte palavra do nootka, língua indígena aglutinante da ilha de Vancouver: *inikw-ihl-'minih-'is-it-'i*, isto é, 'os antigos lumezinhos em casa' ou 'os lumezinhos que antes ardiam em casa'.[9] Ou esta do fox, língua algonquina do vale do Mississipi: *eh-kiwi-n-a-m-oht-ati-wa-ch* (*i*), isto é, 'então eles todos fizeram(-no) fugir deles'.[10]

2.4. E, com efeito, línguas há que têm artigos, enquanto outras não os têm; umas há que têm advérbios separados, enquanto outras os têm prefixados ao verbo; umas há que dependem sintaticamente de conectivos (preposições e conjunções), enquanto outras, em geral declináveis, as dispensam ao menos parcialmente. Mas nada disso implica dizer que as línguas não são essencialmente o mesmo. São-no

- porque todas são obras da Linguagem, ou seja, todas são igualmente fala ordenada artisticamente a seu fim significativo-comunicativo;

---

[9] Exemplo tomado de Edward Sapir, *A Linguagem – Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 136.

[10] *Ibidem*, p. 77. – Ainda restaria ver, todavia, com respeito a tais línguas indígenas, se tão complexas construções, perfeitamente adaptadas, ao que parece, às necessidades imediatas dessas tribos, são capazes de servir às elaborações mais altas do espírito. Estamos certo de que não, assim como com certeza podemos dizer que a Filosofia não poderia ter-se desenvolvido plenamente com uma língua a que faltasse o verbo *ser*, como o chinês (ao menos o atual).

• porque todas hão de contar não só com palavras, mas com orações perfeitas, que se compõem forçosamente de duas partes: sujeito e predicado;[11]

• e porque todas hão de expressar *de alguma maneira*, como vimos, os dez gêneros máximos do ente.

III
DEFINIÇÃO DE LÍNGUA

3.1. Já temos condições a esta altura de dar a definição de língua. Mas, em decorrência, também é este o lugar de investigar o que faz que o falado nos diversos países lusófonos se digam a mesma língua, ou se o são apenas em certo sentido; e se o que se fala no nordeste do Brasil e o que se fala no sul deste são pura e simplesmente a mesma língua, ou dialetos seus. E façam-se as mesmas perguntas a respeito do inglês, do russo, do espanhol, do francês... É questão em torno da qual muito já se escreveu e se debateu, e à qual, a nosso ver, só rara vez se respondeu satisfatoriamente.

3.2. LÍNGUA é, propriamente, como obra da Linguagem, *um todo composto de determinados fonemas e de determinadas palavras que se combinam segundo certas regras para significar nossas concepções mentais e comunicá-las aos demais*, **o que implica compreensibilidade geral**. É pois acidental que a Linguagem não tenha podido manter a unidade de sua obra, e é ainda de algum modo acidental que as línguas sigam variando. Não há impedimento essencial de que houvesse uma só e mesma língua.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Disse-se acima que a língua é um TODO. Mas há diversas espécies de todos; e, quanto ao que nos interessa aqui, note-se que num todo substancial (como o é, por exemplo, qualquer animal) as partes (órgãos, membros, etc.) não têm nenhuma operação independente do mesmo todo, porque o todo substancial é absolutamente algo uno. Mas num todo como o universo – que é um todo de

[11] Como se verá em seu momento, e ao contrário do que comumente se diz, não há oração perfeita sem sujeito; as que não parecem tê-lo reduzem-se, de fato, a orações integrais. E note-se desde já que é contraditório afirmar que a oração consta de duas partes *essenciais* – sujeito e predicado, o que é verdade – e depois dizer que há, também, orações "sem sujeito". O que é essencial numa coisa não lhe pode faltar, porque, se lhe falta, ela deixa de ser precisamente esta coisa. Ver-se-á no momento próprio que, sim, *oração* não se diz somente da oração composta de sujeito e de predicado; o que porém se afirma aqui, desde já, é que se há sujeito há de haver predicado – e vice-versa. São como dois coprincípios.

ordem e de harmonia, e que não constitui algo pura e simplesmente uno – as partes têm, sim, operações próprias, ainda que ordenadas entre si: posso agora mesmo continuar a digitar ou deixar de digitar este texto independentemente do movimento dos astros, ainda que sem este movimento não pudesse haver vida em nosso planeta. Pois bem, a língua compara-se antes ao universo que ao animal, isto é, antes a um todo de ordem e de harmonia que a um todo substancial. Com uma grande diferença, porém: o universo é um todo natural, enquanto a língua é um todo artificial, como dito já e como se repetirá ao longo de toda esta *Suma.*

3.3. Mas, levando em conta a mesma definição acima, podemos dizer que o falado no Brasil pelas classes com certo grau de escolaridade e pelas influídas por estas é a mesma língua, e que a pequena diversidade fonética, vocabular e sintática que se dá pelo país afora, entre essas classes, constitui FALARES.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Naturalmente, também o falado no Brasil e o falado em Portugal por essas classes é a mesma língua, e a diversidade fonética, vocabular e sintática entre eles também constitui falares – ainda que, quanto ao fonético, a diferença já não seja tão pequena: por exemplo, algum escolho *inicial* oferece aos brasileiros o alto grau de consonantização ou redução vocálica do português lusitano.[12]

3.4. Tratar-se-á PURA E SIMPLESMENTE de *línguas* diversas se implicarem incompreensibilidade mútua. Podem todavia dar-se línguas que não o sejam pura e simplesmente, mas só SEGUNDO ALGO OU ENQUANTO ALGO.

3.4.1. Se se dá incompreensibilidade na fala em algum grau em razão de mudanças fonéticas mais acentuadas, mas a língua escrita permanece substancialmente a mesma – o que sucede, por exemplo, entre certas zonas lusófonas –, então há de dizer-se que só SEGUNDO A ESCRITA se trata propriamente d*a mesma língua,* língua de que tais falas distintas e em algum grau mutuamente incompreensíveis podem ter-se como *dialetos.*

3.4.2. No interior de umas mesmas fronteiras pode haver não só diversidade de falas em algum grau mutuamente incompreensíveis, mas também uma espécie de *língua franca,* que alguns ou todos falam e todos entendem e talvez escrevam.

---

[12] Como seja, grande deve ser nosso esforço por manter a unidade da língua portuguesa. Escrevia o venezuelano Andrés Bello: "Julgo importante a conservação da língua de nossos pais [os espanhóis] em sua possível pureza, como um meio providencial de comunicação e um vínculo de fraternidade entre as várias nações de origem espanhola espalhadas pelos dois continentes" (*ibidem,* p. 24). Não podemos senão concordar com ele, e esforçar-nos por conservar *em sua possível pureza* o idioma de nossos pais.

Em situações assim, tais falas são comumente considerados *dialetos* COM RESPEITO À LÍNGUA FRANCA, que não se diz *língua* senão precisamente ENQUANTO É FRANCA.

3.4.3. Pode dar-se, ainda, e dá-se de fato, que falantes de línguas em algum grau mutuamente incompreensíveis as considerem ou dialetos de uma mesma língua, ou até absolutamente a mesma língua – e isso sem língua franca nem escrita que as unifiquem, mas por quaisquer razões raciais, históricas, políticas, etc. Neste caso, portanto, tratar-se-á de *dialetos* ou de *língua* tão somente SEGUNDO ALGUMA(S) DE TAIS RAZÕES.

3.4.4. O caso mais complexo é o das chamadas "várias etapas" de uma mesma língua. Com efeito, se se considera o português medieval, ver-se-á que não só sua escrita não é para nós, falantes atuais do português, muito mais compreensível que a do espanhol de hoje, mas também sua fala, provável ou presumivelmente, não nos seria muito mais compreensível que a do espanhol contemporâneo. E não poderia ser de outro modo, se, além de conter palavras que não contém o português atual, mas sim o espanhol contemporâneo,[13] continha outros vocábulos, outras desinências e outros torneios sintáticos também de todo desaparecidos do português de hoje, neste às vezes substituídos por outros mais razoavelmente semelhantes a seus correlatos atuais do espanhol.[14] Em verdade, fases linguísticas tão diversas não podem considerar-se propriamente *a e da mesma língua* senão SEGUNDO ALGUM SENTIMENTO DE CONTINUIDADE DA PARTE DOS FALANTES ATUAIS, sentimento devido a razões históricas.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como vimos mais acima, alguma compreensibilidade mútua se dá entre línguas diversas, às vezes até entre línguas de ramos diferentes. Mas para passar dessa compreensibilidade limitada a uma compreensibilidade constante é necessário que se dê uma atividade tradutória igualmente constante, o que

---

[13] Por exemplo, "lo" (neutro) = *lo*, "elo" = *ello* ('isso'), "esto" = *esto* ('isto'), "mentre" = *mientras* ('enquanto'), "pero" = *pero* ('mas'), etc.

[14] A título de exemplo, vejam-se os escolhos que uma cantiga cortesã do português medieval nos apresenta a nós, falantes e leitores do português hodierno: "Ai, mia senhor, veen-me conselhar / meus amigos, como vos eu disser: / que vos non servia, ca non m'é mester, / ca nunca ren por mí quisestes dar; / pero, senhor, non m'én quer'eu quitar / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E todos dizen que fiz i mal sén, / ai mia senhor, des quando comecei / de vos servir; e non os crerei / mentr'eu viver, nunca, por ũa ren: / ca, mia senhor, non me quitarei én / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E máis me dizen do que me vos deu / por mia senhor: que mi fez i gran mal. / Pois m'esto dizen, dizen-m'assí al: 'Non a serviades, nen sejades seu'. Por tod'esto non me partirei eu / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E, mia senhor, conselha-me mui mal / quen mi o conselha; mais farei-m'eu al". Observem-se, ademais, não só palavras como *mentre* e *pero*, que como já vimos perduram de algum modo em espanhol (*mientras* e *pero*), mas palavras como *i*, *ca*, *non* e *ren*, que perduram de algum modo em francês (*y*, *car*, *non* e *rien*).

Em situações assim, tais falas são comumente considerados *dialetos* COM RESPEITO À LÍNGUA FRANCA, que não se diz *língua* senão precisamente ENQUANTO É FRANCA.

3.4.3. Pode dar-se, ainda, e dá-se de fato, que falantes de línguas em algum grau mutuamente incompreensíveis as considerem ou dialetos de uma mesma língua, ou até absolutamente a mesma língua – e isso sem língua franca nem escrita que as unifiquem, mas por quaisquer razões raciais, históricas, políticas, etc. Neste caso, portanto, tratar-se-á de *dialetos* ou de *língua* tão somente SEGUNDO ALGUMA(S) DE TAIS RAZÕES.

3.4.4. O caso mais complexo é o das chamadas "várias etapas" de uma mesma língua. Com efeito, se se considera o português medieval, ver-se-á que não só sua escrita não é para nós, falantes atuais do português, muito mais compreensível que a do espanhol de hoje, mas também sua fala, provável ou presumivelmente, não nos seria muito mais compreensível que a do espanhol contemporâneo. E não poderia ser de outro modo, se, além de conter palavras que não contém o português atual, mas sim o espanhol contemporâneo,[13] continha outros vocábulos, outras desinências e outros torneios sintáticos também de todo desaparecidos do português de hoje, neste às vezes substituídos por outros mais razoavelmente semelhantes a seus correlatos atuais do espanhol.[14] Em verdade, fases linguísticas tão diversas não podem considerar-se propriamente *a e da mesma língua* senão SEGUNDO ALGUM SENTIMENTO DE CONTINUIDADE DA PARTE DOS FALANTES ATUAIS, sentimento devido a razões históricas.

⬀ **OBSERVAÇÃO 1.** Como vimos mais acima, alguma compreensibilidade mútua se dá entre línguas diversas, às vezes até entre línguas de ramos diferentes. Mas para passar dessa compreensibilidade limitada a uma compreensibilidade constante é necessário que se dê uma atividade tradutória igualmente constante, o que

---

[13] Por exemplo, "lo" (neutro) = *lo*, "elo" = *ello* ('isso'), "esto" = *esto* ('isto'), "mentre" = *mientras* ('enquanto'), "pero" = *pero* ('mas'), etc.

[14] A título de exemplo, vejam-se os escolhos que uma cantiga cortesã do português medieval nos apresenta a nós, falantes e leitores do português hodierno: "Ai, mia senhor, veen-me conselhar / meus amigos, como vos eu disser: / que vos non servia, ca non m'é mester, / ca nunca ren por mí quisestes dar; / pero, senhor, non m'én quer'eu quitar / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E todos dizen que fiz i mal sén, / ai mia senhor, des quando comecei / de vos servir; e non os crerei / mentr'eu viver, nunca, por ũa ren: / ca, mia senhor, non me quitarei én / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E máis me dizen do que me vos deu / por mia senhor: que mi fez i gran mal. / Pois m'esto dizen, dizen-m'assí al: 'Non a serviades, nen sejades seu'. Por tod'esto non me partirei eu / de vos servir e vos chamar senhor; / e vós faredes depoi-lo melhor. // E, mia senhor, conselha-me mui mal / quen mi o conselha; mais farei-m'eu al". Observem-se, ademais, não só palavras como *mentre* e *pero*, que como já vimos perduram de algum modo em espanhol (*mientras* e *pero*), mas palavras como *i*, *ca*, *non* e *ren*, que perduram de algum modo em francês (*y*, *car*, *non* e *rien*).

caracteriza o bilinguismo, tão comum em áreas fronteiriças. E do bilinguismo não raro se constituem "línguas" híbridas e instáveis, sem sequer regras implícitas de todo dignas deste nome: são os *pidgins*, os crioulos, etc., de que são exemplo o macaísta, o portunhol da fronteira uruguaio-brasileira e o *spanglish* (dos hispano-americanos que vivem nos Estados Unidos).

↗ **Observação 2.** Na definição de língua, dissemos que seus fonemas e suas palavras se combinam segundo certas regras. Trata-se das regras implícitas da Linguagem; qualquer língua, ainda a somente falada, ou se normatiza por elas, ou não seria língua propriamente dita. Seria aquele fluxo permanente de que falámos no Prólogo. Mas, como também dito ali, tais regras implícitas não são capazes de evitar por muito tempo a desordem e corrupção da língua: estão aí para prová-lo todos os casos de línguas tribais ou de sociedades algo mais avançadas mas sem escrita. Como já mostrámos também no mesmo lugar, podem dar-se casos como o do Brasil, em que um rudimento de escrita, propiciado por um rudimento de Gramática escolar e como que sustentado pela difusão dos *media* modernos, assegura a permanência de uma fala compreensível por numerosas parcelas da população. Ainda porém que tal se dê por longo espaço de tempo, não se dará senão à custa do que verdadeiramente importa – o que nos remete aos últimos pontos desta Primeira Parte. Antes, porém, ainda temos alguns passos que dar.

IV
A ESCRITA

4.1. O homem não é como os animais, a que bastam o conhecimento sensitivo e uma intercomunicação por gestos e por sons, tudo isso com que atendem ao aqui e agora. Por sua mesma natureza intelectual e social, ele abstrai-se do aqui e agora e preocupa-se também com o distante e com o futuro. Pois foi precisamente para transmitir seus pensamentos, seus códigos, suas doutrinas e seus poemas aos que estavam afastados no espaço e aos que haviam de vir no futuro – para o que, como é óbvio, não lhe bastava a fala – que ele inventou e desenvolveu a escrita. E, ainda por razões evidentes, foi graças à escrita que pôde o homem constituir-se em civilização propriamente dita.

4.2. Há mais, porém. A própria fala, para além de seu fim significativo e comunicativo, tem já uma segunda finalidade: como todo e qualquer

homem, por uma série de motivos complexos, tem dificuldade para permanecer em contemplação intelectual sem se deixar distrair pela multidão de apelos sensíveis, a palavra vocal serve de apoio ou sustentação material para o pensamento. Para precisar uma ideia ou uma proposição, para dar-lhes mais rigor, é conveniente dizê-las, expressá-las oralmente. Mas tampouco isto é o bastante, porque também a palavra vocal tem muito de fugaz, e por isso, para que alguém fixe para si mesmo uma ideia ou uma proposição e para que siga um raciocínio sem solução de continuidade, convém ESCREVÊ-LAS. A escrita, com efeito, é como que a memória da língua, e faz que ela se beneficie grandemente de fixidez e de economia de esforços, além de permitir-lhe os mais finos aprimoramentos.

4.3. Para valer-se da fala, a razão conta com um conjunto de órgãos ou instrumentos corpóreos potencialmente dispostos para ela; mas não assim ou não totalmente assim com respeito à escrita. Para esta, não basta a mão; é preciso dar-lhe uma extensão, um instrumento: cunha, cálamo, pena, lápis, caneta, máquina de escrever, teclado de computador; e um suporte em que possa inscrever-se: tabuinha de argila, mármore, papiro, pergaminho, papel, computador.

4.4. Por tudo isso é que a escrita requer uma arte especial: a Gramática.

V
SE A ARTE DA GRAMÁTICA O É SÓ DA ESCRITA OU TAMBÉM PODE VIR A SÊ-LO DA FALA

5.1. Como a Linguagem é uma arte – a arte diretiva da fala –, forçosamente há de ter regras, assim como a arte da Arquitetura tem suas regras, e assim como a da Equitação tem as suas.

5.2. Ora, como o próprio da arte da Linguagem é compor palavras e orações e combiná-las sintaticamente, suas regras ordenam-se a tal composição e a tal combinação. Mas, como vimos, a Linguagem não pôde nem pode impedir a deriva e corrupção de sua obra, razão por que esta se multiplica numa diversidade de línguas. Se porém assim é, das línguas singulares também se pode dizer que contêm já por si tais regras: tem-nas a Linguagem como causa, e as línguas como efeito. E, tanto para a Linguagem como para a língua ou línguas, podemos com propriedade, como vimos fazendo desde o início, chamar IMPLÍCITAS a essas regras, porque de fato, ao menos até à altura da história que nos é dado

ver retrospectivamente, nem os fazedores nem os usuários das línguas ágrafas as trataram nunca *ex professo*.

5.3. Já vimos, ademais, não só que as línguas tendem à desordem e corrupção, mas também que em sua mera oralidade são insuficientes tanto para comunicação com os que estão distantes ou com os que hão de nascer como até para suporte ou apoio das operações mentais. E vimos que, em razão de tal tendência e de tal insuficiência, a escrita não é uma simples opção que se oferece ao homem, mas efetiva necessidade sua.

5.4. Pois bem, se assim são as línguas, é porque suas regras implícitas não são capazes de evitar-lhes a desordem e corrupção nem de propiciar-lhes suficiência para suportar materialmente as concepções intelectuais. E, se é a escrita a que supre aquilo de que carece a fala, é porque conta com um conjunto eficiente de regras próprias, as quais, por isso mesmo, se constituem em uma e por uma arte especial: a GRAMÁTICA.[15]

5.5. Mas, se se pergunta se a Gramática também normatiza completamente e/ou diretamente a fala, há que responder que não, e por vários motivos.

5.5.1. O primeiro é que, enquanto signo de signo – enquanto signo da fala, posições próprias e distintas das daquela:

a. é, por assim dizer e pelos motivos já vistos, duplamente artificial;

b. tem a fixidez que lhe permite seu suporte material;

c. permite muito maior distanciamento e reflexão crítica: não é automática, ou melhor, quase automática como a fala;

d. não pode valer-se, ao contrário da fala, de gestos corporais e de expressões faciais, o que, obviamente, lhe dá muito maior precisão na expressão do conceptual.

5.5.2. O segundo é que, ante a complexa mescla de causas da deriva das línguas – entre as quais se contam, certamente, tanto a distância no espaço e no tempo como a diversidade de classes segundo o grau de instrução –, a escrita não é capaz de evitá-la de todo, conquanto exista, sim, também para remediá-la. Só pode fazê-lo, todavia, *em terreno próprio*.

5.6. Ademais, aquele que escreve é o mesmo que fala – e que lê. Ora, se a escrita conta com uma arte especial que não só a ordena e ensina suficientemente,

---

[15] E que a Gramática seja propriamente a arte da escrita, reforça-o o próprio étimo da palavra: o gr. *grammatikê*, ou seja, "ciência dos caracteres gravados, da escrita". – Para o étimo das palavras, teremos sempre diante dos olhos o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro, Lexicon, 2010), e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

mas, em decorrência disso, também permite que se leia bem; e, se a escrita e sua arte visam justamente a prover a suficiência e a fixidez que não tem a fala, temos então uma consequência clara: aquele que lê constantemente os melhores autores e os lê bem, e que escreve regularmente e o faz bem, esse *tenderá* a falar bem, porque *tenderá* a falar como escreve.

5.7. Dissemos "tenderá" e dissemo-lo corretamente, porque, com efeito, nunca a fala perderá seu quase automatismo, sua possibilidade de combinar-se com expressões ou gestos, etc. Pode e deve a Gramática, sim, ensinar minimamente a melhor expressar-se na fala, a evitar certas derivas ortoépicas ou prosódicas (vê-lo-emos em seu devido momento). Mas não tem força própria para fazer frente à tendência da fala à desordem senão, como vimos, de modo reflexo. Insista-se: ler constantemente os bons autores e escrever constante e gramaticalmente pode permitir, e não raro permite, que em algum grau – às vezes altíssimo – se fale como se escreve, se fale pois gramaticalmente, se fale bem, enfim. Mas pela própria natureza das coisas jamais haverá idêntico grau de perfeição na fala e na escrita.

- Maior perfeição formal na fala não se dá senão quando é normatizada por outra arte especial: a ORATÓRIA, que porém se ordena à RETÓRICA.
- Por outro lado, como decorre de todo o já visto, a escrita tem muito menos poder de expressar o emocional. Mas num adulto a "linguagem" emocional deve estar devidamente fundida, sob as palavras, na linguagem conceptual. Se assim é, do uso – não só escrito, também oral – da "linguagem" emocional *com finalidade superior* há de ocupar-se, particularmente, outra arte: a arte especial da POÉTICA.

5.8. Ademais, se se tem uma visão realista das coisas, não se há de imaginar uma sociedade em que não haja diversas classes – e o dizemos no preciso sentido de diversidade de educação, de cultura, de cultivo. Pois bem, uma sociedade que tenha uma classe efetivamente culta e, portanto, sabedora da Gramática, boa leitora e bem-falante, esta naturalmente influirá sobre o conjunto das demais classes, e o efeito será como o da historieta de Napoleão Mendes de Almeida reproduzida em nosso PRÓLOGO.

VI
O SUJEITO DA GRAMÁTICA E A DEFINIÇÃO DESTA

6.1. Toda e qualquer arte, como toda e qualquer ciência, se especifica por seu SUJEITO, ou seja, por aquilo que a arte, como a ciência, trata *própria e formalmente*. Diz-se sujeito porque, como se dá numa oração linguística, é dele que se predicam todas as demais coisas que a arte ou a ciência consideram, a saber, suas partes, suas propriedades, suas causas e seus efeitos. Pois bem, o sujeito da Gramática são as formas linguísticas e suas relações sintáticas em toda a formalidade com que se dão na escrita, ou seja, em seu padrão ou norma culta.[16]

6.2. Mas, diferentemente agora da ciência, toda e qualquer arte se define também por seu FIM e pela MATÉRIA que ela ordena a tal fim; e o fim da Gramática não pode ser senão, como dito já, a comunicação com outros homens distantes no espaço e no tempo, enquanto sua matéria não pode ser senão o ato mesmo da escrita.

6.3. Pois bem, a *Gramática é a arte diretiva da escrita segundo regras morfossintáticas cultas, para que o homem possa transmitir suas concepções e argumentações com ordem, com facilidade e sem erro a outros homens distantes no espaço ou no tempo.*

- Como toda e qualquer arte, a Gramática necessita de um corpo teórico que fundamente suas mesmas normas e regras, e, enquanto o possui e desenvolve – como vimos fazendo exclusivamente até aqui e como não deixaremos de fazê-lo de algum modo ao longo de toda esta obra –, tem sua parte de CIÊNCIA.
- Ademais, assim como a Música recebe princípios e luzes de uma *ciência superior* (a Matemática, ou a Acústica), a Gramática recebe princípios e luzes da LÓGICA, "a arte diretiva do próprio ato da razão segundo as regras da universalidade, para que o homem alcance a ciência com ordem, com facilidade e sem erro".[17] É graças

[16] O que seja este padrão ou norma culta, vê-lo-emos pouco adiante. – Mas são de formalidade tão distinta a fala e a escrita, e pois a Linguagem e a Gramática, que o grego moderno possui uma variante coloquial, a *demótica*, e uma cultivada, a *catarévussa*, que é o idioma escrito (por vezes também de uso oral, em situações de maior solenidade).

[17] Pe. Álvaro Calderón, *Umbrales de la Filosofía*. Mendoza, edição do autor, 2012, p. 230. – Tal subalternação da Gramática aos princípios da Lógica se explica, em particular, pelo fato de a escrita (de cujo ato a Gramática é arte) ser signo (mediato) das concepções da razão (de cujo ato a Lógica é arte), motivo por que a Gramática está para a escrita assim como a Lógica está para a razão.

à Lógica que a Gramática pode entender mais perfeitamente coisas que ela, de si, não pode senão captar como que intuitivamente: a oração é uma dessas coisas; também sua divisão essencial em sujeito e em predicado; ainda o caráter do significado com respeito à palavra e à própria oração; o caráter mesmo da escrita, como agora o vemos; *et reliqua*.[18]

- Por outro lado, a Gramática também participa dos princípios comuns a todas as ciências – os primeiros princípios da razão especulativa –, os quais são os princípios próprios da Metafísica porque esta é justamente a ciência que trata do mais universal: o ente em si.
- Mas, assim como a Música tem, ademais, de si, princípios próprios, sem o que nem sequer seria arte à parte, assim também a Gramática tem, de si, princípios próprios, como o são o de correção ou o de erro morfossintáticos.

6.3.1. Pois bem, para que a Gramática permita ao homem alcançar *sem erro* o fim da escrita, é preciso antes ter definido o que é o ERRO em língua e, mais formalmente, na escrita. É o mais árduo de nossa arte. Quando um gramático começa seu ofício, depara já com dado estado da língua. Esta tem uma história e seus escritores; é partilhada *de algum modo* por classes distintas, mais ou menos afastadas entre si em termos de instrução e de leitura, e por povos ou por nações mais ou menos distantes entre si no espaço e de convivência mútua mais ou menos estreita. Ora, tudo isso implica falares diversos não só foneticamente, ortoepicamente e prosodicamente – o que, como vimos, pode implicar algum grau de incompreensibilidade recíproca – mas também flexionalmente e sintaticamente.

- Quanto à DIVERSIDADE FONÉTICA, atenhamo-nos, para exemplos, a alguns poucos fatos que se dão agora mesmo dentro das fronteiras brasileiras.
   - O *rr* em fim de sílaba se diz no Sul como alveolar, no Rio de Janeiro como velar ou como uvular, e em grande parte do interior do Brasil como retroflexo.

[18] Tais princípios e luzes vindos da Lógica para a Gramática se verão aplicados ao longo de toda esta obra, sem que tornemos a insistir em sua origem.

- A consoante *t* antes de *i* pronuncia-se na maioria de nosso país de modo palatalizado (*t'* ou *tch*: /t̲'ia/ ou /tchia/), mas em outras largas áreas como *tê* mesmo (/t̲ia/).[19]
- Quanto ao *l* em final de sílaba, temos a maneira do Sul, em que é dito integramente, e a maneira da maioria do país, em que é dito velar e relaxadamente, com o imenso inconveniente de igualar-se à semivogal *u* e fazer, assim, que se anule foneticamente a distinção entre *mal* e *mau*, *alto* e *auto*.

➢ Quanto à DIVERSIDADE ORTOÉPICA, mantenhamo-nos no interior das mesmas fronteiras.

- A imensa maioria dos brasileiros diz "fecha [é]", apesar de a norma culta determinar que se diga "fecha [ê]".
- Os cariocas dizem "poça [ô]", mas o natural é que seu *o* tônico se pronunciasse aberto [ó], exatamente porque a palavra é o feminino de um masculino, "poço [ô]", que tem por plural "poços [ó]", tal como se dá em "porco [ô] – porcos [ó] – porca [ó]", "ovo [ô] – ovos [ó] – ova [ó]", etc.
- Considera-se errado dizer "inexorável [cs]" porque "inexorável [z]" se firmou um dia como a pronúncia culta da palavra, apesar de esta derivar de um latino *inexorabĭlis* em que o *x* certamente se dizia *cs*.
- Quanto à DIVERSIDADE PROSÓDICA, cinjamo-nos ainda ao Brasil.
- Se se opta por *boêmia*, atende-se ao étimo e ao padrão culto; se por *boemia*, ao uso mais geral.
- *Ínterim* também atende ao étimo e ao padrão culto; mas é igualmente extenso o uso de "interim".
- E, no âmbito mesmo do *corpus* conceptual da Gramática, hesita-se quanto a admitir "ortoepia", porque contraria a original *ortoépia*.

➢ Quanto à DIVERSIDADE FLEXIONAL E SINTÁTICA, o quadro agrava-se grandemente.

- Não é só que nos falares populares já se tenham perdido ou se estejam perdendo a desinência de plural e desinências verbais: "os homem", "nós vai", etc.

---

[19] Não seguiremos rigorosamente aqui nenhum dos sistemas usuais de transcrição fonética, senão que usaremos livremente de todos com o fim de tornar cada transcrição, em cada caso, o mais evidente possível.

- Também nos meios mais escolarizados, e até universitários, já têm assento infrações a regras obrigantes e vigentes não só em nossos melhores escritores, mas ainda em línguas próximas. Para darmos exemplos mais radicais: "Ouvi <u>ele</u>" ou "Mandou <u>ela</u> estudar" (ou seja, o uso de um pronome reto em lugar de um oblíquo, no caso, respectivamente, *o* e *a*); e "Não <u>faz</u> isso" (em que se rompe todo um paradigma verbal: corretamente se diria "Não faças isso", se se tratasse a outra pessoa de *tu*, ou "Não faça isso", se se tratasse a outra pessoa de *você*).
- Muito surpreendente é o mau uso do FUTURO CONTÍNUO (*future continuous*) inglês – ao que parece, iniciado pelos operadores de *telemarketing* – em construções como "Amanhã vamos estar providenciando o conserto". É uso já corrente em largas parcelas da população (incluindo a universitária), talvez por uma espécie de ULTRACORREÇÃO: julga-se acaso construção mais elegante ou mais culta.
- Pode ainda lembrar-se o uso, também muito surpreendente, do *si* – pronome oblíquo de TERCEIRA PESSOA exclusivamente REFLEXIVO – com relação à pessoa com quem se fala: "Gosto muito de <u>si</u>" (quando o normal seria "de ti", ou "de você", ou "do senhor", etc.); "Queremos falar <u>consigo</u>" (quando o normal seria "contigo", ou "com você", ou "com o senhor", etc.). Este uso é ainda mais comum no português lusitano, mesmo em suas camadas mais letradas. É outra quebra radical de paradigma.

6.3.2. Responda-se, pois, primeiramente, à questão de O QUE É **ERRO** e de COMO DEVE POSICIONAR-SE A GRAMÁTICA DIANTE DELE para cumprir seu papel precípuo. E diga-se antes de tudo que, dado o quadro, de extrema complexidade, indicado já pelos poucos exemplos acima, está o gramático ante um verdadeiro DILEMA:

- ou se rende ao argumento de grande parte dos linguistas de que as línguas são assim mesmo, de que qualquer "normativismo" com que se lhes queira deter a deriva será algo de todo postiço, e renuncia assim, nessa mesma rendição, a ser gramático;
- ou, tendo em conta a importância decisiva da Gramática não só para a mesma língua escrita, mas também, reflexamente, para a fala, para as próprias operações mentais e, até, para a própria civilização na medida em que de algum

modo sirva às ciências superiores, tendo em conta pois tudo isso, deve concluir da seguinte maneira.

6.3.2.a. Por tudo quanto vimos até agora, com respeito à língua, e ainda à escrita, um ERRO nunca o é em termos absolutos; mas é-o, sim, *segundo algo*: mais precisamente, segundo CERTO PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO. E este padrão não é senão o que se conhece por NORMA CULTA, e o explicaremos pouco abaixo.

6.3.2.b. No entanto, consideramos mais ou menos espontaneamente que um erro gramatical o é por infringir algum princípio lógico. Tomemos o caso da *separação por vírgula de sujeito e de verbo*. Com efeito, como o diz a Lógica, sujeito e predicado são os termos essenciais da oração perfeita: sujeito é aquilo a que se atribui um predicado, e predicado é aquilo que se atribui a um sujeito. Sem estes dois termos não há tal oração. Mas sem verbo não se constitui o predicado. Ora, a vírgula usa-se em português, como veremos com profundidade em seu devido momento,

- ou (muitas vezes) para indicar pausa;
- ou para separar termos que sintaticamente devem separar-se;
- ou, enfim, para evitar uma anfibologia, uma confusão sintática, etc.

Em princípio, pois, em razão de sua essencial interdependência, não hão de separar-se na escrita aqueles dois termos (assim como na fala, aliás, tampouco se dá pausa entre eles), conquanto os possamos separar por vírgula, sim, extraordinariamente, para evitar o dito no terceiro item acima. Se porém não se tiver esta última razão, será erro a separação por vírgula de sujeito e de verbo, e tal separação nos parece erro, insista-se, porque nos parece ferir um princípio lógico.[20]

6.3.2.c. Pode dar-se um sem-número de exemplos de erros considerados erros lógicos: o uso de pronomes retos em lugar de oblíquos; o uso de pronomes reflexivos em lugar de pronomes de segunda pessoa ou de tratamento; etc. Veja-se, no entanto, que pode haver e há línguas em que não há pronomes oblíquos materialmente distintos, os quais, como veremos na devida altura, são CASOS dos pronomes retos. Em francês, ademais, como em outras línguas, dá-se o aparente uso de pronomes oblíquos em lugar de retos: por exemplo,

---

[20] Não se consideram aqui, obviamente, os casos de intercalação posta entre vírgulas entre o sujeito e o verbo. Vê-lo-emos no momento oportuno.

C'est moi (literalmente, "Isto é mim", ou seja, *Sou eu*). Não parece válido, portanto, considerar infrações de princípios lógicos aqueles erros. Mas é-o, sim, se isso se entende corretamente, isto é, dentro dos marcos do critério já posto acima: CERTO PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO. Trata-se, em verdade, de *reduções analógicas* de princípios lógicos que, enquanto são tais reduções, só adquirem validade se tiverem lugar no referido padrão convencional.[21] Por exemplo: como de fato durante dado espaço de tempo nossos melhores escritores vêm usando, material e sintaticamente, os pronomes retos e os oblíquos de determinada maneira, constituindo assim um paradigma; e como há a regra lógica de que o sujeito é sempre reto e nunca oblíquo; então dizer "para *mim* ler" há de aparecer-nos como infração a essa regra lógica. Sucede porém que, quando o francês diz *C'est moi*, não o sente como tal infração; e assim é porque durante dado espaço de tempo seus melhores escritores também vêm usando, material e sintaticamente, os pronomes retos e os oblíquos de determinada maneira, distinta da nossa, mas constituindo ainda um paradigma. E, se se disser em francês "Faites comme 'je'" em vez de *Faites comme moi* ("Fazei como eu"), isso, sim, é que se sentirá como infração de princípio lógico.

6.3.2.d. Com efeito, sendo as regras da Lógica as únicas válidas para *todas* as línguas, elas porém não se aplicam a cada uma senão, repita-se, por certas *reduções analógicas* – perfeitamente válidas nos marcos daquele PADRÃO CONVENCIONAL ESTABELECIDO DURANTE DADO ESPAÇO DE TEMPO.[22] E, conquanto o estabelecimento de qualquer padrão gramatical normativo tenha muito de arbitrário, porque normalmente se dá ao cabo de um conjunto de derivas linguísticas, são aquelas reduções analógicas as que, por seu lado, lhe dão consistência; são como seu cimento. Sem elas, o padrão ruiria. E, afinal, é esse mesmo padrão o gramaticalmente decisivo – sem ele não existiria Gramática, nem pois a língua escrita poderia cumprir o importantíssimo papel que, como vimos, lhe cabe. Por conseguinte, há de considerar-se ERRO não só o dito acima, o que se sente como infração lógica, mas até, se aceito pelos melhores, o que contrarie o que haja de mais "lógico" na

[21] Mesmo porém que houvesse uma só língua, ainda seus padrões morfossintáticos seriam reduções convencionais e analógicas de princípios lógicos, o que é tema para outro escrito.

[22] Por isso mesmo, aliás, ou seja, pela multiplicidade não só de línguas mas de fases em cada língua, é que não pode haver gramática universal – contrariamente ao que pretenderam o nominalismo e o racionalismo, e como pretende Noam Chomsky.

escrita. É o caso, por exemplo, da colocação dos "pronomes átonos", como veremos na Nona Parte, ou de concordâncias como "mais de um saiu", como veremos na Oitava Parte.

⇗ **Observação 1.** A determinação do espaço de tempo em que se há de inserir a Gramática não pode ser senão aproximativa. Podemos porém estabelecer que há de inserir-se em espaço de tempo em que o escrito pelos melhores seja sempre perfeitamente aceitável para seus pares. Assim, considerando Camões entre os melhores (e abstraindo, por ora, o que diremos acerca da relação entre Gramática e Literatura), não o podemos incluir, todavia, no espaço de tempo em que a Gramática há de inserir-se hoje – com efeito, seus poemas não são perfeitamente aceitáveis em termos morfossintáticos para os melhores de hoje. Por isso, seus usos linguísticos não hão de contar-se totalmente entre os que devem compor o padrão da Gramática atual.

⇗ **Observação 2.** Quanto à deriva fonético-ortoépico-prosódica, é relativamente pouco o que a Gramática pode fazer de modo mais direto. Pode indicar, como faremos, alguns padrões por seguir, especialmente quanto ao fonético e ao ortoépico. Exemplo: evite-se na fala a confusão entre o *l* em final de sílaba e a semivogal *u*; e, *sobretudo*, não se diga "interim", senão "ínterim", até porque assim se há de escrever; mas tampouco se diga "inexorável [cs]", senão "inexorável" [z], porque já desde há muito tempo assim o registram as gramáticas e os dicionários. É que, como visto já, a Gramática não é propriamente a arte da fala, e nela não influi em grande parte senão de modo reflexo. Mais formalmente há de ocupar-se dela a Oratória, mas, como já dito e como se repetirá, em ordem à Retórica; e a Poética, em especial se se trata da arte dramática.

6.3.2.e. Mas, além do ERRO propriamente dito, há que considerar em Gramática algo aparentado a ele: o **INDEVIDO**. Vejamos algumas de suas espécies.[23]

- O **PRECIOSISMO** OU ABUSO DE PALAVRAS OU DE CONSTRUÇÕES INUSUAIS, não raro porque equivocadamente se julgam pobres ou deselegantes o uso de palavras correntes ou a simples repetição de palavras. Imaginemos que certo escritor tivesse de usar 50 vezes num texto a palavra "chicote", mas, receoso daquela pobreza ou deselegância, fosse pescar nos dicionários 49 sinônimos de sua palavra-tema e, encontrando-os, pusesse: "açoite, açoiteira, arreador, azorrague, bacalhau, baraço,

[23] Ao apontarmos, a seguir, as diversas classes de indevido, não prejulgamos a validade ou a invalidade de seu uso na Literatura ou na Retórica.

buranhém, chabuco, chambrié, chibata, chico das dores, chiqueirá, chiqueirador, cipó, cipó de boi, cnute, estafim, França, gurinhém, habena, jangoto, jingoto, látego, macaca, mango, mangual, manjola, muxinga, nagaica, peia, peia-boi, pingalim, piraí, preaca, rebém, rebenque, relho, ripeiro, sardinheta, soiteira, tabica, taca, tagante, tala, verdasca, vergalho, vergasta, vergueiro, zeribando". Patentemente, seu texto pecaria por afetação e perderia força comunicativa e expressiva.

- Pode reduzir-se à espécie anterior o **USO DE ARCAÍSMOS**. Ponhamos um exemplo: "Elo não, ca ele chove muito", em que "elo" é um antigo e desusado pronome equivalente a "isso" (como o espanhol *ello*); "ca", uma antiga e desusada conjunção equivalente a "pois" (como o francês *car*); e "ele chove", uma ainda antiga e desusada construção equivalente a "chove" (como o inglês *it rains* ou o francês *il pleut*).[24]

➢ O ABSOLUTAMENTE ININTELIGÍVEL – como, por exemplo, se se escrevesse "Avisas os isto de homem verdes" – é antes um problema *lógico* ou *psicológico* que gramatical.

➢ Os NEOLOGISMOS, que em certo sentido são o contrário dos arcaísmos, devem qualificar-se duplamente:

▫ se atendem à necessidade de significar novas concepções não significáveis de modo algum por palavras já existentes, são plenamente justificáveis – sobretudo se se trata de línguas como o português e o inglês, cujo *corpus* léxico é tradicionalmente muito menos fechado do que, por exemplo, o do espanhol ou o do francês;

▫ se porém decorrem da ignorância de palavras já existentes para significar antigas concepções, então devem rechaçar-se por desnecessários e bastardos.

➢ Diga-se algo semelhante dos ESTRANGEIRISMOS:

▫ se atendem à necessidade de significar concepções que não podem ser significadas mais perfeitamente por palavras vernáculas antigas ou por palavras neológicas, são, mais que plenamente justificáveis, indispensáveis: é o caso, por exemplo, de certas expressões filosóficas latinas, como *per se* e *per accidens*, *simpliciter* e *secundum quid*;

---

[24] Naturalmente, tais palavras e tais construções desusadas não são desconhecidas dos próprios gramáticos, nem dos etimólogos, dos filólogos, dos lexicógrafos. Mas, ainda naturalmente, a língua escrita deve normatizar-se antes *por* eles que *para* eles.

- se porém decorrem de mero pernosticismo, devem evitar-se por desnecessários e por corruptores do idioma.

⇗ **Observação 1.** Naturalmente, há grandíssimo número de casos intermediários entre esses extremos (dizemo-lo tanto quanto aos neologismos como quanto aos estrangeirismos), os quais serão mais ou menos aceitáveis segundo critérios sempre difíceis de precisar.

⇗ **Observação 2.** Mas tampouco será vicioso o ESTRANGEIRISMO usado *tradicionalmente* no jargão de alguma ciência ou de alguma arte (o Direito, por exemplo), ainda que tenha perfeito equivalente em nossa língua.

- O *de algum modo* **ANFIBOLÓGICO** ou AMBÍGUO, como nos seguintes exemplos:
  - ✓ "O caçador o leão matou" (o caçador foi morto pelo leão, ou o leão é que foi morto pelo caçador?);
  - ✓ "Viu-os correndo" (enquanto corria os viu a eles, ou os viu enquanto eles corriam?);
  - ✓ "Considerou o ato doloso" (meditou num ato doloso, ou considerou que tal ato fosse doloso?).
- O *de algum modo* **INTRICADO** ou EMARANHADO, como no seguinte exemplo:
  - ✓ "Lícias, pastor – enquanto o sol recebe, / Mugindo, o manso armento e ao largo espraia, / Em sede abrasa, qual de amor por Febe / – Sede também, sede maior, desmaia".[25]
- À espécie anterior reduz-se a **FRASE LABIRÍNTICA**, ou seja, a que não só é demasiado longa mas é repleta de intercalações, como no seguinte exemplo:
  - ✓ "Hoje, quando no seio de uma família numerosa há um jovem que, por falta de certa vivacidade de espírito e de outros predicados naturais, ou dos que se adquirem pelo esforço e pelo trabalho, não pode granjear os meios de subsistência, e menos ainda de obter qualquer colocação saliente, ou um ancião, vencido na vida, para quem a fortuna foi descaroável madrasta nas profissões que tentou, sem disposição alguma para o exercício de qualquer mister conhecido e lícito; dá-se não raro uma

[25] Trata-se aqui da chamada SÍNQUISE (do grego *sýgchysis*, "confusão", "mistura"): a inversão violenta da ordem frasal. O exemplo, clássico, é do soneto "Taça de Coral", de Alberto de Oliveira. – Insista-se, todavia: não prejulgamos aqui o uso de recursos como a sínquise na arte literária. Como dito, a Poética, por sua própria natureza, não se cinge de todo às normas gramaticais.

espontânea conspiração entre os conjuntos por parentescos de um ou de outro, os políticos militantes e os detentores do poder, para elevar o inclassificável às várias posições políticas, então, com o mais bem-aventurado júbilo dos chefes das agremiações assim enriquecidos, esse vai ser o legislador, esse vai ser o estadista".[26]

6.4. Dissemos mais acima, no entanto, que a Gramática se institui para permitir alcançar COM ORDEM, COM FACILIDADE e SEM ERRO o ato próprio da escrita. Como tratámos já o erro, restam-nos a *ordem* e a *facilidade*.

6.4.1. Em Gramática, dizer *ordem* é dizer PARADIGMA. Os paradigmas são os quadros formais em que se podem ordenar os elementos e as outras partes da língua: com efeito, estes estão para aqueles assim como as partes estão para o todo. Vimos já que o erro o é com respeito a determinado *padrão convencional*; mas esse padrão não o seria se não fosse composto, justamente, por paradigmas. Se assim é, cabe à Gramática mantê-los firmemente por quanto tempo seja possível; o limite desta manutenção é seu desuso geral entre os melhores escritores. Ora, mantê-los firmemente supõe contra-arrestar a deriva linguística temporal, espacial, social, porque tal deriva pressiona constantemente o dique da escrita e de sua arte, a Gramática.

> ➢ Mas, como decorre do que já vimos, a manutenção de tais paradigmas tem ou pode ter efeito reflexo na linguagem oral e nas próprias operações do intelecto, ao menos entre os mais letrados e mais lidos, e sobretudo entre os que se ocupam das ciências superiores ou as estudam; mas também entre os poetas e os oradores, e entre os que os leem ou os escutam. Donde poder dizer-se que a Gramática é não só a arte da escrita mas verdadeiro princípio geral de civilização.

6.4.2. Não basta contudo ao gramático a sustentação dos paradigmas já vigentes entre os melhores escritores. É-lhe preciso mais, ou seja, fechar novos paradigmas. E isso é assim, antes de tudo, não só porque de tempo em tempo, "derrotada" pontualmente a Gramática pela deriva linguística, é preciso fechar um paradigma para ocupar o lugar do que se rompeu,[27] mas também e sobretudo

[26] Texto de Pedro Lessa, apud Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, FGV, 1978, p. 112. – Repita-se para este caso a observação em que se insiste na nota anterior.

[27] Relembre-se o caso, citado acima, dos pronomes oblíquos tônicos em francês.

porque nunca em nenhum padrão convencional da língua todos os seus fatos estão inclusos em paradigmas fechados. Veja-se, por exemplo, o caso no português atual (sobretudo o brasileiro) do uso ou não uso de artigo antes de possessivo; ou, ainda, o da concordância com o verbo *ser*. Veremos os dois casos, e muitos outros, no devido momento. O que aqui, sim, importa dizer é que, com respeito a casos que tais, é parte do ofício do gramático tentar fechar paradigmas o mais possível, quer mais determinantemente, quer mais sugestivamente; quer totalmente, quer parcialmente.[28] Trata-se da busca de ORDEM e de sua propiciação.

6.4.3. Pois bem, ordem implica FACILIDADE. O leitor ou o escritor que têm diante de si uma escrita e uma Gramática ordenadas segundo paradigmas estáveis terão, obviamente, muito mais facilidade para ler e para escrever. Mas a facilidade, naturalmente, não decorre só daí. Decorre também, antes de tudo, da maneira mesma como o escritor tece e entretece as orações e as frases. Em outras palavras, importa muito que as frases e as orações, ainda que componham texto de tema profundo e árduo, e sem nunca deixar de atendê-lo, sejam claras, agradáveis e fluentes; e que o texto composto por tais frases e por tais orações também seja, em conjunto, dotado de harmonia, ritmo e clareza – isto é, não apresente escolhos.[29]

6.4.3.a. Se o leitor tiver de desandar uma frase para entendê-la cabalmente, e se tal não se dever a uma dificuldade relativa ao tema mesmo do texto, é porque de algum modo está mal escrita ou, ao menos, não escrita da melhor maneira *possível*. E dizer este POSSÍVEL é supor aquele PADRÃO CONVENCIONAL CULTO em que se estabelece a Gramática. Veja-se um caso em português. O padrão culto atual de nossa língua inclui o INFINITIVO PESSOAL OU FLEXIONADO. *Dada a existência deste*, escrever "Ao virar-se, viram a cena" não é escrevê-lo da melhor maneira *possível*. Com efeito, assim se obriga o leitor a desandar a leitura para enfim dar a "virar-se"

---

[28] Naturalmente, não se trata de fechar paradigmas segundo o mero gosto do gramático, mas de eleger entre usos já presentes entre os melhores escritores aquilo que mais condiz com o padrão culto geral da língua, com o padrão culto geral de línguas próximas, etc. E em princípio, porém, o gramático pode contar-se entre os melhores escritores, razão por que ele também já é parte atuante na constituição do referido padrão convencional. – Ao nos referirmos ao "padrão culto geral das línguas próximas", naturalmente não queremos dizer que devam substituir-se padrões cultos vernáculos e já perfeitamente estabelecidos por outros de línguas próximas, mas sim que, entre uma duplicidade oscilante de padrões vernáculos, deve o gramático, se possível, optar por aquele que mais condiga com o referido padrão dos idiomas próximos. Neste preciso sentido, não podemos senão discrepar ao menos em parte do dito por Andrés Bello nas páginas 21-22 de sua referida obra.

[29] Suposto, como é natural, um grau suficiente de cultura por parte do leitor.

seu sujeito plural. Se todavia se puser "Ao se virarem", o leitor imediatamente se inteirará do caráter plural do sujeito e não necessitará desandar o lido nem por uma fração de segundo. Aprofundaremos este caso particular, o do infinitivo pessoal, em momento próprio. Por ora, vejamos outros requisitos para a devida facilidade do texto.

6.4.3.b. Evitem-se:

- procedimentos indevidos como os ditos acima: o *preciosismo*, incluído o *abuso de palavras inusuais*; o *anfibológico* ou *ambíguo*; o *intricado* ou *emaranhado*, incluída a *frase labiríntica*;
- recursos que visem a esquivar, por exemplo, um eco – sucessão ou proximidade de palavras que rimam entre si – ou um cacófato – sugestão de palavra inconveniente resultante do encontro de sílabas de palavras contíguas –, *mas acabem por tirar clareza ou espontaneidade ao texto.*

> ➢ Sobretudo em textos filosóficos e afins, mas ainda de modo geral, antes um eco que permita ao texto a devida clareza do que um recurso que lha tire. E diga-se o mesmo com respeito aos cacófatos. Particularmente contra estes se encarniça certa aparência de Gramática, de fundo beletrista e, sim, de muita antiguidade, mas de alto grau de arbitrariedade: com efeito, por que considerar malsonantes formações como "por cada" (que, em verdade, não raro se pronuncia "purcada" e não "porcada"), "se se" (que, em verdade, quase sempre se pronuncia "sissi" e não "cecê"), "uma mão", "alma minha", etc., e não, por exemplo, certas palavras cultas mas homófonas de orações obscenas ou, ainda, um prosaico "ela tinha"? Poder-se-ia citar quantidade de casos assim. E que não se argua, nestes casos, o contexto, porque podemos argui-lo para todos os demais. – Uma maior preocupação com os ecos e os cacófatos não pode ter lugar senão na Poética e na Oratória.

6.4.3.c. Depois, busque-se escrever com harmonia e com ritmo. A linguagem tem algo de musical, o que não só é potencializado na Literatura e na Oratória, mas também o pode ser na escrita mais científica. Trata-se de usar da pontuação, da extensão das frases, da anteposição, da intercalação e da posposição das orações, de certos vocábulos continuativos ("ora", "com efeito", "pois

bem", "em verdade", etc.) em ordem a obter harmonia entre as partes do texto e, consequentemente, a imprimir-lhe ritmo adequado. E, se se pergunta como consegui-lo, ou antes, como aprendê-lo, a resposta não pode ser senão esta: pela leitura assídua dos melhores; como que "por osmose". É possível, sim, até certo ponto, ensiná-lo; mas, no âmbito deste livro, não podemos dar a este respeito senão algumas indicações.[30]

6.4.3.d. Mais estrita e precisamente, no entanto, pode a Gramática propiciar facilidade com REGRAS DE FORMULAÇÃO O MAIS SIMPLES POSSÍVEL E DE ABRANGÊNCIA O MAIS AMPLA POSSÍVEL. A primeira parte desta formulação não requer explicações; mas a segunda, sim. Pois bem, se se busca, como buscaremos, não só manter mas fechar paradigmas, poupa-se com isso às regras a maior quantidade possível de exceções.[31] Se assim é, ou seja, se quanto mais fechados estiverem os paradigmas menos exceções às regras haverá, então estas serão de abrangência o mais ampla possível. Ademais, não se pode negar que regras formuladas complexamente e/ou obscuramente, a que não raro se segue multidão de exceções, são causa de que o estudante rechace a Gramática. Buscaremos evitá-lo e proceder inversamente.

> ➢ Ressalve-se sempre, porém: simplicidade de formulação não quer dizer falta da necessária complexidade. Aquela facilita; esta priva e impede.

⇗ **OBSERVAÇÃO GERAL.** Como dissemos um pouco mais acima, e como diz seu título mesmo, esta *Suma* é gramática GERAL. Há porém que explicá-lo.

α. Antes de tudo, é GERAL não no sentido que davam ao termo os propugnadores de uma Gramática "filosófica" ou "lógica", aplicável pois a todas as línguas: como dissemos, a todas as línguas não se aplicam senão os princípios gerais da Lógica. Dizemo-la tal para distingui-la das gramáticas atuais, influídas todas em algum grau pela Linguística e sua carência de método científico:[32] nossa *Suma* não é *ou* descriti-

---

[30] Diga-se porém que de seguir é certo exemplo medieval: na Faculdade de Artes de Paris, que antecedia ao ingresso na Universidade, aprendia-se, por exemplo, o *cursus*, estilo de prosa ritmada – herdado da Oratória – com que depois se poderia escrever até o mais árduo tratado filosófico. Fique seu estudo para outro lugar e oportunidade.

[31] É esta, aliás, a função precípua dos paradigmas.

[32] É por carência de *sujeito* que a Linguística não pode dizer-se científica: o que seria "seu" sujeito é-o já ou da Gramática, ou da Lógica, ou ainda da Metafísica. Mas nenhuma ciência pode carecer

va *ou* normativa, mas as duas coisas ordenadamente, porque, com efeito, como dito, na arte e pois na Gramática o teórico é parte sua em ordem ao artefato.

β. Mas comparemos a Gramática a outra arte, a Arquitetura, quanto às partes de que se constituem.[33]

◆ A Alvenaria, a Carpintaria, a Eletricidade, a Pintura são *partes subjetivas* ou *espécies* do gênero das artes de edificação, razão por que todas se dizem igualmente artes, requerendo cada uma artífice próprio. – Mas a descrição fonética, a descrição morfológica, a descrição sintática da língua não são artes específicas de um gênero gramatical, senão que são capítulos ou tratados da parte teórica da Gramática, ao passo que o normativo é seu capítulo mais propriamente artístico: aqueles se ordenam a este. A Lexicografia, a Gramática Comparada ou Comparativa e outras é que, sim, podem dizer-se de algum modo *partes subjetivas* da Gramática, que delas se serve sempre que necessário.

◆ Ademais, a arte do engenheiro civil e a do construtor são *partes potenciais* da arte do arquiteto: o primeiro tem função deliberativa na determinação dos meios pelo quais a obra há de levar-se a efeito, enquanto o segundo tem função executiva e conclusiva do projeto; nem um nem outro, todavia, se dizem artífices gerais da construção em sentido pleno como o arquiteto. – Mas o escritor não delibera nem executa nenhum projeto do gramático, senão que antes este seleciona, ordena e transmite o já projetado, deliberado e executado pelos melhores escritores, entre os quais, aliás, como dito, ele mesmo se inclui ou poderia incluir-se. Por outro lado, todavia, o fim da Gramática são os textos mesmos, ou seja, bens singulares e contingentes, que não podem constituir-se em autêntico hábito intelectual senão enquanto são considerados de maneira abstrata e universal pelo gramático. Assim, pois, como a experiência do camponês não se faz arte propriamente dita senão quando informada pela disciplina do agrônomo, assim tampouco a experiência

de sujeito, porque toda e qualquer ciência se especifica por seu sujeito. Por conseguinte, em sentido estrito a Linguística não é ciência, apesar de desde sempre ter querido substituir-se de algum modo àquelas três. No entanto, como tantas outras "ciências" modernas, a Linguística pode servir de base de dados, aqui para indução do gramático. – Reconheça-se, todavia, que este é assunto demasiado complexo para esgotar-se numa nota de rodapé; requer espaço próprio. Pretendemos dar-lho.

[33] São três os modos como o todo pode dividir-se em partes: como a casa se divide em alicerces, em paredes e em teto, e então tanto o todo como as partes se dizem *integrais*; como o animal se divide em cão e em cisne, e então o todo se diz *universal* e as partes se dizem *subjetivas*; e como a alma animal se divide em nutritivo e em sensitivo, e então tanto o todo como as partes se dizem *potenciais*. – Para um estudo completo do assunto, cf. Santiago Ramírez, *De Analogia*, tomo II. Madri, CSIC, n. 525-39, p. 989-1039.

do escritor – adquirida, por exemplo, tão só pela leitura – se faz arte propriamente dita senão quando informada pela disciplina do gramático. E este é o motivo por que a arte do gramático e a experiência do escritor se conjugam em uma mesma disciplina, isto é, a Gramática, estando a arte do gramático para a experiência do escritor assim como a forma está para a matéria.

◆ Por fim, a arte da ortografia, a da composição das palavras, a da conjugação, a da concordância nominal ou verbal são tão *partes integrais* da Gramática como o são da Arquitetura a arte de dispor os cômodos, ou as casas de uma cidade, ou os edifícios segundo sejam familiares ou hospitalares, etc; e, assim como estas não podem dizer-se artes especiais, tampouco aquelas.

γ. Por tudo isso e nesse preciso sentido, portanto, é que a Gramática deve dizer-se GERAL, e não fragmentar-se ou compartimentar-se segundo os pressupostos da Linguística. E obviamente não obsta a isso que nem todos os capítulos teóricos nem todas as regras gramaticais se possam tratar de modo exaustivo em um só livro ou por um só gramático. – No entanto, efetivamente ainda há lugar para insistir na seguinte objeção: como o fim da Gramática são os textos escritos, parece que, apesar do dito, quem os escreve é que antes deveria chamar-se artista. Tratemo-la.

◆ As artes são, como dito, hábitos intelectuais, razão por que tratam antes do universal. Diferentemente porém das ciências – que também são hábitos intelectuais –, devem ter continuidade em certa experiência com respeito ao singular e concreto, justo porque se ordenam a obras materiais.

◆ Portanto, haverá arte perfeita se se conjugarem em uma mesma pessoa aquele hábito e esta experiência. Isto contudo não impede que aquele hábito e esta experiência de fato se distingam, porque, com efeito, e por exemplo, pode haver gramático que não tenha suficiente experiência de escrita, e escritor que só tenha conhecimento empírico e imperfeito de sua mesma obra.

◆ E, se, como diria Aristóteles,[34] para a vida prática a experiência não parece em nada inferior ao hábito intelectual, muito pelo contrário – com efeito, por vezes antes um prático com "olho clínico" que um catedrático em medicina mas sem experiência alguma, porque o que se cura é antes o homem singular que o homem universal –, também é verdade, como diria ainda o mesmo filósofo,[35] que chamamos sábio antes ao médico catedrático e ao gramático que ao prático

---

[34] Cf. sua *Metafísica*, livro I, c. 1, 981 a 13-24.

[35] Cf. *ibidem*, 981 a 25-29.

e ao escritor, porque, diferentemente destes, aqueles sabem o porquê das coisas, e porque, por isso mesmo, podem ensinar a estes. Mas aquele que nas ciências ou nas artes ensina é mais cientista ou mais artista que o que aprende. Se assim é, há de chamar-se artista antes ao gramático que ao escritor.

◆ Enquanto todavia permanece no âmbito do universal, o gramático deve dizer-se, por este mesmo ângulo, mais que artista, cientista, ao passo que, enquanto plasma um texto singular e concreto, o escritor não se alça do plano do artístico mais ou menos pleno.[36]

◆ Permanece porém o dito acima: só haverá arte perfeita se se conjugarem em uma mesma pessoa hábito intelectual e experiência, razão por que só haverá Gramática perfeita se se reunirem em uma mesma pessoa o gramático e o escritor – o que sempre pode dar-se neste âmbito, mas não, por exemplo, no da Música. Com efeito, Johann Sebastian Bach podia compor e executar suas peças para órgão, mas não podia executar, ao menos integralmente, suas peças para orquestra.

VII
A QUE SERVE IMEDIATAMENTE E REFLEXAMENTE A GRAMÁTICA

7.1. A fala tem, como vimos, duplo objeto: a significação dos conceitos mentais e o destinatário (o ouvidor). A escrita tem também duplo objeto: a significação da fala e o destinatário (o leitor, ou seja, o distante no tempo e/ou no espaço).

7.2. Como dissemos ao longo desta Primeira Parte, a Gramática é antes de tudo e mais propriamente a arte não só da escrita mas também da leitura, razão por que, ainda que de maneira antes reflexa, acaba por ter efeito benéfico e normativo também na fala. Logo, pode dizer-se, A GRAMÁTICA SERVE, JÁ IMEDIATAMENTE JÁ REFLEXAMENTE, À LÍNGUA COMO UM TODO.

7.3. Considerando-se pois globalmente, a Gramática ordena-se à manutenção e ao aprimoramento da LÍNGUA CULTA, o que se pode facilmente concluir de todo o dito até aqui. Para reforçá-lo, porém, leiam-se as seguintes e justíssimas palavras de Andrés Bello:

---

[36] Não se confunda a distinção que se acaba de fazer com a distinção entre *arte factiva* e *arte usual*, entre, por exemplo, a arte de fabricar navios e a arte de pilotá-los.

> A gramática de uma língua é [...] conforme ao bom uso, que é o da gente educada. Prefere-se este uso porque é o mais uniforme nas várias províncias e povoados que falam uma mesma língua, e portanto [é] o que faz que mais fácil e geralmente se entenda o que se diz; ao passo que as palavras e as frases próprias da gente ignorante variam muito de uns povoados e províncias a outros, e não são facilmente entendidas fora daquele estreito âmbito em que as usa o vulgo.[37]

7.4. Em se tratando da língua portuguesa culta, a Gramática só o será propriamente se normatizá-la em toda a sua extensão, que não pode ser senão a de todos os países lusófonos. Para tal, deve assimilar todas as variantes legítimas (ou seja, cultas), ainda que não raro, e quando possível, deva indicar preferências, dando-lhe sempre as respectivas razões. – Não é outro o nosso fim aqui.

VIII
A QUE SERVE MEDIATAMENTE A GRAMÁTICA

8.1. A língua como um todo serve ao pensamento: significa materialmente as concepções que o intelecto forma como semelhanças da realidade; e, assim como o intelecto, ao conceber a realidade, *naturalmente* se faz semelhante a ela – na medida do possível, é claro –, assim também a Linguagem busca *artificialmente* assemelhar-se à estrutura daquelas concepções – ainda na medida do possível.

8.2. Os povos que aprenderam a bem pensar – como o grego antigo – desenvolveram correlativamente sua língua, e a língua, como visto, não se consolida mais perfeitamente senão quando registrada na escrita e lida por muitos. Por isso, eles tiveram também de aperfeiçoar sua escrita refinando a arte da Gramática. Ora, como inversamente a Gramática, ao normatizar e aperfeiçoar a escrita, acaba por beneficiar a fala, a qual, por sua vez, é o primeiro suporte material sem o qual as concepções mentais tendem a interromper-se e a perder-se, então a Gramática acaba por servir também ao pensamento.

8.3. Sucede porém que, como visto já reiteradamente, o próprio pensamento tem sua arte-ciência: a Lógica, que nos permite chegar com ordem, com facilidade

---

[37] *Op. cit.*, p. 27.

e sem erro à ciência. Se a Gramática, por seu lado, é a arte que nos permite chegar com ordem, com facilidade e sem erro aos fins da escrita, e se como tal beneficia não só à fala mas ao mesmo pensamento, então, por conseguinte, há de servir mediatamente à arte mesma do pensamento: a Lógica. Com efeito, é justamente porque se apoia na linguagem e mantém relação estreita com ela que a Lógica nem sequer poderia constituir-se sem língua cultivada.

8.4. Mas a própria Lógica tem partes ditas *potenciais* ou *anexas*. Assim, se a Lógica propriamente dita se ordena à consecução da Ciência, tais partes se ordenam:

- ou à consecução de uma opinião cada vez mais provável ou verossímil – é a DIALÉTICA;
- ou a preparar a opinião fazendo amar o verossímil e odiar o inverossímil – é a RETÓRICA;
- ou a inclinar ao verdadeiro mediante o belo ou afastar do falso mediante o feio – é a POÉTICA.

Tais partes são em verdade artes formalmente distintas, e só em sentido lato se podem dizer Lógica.[38]

8.5. Pois bem, como avançado várias vezes no Prólogo e nesta Primeira Parte, a Gramática há de servir menos à Retórica e à Poética que à Lógica propriamente dita e à Dialética. Isso, pela simples razão de que, como aquelas, por seu próprio e respectivo fim, buscam convencer o ouvinte ou o leitor *também* mediante recursos ou alheios à escrita ou alheios ao gramatical – a eloquência, no primeiro caso, e o sentimento, no segundo –, são por isso mesmo não de todo normatizáveis pela Gramática. Contam também com normas próprias, que não raro se sobrepõem a regras gramaticais e até podem vir a contrariá-las *de certo modo*. Até que ponto, todavia, podem ou devem a Retórica e a Poética infringir as normas gramaticais é assunto de que não nos ocuparemos *nesta* obra, porque é do âmbito da mesma Retórica e da mesma Poética.[39] E das chamadas "figuras de retórica" – de largo uso não só na Retórica mas na Poética – trataremos aqui apenas das mais usadas em geral e enquanto interessam à Gramática.[40]

---

[38] Ainda se há de considerar parte potencial da Lógica a SOFÍSTICA, que se ordena a evitar as falácias.

[39] Diga-se o mesmo de até que ponto podem a Oratória ou a Literatura fazer uso de recursos como os vistos em 6.3.2.e *supra*.

[40] Distinto é o caso das chamadas "figuras de sintaxe", de que nos ocuparemos ao longo das lições justamente de Sintaxe.

➢ Pelo que se acaba de dizer ou repetir – ou seja, que a Retórica e sobretudo a Poética não são de todo normatizáveis pela Gramática –, é que esta, como vimos dizendo desde o início, não pode atrelar-se à arte dos literatos e à dos oradores. Ela não pode esquecer, naturalmente, os melhores entre eles; mas tão somente enquanto não contrariem as necessidades estritas da escrita não literária e o vigente entre os melhores escritores de filosofia, de história, de direito, etc. É da unanimidade ou quase unanimidade de todos estes no escrever que decorre, justamente, como vimos, o padrão convencional da língua.

IX
A QUE SERVE ULTIMAMENTE A GRAMÁTICA

§ Na justa ordenação das coisas, a Gramática serve imediatamente à escrita, mas também à fala; estas servem à Lógica; a Lógica serve à Ciência; e esta, à Sabedoria propriamente dita. Sim, porque, assim como a alimentação se ordena à saúde do corpo e o corpo sadio se ordena à vida intelectual, razão por que a primeira se ordena afinal à terceira, assim também tudo quanto há não pode senão ordenar-se ao que é o Fim dos fins.

Observações prévias ao restante da gramática. ⬂

- Cada língua tem seus IDIOTISMOS ou IDIOMATISMOS, ou seja, traços, expressões, construções exclusivos dela ou não encontráveis em nenhuma ou em grande parte das demais. Também tem o português os seus: por exemplo, entre os idiomas neolatinos é o único, com o galego,[41] em que se dá a *mesóclise* (ou seja, a colocação de pronome oblíquo entre o radical e a terminação de verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito); é ainda o único, ainda com o galego, que no âmbito latino conta com o *infinitivo pessoal* (ou seja, o infinitivo flexionado, que recebe desinências número-pessoais).[42]

[41] Continua disputada a questão de se o galego é língua à parte ou dialeto do português.
[42] Sabe-se hoje, porém, que o infinitivo pessoal também se deu no leonês, no napolitano e no sardo entre o século XIII e o XVI, aproximadamente. – Fora do âmbito latino, parece que só o húngaro conta com infinitivo pessoal.

- Não devemos, porém, estender demasiada e indiscriminadamente a noção de idiotismo, em especial a nomes de concepção ou de sentimento que necessariamente todos os humanos hão de ter ou sentir – exatamente por sê-lo. Assim, ao contrário do que se costuma pensar entre nós, a palavra portuguesa "saudade" tem equivalente, *de uma forma ou de outra*, em todas as línguas, porque o sentimento que ela expressa não pode não ser sentido por nenhum povo, e há de ser expresso por ele *de algum modo*. Por exemplo: no espanhol, os substantivos *añoranza* e *nostalgia*, além dos verbos *añorar* e *extrañar* e da expressão *echar de menos*;[43] no inglês, o adjetivo *homesick*, além do verbo *to miss*; no polonês, o substantivo *tęsknię*. O que diferencia a lusitana "saudade" de seus equivalentes nas demais línguas é o fato de provir da latina *solĭtas, ātis*, "soledade", "solidão", pelo antigo *soydade, suydade*, possivelmente com influência de *saúde*, tudo o que lhe dá talvez uma carga maior de pesadume. Não por nada, aliás, "saudade" vincula-se intimamente à tradição marítima portuguesa e à espera, sempre algo tristonha ou melancólica, do retorno de quem partiu.[44]
- Ademais, não devemos comprazer-nos em idiotismos a ponto de querer cristalizar o que ainda não passa de tendência. Isso porque, se a diversidade de línguas, como se disse, vai a contrapelo da finalidade da linguagem, devemos empenhar-nos em manter quanto possível o que é comum ou possa sê-lo à nossa língua e a outras, sobretudo as do mesmo ramo ou de ramos próximos, em razão, quanto mais não seja, de maior facilidade de intertradução.

---

[43] Que, aliás, deriva de um port. "achar de menos".

[44] Mostrar-se-á mais adiante que o que diferencia nomes equivalentes de línguas diversas, mas oriundos de étimos distintos, não é propriamente a concepção que significam (como acabamos de ver para o caso de *saudade*), mas o aspecto ou aspectos pelos quais se considera (como acabamos de ver ainda para o mesmo caso).

SEGUNDA PARTE

NOTÍCIA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

I
ORIGEM PRÓXIMA

§ O ancestral mais próximo do que podemos chamar em conjunto língua portuguesa é o latim, língua do tronco indo-europeu.[1] Nossa língua nasceu na antiga Galécia (o território hoje ocupado pela Galiza e pelo norte de Portugal), no noroeste da Península Ibérica, e desenvolveu-se na faixa ocidental desta. É atualmente a quinta língua mais falada no mundo e a terceira mais falada no Ocidente:[2] tem cerca de 270 milhões de falantes em cinco continentes, a maioria dos quais no Brasil.

II
A CHEGADA DO LATIM À PENÍNSULA IBÉRICA

2.1. Os exércitos romanos pisaram a Península Ibérica no século III a.C., durante a Segunda Guerra Púnica, mas levaram muito tempo para dominá-la. Para tal, foram necessárias lutas duras, sangrentas, prolongadas, que, por fim, terminaram com a vitória de Augusto em 19 a.C. contra a resistência dos povos guerreiros da Cantábria e das Astúrias.

2.2. Levavam consigo aquelas hostes o latim, outrora o simples falar de um povo rústico que habitava o centro da Península Itálica, o Lácio, agora já a língua literária de uma civilização destinada a dominar grande parte do orbe. Encontraram os romanos ali populações de origem e de raça variadas: celtas, iberas, lígures, púnico-fenícias e gregas, além de outras de mais difícil identificação.

2.3. Dos idiomas dessas populações, muito pouco se conservou nas línguas peninsulares, e em particular na portuguesa: certa quantidade de palavras, como *arroio*, *barro*, *lança* ou *manteiga*, todas de caráter concreto, e alguns poucos sufixos, como *-arra* (em, por exemplo, *bocarra*), *-asco* (em, por exemplo, *carrasco*) ou *-ego* (em, por exemplo, *borrego*).

---

[1] Para toda esta Segunda Parte, considere-se pressuposto todo o dito na Primeira Parte, III.

[2] É superada, numericamente, apenas pelo chinês, pelo inglês, pelo russo e pelo espanhol, nesta ordem. Mas nem de longe tem prestígio internacional proporcional ao do inglês ou ao do espanhol, senão muito inferior. Mais ainda: igualmente nem de longe tem o prestígio do francês, língua materna, todavia, de número muito menor de falantes.

III
A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

3.1. Também lenta, além de nada uniforme, foi a assimilação da cultura e da língua latinas por aquelas populações. Das três províncias em que, em 27 a.C., foi dividida a Península, ou seja, a Terraconense, a Lusitânia e a Bética, foi esta a que primeiramente se deixou permear pela civilização dos invasores. A última foi, precisamente, a Lusitânia.

3.2. Muitos séculos depois, em 409 d.C., quando a Península já estava totalmente romanizada graças em parte à reforma administrativa de Diocleciano, de súbito irrompe ali uma mescla de povos germânicos conhecidos como bárbaros.

> ➢ O geógrafo e historiador grego Estrabão (63/64 a.C.-c. 24 a.C.) passou a maior parte da vida viajando. Em sua principal obra, *Memórias Históricas*, dedica um capítulo à Lusitânia. Diz ele: "Ao norte do Tejo fica a Lusitânia, ocupada pelo povo mais poderoso entre todos os iberos, aquele que manteve por mais tempo a guerra contra os romanos".

IV
A ÉPOCA VISIGÓTICA

4.1. Desses diversos povos, os alanos logo desapareceram, os vândalos foram-se para a África, e os suevos foram assimilados pelos únicos que, de fato, permaneceram: os visigodos. Mais civilizados que os demais, e já com uma história de relações com os romanos, os visigodos acabariam por fundir-se com as populações românicas locais; mas dominariam a Península por quase três séculos.

4.2. Se excetuamos, porém, os abundantes antropônimos e os abundantes topônimos de origem germânica, é pequena a contribuição visigoda para o léxico português: não mais que uma quarentena de palavras, cerca de trinta das quais também presentes em outros idiomas neolatinos. Entre os termos deixados pelos visigodos, estão: *agasalhar* e *arrear*; *bando* e *brotar*; *elmo* e *estaca*; *ganso* e *guerra*; *mofino* e *mofo*; *rapar* e *roupa*; *taco* e *tascar*.

V
A DOMINAÇÃO MOURA

5.1. Em 711, o rei godo Rodrigo não conseguiu deter a invasão árabe, e caía com ele o regime romano-visigótico. Pouco depois, quase toda a Península Ibérica estava sob domínio muçulmano.

5.2. Os mouros levaram para a Península não só novas técnicas e artes, mas também palavras para designá-las a elas e aos conhecimentos relativos a elas. Tampouco é muito grande, contudo, o legado lexical dos mouros para as línguas ibéricas: cerca de quatro mil palavras no espanhol, e cerca de oitocentas no português, quase todas substantivos. Referem-se, sobretudo, à arte da guerra (*acicate*, *adarga*, *aljava*, *arrebatar*, *atalaia*, etc.); à agricultura (*açafrão*, *açúcar*, *alface*, *algodão*, *berinjela*, etc.); ao comércio (*aduana*, *armazém*, *arroba*, *quilate*, *quintal*, etc.); a certas ciências (*álcali*, *álgebra*, *cifra*, *nadir*, *zênite*, etc.); à música (*alaúde*, *anafil*, *arrabil*, *tambor*, etc.); e a cargos e ofícios (*alfaiate*, *almocreve*, *almoxarife*, *califa*, *emir*, etc.).

- Na Península Ibérica do século X os muçulmanos atingiam o auge de seu domínio, enquanto os cristãos, impelidos para o norte, se viam confinados a três reinos, Leão, Castela e Navarra, e a dois condados, Urgel e Barcelona.

VI
A FORMAÇÃO DO PRIMEIRO PORTUGUÊS

6.1. No século XIII, a reconquista cristã da Península só deixava aos mouros o pequeno reino de Granada, no extremo sul da Espanha (de onde seriam expulsos apenas em 1492). Mas foi durante o mesmo domínio mouro que se configuraram as características próprias das primevas línguas neolatinas da Península.

6.2. E foi no território que incluía a Galiza e a faixa entre o Douro e o Minho que se consolidou e desenvolveu o idioma conhecido como galego-português. De existência provável desde o século VI, só o reconhecemos com certeza, porém, a partir do século IX, por meio de palavras de seu léxico encontradas em textos forenses ou notariais escritos em latim bárbaro.

6.3. Os primeiros documentos totalmente escritos em galego-português que nos chegaram datam do século XIII, quando começa a fase propriamente histórica de nosso idioma.

VII
AS ETAPAS DO PORTUGUÊS

§ Podemos periodizar a língua portuguesa, *grosso modo*, da seguinte maneira:

7.a. O português "pré-histórico", conhecido como "romance lusitânico" – a língua falada na Lusitânia do século VI ao século IX.

7.b. O português "proto-histórico" – a língua falada na Lusitânia do século IX a inícios do XIII, à qual pertencem as referidas palavras encontradas nos textos forenses ou notariais.

7.c. O português "arcaico" – a língua falada do início do século XIII a meados do século XVI, período em que o galego e o português acabam por separar-se por razões geopolíticas, e em cujo final se publica (em 1516) o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* e (em 1536) nossa primeira gramática: a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

7.d. O português "moderno" – a língua falada de meados do século XVI aos dias atuais.

➢ Relembre-se, todavia, que só é possível incluir Camões no português "moderno" ao mesmo título que, por exemplo, a Carlos de Laet se se deixa de lado a grave divergência de PADRÃO CONVENCIONAL entre eles, para atender a um critério de periodização que tem muito de arbitrário. E, com efeito, para a periodização acima exposta, deixamo-nos seguir de todo pelo tradicionalmente aceito.

VIII
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO ATUAL

8.1. Com a expansão do Império lusitano, o português deitou raízes em várias partes do mundo, e hoje tem falantes em cinco continentes:

- EUROPA: no Portugal continental; nos Açores; na Ilha da Madeira; em algumas localidades da Espanha;
- ÁFRICA: em Angola; em Cabo Verde; na Guiné-Bissau; na Guiné Equatorial; em Moçambique; em São Tomé e Príncipe;
- AMÉRICA DO SUL: no Brasil;
- ÁSIA: em Macau; em antigos territórios da Índia portuguesa (Goa, Damão, Diu e Dadrá e Nagar-Aveli);
- OCEANIA: no Timor Leste.

8.2. Podem citar-se, também, a título de parentesco mais próximo:

- os falantes dos dialetos galego-portugueses;
- os do crioulo do Suriname;
- os das "línguas" mistas português-espanhol de alguns departamentos do Uruguai;
- os do mirandês, língua de Miranda do Douro TRM (cidade portuguesa limítrofe da Espanha) e parente próxima também do ásturo-leonês;
- e os do papiamento de Curaçau.

TERCEIRA PARTE

FONEMAS E LETRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA ATUAL

I
FONEMA E LETRA

1.1. Não podemos prosseguir nesta Parte sem antes proceder a uma crítica da visão da Linguística com respeito ao fonético. De fato, para esta – e isto desde seu fundador, Ferdinand de Saussure – distinguem-se "som da fala" e fonema, e a letra é um como corpo estranho ao propriamente linguístico.

1.2. Com efeito, para a Linguística – e ainda para a maioria dos gramáticos pós-saussurrianos, que com isso se deixa levar por uma visão, como veremos, não científica –, os "usuários" de cada língua selecionam, dentre a multidão de possíveis "sons da fala", certa quantidade deles: são os *fonemas*, que se utilizarão como elementos ou traços capazes de fazer as palavras distinguir-se entre si. E não importa que os fonemas sejam "realizados" diferentemente pelos mesmos falantes. Exemplifiquemos o que se quer dizer com isso.

1.2.1. Há em português, por exemplo, o fonema /t/, que é o que permite distinguir, ainda por exemplo, *cata* de *cada* ou *tia* de *pia* (e o mesmo pode dizer-se, neste caso, de /d/ e de /p/ com respeito a /t/). Isso, independentemente de como cada falante do português "realize" ou pronuncie o fonema /t/ nestas palavras. E de fato em grande parte do Brasil /t/ se diz pouco mais ou menos /tch/ em *tia*, mas em outra grande parte se diz /tê/ na mesma palavra, sem que por isso os brasileiros todos deixem de entender-se mutuamente. Estaria aí a prova da tese da Linguística com relação a este ponto: se os brasileiros que dizem pouco mais ou menos /tchia/ entendem perfeitamente o que querem dizer os brasileiros que dizem /tia/, e vice-versa, é porque os dois lados têm de alguma forma ciência de que as duas maneiras de dizer o "som" inicial da palavra são expressões de um modelo único.

1.2.2. Dêmos, ainda, outro exemplo. Tomemos o último fonema da palavra *dorme*, /i/, fonema vocálico átono, pós-tônico e final. Pois bem, na maior parte do Brasil este fonema se diz /i/; na parte restante (no Paraná, por exemplo) se diz /e/; e em Portugal se diz de um modo ausente no Brasil, como /i/, "som", digamos, "morrediço". Tratar-se-ia, com efeito, de realizações múltiplas do mesmo fonema /i/. Mas havemos de perguntar-nos por que se trata do fonema /i/ e não do fonema /e/ ou do fonema /i/. Ou então se se trataria em Portugal do fonema /i/, e no Paraná do fonema /e/. Sim, porque para que determinados "sons" sejam

"realizações" de um mesmo fonema é preciso que este possa *potencialmente* ter tais "realizações". Não se diria, por exemplo, que a "realização" /tch/ em *tia* fosse "realização" de um /m/, ou que a "realização" /i/ em *dorme* o fosse de um /u/. Pois bem, insista-se e pergunte-se qual entre aquele /tch/ e aquele /t/ é o fonema ou "modelo". E pergunte-se o mesmo com respeito a /i/, a /e/ e a /i/, ou seja, qual é o "modelo", e quais são as "realizações" ou variações. Dada tal variedade de "realizações", há que saber como se pode designar para "modelo" uma delas.

1.2.3. Recorramos antes de tudo ao galego, que, língua à parte ou dialeto do português, trazemos à baila aqui porque importa sobremaneira quanto ao que queremos demonstrar. Pois bem, em galego o /ç/ de "afeiçoada" diz-se /θ/ [afejθo'aða], ou seja, como o *zeta* usado em grande parte da Espanha para dizer, por exemplo, *zorro*. É fonema de articulação interdental, fricativo e surdo, o mesmo que também é representado, ainda em espanhol, pela letra *c* quando seguida de *e* ou de *i* – exatamente como no galego (embora em certas regiões da Galiza também se diga, como em português, como /s/). Pois bem, o que hoje é o fonema /θ/ no galego era dito provavelmente /ts/ não só no galego-português (como vimos, o que se considera a primeira etapa do português), mas também ao menos em parte da etapa seguinte, a do português "arcaico", na qual o galego e o português acabaram por separar-se por razões geopolíticas. O fonema /ts/ era representado pela letra *ç*. Pois bem, como se julga sejam etapas da mesma língua o galego-português, o português "arcaico" e o "moderno", pergunte-se se /θ/ é o fonema de que o antigo /ts/ era "realização", ou, inversamente, se /θ/ é que é "realização" de um antigo fonema /ts/. Com efeito, ambos têm potência ou possibilidade de converter-se um no outro. Mas não parece conveniente que uma coisa seja "modelo" de algo desaparecido antes de seu surgimento, ou, o que é o mesmo, que algo seja "realização" de uma coisa inexistente no momento em que se dá. Ademais, se alguém dissesse hoje entre nós /tsorro/ para significar *zorro* (raposo), provavelmente não seria de imediato entendido. Somos capazes de entender que /tchia/ e /tia/ são a mesma palavra; mas não que o sejam /tsorro/ e /zorro/. Importa pois resolver o impasse.

1.3. Mas tal resolução há de ser outra que a da Linguística. Vejamo-la passo a passo, a começar do mesmo exemplo acima, o de *zorro*.

1.3.1. Suponhamos que a certa altura do século XV já coexistissem, na Galiza, /tsorro/ e /θorro/, e, em Portugal, /tsorro/ e /zorro/, escritos sempre "çorro". Transcorreu o tempo, porém, e na Galiza desapareceram tanto /tsorro/ como o

ç para representar na escrita o /θ/ de /θorro/; passou-se a usar em seu lugar o z. Agora, porém, na mesma Galiza, *zorro* passou-se a dizer tanto /θorro/ como /sorro/, sendo este /s/ também representado, na escrita, por *z*. Em Portugal, por seu lado, ainda naquela altura do século XV, desapareceram igualmente /tsorro/ e a letra *ç* nesta posição, e passou-se a dizer exclusivamente a palavra como /zorro/ e a escrever *zorro*. Vejamos o que sucedeu.

1.3.2. Na Galiza, suposta certa baliza fincada algo arbitrariamente no tempo, havia um fonema único para dizer o fonema inicial de *zorro*: /ts/, escrito *ç*. Passou o tempo, e por razões complexas /ts/ se transformou em /θ/ em parte da região galega; mas chegou o momento em que /θ/ veio a substitur /ts/ de todo, ao passo que o *ç* com que se escrevia também foi substituído de todo por *z*. É patente: neste caso, o "modelo" é /ts/, e /θ/ é uma variação ou transformação – não "realização" – daquele "modelo", transformação que, se por certo tempo conviveu com o "modelo", acabou porém por substituí-lo completamente. Quanto à substituição de *ç* por *z* neste caso, deve-se a razões históricas: já estava a Galiza integrada à Espanha. Mas veja-se o mais importante aqui: agora, sempre na Galiza, a mesma letra *z* serve de representação tanto para /θ/ como para /s/, sendo /s/ uma transformação do "modelo" /θ/.

1.3.3. Ponhamos agora, hipoteticamente, que a certa altura da história da língua portuguesa[1] a vogal átona, pós-tônica e final de *dorme* se dissesse /i/ por todos os lusófonos, e que depois tenha passado a dizer-se, *concomitantemente*, também /ɨ/ (em Portugal) e /e/ (no Paraná, talvez por influência do espanhol). Que se passou? Passou-se que /i/ se transformou tanto em /ɨ/ como em /e/, mas não desapareceu, e permaneceu na boca da maioria dos brasileiros. Coexistem, assim, o "modelo" e duas de suas transformações, todas três escritas como sempre o fora /i/: *e*.

1.3.4. É que os "modelos" fonéticos não são ideias platônicas, sem existência material, das quais participassem umas "realizações"; mas são, eles mesmos, fonemas materialmente realizados, enquanto aquelas "realizações" têm, do ângulo fonético mais concreto, o mesmo estatuto que seus "modelos". Com isso, no entanto, ainda não se responde à interrogação de como é possível, então, que não só os lusófonos brasileiros que dizem pouco mais ou menos /tchia/ entendam perfeitamente os que dizem /tia/, e vice-versa, mas ainda todos considerem as duas formas de dizer variações de um mesmo fonema. É preciso saber se se pode

---

[1] Língua portuguesa e sua história consideradas sempre como na Primeira Parte, III.

responder a esta interrogação diferentemente de como o faz a Linguística, ou seja, sem recorrer a um "modelo" equidistante de todas as suas "realizações".

1.3.5. Pode-se, sim, e é a única resposta correta: fatos como este sempre se devem a uma mescla de diversas razões. No caso de *tia*, há três razões principais para dar-se o que acabamos de ver. Com efeito, os lusófonos brasileiros entendem-se perfeitamente aqui:

a. porque /t'ia/ ou /tchia/, que são transformações de /tia/, coexistem com seu "modelo";

b. porque sempre se usam concomitantemente a seu "modelo" em contextos fonéticos idênticos: pouco mais ou menos /tchia/ e /tia/, pouco mais ou menos /Tchiago/ e /Tiago/, pouco mais ou menos /tchimbre/ e /timbre/ – é a parte de razão que cabe à Linguística, o que, porém, sempre esteve de algum modo suposto nas gramáticas anteriores ao surgimento daquela;

c. porque os dois fonemas se dizem no mesmo país, nos *media* deste, na constante comunicação entre os falantes das duas maneiras;

d. e importantíssimo: porque são ambos representados na escrita pela mesma letra *t*, o que é a CAUSA PRINCIPAL do que se diz em **b** *supra*.

1.3.6. E agora temos condições para responder com segurança a outra pergunta, subjacente desde o início: por que /t'/ ou /tch/ e /t/ não só podem ser entendidos, pela mesma Linguística, como "realizações" de *um* /t/, mas são representados igualmente por *t* na escrita. Precisamente, porque /t'/ ou /tch/ são transformações de /t/ – e, como se sabe, "antiguidade é posto"; e porque /t/ não desapareceu no tempo nem no espaço.

1.3.7. Pois bem, o que distingue *concretamente*, na fala, *tia* de *pia* não é um fonema ideal, mas alternadamente o fonema /tch/ e o fonema /t/, que servem para o mesmo, como assinalado acima, por diversas razões combinadas, das quais resulta certo senso de que /tch/ deriva de /t/. Daí que, se em um sentido /tch/ e /t/ são por igual fonemas e servem para distinguir (por exemplo, de /p/), em outro sentido o fonema /t/ é aqui, digamos, *mais fonema* que /tch/, porque é sempre de algum modo em referência a ele que este cumpre seu papel. Ou seja: /tch/ e /t/ são analogamente fonemas, mas é antes a /t/ que se atribui o termo fonema. E é por isso, e somente por isso, que os que interessam à Gramática são os que se dizem *anterior e mais propriamente* fonemas.

1.3.8. Imaginemos agora, porém, que num dia futuro o /t/ desapareça da fala do português, e vejamos o que pode acontecer. Se estivermos num tempo em que a

Gramática e o ensino formal da língua estiverem ausentes, perder-se-á a referência de /tch/ a /t/, e provavelmente este fonema desaparecerá em benefício de outro para os mesmos contextos fonéticos. Mas em tal dia futuro provavelmente não haverá essa ausência, senão que se estará numa época prolongamento da atual, quando o latim já deixou de ser, há muito, a língua de cultura, e o português o substituiu *totalmente* no âmbito lusofalante e é ensinado, ou bem ou mal, segundo determinada gramática. Logo, se tal se der, se vier a desaparecer totalmente da fala o /t/ de *tia*, etc., então provavelmente permanecerá a letra *t* para representar, na escrita, tão somente o fonema /tch/, como uma espécie de memória do fonema de que foi transformação o fonema que agora o substitui de todo. Continuará assim o /tch/, de certo modo, a referir-se ao /t/, e este, de certo modo, ainda será *mais propriamente* fonema que /tch/.

1.3.9. Aí está mais um exemplo da importância da escrita. Mas de modo algum o concluímos tão só de uma mera hipótese como a do desaparecimento do fonema /t/. Veja-se que é tão somente pela escrita que podemos dizer, por exemplo, que certas regiões lusófonas são a mesma língua.

1.3.10. Por todo o dito com respeito à importância da escrita também no âmbito do fonético, é que, como sempre o fizera a Gramática pré-saussiriana, pode chamar-se letra ao fonema (considerado no sentido *analógico* exposto acima). Di-lo perfeitamente Andrés Bello: “Embora *letras* signifique propriamente os caracteres escritos de que se compõe o alfabeto, costuma dar-se este nome não só aos signos alfabéticos, mas aos sons [ou seja, aos fonemas] denotados por eles. Daí que digamos em um e em outro sentido *as vogais, as consoantes*, subentendendo *letras*”.[2]

1.4. Mas a Linguística diz mais: para ela, os fonemas existem antes de tudo para servir de traço distintivo entre as palavras, e secundariamente para formá-las. A verdade é o contrário: os fonemas servem antes de tudo para formar as palavras, e secundariamente para distingui-las. Pois é claro que quem forma palavras não as quererá formar iguais, porque se o fizesse já não formaria senão uma só e única palavra. Mas quem forma palavras quer antes de tudo formar signos de seus conceitos mentais, e a distinção entre tais signos não é senão decorrência disso.

1.4.1. Se porém isto parece certo do ângulo dos que formam as palavras, há que ver ainda se o é do ângulo dos que as usam. Pois o é mais ainda, porque, se assim não fosse, não haveria os *homófonos*, ou seja, palavras que, conquanto sejam signos de conceitos ou ideias diversas, são ditas todavia de modo

---

[2] *Op. cit.*, p. 29.

exatamente igual. Exemplo corrente: *são* – terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ser*; *são* – adjetivo sinônimo de "sadio"; e *são* – apócope de "santo". Há mais, porém, e comecemos por um exemplo: também se tornaram homófonas, em grande parte do Brasil, *mal* e *mau*. Este exemplo é posto em geral por linguistas e por gramáticos entre os casos de "realizações" diversas de um mesmo fonema. Como vimos, contudo, ambos são analogamente fonemas, embora o /l/, pelas razões indicadas, seja neste caso mais propriamente fonema que o /u/. E, se dizer /cau/ em lugar de /cal/ não é contrário à função fonêmica de distinguir palavras, dizer /mau/ em vez de /mal/, sim, é-o, e de fato gera não pouca confusão.

1.4.2. É ademais em casos como este – no qual as duas palavras podem aparecer exatamente no mesmo contexto (pense-se em "Ele é um mal" e em "Ele é um mau", ou seja, um entre vários homens maus) – que a distinção se mantém fundamentalmente graças à escrita e suas letras. E até de maneira geral pode dizer-se que são antes de tudo as letras o que, atuando como dique da deriva fonética, sustenta na língua a distinção entre as palavras. Basta ver, para certificar-se disso, quanto mais deriva fonética houve e há em todas as línguas antes da escrita, e especialmente antes de escrever-se sua primeira gramática. Mas tal dique só se dá mais perfeitamente se se tem um bom ensino da Gramática e um bom nível de leitura, porque, como se pode facilmente constatar no Brasil, à falta deles até a mesma escrita é levada de roldão pelo rio da língua. E, com efeito, é evidente que mesmo entre os brasileiros mais escolarizados reina na própria escrita grande confusão entre *mal* e *mau*.

1.4.3. Tudo o que acima se disse vale também, *mutatis mutandis*, para as diferenças que em geral se consideram meramente *posicionais*, como a existente entre o /s/ de *casto* e o de *sala*.

1.5. E com isso já podemos pisar terreno seguro para estudar OS FONEMAS E AS LETRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA ATUAL. Mas insista-se: sempre que doravante falarmos de fonemas, estar-nos-emos referindo a:

- fonemas *mais propriamente ditos*,
- sejam-no como fonemas e como letras, sejam-no tão só como letras,
- e que valham como tais para *todo* o âmbito da língua portuguesa.

⇗ **OBSERVAÇÕES GERAIS** ⇘.

α. ELEMENTO é aquilo de que *primeiramente* se compõe uma coisa permanecendo nela.[3] Pois bem, os fonemas em geral e as letras é que são os ELEMENTOS

[3] Cf. Aristóteles, *Metafísica*, l. v.

das palavras (e pois da linguagem), e não as sílabas nem as demais partes das palavras ou das orações.

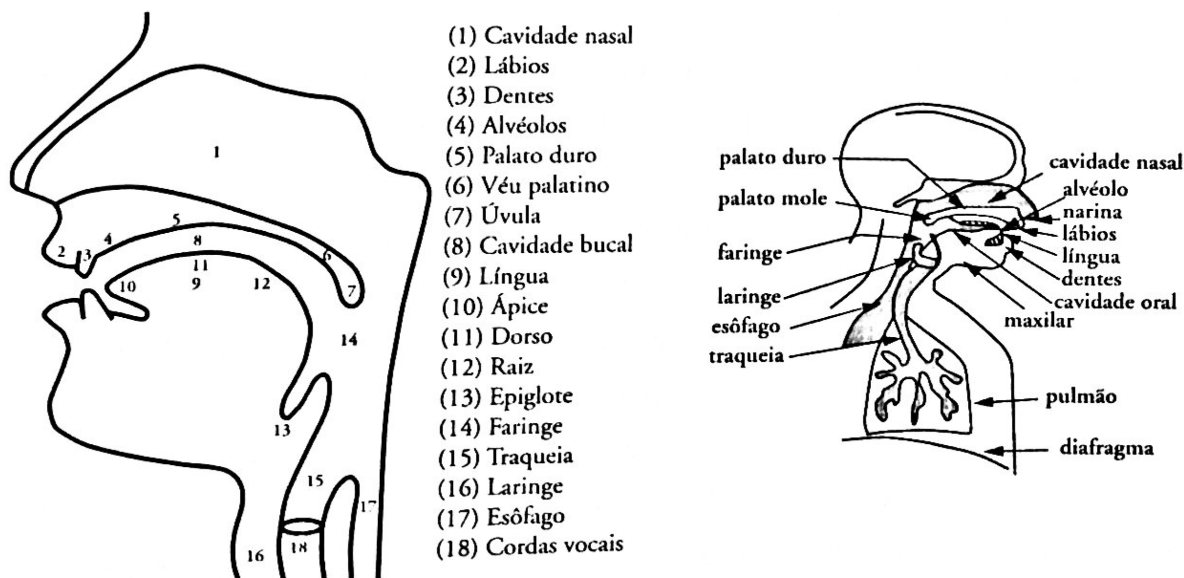
β. Os FONEMAS são os mesmos "sons da fala", ou, falando com mais propriedade, são elementos das FORMAS ARTIFICIAIS DA VOZ, isto é, as palavras.

II
O APARELHO FONADOR E OS FONEMAS

2.1. O homem, animal racional e pois político ou social, por isso mesmo também é naturalmente falante. Dotou-o a natureza de um conjunto de órgãos fonadores e de potência para expressar-se por signos, de tudo o que ele se vale para, mediante a razão, constituir a linguagem.

2.2. É verdade que outros animais, como o papagaio, têm um conjunto de órgãos fonadores mediante os quais são capazes de imitar a fala do homem. Mas, além do fato evidente de que o fazem sem compreendê-la intelectivamente, também é fato que o "instrumento musical" de que é dotado o homem é muito mais fino e produz "música" muito mais perfeita que o de qualquer outro animal. Aliás, é precisamente porque no homem está tal instrumento não só ordenado mas submetido à razão que seu uso é o mais rico e o mais sutil.

O APARELHO FONADOR[4]



[4] Imagem tomada de < musicaplena.com > e adaptada.

2.3. Os fonemas resultam de modificações que a corrente de ar expirada sofre em seu trajeto pelo aparelho fonador. Na maior parte das línguas, este trajeto pode dividir-se em três etapas.

2.3.1. Na ETAPA RESPIRATÓRIA, os pulmões e o diafragma são, como já se disse, "os foles do órgão da fala"; são eles que propiciam a força capaz de produzir a vibração sonora. No ato da fala, porém, os pulmões nunca expiram todo o ar que contêm; usa-se tão só de um quarto de sua capacidade nas conversas correntes, e de um pouco mais quando se trata de falar em público.

> ➢ Lembre-se, todavia, o dito mais acima: algumas línguas se utilizam de fonemas cuja origem não é o ar dos pulmões. É o caso das línguas boxímanes, da África meridional, que convertem estalos de língua em fonemas.

2.3.2. Na ETAPA FONATÓRIA, o ar dos pulmões transforma-se em som ao fazer vibrar as cordas vocais, essas faixas de tecido muscular localizadas na laringe. Esta é constituída por cartilagens, por ligamentos e por membranas que servem de suporte às cordas vocais. Pois bem, o homem tem capacidade de variar a tensão, a elasticidade e as próprias dimensões das cordas vocais para produzir grande variedade de efeitos sonoros. Quando as cordas vocais vibram, temos os *fonemas sonoros* – por exemplo, as vogais e consoantes como o /b/, o /d/, o /m/, etc. Quando não vibram, temos os *fonemas surdos* – por exemplo, consoantes como o /p/, o /s/, o /t/, etc.

2.3.3. Na ETAPA ARTICULATÓRIA, por fim, o som proveniente da laringe é articulado por órgãos ativos ou móveis (a faringe, o palato mole [ou véu palatino], a língua e os lábios) ao atuarem sobre órgãos passivos ou fixos (o palato duro, os dentes e os alvéolos); e por duas cavidades, a bucal e a nasal, e a própria faringe, que funcionam como caixas de ressonância. Por exemplo, o palato mole pode adotar três posições: alta, com o que impede a passagem do fluxo de ar pela cavidade nasal e produz, assim, os fonemas orais; média, com o que deixa que o ar saia tanto pela boca como pelo nariz e produz, assim, as sílabas oronasais (como /má/); e baixa, com o que impede a passagem do fluxo de ar pela cavidade bucal e produz, assim, os fonemas nasais. Também os lábios podem adotar diversas posições: se abertos, produzem-se as vogais; se semiabertos, consoantes como o /b/; e, se fechados, consoantes como o /p/.

III
VISÃO MAIS SISTEMÁTICA DOS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1. Temos, EM PORTUGUÊS, três espécies de fonemas: as *vogais*, as *consoantes* e as *semivogais*.

3.1.1. As VOGAIS, como visto, são *fonemas sonoros*, que se produzem pela saída de ar pela boca. Classificam-se de acordo com quatro critérios:

a. quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, em *anteriores*, em *posteriores* e em *média*;

b. quanto ao TIMBRE, em *abertas* e em *fechadas*;

c. quanto à RESSONÂNCIA NA CAVIDADE BUCAL OU NA NASAL, em *orais* e em *nasais*;

d. quanto à INTENSIDADE, em *tônicas* e em *átonas*.

3.1.1.a. Ao pronunciarmos a vogal /a/, a boca alcança sua maior abertura fonética; o palato mole levanta-se e, com isso, impede a passagem do ar pelas fossas nasais; e a língua mantém-se em posição relativamente plana.

• Se, partindo do /a/, pronunciamos a série /é/, /ê/ e /i/, a parte *anterior* da língua arqueia-se e avança gradativamente para o pré-palato, ao mesmo tempo que se contraem, também gradativamente, as comissuras labiais. É por isso que estas vogais se chamam *anteriores* (ou *palatais*).

• Se, ainda a partir de /a/, pronunciamos a série /ó/, /ô/ e /u/, a parte *posterior* da língua vai gradativamente recuando na direção do palato mole, ao mesmo tempo que os lábios, ainda gradativamente, se arredondam e se projetam para diante. É por isso que estas vogais se chamam *posteriores* (ou *velares*).

• O /a/, que é o ponto de referência ou de partida das duas séries, chama-se vogal *média* (ou *central*).

3.1.1.b. Dentro de cada série, as vogais podem ser *abertas* ou *fechadas*. O grau de abertura ou de fechamento – justamente o que as faz ser de diferente *timbre* – depende da distância que se der entre a língua e o palato, e que é máxima para o /a/, a mais aberta das vogais, e mínima para o /i/ e para o /u/, as mais fechadas delas. O /e/ e o /o/, por sua vez, são tão mais abertos quanto mais perto do /a/ se articulem, e tão mais fechados quanto mais perto de /i/ e de /u/ se articulem.

3.1.1.c. As sete vogais *orais* – /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/ e /u/ – são-no porque se produzem com o palato mole levantado, razão por que o ar escapa todo pela boca. Se porém se abaixa o palato mole, a coluna de ar divide-se entre a boca e as

fossas nasais, com o que se produz uma ressonância nasal. São as sete vogais *nasais*: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/, as quais são representadas, na escrita, pelas letras *a*, *e*, *i*, *o* e *u* seguidas de *m* ou *n* na mesma sílaba, caso em que estas últimas não se pronunciam [*tempo*, *capim*, *cúmplice*], ou na sílaba seguinte, em que, obviamente, se pronunciam [*ca-ma*, *Ro-ma*]); ou, no caso de *a* e de *o* em sílaba final, pela sobreposição de um til (*rom-ã*, *ladrões*).

3.1.1.d. A vogal será *tônica* quando constituir ou fizer parte da sílaba igualmente *tônica*, e podem sê-lo as sete vogais orais e as cinco nasais. Será *átona* quando constituir ou fizer parte de sílaba ou de palavra igualmente átonas, e podem sê-lo apenas cinco vogais orais: /a/, /ê/, /i/, /ô/ e /u/ e as cinco nasais.[5]

➢ Observe-se que dizemos *preza* (com /é/ tônico), mas *prezado* (com /ê/), porque, aqui, o *e* passou a átono.

3.1.2. Na definição de cada vogal de qualquer palavra, conjugam-se tais critérios. Por exemplo: em *irmã*, *i* é vogal anterior, fechada, oral e átona; e *ã* é vogal média, fechada, nasal e tônica.

☞ **Observação 1.** Alguns são da opinião de que as vogais nasais não podem ser senão fechadas, razão por que seria redundante dar-lhes tal classificação. Não é fato: especialmente em Portugal se dão vogais nasais ao menos *semiabertas*, assim como, *mutatis mutandis*, no francês há quatro vogais nasais, todas arredondadas e ao menos *semiabertas*.

☞ **Observação 2.** Assinale-se, ademais, que, enquanto as vogais orais se dividem, quanto à zona de articulação, em três anteriores e em três posteriores, as nasais, segundo o mesmo critério, dividem-se em duas anteriores e em duas posteriores.

3.2. As CONSOANTES são fonemas resultantes de um *fechamento momentâneo* ou de um *estreitamento* do canal bucal que ofereçam algum obstáculo à saída do ar (sonorizado ou não por vibração das cordas vocais). Classificam-se segundo quatro critérios:

a. quanto ao TIPO DE OBSTÁCULO QUE SE OPÕE À CORRENTE DE AR, em *oclusivas*, em *fricativas*, em *laterais* e em *vibrantes*;

b. quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, em *bilabiais*, em *labiodentais*, em *linguodentais*, em *alveolares*, em *palatais* e em *velares*;

[5] Para *sílaba*, *vide* mais adiante.

c. quanto à AÇÃO DAS CORDAS VOCAIS, em *surdas* e em *sonoras*;

d. quanto à RESSONÂNCIA NA CAVIDADE BUCAL OU NA NASAL, em *orais* e em *nasais*.

3.2.1. Antes de tudo, consideremos as consoantes segundo os critérios **a** e **b** conjugados.

3.2.1.a. São *oclusivas* as consoantes cuja emissão se dá mediante uma aproximação completa de dois órgãos da boca, de modo que a corrente de ar vinda dos pulmões se interrompe momentaneamente; com o pronto afastamento de tais órgãos, ou seja, com a pronta cessação do obstáculo, o ar acumulado na boca sai súbita e fortemente, ocasionando um ruído seco e explosivo.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes oclusivas podem ser:

- *bilabiais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa de lábio contra lábio): /b/, /m/ e /p/, como em *bota*, em *mula*, em *pata*;
- *linguodentais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa da ponta da língua com a arcada dentária superior): /d/, /n/ e /t/, como em *dedo*, em *nota*, em *teto*;
- *palatais* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa do dorso da língua com o palato duro): /nh/, como em *cenho* e em *linho*;
- *velares* (ou seja, quando o obstáculo é oferecido pela aproximação completa da raiz da língua com o palato mole): /g/ e /k/, como em *gato*, em *coisa*.

3.2.1.b. São *fricativas* as consoantes cuja emissão se dá mediante uma aproximação incompleta dos lábios, o que força a corrente de ar a comprimir-se para passar pela fenda estreita formada; então, o ar escoa ininterruptamente e roçando os lábios, o que produz ruído semelhante ao de uma fricção.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes fricativas podem ser:

- *labiodentais* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre o lábio inferior e a arcada dentária superior): /f/ e /v/, como em *fala*, em *verdade*;
- *alveolares* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre a ponta da língua e os alvéolos): /s/ e /z/, como em *sede*, em *zelo*;
- *palatais* (ou seja, quando o contato parcial se dá entre o dorso da língua e o palato duro): /j/ e /x/, como em *já* e em *xis*.

3.2.1.c. São *laterais* as consoantes quando, apesar de haver obstrução da corrente de ar em determinada área da boca, aquela ao mesmo tempo escoa livremente pelos *lados* do canal bucal. São as seguintes as consoantes laterais: /l/ e /lh/.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as consoantes laterais podem ser:

• *alveolares* (ou seja, quando a obstrução se dá pelo contato entre a ponta da língua e os alvéolos): /l/, como em *calar*, em *louvor*;

• *palatais* (ou seja, quando a obstrução se dá pelo contato entre o dorso da língua e o palato duro): /lh/, como em *coelho*, em *folha*.

3.2.1.d. São *vibrantes* as consoantes quando implicam *vibração* ou *vibrações* da língua, decorrente(s) de seu contato intermitente com uma de duas zonas da boca.

Segundo a zona em que se dá o obstáculo, as duas consoantes vibrantes são sempre *alveolares*:

• uma é *alveolar simples* (ou seja, se se trata de vibração simples e frouxa da língua, cuja ponta toca levemente os alvéolos): /r/, como em *rara*, em *queremos*, em *feroz*, em *filtro*, em *brasa*;

• a outra é *alveolar múltipla* (ou seja, se se trata de vibrações múltiplas e intensas junto aos alvéolos): /rr/, como em *resto*, em *carta*, em *guelra*, em *casar*, em *ferro*, em *jarro*.

3.2.2. Consideremos agora os dois critérios restantes.

3.2.2.a. Segundo A AÇÃO DAS CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser:

• *sonoras* (ou seja, quando se produzem com vibração das cordas vocais): /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /r/, /v/, /z/, etc., como em *banda*, em *gosto*, em *lar*, em *mãe*, em *neto*, em *véu*, em *zarpar*;

• *surdas* (ou seja, quando se produzem sem vibração das cordas vocais): /f/, /k/, /p/, /s/, /t/, etc., como em *fato*, em *cor*, em *pai*, em *sal*.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Todas as vogais, lembremo-nos, são *sonoras*.

3.2.2.b. Segundo O LUGAR EM QUE SE DÁ A RESSONÂNCIA, as consoantes podem ser:

• *orais*, se a ressonância se dá na cavidade bucal: todas as consoantes menos as três nasais, como em *casa*, em *lago*, em *retirado*;

• *nasais*, se a ressonância se dá na cavidade nasal: /m/, /n/ e /nh/, como em *metro*, em *nariz*, em *canhestro*.

3.2.3. Já se pode dar, agora, o seguinte quadro geral das consoantes:[6]

1. OCLUSIVAS	2. FRICATIVAS
a) ***Bilabiais***: surda: /p/ sonora: /b/ nasal: /m/	a) ***Labiodentais***: surda: /f/ sonora: /v/

[6] Este quadro repete em parte o dado por Rocha Lima em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2010, p. 52.

b) ***Linguodentais***: surda: /t/ sonora: /d/ nasal: /n/ c) ***Palatal***: nasal: /nh/ d) ***Velares***: surda: /k/ sonora: /g/	b) ***Alveolares***: surda: /s/ sonora: /z/ c) ***Palatais***: surda: /x/ sonora: /j/
3. Laterais	4. Vibrantes
a) ***Alveolar***: /l/ b) ***Palatal***: /lh/	a) ***Alveolar simples***: /r/ b) ***Alveolar múltipla***: /rr/

Observação 1. Quando se encontram com a vogal inicial de palavra seguinte, o /rr/ final converte-se em /r/, e o /s/ final converte-se em /z/: com efeito, *caráter efetivo* pronuncia-se /caraterefetivo/; *casas alegres*, /casazalegres/; etc.

Observação 2. Insista-se em que tudo o que acabamos de dizer sobre as vogais e as consoantes portuguesas se funda sobre o princípio, enunciado mais acima, de que os fonemas que interessam à Gramática são os que se dizem *anterior e mais propriamente* tais. Dêmos aqui alguns exemplos de notáveis diferenças fonéticas que, porém, não importam essencialmente à Gramática.

- No âmbito das vogais:
  - ✓ Lisboa: /lai, rai/ x Brasil: /lei, rei/;
  - ✓ Portugal: /câda, mâs/ x Brasil: /cáda, más/;
  - ✓ Portugal: /sidento, corri/ x Brasil: /sedento, corri (*corre*)/;
  - ✓ Portugal: /currer, murar/ x Brasil: /correr, morar/;
  - ✓ ademais, em Portugal ocorre um fonema médio /ɑ/, algo entre o /ã/ e o /a/, como em *cama* ou em *amámos* (pretérito perfeito do indicativo, distinto foneticamente do presente do indicativo *amamos*). No Brasil, nos três exemplos se diz majoritariamente /ã/. – Mas em Lisboa tal fonema se dá também, por exemplo, em *tenho* [tɑnho] ou em *lenho* [lɑnho], as quais no Brasil não se dizem senão /tênho/ e /lênho/.
- No âmbito das consoantes:
  - ✓ Brasil: /boi, abrir/ x Portugal: /βoi, aβrir/ (como o espanhol /beβe/ [*bebe*]);
  - ✓ Nordeste do Brasil /tia, sete/ x Rio de Janeiro: /t'ia ou tchia, set'e/;
  - ✓ Sul do Brasil: /porrta [vibrante alveolar múltiplo]/ x Rio de Janeiro: /poʀta [vibrante velar forte]/ ou /poʀta [fricativo uvular sonoro]/ ou

/pohta [aspirado ou gutural]/ x Interior do Brasil: /poɹta [retroflexo ou cacuminal]/;

✓ Minas Gerais: /dois, este/ x Portugal e Rio de Janeiro: /doiʃ, eʃte/;

✓ etc.[7]

⮳ **Observação 3.** Para um exemplo mais abrangente do que dissemos, observe-se o seguinte quadro, em que podem ver-se as muitas e acentuadas diferenças entre a pronúncia lisboeta, a paulistana e a compostelana atuais – as duas primeiras no âmbito da língua portuguesa, e a última no âmbito do galego – na leitura de uma passagem (I, 33) d'*Os Lusíadas*, de Luís de Camões.[8]

Original	**(Lisboa)**	**(São Paulo)**	**(Santiago de Compostela)**
Sustentava contra ele Vénus bela,	suʃtẽ'tavɐ 'kõtrɐ 'eli 'vɛnuʒ 'βɛlɐ	sustẽ'tavɐ 'kõtrɐ 'eli 'venuz 'bɛlɐ	susten'taβa 'kontra 'el 'βɛnuz 'βɛla
Afeiçoada à gente Lusitana,	ɐfɐjsu'aða: 'ʒẽti luzi'tɐnɐ	afejsu'ada: 'ʒẽtʃi luzi'tɐnɐ	afejθo'aða: 'ʃente lusi'tana
Por quantas qualidades via nela	pur 'kwɐ̃tɐʃ kwɐli'ðaðiʒ 'viɐ 'nɛlɐ	pur 'kwɐ̃tɐs kwali'dadʒiz 'viɐ 'nɛlɐ	por 'kantas kwali'ðaðez 'βia 'nɛla
Da antiga tão amada sua Romana;	dɐ̃'tiɣɐ 'tɐ̃w̃ ɐ'maðɐ 'suɐ ʁu'mɐnɐ	dã:'tʃigɐ 'tɐ̃w̃ ɐ'madɐ 'suɐ ho'mɐnɐ	dan'tiɣa 'taŋ a'maða 'sua ro'mana
Nos fortes corações, na grande estrela,	nuʃ 'fɔrtiʃ kurɐ'sõȷ̃ʃ nɐ 'ɣrɐ̃diʃ'trelɐ	nus 'fɔrtʃis kora'sõȷ̃s na 'grɐ̃dʒis'trelɐ	nos 'fɔrtes kora'θons na 'ɣrandes'trela
Que mostraram na terra Tingitana,	ki muʃ'trarɐ̃w̃ nɐ 'tɛʁɐ tĩʒi'tɐnɐ	ki mos'trarɐ̃w̃ na 'tɛhɐ tʃĩʒi'tɐnɐ	ke mos'traraŋ na 'tɛra tinʃi'tana
E na língua, na qual quando imagina,	i nɐ 'lĩgwɐ nɐ 'kwał 'kwɐ̃du jmɐ'ʒinɐ	i na 'lĩgwɐ na 'kwaw 'kwɐ̃dima'ʒinɐ	e na 'liŋgwa na 'kal 'kando jma'ʃina
Com pouca corrupção crê que é a Latina.	kõ 'pokɐ kuʁup'sɐ̃w̃ 'kre ki'ɛ ɐ lɐ'tinɐ	kũ 'pokɐ kohup(i)'sɐ̃w̃ 'kre ki'ɛ a la'tʃinɐ	kom 'powka korup'θoŋ 'kre 'ke 'ɛ a la'tina

3.3. Os fonemas consonantais da língua portuguesa atual podem ser representados, na escrita:

- ou por apenas UMA LETRA (é o caso da maioria);

[7] Para um quadro mais completo das diferenças de pronúncia no âmbito lusófono, cf. Celso Cunha & Lindley Cintra, A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2008.

[8] Extraído de Landeg White, *The Lusiads – English Translation*. Oxford, Oxford University Press, (Oxford World's Classics), 1977.

- ou por um DÍGRAFO (grupo de duas letras usado para representar um único fonema): *ch, lh, nh, rr, ss,* e *gu* e *qu* antes de *e* e de *i* (quando, obviamente, o *u* não soe);
- ou, enfim, por MAIS DE UMA LETRA.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Podem reduzir-se de algum modo a dígrafos os seguintes encontros gráficos:

- *am, an, em, en, im, in, on, om, um, un,* que representam, como vimos, vogais nasais;[9]
- *ha, he, hi, ho, hu,* em que o *h*, antes de vogais orais, nunca soa (como em *haja*, em *herpes*, em *hino*, em *hoje*, em *húmus*);
- *ah, eh, oh,* nas respectivas interjeições, em que o *h* serve para representar o esforço particular com que pronunciamos a vogal que o precede;
- e *sc, sç, xc,* em que o *s* e o *x* não soam (como em *nascer, cresça, exceção*).[10] Atente-se, todavia, a que estes encontros, ao contrário dos anteriores, se separam na escrita: *nas-cer, cres-ça, ex-ce-ção.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Reconhecê-los como redutíveis a dígrafos, como se vê pelo próprio último caso referido, não tem nenhuma implicação ortográfica. Aliás, diga-se desde já, incorre o próprio VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), da Academia Brasileira de Letras, em equívoco resultante precisamente de confusão entre fonema e letra: tentando interpretar a regra de acentuação do hiato segundo o Novo Acordo Ortográfico, manda que se tire o acento de *maoísmo*, de *taoísmo* e de semelhantes, porque dizemos /mau-is-mo/, /tau-is-mo/, etc. Mas SEGUNDO A LETRA não há aí esse ditongo /au/, e sim o hiato *a-o* (*ma-o-ís-mo*). Tais palavras, ademais, também podem dizer-se assim mesmo, com este hiato.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Dígrafos como *th, ph, nn, dd, ck, oo,* etc., só os usamos para transcrever palavras estrangeiras ou para criar derivados portugueses seus.

Eis pois o quadro dos fonemas consonantais que são representados por diversas letras (ou por diversas letras ou dígrafos):[11]

---

[9] E que por vezes podem representar um *ditongo nasal*, como em *tem* (/têĩ/), *vêm* (/vêĩ/), *devém* (/devêĩ/), etc., maneira majoritária de pronunciá-lo.
[10] Em falares menos cultivados do Brasil, pronuncia-se este *s* ou este *x* como /s/; em muitos falares de Portugal, pronunciam-se as duas letras como se se tratasse de /ch/.
[11] Este quadro se baseia em parte no dado por Rocha Lima em *op. cit.*, p. 53-54.

Consoantes	Letras
1. A oclusiva velar surda /k/	***c*** (antes de *a*, de *o*, de *u*): *caso*, *cola*, *curso* ***k*** (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, bem como em seus derivados): *Kant*, *kantismo* ***qu*** (antes de *e* e de *i*): *queixo*, *quilo* ***q*** (antes de *u* semivogal):[12] *quase*
2. A oclusiva velar sonora /g/	***g*** (antes de *a*, de *o* e de *u*): *galho*, *gorro*, *gume* ***gu*** (antes de *e* e *i*): *gueto*, *guincho* ***g*** (antes de *u* semivogal): *sagui*
3. A fricativa labiodental sonora /v/	***v:*** *vidro* ***w*** (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, bem como em seus derivados): *Wagner*, *wagneriano*
4. A fricativa alveolar surda /s/	***s***: *sina*, *ânsia*, *peixes* ***ss*** (entre vogais): *missa*, *crasso* ***c*** (antes de *e* e de *i*): *céu*, *ciclo*, *macio* ***ç*** (antes de *a*, de *o* e de *u*): *raça*, *março*, *beiço* ***x***: *máximo*, *sintaxe*, *próximo* ***z***: *cabaz*, *polidez*
5. A fricativa alveolar sonora /z/	***z***: *zanzar*, *zero*, *vizinho* ***s*** (entre vogais): *casa*, *presépio*, *vasilha*, *inusual* ***x***: *exame*, *exemplar*, *eximir*
6. A fricativa palatal surda /x/	***x***: *rixa*, *peixe*, *caixote* ***ch***: *chave*, *flecha*, *chuva*
7. A fricativa palatal sonora /j/	***j***: *jazigo*, *hoje*, *jiló* ***g*** (antes de *e* e de *i*): *gente*, *ginásio*
8. A vibrante velar sonora /rr/	***r***: *rastro*, *forte*, *genro*, *rezar* ***rr*** (entre vogais): *erro*, *jarro*, *espirro*

3.4. Entre as vogais e as consoantes, encontram-se as **semivogais**, ou seja, os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, formam com ela um ditongo ou um tritongo.[13] Num ditongo ou num tritongo, a semivogal sempre soa mais debilmente que a vogal. Assim, em *sei*, em *fui* ou em *uruguaio* o /i/ é semivogal (mas não o é em *rio*, onde é a primeira vogal, tônica, de um hiato, nem em *viu*, onde é a vogal de um ditongo); e em *saiu* ou em *Uruguai* o /u/ também é semivogal (mas não o é em *Saul*, onde é a segunda vogal, tônica, de um hiato, nem em *rui*, onde é a vogal de um ditongo).

[12] *Vide* abaixo a definição de semivogal.

[13] Para ditongo, para tritongo e também para hiato, *vide* mais adiante.

- Alguns preferem ao termo semivogal o termo *semiconsoante*.
- Não raro as semivogais são representadas diferentemente: por /y/ (em vez de /i/) e por /w/ (em vez de /u/).

IV
A SÍLABA

4.1. Sílaba é o grupo fonético que se pronuncia de um só golpe ou esforço de voz. Sonoramente e graficamente, os fonemas e as letras estão para as palavras assim como os tijolos estão para a casa, enquanto as *sílabas* estão para as palavras assim como as paredes já feitas estão para a mesma casa. Exemplos: *ah* compõe-se de uma só sílaba; *alma*, de duas (*al-ma*); *atracar*, de três (*a-tra-car*); etc.

Observação. Como veremos imediatamente, porém, as sílabas podem constituir-se de um só fonema.

4.2. As sílabas podem ser INCOMPLEXAS, quando se compõem de uma só vogal ou de um ditongo ou de um tritongo: *oh, ei, eu, uai.* Ou COMPLEXAS, quando se compõem de vogal ou de ditongo ou de tritongo e consoante(s): *Bra-sil, ju-deu, U-ru-guai.*

- Em nossa língua, como nas demais neolatinas, o tipo mais geral de sílaba é o formado por consoante e por vogal: *re-to, pu-si-lâ-ni-me.*
- A vogal é o elemento fundamental, o fonema que ressalta numa sílaba. As VOGAIS é que propriamente *soam*, enquanto as CONSOANTES *consoam.* As SEMIVOGAIS ou SEMICONSOANTES, como é natural, *semissoam* ou *semiconsoam.*
- Pode uma vogal, como se viu, constituir sozinha uma sílaba. Por outro lado, todavia, em uma sílaba só pode haver uma vogal.

4.3. As sílabas COMPLEXAS, ademais, podem ser classificadas segundo duplo critério.

4.3.1. Conforme ao primeiro critério, são:

- *diretas* se começam por consoante (*boi, ma-ça, re-ben-to*);
- *inversas* se começam por vogal (*ás, is, os*);
- *mistas* se começam e terminam por consoante (*sol, três, rol*).

4.3.2. Conforme ao segundo critério, são:

- *abertas* se terminam por vogal (*cá, pé, pó*);
- *fechadas* se terminam por consoante (*mar, ser, pôr*).

4.3.3. Veja-se, pois, que às abertas correspondem as diretas, enquanto às fechadas correspondem tanto as inversas como as mistas.

4.4. Em português, as sílabas podem constar de um fonema ou letra, ou de várias, até cinco (*trans-*, por exemplo).

> ➢ Como dito mais acima, as sílabas estão para as palavras assim como as paredes já feitas estão para a casa. E cada palavra é essa única sílaba ou esse conjunto de sílabas com que se expressa uma só ideia ou conceito. As palavras são, por conseguinte, as unidades de significação da linguagem, o que implica dizer que suas partes, enquanto partes, não têm significação própria. Vê-lo-emos mais aprofundadamente na Quarta Parte.

4.5. Majoritariamente as palavras portuguesas têm de uma a sete sílabas. Raras são as que têm oito ou mais. Por este ângulo, classificam-se:

- em *monossílabas* quando constituídas de uma sílaba;
- em *dissílabas* quando constituídas de duas sílabas;
- em *trissílabas* quando constituídas de três sílabas;
- em *polissílabas* quando constituídas de mais de três sílabas.

V
OS ENCONTROS

5.1. O HIATO.

5.1.1. Quando a uma sílaba terminada por vogal se segue outra também começada por vogal, dá-se um HIATO. Pode definir-se, pois, o hiato como *grupo de duas vogais contíguas que pertencem a sílabas diferentes*.

5.1.2. Por conseguinte, ocorrerá *necessariamente* hiato sempre que duas VOGAIS, iguais ou diferentes, se encontrarem: *reexaminar, niilismo, magoo*, etc.; *aéreo, saeta, caol*, etc.; *oboé, feérico, coorte*, etc.; *traidor, apaular*, etc.; *tia, raízes, rua, Raul, ruína, enviúvam*, etc.

➢ Em palavras como *fortuito*, *gratuito*, *reviu*, não há encontro de duas vogais, mas de uma vogal e de uma semivogal, ou seja, há *ditongo* (/úi/ e /íu/) e não hiato.

5.2. O ditongo e o tritongo.

5.2.1. Ditongo é o encontro de uma vogal e de uma semivogal em uma mesma sílaba. Os ditongos podem classificar-se de modo múltiplo.

5.2.1.a. Podem ser *orais* ou *nasais*: *pai*, *teu*, *dói* (orais); *muito*, *falam*, *anões* (nasais).

➢ *Muito* (e *mui*) é o único caso, em português, em que a nasalidade vocal não é indicada graficamente de modo algum.

➢ Atente-se a que de fato, na fala, há ditongos nasais em *calam* e em *anões*. Na escrita, porém, trata-se de *vogal* + *consoante*, no primeiro caso; e de *duas vogais*, no segundo. E importará muito esta distinção quando se tratar de ortografia.

5.2.1.b. Podem ser, ademais, *abertos* ou *fechados*: *réu*, *apoio* [1ª. pessoa do presente do indicativo] (abertos); *seio*, *boi* (fechados).

5.2.1.c. Também *tônicos* ou *átonos*: *infiéis*, *heroico* (tônicos); *fáceis*, *eufonia* (átonos).

5.2.1.d. Ainda *crescentes*, quando começam pela semivogal, ou *decrescentes*, quando começam pela vogal: *quase*, *série* (crescentes); *cai*, *roupa* (decrescentes).

➢ Em português, e em especial o do Brasil, os ditongos crescentes finais átonos /ia/, /ie/ e /io/ (como em *família*, em *cárie*, em *Mário*) podem pronunciar-se também como hiatos: *famíli-a*, *séri-e*, *Mári-o*. Veremos no devido momento como este fato duplo é tratado pelo regime ortográfico oficial.

5.2.2. Tritongo é o encontro, em uma mesma sílaba, de uma vogal com (e entre) duas semivogais: *guaiaco*, *averiguei*, etc.

➢ Obviamente, não há tritongo em *queima*, porque o *qu* é aqui um dígrafo. Nesta palavra há, portanto, apenas o ditongo /ei/ (/keima/).

5.3. Há ENCONTROS INSTÁVEIS, ou seja, aqueles com respeito aos quais, por diversidade de motivos, se dá certa flutuação de pronúncia. Acham-se neste caso:

5.3.1. os encontros finais átonos, que podem cumprir-se já como ditongos crescentes, já como hiatos (como visto acima);

5.3.2. de modo geral, os encontros de /i/ e de /u/ átonos com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona, os quais também ora se emitem como ditongos crescentes, ora (o mais das vezes) como hiatos: *fiel*, *violento*, *persuadir*, etc.

5.4. Há, ainda, os ENCONTROS CONSONANTAIS, que podem dar-se *em uma mesma sílaba* ou *em sílabas consecutivas.*

5.4.1. Os da primeira classe, inseparáveis, são comumente chamados GRUPOS CONSONANTAIS, e têm quase sempre /l/ ou /r/ por segunda consoante. Exemplos:

- /bl/ – *bloco*, *Bíblia*;
- /br/ – *abraço*, *febricitante*;
- /cl/ – *clima*, *bicicleta*;
- /cr/ – *cravar*, *lacre*;
- /fl/ – *flâmula*, *flor*;
- /fr/ – *fraco*, *sofrimento*;
- /gl/ – *glória*, *Inglaterra*;
- /gr/ – *grande*, *onagro*.

E ainda estes, menos frequentes:

- /pn/ – *pneu*;
- /gn/ – *gnosiologia*.

5.4.2. Nos da segunda classe – os separáveis, chamados ENCONTROS CONSONANTAIS DISJUNTOS –, cada consoante pertence a uma sílaba:

- /b-s/ – *sub-sumir*;
- /c-c/ – *evic-ção*;
- /c-t/ – *aspec-to*;
- /d-v/ – *ad-vogado*;
- /f-t/ – *Naf-talina*;
- /t-m/ – *rit-mo*.

> ➢ Insista-se em que os DÍGRAFOS não são verdadeiros grupos consonantais.
>
> ➢ Certas combinações podem constituir ora grupos consonantais, ora encontros disjuntos. É o que se dá, por exemplo, com *bl*: é grupo consonantal em *ablativo* (*a-bla-ti-vo*) e encontro disjunto

em *sublinhar* (*sub-li-nhar*); ou, ainda, com *br*: é grupo consonantal em *Brasil* (*Bra-sil*) e encontro disjunto em *ab-rogar* (*ab-ro-gar*).

➢ Desde o início vimos falando de uma tríplice divisão, a FONÉTICA, a ORTOÉPIA e a PROSÓDIA: a primeira enquanto relativa à emissão geral dos fonemas; a segunda, ao timbre dos fonemas; e a terceira, à acentuação dos fonemas. É divisão algo arbitrária, de intuito antes didático. Mas importa insistir aqui em algo já dito reiteradamente:

- à Gramática não compete solucionar e normatizar *todas* as questões relativas à boa dicção dos fonemas, das palavras, das frases, dos discursos;
- mas algo, sim, ela pode fazer mais diretamente: por exemplo, dizer que o *rr velar* contribui mais para a didática de um professor ou para a eficácia de um orador que o *rr uvular* e que o *retroflexo*; que professores e oradores em geral devem evitar, ao menos em público, a perda de traços distintivos, razão por que devem sempre dizer *mal* com /l/ e não com /u/, deixando este reservado exclusivamente para *mau*; que no falar cultivado não se devem cometer os erros mais estritamente prosódicos, como veremos um pouco mais abaixo.

➢ E, em se tratando de *encontros consonantais* (disjuntos ou não), evite-se o erro tão estendido no Brasil de acrescer à sua primeira consoante um /i/ ou até um /e/: "ade-vogado" (por *ad-vogado*), "capi-tar" (por *cap-tar*), "ríti-mo" (por *rit-mo*); "pe-neu" (por *pneu*); etc. É acréscimo desfigurador. A primeira consoante destes encontros não consoa, senão que SOA TRAVADAMENTE – donde chamar-se *muda*.

VI
TONICIDADE E ATONICIDADE

6.1. ACENTUAÇÃO, em sentido geral, é o relevo dado a determinada parte fonética, isto é, a alguma sílaba de palavra ou de grupo de palavras; e denomina-se PROSÓDIA o estudo da acentuação.

OBSERVAÇÃO. Mas também se denomina PROSÓDIA a mesma boa acentuação das palavras.

6.2. O acento das palavras e/ou dos grupos de palavras pode ser de diferentes espécies, relativas a diversas qualidades físicas dos fonemas: a INTENSIDADE (maior ou menor força expiratória com que se proferem os fonemas); o TIMBRE (característica acústica resultante de certos harmônicos produzidos na laringe pelas cordas vocais); a QUANTIDADE (maior ou menor duração com que são emitidos); e a ALTURA (maior ou menor frequência com que vibram as cordas vocais para a emissão dos fonemas). Enquanto a quantidade interessa particularmente à Gramática de línguas como o latim e o grego antigo, e a altura à de línguas como o chinês, interessa particularmente à Gramática do português o *timbre* e a *intensidade*: aquele no âmbito da ORTOÉPIA, e esta no da PROSÓDIA.

6.3. Mais precisamente, entende-se por ACENTO DE INTENSIDADE a maior força expiratória com que uma sílaba se opõe às que lhe são contíguas no corpo das palavras. Aquela pois se dirá SÍLABA TÔNICA; e estas, SÍLABAS ÁTONAS OU SUBTÔNICAS.[14] E de fato, insista-se, o acento característico da língua portuguesa é o de *intensidade*, que, regular e fixo, destaca determinada sílaba de cada vocábulo (conquanto, como veremos, haja tanto monossílabos tônicos como monossílabos e dissílabos átonos); e é capaz até de servir de certo traço distintivo. Isto último se dá quando se têm, em determinadas e distintas palavras, os mesmos fonemas distribuídos na mesma sequência, como nos seguintes exemplos:

- ✓ *edito* (substantivo e verbo) / *édito* (substantivo);
- ✓ *amálgama* (substantivo) / *amalgama* (verbo);
- ✓ *sábia* (adjetivo) / *sabiá* (substantivo) / *sabia* (verbo).

6.4. Nas palavras de duas ou de mais sílabas, quase sempre há uma que se destaca da(s) outra(s) – justamente por ser proferida com maior intensidade. Aquela é, como dissemos, a *sílaba tônica*, enquanto esta(s) é(são) *átonas*. Pois bem, de acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se:

6.4.1. em OXÍTONAS – quando o acento recai na ÚLTIMA SÍLABA: *a-nis, ca-já, ci-pó*;

6.4.2. em PAROXÍTONAS – quando o acento recai na PENÚLTIMA SÍLABA: *a-cór-dão, bair-ro, ca-dei-ra*;

6.4.3. em PROPAROXÍTONAS – quando o acento recai na ANTEPENÚLTIMA SÍLABA: *pró-fu-go, sâns-cri-to, té-tri-co*.

---

[14] Em verdade, tais sílabas não deveriam chamar-se "tônicas" ou "átonas", porque, com efeito, *tônico* e *átono* dizem respeito antes ao acento tonal, característico especialmente, como visto, do chinês, mas também de várias outras línguas asiáticas e, de algum modo, do sueco, do sérvio, do lituano. Trata-se, todavia, de denominação já muito tradicional entre nós.

6.5. As palavras de mais de três sílabas, todavia, sobretudo as derivadas, quase sempre têm, além do acento principal, um ou mais acentos secundários; e é à mais perceptível das sílabas com acento secundário que a Gramática chama *subtônica.* Tenham-se os seguintes exemplos:

- ✓ *confortável* + *MENte* = *confortavelMENte* (sílaba tônica: *-MEN*; subtônica: *-ta*);
- ✓ *atual* + *i* + *DAde* = *atualiDAde* (sílaba tônica: *-DA*; subtônica: *-a*).

VII
PALAVRAS DE ACENTUAÇÃO VICIOSA

§ Esta é a parte propriamente normativa da PROSÓDIA que pode atribuir-se à Gramática. E, com efeito, o erro prosódico deforma a figura dos vocábulos, razão óbvia por que devemos evitá-lo. Eis algumas das palavras em que, mesmo nos meios mais escolarizados, comumente se comete erro prosódico:

7.1. São **OXÍTONAS:**

cateter[15]
refém
ureter
condor
ruim
novel
sutil

7.2. São **PAROXÍTONAS:**

ambrosia[16]
aziago
boêmia[17]
diatribe
estalido
gratuito (úi)
ímã[18]
matula
alano
barbaria
ciclope
edito (lei)
êxul
hosana
inaudito
misantropo
avaro
batavo
decano
efebo
grácil
ibero
maquinaria[19]
mercancia

---

[15] Embora no próprio meio médico se diga, mais comumente, "catéter".

[16] *Ambrosia* é o alimento; *ambrósia*, a árvore.

[17] Também pode dizer-se como proparoxítona: *bo-ê-mi-a*. Menos conveniente, no entanto, é a popular *bo-e-mi-a*.

[18] Já está fixada, nos dias de hoje, a prosódia paroxítona da palavra. Se se seguisse o étimo, porém, seria oxítona (vem do francês *aimant*; e o *t* final do vocábulo francês reaparece, ainda em português, em *imantar*).

[19] Sinônimo: *maquinário*.

nenúfar
onagro
opimo
policromo[21]
quiromancia
sinonímia[25]
Normandia
orquídea
ortoépia[20]
pudico[22]
refrega
têxtil
Oceania
pegada
pletora
quíchua[23]
rubrica[24]
ubíquo

➢ São corretas ambas as prosódias *projétil* e *projetil*, *réptil* e *reptil*, *sóror* e *soror*, *zangão* e *zângão*. Mas *projétil*, *réptil*, *sóror* e *zangão* dominam amplamente.

7.3. São **PROPAROXÍTONAS:**

ádvena
álacre
alcoólatra
anêmona
antífrase
aríete
bávaro
bólido (*-e*)
cotilédone
etíope
férula
idólatra
aeródromo
álcali
amálgama
anídrido
antístrofe
arquétipo[26]
bímano
brâmane
crisântemo
êxodo
gárrulo
ímprobo
ágape
alcíone
andrógino
antífona
areópago
azáfama
biótipo[27]
Cérbero
égide
fagócito
hégira
ínclito

---

[20] Também pode dizer-se como proparoxítona: *or-to-é-pi-a*.
[21] *Policromo*: 'que tem muitas cores, multicor'. Não confundir com *polícrono*: 'que é duradouro'.
[22] Com efeito, é esta a prosódia que segue o étimo: a palavra vem do latino *pudīcus, a, um*. O espanhol não segue o étimo: diz e escreve *púdico, impúdico*.
[23] Também pode dizer-se como proparoxítona: *quí-chu-a*. Diz-se ainda *quéchua*.
[24] Aqui também, é esta a prosódia que segue o étimo: a palavra vem do latino *rubrīca, ae*. Tampouco aqui o espanhol segue o étimo: diz e escreve *rúbrica*.
[25] Também pode dizer-se como proparoxítona: *si-no-ní-mi-a*.
[26] A prosódia portuguesa segue o gr. *archétypon* > lat. *archetȳpum, i*; como, porém, a palavra chega à Península Ibérica através do fr. *architipe* (1º. terço do século XIII, hoje *archétype*), o espanhol diz e escreve *arquetipo*.
[27] Palavra moderna, vem-nos do ing. *biotype* e/ou do fr. *biotype*. Talvez seja para seguir o modelo de *arquétipo* (*vide supra*) e *protótipo* (*vide infra*) que se prefere *biótipo* a *biotipo*.

ínterim
Niágara
plêiade
quadrúmano
Tâmisa

leucócito
ômega
prófugo
revérbero
zéfiro

lêvedo
périplo
protótipo[28]
sátrapa
zênite

VIII

GRUPO ACENTUAL E PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS

8.1. Chama-se **GRUPO ACENTUAL** ao segmento da fala formado de duas ou de mais palavras subordinadas a um único acento.[29] São como *palavras estendidas* (em português, apenas foneticamente).[30]

8.2. E é sobretudo por isso que se pode falar de **PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS**. Veja-se o exemplo:

Ao vê-lo, / enterneceu-se.

Pode notar-se, com certa facilidade, que nesses grupos acentuais apenas as palavras sublinadas têm efetiva tonicidade, sendo *ao* e *lo* como sílabas fonéticas de *vê*, e *se* de *enterneceu*.

8.3. São **ESSENCIALMENTE ÁTONOS** em grupos acentuais:

8.3.1. ENTRE OS MONOSSÍLABOS,

- os pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, nos, vos*; *o*(*s*), *a*(*s*); *lhe*(*s*);
- os artigos: *o*(*s*), *a*(*s*); *um*(*ns*), *uma*(*s*);
- os pronomes relativos *que* e *quem*;
- as preposições e as conjunções;

8.3.2. ENTRE OS DISSÍLABOS,

- a preposição *para*;
- as conjunções *como* e *porque*;
- as contrações *pelo*(*s*), *pela*(*s*), etc.

---

[28] A prosódia portuguesa segue o gr. *prōtótypos, os, on* > lat. *prototȳpus, a, um*. Mas diz-se e escreve-se em espanhol: *prototipo*.

[29] Não podemos concordar com que também as palavras possam considerar-se, em si mesmas, grupos acentuais.

[30] Vê-se, porém, que em espanhol se sentem um pouco mais integradas à palavra tais sílabas fonéticas. Com efeito, em vez de usar o hífen como em *vê-lo*, o espanhol escreverá *verlo*; e essa mesma ausência de hífen como que "funde" mais o pronome na palavra a que está foneticamente subordinado.

8.4. Substantivem-se porém tais palavras: tornam-se ACIDENTALMENTE TÔNICAS. É o que se dá, por exemplo, em

✓ *O "o" é um artigo definido,*

onde "*o*" passa a núcleo do grupo acentual *O "o"*.

8.5. Ao contrário, palavras TÔNICAS podem passar a ACIDENTALMENTE ÁTONAS em grupos acentuais. Assim, em *nosso pai* as duas sílabas de *nosso* são como sílabas de *pai*; mas em *pai nosso* se dá o inverso: aqui *pai* se torna como sílaba de *nosso*.

8.6. E, como se vê já pelo último exemplo, nem todos os monossílabos são átonos. Grande número é TÔNICO. São substantivos, pronomes, verbos, advérbios: *eu, tu, dor, mês, pé, pó, sou, sai, cá, já*, etc. Nos exemplos a seguir, podemos ver tais monossílabos funcionar como centro de grupo acentual:

✓ *deu-lhe; um mês; de eu* (+ infinitivo); *e já*; etc.

IX

POSIÇÃO DAS PALAVRAS ESSENCIALMENTE ÁTONAS

9.1. As palavras ESSENCIALMENTE ÁTONAS podem adotar, com respeito ao núcleo de um grupo acentual, *três posições*. Podem estar:

- em **PRÓCLISE**, quando aparecem como sílaba inicial de palavra tônica: *se CHOVER*; *onde o ENCONTRASTE*; *quando lhes DEU o DIPLOMA*; etc.;
- em **ÊNCLISE**, quando aparecem como sílaba final de palavra tônica: *FIZERAM-se*; *OBSERVARAM-no*; *SITUÁ-la*; *DIZER-vos*; etc.;
- em **MESÓCLISE**, quando aparecem como sílaba medial de palavra tônica (tão somente em verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito): *FAR-se-IA*; *AGRADAR-lhe-IAS*; *OCUPÁ-lo-EMOS*; etc.

Observação 1. Somente os pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, nos, vos*; *o*(*s*), *a*(*s*), *lhe*(*s*) podem estar – sozinhos ou, como veremos em seu momento, combinados com algum outro deles –, nas três posições: *próclise, ênclise* e *mesóclise*. Da colocação deles nos grupos acentuais ocupar-nos-emos na Nona Parte.

Observação 2. As demais PALAVRAS ÁTONAS só se colocam em *próclise*.

9.2. Pode dar-se, ainda na fala do português hodierno, prosódia monossilábica tanto dos possessivos femininos *tua*(*s*) *e sua*(*s*) como do numeral *duas* quando proclíticos. Então, o ditongo decrescente /úa/ converte-se num crescente /uà/.

9.3. Mais importante para nossos fins é a possibilidade de redução do corpo de *certas palavras essencialmente tônicas* quando em *próclise*: são as APÓCOPES. É o caso

- de SÃO (*santo*) antes de nomes próprios começados por consoante: *SÃO José*, *SÃO Paulo* (mas *SANTO Agostinho*, *Santo Estêvão*);[31]
- de FREI (*freire*) antes de nomes próprios: *FREI Damião*, *FREI Vicente de Salvador*;
- de QUÃO (*quanto*): *QUÃO belos são estes poemas!*;
- das atualmente pouco usadas MUI (*muito*) e GRÃO, GRÃ (*grande*): *MUI apressadamente*; *GRÃO problema*; *uma GRÃ cidade*.



X
OS VÁRIOS SISTEMAS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

§ Pode dividir-se a história da ortografia portuguesa em três fases:[32]

a. a FONÉTICA, que coincide com a chamada etapa arcaica de nossa língua;

b. a ETIMOLÓGICA, que se estende do Renascimento até à primeira década do século XX;

c. a da chamada NOVA ORTOGRAFIA, iniciada em 1911.

10.1. Na FASE FONÉTICA, tentava-se escrever *exatamente* como se falava, donde o nome da fase. Como não podia deixar de ser, todavia, imperava a mais absoluta arbitrariedade – justamente porque a ortografia ou representará de modo sistemático os fonemas *anterior e mais propriamente* ditos fonemas e não todos e quaisquer fonemas da língua,[33] ou nem haverá ortografia propriamente dita, mas modos mais ou menos incoerentes de TRANSCRIÇÃO fonética. Basta um lance de vista numa crestomatia crítica de poemas medievais para constatá-lo. Veja-se o caso do *h*:[34] ele então servia ora para indicar a tonicidade da vogal (*he* = é); ora para assinalar a presença de um hiato (*trahedor* = traidor); ora para representar o fonema /i/ (*sabha* = sabia); ora para algo que hoje dificilmente podemos compreender, razão por que parecia por vezes instalar-se sem função definida (*hũa* = ũa [uma]), *hidade* = idade). Ademais, a mesma palavra aparecia escrita com *h* ou sem ele: por exemplo, *havia* e *avia*, *hoje e oje*, *homem e omem* (ou ainda *ome*).

---

[31] Constituem exceção *SANTO Tomás de Aquino* e poucos mais, como *SANTO Tirso*. É uso antigo. Diga-se, porém, *SÃO Tomás* (ou *Thomas*) *Becket*, etc.

[32] Ainda aqui tenhamos suposto o dito na Primeira Parte, I.

[33] Como dito nesta mesma Terceira Parte.

[34] Quanto ao uso do *h* na FASE FONÉTICA, valemo-nos de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 77.

10.2. Na FASE ETIMOLÓGICA, por sua vez, diretamente resultante do humanismo renascentista e sua obcecação pelo mundo clássico, buscou-se dar sistematicidade à ortografia portuguesa fazendo-a aproximar-se o mais possível da greco-romana. Mas, como hoje sabemos, nem sempre os gramáticos do século XVI ao XVIII foram felizes em seu intento, e por dupla razão: pelo artificial mesmo que era dar feição estrangeira à ortografia; e pelos próprios equívocos cometidos em sua empresa. Por isto muitos preferem chamar PSEUDOETIMOLÓGICA a esta fase. Não estamos acordes nisso, antes de tudo porque não se há de definir algo pelo acidental (e os erros cometidos então foram acidentais). Ademais, esta espécie de ortografia ainda é a vigente, por exemplo, no francês, e em parte também no inglês, sem que tenha havido no âmbito destes idiomas muitas tentativas de reformá-la.[35] Já daremos nosso parecer sobre as reformas ortográficas em geral, e sobre a última entre nós em especial. Fiquemos, por enquanto, com exemplos de dígrafos e de letras da ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA portuguesa:[36] o *ph* (*nympha, philosophia, typho*); o *th* (*Athenas, esthetа, theatro*), o *rh* (*rheumatismo, rhombo*), o *ch* (*cherubim, chimica, technico*), o *y* (*hydrophobia, martyr, pyramide*); consoantes geminadas intervocálicas como *bb, cc, pp, tt* (*abbade, bocca, approximar, gatto*); *et reliqua*.

10.3. Enquanto a ortografia etimológica resultara do espírito humanista, a chamada NOVA ORTOGRAFIA resultou do espírito positivista-cientificista. É inegável, todavia, que foi benéfica para nossa escrita. Sem abandonar de todo o etimológico (veja-se, muito por exemplo, o caso do *h* de *hoje*, de *homem*, etc.), mas buscando sobretudo representar os fonemas *anterior e mais propriamente* ditos fonemas, simplificou a ortografia e deu-lhe ainda mais sistemacidade. Seu marco inicial é o ano de 1911, quando foi oficializada pelo governo português. Em 1931, foi estendida ao Brasil por um Acordo firmado entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, com aprovação dos dois governos. A Constituição brasileira de 1934, no entanto, determinou a volta ao sistema etimológico; e não foi senão após novo entendimento entre os dois governos que o Acordo de 1931 tornou a vigorar no Brasil. Adotou-se em Portugal, em 1946, um novo sistema ortográfico, que porém não foi adotado entre nós; continou vigente aqui o sistema de 1931. Em 1971, de conformidade com parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, o Congresso Nacional brasileiro

[35] Uma de tais tentativas foi a do escritor inglês Bernard Shaw (1856-1950), autor do romance *Pigmaleão* (*Pygmalion*), no qual precisamente se satiriza a ortografia inglesa.

[36] Valemo-nos dos exemplos dados, ainda, em Rocha Lima, *op. cit.*, p. 78.

aprovou e o Presidente da República sancionou projeto de lei em que se introduziam pequenas alterações na acentuação gráfica. Finalmente, agora com a ratificação e assinatura dos membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste –, entrou em vigor em 10 de janeiro de 2009 um novo Acordo Ortográfico, a cuja versão final se chegara em 1990.[37]

XI
O QUE PENSAR DAS REFORMAS ORTOGRÁFICAS

11.1. Dizia Aristóteles, pouco mais ou menos, que é preferível uma constituição imperfeita mas duradoura a uma sucessão de constituições melhores mas efêmeras: porque, explicava ele, é impossível educar ético-politicamente os cidadãos sem o aprendizado de uma legislação estável.[38] Conquanto se tenha de matizar tal afirmação (o que, porém, é assunto para outro lugar), podemos todavia aplicá-la proficuamente à ortografia. Com efeito, uma ortografia estável no tempo torna-se um *éthos*, um costume: o pai a ensina ao filho, que a ensina ao filho, que a ensina ao filho, e assim sucessivamente. Fácil é concluir o que sucede se se perde tal permanência, tal estabilidade no tempo, a alguém que aos 60 anos tem de experimentar, com desgosto, a terceira ortografia de sua vida, ou a uma criança recém-alfabetizada que de súbito tem de aprender uma nova ortografia.

11.2. Sem dúvida, como já dissemos, embora o francês, por exemplo, siga adotando a *ortografia etimológica* sem maiores percalços, é inegável o ganho de simplicidade, de sistematicidade e de coerência proporcionado pela *nova ortografia*, a iniciada em 1911. O que não convém de modo algum é uma sucessão de reformas como as empreendidas após aquela; veja-se em **10.3** *supra* que tal sucessão se aproxima do vertiginoso. Além disso, por mais que se reforme um sistema ortográfico, nunca se atingirá a perfeição; tentá-lo é vão, dada a própria falta de correspondência precisa entre os fonemas e as letras, e também a mesma história da língua. Não obstante tudo isso, opomo-nos todavia às tentativas de revogar legalmente o novo

---

[37] Note-se, todavia, que a obrigatoriedade do uso do novo Acordo Ortográfico, que deveria entrar em vigor no Brasil em 31 de dezembro de 2012, foi adiada para 1º de janeiro de 2016. Ajustou-se assim o prazo brasileiro ao de Portugal.

[38] Cf. Aristóteles, *Política*, II, 8, 1269 a 4.

sistema ortográfico, e até a que não seja acatado ou aplicado. Pois tal revogação ou tal não aplicação só fariam ou fazem agravar aquele quadro vertiginoso e as consequências apontadas acima. Nem sequer debateremos as razões aludidas para que se desse a nova reforma (o que, no entanto, cabe fazer em outro lugar); tão somente exporemos o novo sistema ortográfico do modo que nos parece mais claro e simples, dando a par disso alguma solução para certas obscuridades.[39]

XII
O ATUAL SISTEMA ORTOGRÁFICO

12.1. O alfabeto português.

12.1.1. Valemos-nos na escrita das seguintes 26 LETRAS: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.*

12.1.2. As letras *k, w* e *y* – acrescentadas ao alfabeto pelo novo Acordo Ortográfico – só se usam nos seguintes casos:

- em abreviaturas e em siglas de nomes e de títulos estrangeiros;
- como símbolos de termos técnicos de uso internacional:
  - ✓ K – *potássio*; *kelvin*;
  - ✓ kA – *quiloampere*;
  - ✓ Kr – *criptônio*;
  - ✓ kg – *quilograma*;
  - ✓ km – *quilômetro*;
  - ✓ kW – *quilowatt*;
  - ✓ kWh – *quilowatt-hora*;
  - ✓ W – *tungstênio*; *oeste*
  - ✓ w – *watt*;
  - ✓ Y – *ítrio*; *hipercarga*;
  - ✓ yd – *jarda*;
  - ✓ etc.;
- em estrangeirismos: *Kyrie, western, hobby*, etc.;[40]

[39] Estamos cientes de que, ao expor o novo sistema ortográfico, nossa *Suma Gramatical* se expõe ao risco de caducar prematuramente neste ponto, porque, com efeito, a falta de responsabilidade quanto à permanência da língua se vai acentuando assustadoramente. Mas tampouco poderíamos deixar de ensinar parte tão fundamental de todo e qualquer idioma como o é a ortografia.

[40] Os estrangeirismos desta classe devem pôr-se sempre em itálico.

- em nomes próprios estrangeiros: *Kuwait, Walter, Yvonette*, etc.;
- em palavras derivadas de nomes estrangeiros: *kantismo, wagneriano, taylorismo*, etc.

➢ O novo Acordo Ortográfico recomenda que, quando possível, os topônimos estrangeiros se aportuguesem:
✓ *Genebra* (em lugar de Genève);
✓ *Madri* (em lugar de Madrid);
✓ *Munique* (em lugar de Munich);
✓ etc.

Observação. O preferível neste ponto, parece-nos, é seguir o usado majoritariamente. Por exemplo, no Brasil já de há muito se usa, preferentemente, o híbrido *Nova York* (e não New York nem Nova Iorque); sigamo-lo pois os brasileiros. Ainda por exemplo, no Brasil usamos *Moscou*, enquanto em Portugal se usa *Moscovo*; siga-se usando em cada país, portanto, o que já lhe é tradicional. E assim sucessivamente.

12.1.3. Quanto às CONSOANTES MUDAS,

- não se escrevem as que não se pronunciam em parte alguma: assim, por exemplo, *asma, diretor, salmo* (e não "asthma", "director", "psalmo");
- conservam-se as constantemente pronunciadas: *cooptar, dicção, eucalipto*, etc.;
- quando se trata de dicções diversas segundo os diferentes países lusófonos, a escrita das consoantes mudas é facultativa: *contacto* ou *contato*; *subtil* ou *sutil*; *sumptuoso* ou *suntuoso*; etc.[41]
- As consoantes dobradas *rr* e *ss* – que representam, respectivamente, o fonema vibrante alveolar múltiplo /rr/ e o fricativo alveolar surdo /s/ – só se escrevem entre vogais: *correr, correlacionar, antessala, sacrossanto*, etc. Para representarem os mesmos fonemas quando em início de palavra, usam-se o *r* e o *s* simples (*rezar, saúde*, etc.); se em outra posição, o segundo destes dois fonemas também pode ser representado por *c*, por *ç*, por *x* ou por *z* (*cedo, caça, máximo, vez*, etc.).

12.1.4. A LETRA *H*, que em português não representa fonema algum, pode encontrar-se em três posições:

---

[41] Atenção, porém: em *óptico*, em *óptica* e em derivadas, o *p* não é opcional, mas obrigatório. – Ademais, ainda que sejamos brasileiro, preferimos *intacto, veredicto* e *céptico*/*cepticismo* por diversas razões, entre as quais a tradição.

- INICIAL, onde permanece por tradição e por etimologia: *honra, hóstia, humilde*, etc.;
- MEDIAL, de onde é suprimida se não se seguir a hífen: assim, *desarmonia* (e não "desharmonia"), *inabitado* (e não "inhabitado"), *reaver* (e não "rehaver"), etc.; mas *anti-horário, pré-história, sub-humano*, etc.;[42]
- FINAL, em algumas interjeições: *ah!, eh!, oh!*, etc.

> Não se confunda a interjeição *oh!* com *ó*, interjeição que só se usa antes de vocativo, para reforçá-lo: *Ergue-te, ó homem, de tua prostração.*
> Ademais, não se deve grafar a interjeição *ó* como "ô", apesar de ser esta a pronúncia corrente em grande parte do Brasil de hoje.

12.1.5. O *h* ainda se encontra em *ch, lh* e *nh*, os quais, no entanto, são DÍGRAFOS propriamente ditos: representam fonemas simples.

- O primeiro representa o fonema fricativo palatal surdo /x/ (que porém também pode ser representado pela letra *x*): *chamamento, cachecol, chegar*, etc.
- O segundo representa o fonema lateral palatal /lh/ (que não é representado por nenhuma letra simples): *calhar, melhor, rilheira*, etc.
- O terceiro representa o fonema oclusivo palatal nasal /nh/ (que tampouco é representado por nenhuma letra simples): *ganho, ninho, sanha*, etc.

> Diz o novo Acordo que os nomes próprios bíblicos podem conservar ou não os dígrafos finais de origem hebraica (*ch, ph, th*): *Baruch* ou *Baruc, Loth* ou *Lot*, etc. Mas também diz que, quando os dígrafos não são se pronunciam, devem então eliminar-se: *José* (em lugar de "Joseph"), *Nazaré* (em lugar de *Nazareth*), etc. Recomendamos sejam sempre eliminados tais dígrafos: *Baruc, Lot, José, Nazaré.* Há, porém, nomes bíblicos que tradicionalmente já estão adaptados ao português: por exemplo, *Judite* (de "Judith"); mantenha-se a adaptação e evite-se, ainda, o dígrafo final.

12.2. Letra inicial maiúscula.

Emprega-se LETRA MAIÚSCULA:

- no início de qualquer frase;

[42] Quanto ao prefixo *co-* + palavra começada por *h*, *vide*, na Quarta Parte, as Regras do Uso do Hífen.

- no início de qualquer verso;[43]
- no início de citação direta (quando corresponde ao original):
  - ✓ *Lê-se n'*Os Sertões: "*O sertanejo é antes de tudo um forte*";
- como primeira letra de nome próprio, seja este: prenome, sobrenome, alcunha, hipocorístico, antonomástico, etc., nome de ente divino, de ente fabuloso, de personagem ficcional, de corpo celeste, de lugar (topônimo), de logradouro, de empresa, de repartição, de estabelecimento ou de edifício públicos, de embarcação, *et reliqua*:
  - ✓ *Inês, Paulo, Sócrates*;
  - ✓ *Cunha, Silva, Soares*;
  - ✓ *Cid, o Campeador*; *Ivã, o Terrível*;
  - ✓ *Aleijadinho*; *o Salvador*;
  - ✓ *Deus, Júpiter, Zeus*;
  - ✓ *Cérbero, Medusa, Pégaso*;
  - ✓ *Espanha, América Central, Cracóvia*;
  - ✓ *Avenida Paulista, Rua do Rosário, Praça Central*;
  - ✓ *Estreito de Magalhães, Morro da Conceição, Rio Amazonas*;[44]
  - ✓ *a Lua, a Terra, Vesúvio*;
  - ✓ etc.;
- como primeira letra de título (sempre em *itálico*) de obra filosófica, ou literária, etc., (*idem*) de peça musical, de peça teatral, de filme, de quadro, etc., (*idem*) de periódico, etc.
  - ✓ *História da Literatura Ocidental* (de Otto Maria Carpeaux), *Suma Teológica* (de Santo Tomás de Aquino);
  - ✓ *Prelúdio, Coral e Fuga* (de César Franck), *Tabula Rasa* (de Arvo Pärt);
  - ✓ *Antígona* (de Sófocles), *A Tempestade* (de William Shakespeare);
  - ✓ *O Dinheiro* (de Robert Bresson), *Céu e Inferno* (de Akira Kurosawa);
  - ✓ etc.;[45]
- como primeira letra de nome de era histórica, de data religiosa ou histórica, de fato religioso ou histórico, de grande empreendimento, etc.:

---

[43] Há poetas, porém, que preferem começar seus versos com minúscula, à espanhola.

[44] Veja-se que pomos maiúscula não só no início do nome de logradouros e de acidentes geográficos, mas também no início do nome comum que o antecede: *Rua do Rosário, Estreito de Magalhães*. Procedendo assim, inclui-se o nome comum no próprio. As duas maneiras são aceitas pelo Acordo: *Rio Amazonas* ou *rio Amazonas*, etc. Preferimos e usamos sempre a primeira.

[45] Quanto a usar maiúscula em todas as palavras (excetuados os artigos e os conectivos absolutos postos no meio) de cada título, ou usá-la tão só em sua primeira palavra, há inteira liberdade. A maneira como acima o exemplificamos é, naturalmente, a que preferimos.

✓ *Medievo, Natal, Onze de Setembro, Páscoa, Acordo Ortográfico*, etc.;[46]

• como primeira letra de substantivo comum quando individuado ou quando usado elevada ou simbolicamente:

✓ *a Academia* (platônica), *o Liceu* (aristotélico), *a Igreja, a Teologia, o Direito, a Poética, o Amor*, etc.;

• como primeira letra de qualquer palavra referente a nome sagrado:

✓ "E recebeste-O nos teus braços. Vinha
Do alto do Lenho onde estivera exposto
Ao ímpio olhar, tão ímpio! da mesquinha
Multidão que insultava o santo Rosto..."
(ALPHONSUS DE GUIMARAENS);[47]

• como primeira letra dos chamados pronomes de tratamento:

✓ *Senhor* (*Sr.*), *Senhora* (*Sra.*), *Dom* ou *Dona* (*D.*); *Vossa Majestade* (*V. M.*), *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*), *Meritíssimo* (*MM.* ou *M.mo*), etc.

12.3. A divisão silábica.

• A SEPARAÇÃO DAS SÍLABAS faz-se pela silabação, não pelo étimo das partes constitutivas das palavras: *bis-ne-to*, mas *bi-sa-vô*; *trans-fun-dir*, mas *tran-sal-pino*; etc.

• Separam-se sempre:

a. Os HIATOS: *pa-ís, sa-ú-de, situ-a-ção, en-vi-u-var*;

b. Os DÍGRAFOS *rr, ss, sc* e *xc*: *mor-rer, pas-sar, nas-cer, ex-ce-ção*;

c. Os ENCONTROS CONSONANTAIS DISJUNTOS:

▫ de *uma* consoante mais *uma* consoante: *cap-tar*;

▫ de *uma* consoante mais *duas* consoantes: *es-tra-ga-do*;

▫ de *duas* consoantes mais *uma* consoante: *feld-ma-re-chal*;

▫ de *duas* consoantes mais *duas* consoantes: *pers-cru-tar*;

▫ de *três* consoantes mais *uma* consoante: *felds-pa-to*.

• Não se separam nunca:

a. os DITONGOS: *dói, goi-a-ba, pai-nei-ra*;

b. os TRITONGOS: *a-ve-ri-guei, Pa-ra-guai, sa-guão*;

c. os DÍGRAFOS *ch, lh, nh, qu* e *gu*: *ca-cho, ca-lha, ma-nha, que-rer, guel-ra*;

---

[46] Afora casos como o citado acima (*Onze de Setembro*), o nome de *mês* e o de *dia da semana* devem grafar-se com minúscula: *março, junho, outubro*, etc.; *segunda-feira, sábado, domingo*, etc.

[47] Também neste caso se trata de maiúscula facultativa. – Quando citemos qualquer escritor, não o faremos necessariamente por apreciá-lo, mas sempre por julgar adequado a algum propósito gramatical este ou aquele passo seu.

d. OS GRUPOS CONSONANTAIS: *bra-si-lei-ro*, *psi-co-lo-gi-a*, *gnós-ti-co*;

- Especialmente no português do Brasil, como dito, os DITONGOS CRESCENTES FINAIS ÁTONOS (como *série*, *família*, *Mário*) podem pronunciar-se também como hiatos: *séri-e*, *famíli-a*, *Mári-o*. POR ISSO MESMO PODEM SEPARAR-SE OU NÃO (na escrita).

> ➢ *Sugestão* do novo Acordo: evite-se, na divisão silábica, deixar uma só letra em qualquer das duas linhas.

- Estabelece o Acordo que os SUFIXOS *-iano* e *-iense* devem manter o *i* inicial em substantivos e em adjetivos ainda que estes apresentem primitivamente um *e* (átono) na sílaba final. Exemplos:
  - ✓ *acriano* (de Acre), e não "acreano";
  - ✓ *shakespeariano* (de Shakespeare), e não "shakespeareano";
  - ✓ *torriense* (de Torres), e não "torreense".

OBSERVAÇÃO. Se, porém, se tratar de *e* tônico (por exemplo, *Daomé*) ou de ditongo tônico com base *e* (por exemplo, *Arqueu*), ou até de *e* átono seguido de vogal átona (por exemplo, *cúneo*), devem manter-se, com a consequente queda do *i* do sufixo: *daomeano*, *arqueano*, *cuneano*.

12.4. Notações léxicas.

- Além das letras do alfabeto, temos em português também as chamadas NOTAÇÕES LÉXICAS, que servem para diversos fins. São as seguintes.

12.4.1. Os três **ACENTOS**, dois dos quais – o *agudo* (´) e o *circunflexo* (^) – servem para indicar, quando necessário, a correta pronúncia das palavras. O terceiro é o *grave* (`).

- O **ACENTO AGUDO** é empregado para assinalar, em condições que se verão adiante:
  - ✓ as vogais tônicas fechadas *i* e *u*: *saí*, *sensível*, *visível*; *baú*, *saúde*, *lúgubre*; etc.;
  - ✓ as vogais tônicas abertas *a*, *e* e *o*: *recitá-lo*, *saudável*, *cálido*; *fé*, *tivésseis*, *sestércio*; *Jó*, *dói*, *inóspito*; etc.;
  - ✓ mas às vezes serve o acento agudo para indicar a tonicidade de uma vogal nasal: *contém*, *sobrevém*, etc.
- O **ACENTO CIRCUNFLEXO** é empregado para assinalar, nas mesmas condições que o acento *agudo*:
  - ✓ as vogais tônicas fechadas *a*, *e* e *o*: *câmara*, *crisântemo*, *frâncico*; *mês*, *lêmure*, *têxtil*; *avô*, *compôs*, *cômoro*; etc.

➢ Se no Brasil grafamos *Antônio, ônix, fêmur*, etc., e em Portugal e em outros países *António, ónix, fémur*, etc., tal se deve a uma diferença de timbre. No Brasil, o timbre da vogal tónica de palavras como as referidas é fechado; em Portugal, aberto. O novo Acordo Ortográfico admite a dupla acentuação nestes casos.

▫ O ACENTO GRAVE é empregado para assinalar a *crase* da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)* e com a primeira letra dos pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s), aquilo, aqueloutro(s), aqueloutra(s)*:

✓ *à(s), àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutra(s)*.[48]

12.4.2. O TIL (˜) serve para indicar, em certos casos, a nasalização das vogais. Emprega-se:

- sobre o *a* e sobre o *o* nasais tônicos, em fim de palavra ou em fim de parte (de palavra) seguida de hífen: *lã, chão, Grã-Bretanha*; *põe, soluções, visões*, etc.;
- sobre o *o* nasal tônico da terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *pôr* e de seus derivados: *põem, dispõem, repõem*, etc.;
- ou sobre o *a* nasal subtônico a que se seguem o sufixo *-mente* ou algum sufixo iniciado por *z*: *cristãMENTE, irmãMENTE, sãMENTE*; *lãzudo, manhãzinha, romãzeira*; etc.

➢ Nos demais casos, a nasalidade das vogais é indicada por *m* ou por *n*. Aceita-se um *cãibra*, que, porém, a nosso ver, melhor se grafa *câimbra*.

12.4.3. O TREMA (¨), que atualmente (ou seja, segundo o novo Acordo Ortográfico) só se usa nas palavras estrangeiras que já o tenham e em seus derivados portugueses: *Stürmer*; *Königsberg, Günter, Müller*; *günteriano, mülleriano*; etc.

➢ Desse modo, deixa de pôr-se o trema sobre o *u* que, ao contrário do que sucede nos dígrafos homógrafos, soa nos encontros *gu* e *qu*: *aguentar, consequência*; *equidade, tranquilo*; etc. Parece-nos o pior do novo Acordo. Sem ele, torna-se muito mais difícil fazer que os falantes, e em especial as crianças, memorizem se soa ou não soa o *u* após *g* e após *q* (e lembre-se, ademais, que mesmo com o trema já muito se errava nestes casos). Tampouco há, agora, sem tal suporte gráfico, maneira de ensiná-lo perfeitamente aos estrangeiros.

[48] Tratar-se-á deste tipo de acentuação na seção da CRASE.

12.4.4. O **APÓSTROFO** serve para assinalar:

- a supressão do *e* de *de* em palavras compostas ligadas por esta parte de origem prepositiva: *fios-d'ovos, galinha-d'água, pau-d'alho,* etc.;
- a supressão de vogais em poesia: *c'roa* (coroa), *esp'rança* (esperança), *p'lo* (pelo), etc.;
- a supressão de fonemas na reprodução do falar coloquial ou popular: *'tá bem,* etc.;
- a contração ou aglutinação de preposições em diversos grupos vocabulares: *d'*Os Lusíadas (de *Os Lusíadas*), *n'*Os Sertões (em *Os Sertões*), *n'Ele* (em Deus), etc.;[49]
- a elisão da vogal final da palavra *santo/santa,* quando seguida do nome próprio aposto: *Sant'Ana,* etc.

> ➢ Se porém as ligações desta espécie constituem unidade morfológica, então suas partes se aglutinam: *Jorge Santana,* etc.

12.4.5. A **CEDILHA** coloca-se debaixo de *c* antes de *a*, de *o* e de *u* para representar a fricativa linguodental surda /s/: *caçA, maciçO, açÚcar,* etc.

12.4.6. O **HÍFEN** serve:

12.4.6.a. para ligar as partes de palavras "compostas ou derivadas por prefixação":[50] *bem-te-vi, mais-que-perfeito, quartel-general; ex-presidente, pré-escolar, sub-humano;* etc.;

12.4.6.b. para unir pronomes átonos a formas verbais: *chamar-te, forneceram--lhe, revisar-se-ão,* etc.;

12.4.6.c. no fim da linha, para separar uma palavra em duas partes, indo a segunda para a linha seguinte: *resultan- / te; resul- / tante; re- / sultante.*

12.4.7. Além das *letras* e das *notações léxicas,* contamos para a escrita da língua portuguesa com os **SINAIS DE PONTUAÇÃO**: a *vírgula* [,], o *ponto e vírgula* [;], o *ponto final* [.], o *ponto de interrogação* [?], o *ponto de exclamação* [!], as *reticências* [...], os *dois pontos* [:], as *aspas simples* [' '], as *aspas duplas* [" "], o *travessão* [–], os *parênteses* [( )] e os *colchetes* [[ ]]; além de sinais que, embora não

---

[49] As duas maneiras, com apóstrofo ou sem ele, são consideradas corretas. Preferimos e empregamos sempre a primeira. – É impossível, porém, a crase de *a* + *a* em casos assim: escreva-se "O prêmio foi concedido a *A Cidade Nua*", em vez de "à *Cidade Nua*", porque esta maneira mutila o próprio título da obra.

[50] As aspas são nossas. Para a razão delas, *vide* a Quarta Parte.

sejam propriamente de pontuação, podem de algum modo reduzir-se a eles: as *chaves* [{ }], a *barra* [/], etc. Trataremos detida e extensamente da pontuação no momento devido.

12.5. As regras da acentuação gráfica.[51]

12.5.1. Acentuam-se as PALAVRAS MONOSSILÁBICAS (ESSENCIALMENTE) TÔNICAS terminadas:

- em *a*(*s*) – *cá, já, hás, trás*, etc.;
- em *e*(*s*) – *pé, ré, três, vê-lo*, etc.;
- em *o*(*s*) – *pó, só, nós, pôs*, etc.;
- em *eis* (*aberto*) – *féis, réis*, etc.;
- em *eu*(*s*) (*aberto*) – *céu, réu, véus*, etc.;
- em *oi*(*s*) (*aberto*) – *dói, mói, sóis*, etc.

Observação 1. Veja-se que as formas verbais monossilábicas que perdem o *r*, o *s* ou o *z* finais pela presença ligada de pronome átono incluem-se nas regras de acentuação como qualquer outra palavra: *recitá-lo-á, vê-lo, pô-lo*, etc.

Observação 2. Se se acentuam as monossilábicas terminadas em ditongo *eis* ABERTO ou em ditongo *oi* ABERTO, não assim, porém, as terminadas em ditongo *ei* FECHADO ou em ditongo *oi* FECHADO: *réis*, mas *sei*; *dói*, mas *boi*.

Observação 3. Porque em português nunca se usa acento sobre nenhuma outra notação léxica, não se acentuam as monossilábicas terminadas em *ã*(*s*), *ão*(*s*) e *ãe*(*s*), *õe*(*s*): por exemplo, *cã, mão, pães, pões*.

12.5.2. Acentuam-se as PALAVRAS OXÍTONAS terminadas:

- em *a*(*s*) – *cajá, rajá, amarás, atrás*, etc.;
- em *e*(*s*) – *até, jacaré, francês, revê-lo*, etc.;
- em *o*(*s*) – *cipó, após, avô, pôs*, etc.;
- em *em* – *alguém, retém, também*, etc.;
- em *ens* – *deténs, parabéns, vinténs*, etc.;
- em *eis* (*aberto*) – *papéis, pincéis, tonéis*, etc.;
- em *eu*(*s*) (*aberto*) – *sobrecéu, incréu, chapéus*, etc.;
- em *oi*(*s*) (*aberto*) – *destrói, remói, rouxinóis*, etc.

[51] Quanto à acentuação gráfica, damos ordenação e explicação *muito distintas* das encontradas no texto do Acordo.

↗ **Observação 1**. Se se acentuam as oxítonas terminadas em ditongo *eis* ABERTO, não assim, porém, as terminadas em ditongo *ei* FECHADO: *papéis*, mas *rezei*.

↗ **Observação 2**. Veja-se que as formas verbais oxítonas que perdem o *r*, o *s* ou o *z* finais pela presença ligada de pronome átono incluem-se nas regras de acentuação como qualquer outra palavra: *recitá-lo-á*, *perdê-lo*, *repô-lo*, etc.

↗ **Observação 3**. Porque em português nunca se usa acento sobre nenhuma outra notação léxica, não se acentuam as oxítonas terminadas em *ã*(*s*), *ão*(*s*), *ães* e *õe*(*s*): por exemplo, *irmã*, *cação*, *Magalhães*, *portões*.

12.5.3. Acentuam-se as PALAVRAS PAROXÍTONAS **NÃO** terminadas em *a*(*s*), em *e*(*s*), em *o*(*s*), em *em*(*ns*), em *am*:

✓ *júri*, *lápis*, *bônus*, *álbum*, *amável*, *útil*, *aljôfar*, *cadáver*, *éter*, *abdômen*, *elétron*, *Éden* (mas *edENS*) etc.;

✓ *bênção*, *sótãos*, *ímã*; *pênseis*, *renegásseis*; *vácuo*, *imundície*, *ignorância*; etc.

↗ **Observação 1**. Note-se, pela segunda sequência de exemplos, que se incluem nesta regra as paroxítonas terminadas em *vogal nasal com til*, em *ditongo nasal com til* e em *ditongo oral*.

↗ **Observação 2**. O novo Acordo eliminou o acento dos ditongos abertos *ei* e *oi* quando se encontram na sílaba tônica de palavras paroxítonas: *ideia* (e já não "idéia"), *heroico* (e já não "heróico"). Mas a vogal tônica destes ditongos se acentuará, sim, se a palavra se enquadrar na regra geral da acentuação das paroxítonas. Assim, *Méier* e *destróier* acentuam-se não por terem na sílaba tônica um destes dois ditongos abertos, mas porque NÃO terminam em *a*(*s*), *e*(*s*), *o*(*s*), etc., segundo o dito acima.

12.5.4. A regra da acentuação dos HIATOS, por seu lado, é demasiado complexa. Vejamo-la por partes.

12.5.4.a. Acentua-se a *segunda vogal do hiato* quando for *i* ou *u* tônicos, seguidos ou não de *s* na mesma sílaba: *sa-í*, *dis-tri-bu-í-lo*; *ra-í-zes*, *pa-ís*; *re-ú-so*, *sa-ú-de*, *ba-la-ús-tre*; etc. (mas não *ra-iz*, *Ra-ul*, etc.);

12.5.4.b. desde que não haja *nh* na sílaba subsequente: *mo-i-nho*, *ra-i-nha*, *ta-i-nha*, etc.;

12.5.4.c. nem *ditongo decrescente* na sílaba antecedente, se a palavra for *paroxítona*: *bo-cai-u-va*, *fei-u-ra*, etc. (mas *Pi-au-í*, *tui-ui-ú*, etc.).

↗ **Observação**. O novo Acordo eliminou o acento dos hiatos *o-o* e *e-e*(*m*) em que são tônicos, respectivamente, o primeiro *o* e o primeiro *e*: *vo-o*, *en-jo-o*, *ma-go-o*; *cre-em*, *de-em*, *le-em*, *ve-em*; etc. (e já não "vôo", "dêem", etc.).

> Como já dissemos, devemos seguir estritamente o Acordo Ortográfico. Não podemos, todavia, deixar de manifestar nosso desgosto por complexidades desnecessárias como esta, a da regra de acentuação dos hiatos. E, conquanto saibamos das óbvias diferenças entre a língua portuguesa e a espanhola, pomos contudo por termo de comparação a regra de acentuação dos hiatos neste idioma, tão afim ao nosso: "Acentuam-se o *i* e o *u* tônicos de qualquer hiato".

12.5.5. Caso especial constitui a acentuação de verbos como AGUAR, AVERIGUAR, ENXAGUAR, APAZIGUAR; DELINQUIR; etc. Seguem eles dois paradigmas:

12.5.5.a. com *u* tônico em formas rizotônicas[52] sem acento gráfico: *averiguo, averiguas, averigue; delinquo, delinques*; etc. – este paradigma é o da norma lusitana;

12.5.5.b. com o *a* e o *i* do radical tônicos e acentuados graficamente: *averíguo, averígue; enxáguo, enxáguas; delínques, delínque*; etc. – este é o que se emprega majoritariamente no Brasil.

Observação. Importante: nos verbos em *-inguir* (*distinguir, extinguir*, etc.), nunca se pronuncia este *u*.

12.5.6. Os acentos diferenciais.

12.5.6.a. Nossos atuais ACENTOS DIFERENCIAIS OBRIGATÓRIOS servem para distinguir:

- as seguintes palavras tônicas de suas homógrafas átonas:
  - ✓ *pôr* (verbo) de *por* (preposição);
  - ✓ *quê* (substantivo, ou em fim de frase, etc.) de *que* (pronome, conjunção, etc.);[53]
  - ✓ *porquê* (substantivo) de *porque* (conjunção);
- este par de formas verbais de timbre diverso:
  - ✓ *pôde* (pretérito perfeito) de *pode* (presente do indicativo);
- as seguintes terceiras pessoas verbais:
  - ✓ *têm* (plural) de *tem* (singular);
  - ✓ *atêm, contêm, detêm, retêm* e semelhantes (plural) de *atém, contém, detém, retém* e semelhantes (singular);

---

[52] Para *formas rizotônicas* ou *arrizotônicas*, *vide* a Quinta Parte.
[53] *Vide* a primeira **Observação** abaixo.

✓ *vêm* (verbo *vir*, plural) de *vem* (verbo *vir*, singular);

✓ *devêm*, *revêm*, *sobrevêm* e semelhantes (plural) de *devém*, *revém*, *sobrevém* e semelhantes (singular).

⇗ **Observação.** A regra da acentuação do *que* é das mais intricadas ou obscuras. Tentemos dar-lhe alguma clareza.

→ Acentua-se o *que* sempre que seja substantivo: *Este é o quê da questão.* – Esta parte da regra procede e não constitui escolho.

→ Acentua-se ainda o *que* sempre que esteja:

- EM FIM DE FRASE:
  - ✓ *Gosta sabe-se lá de quê*;
  - ✓ *Por quê?*;
  - ✓ *Quê!*;
  - ✓ etc.;
- EM FIM DE ORAÇÃO:
  - ✓ *Sua atitude resulta não se sabe de quê: se de prudência ou de covardia*;
  - ✓ etc.;
- ANTES DE VOCATIVO A QUE SE SIGA O FIM DA FRASE OU O DA ORAÇÃO:
  - ✓ *Sabemos por quê, Maria*;
  - ✓ *Sabemos por quê, Maria: porque o move a prudência*;
  - ✓ etc.

→ Mas já não se acentuará se não se seguir ao vocativo o fim da frase ou o da oração:

✓ *Não sabemos por que, José, ela não aceitou a incumbência*;

✓ etc.

12.5.6.b. Assinalam-se **FACULTATIVAMENTE** com acento diferencial as seguintes palavras:

- *fôrma*, para que se distinga de *forma* (substantivo, ou presente do indicativo, ou ainda imperativo);
- *louvámos*, *amámos*, etc. (pretérito perfeito), para que se distingam de *louvamos*, *amamos*, etc. (presente do indicativo);
- *dêmos* (presente do subjuntivo), para que se distinga de *demos* (pretérito perfeito).[54]

---

[54] Parecem-nos de grande utilidade estes três acentos diferenciais, razão por que consideramos improcedente o argumento de que os dois últimos não se devem usar senão em Portugal. Nós mesmo usamo-los sempre.

- Pelo novo Acordo Ortográfico, já não se assinalam com acento diferencial as seguintes palavras ou partes de palavra: *coa* (verbo); *para* (verbo ou parte de substantivo); *pela* (verbo); *pera* (substantivo ou parte de substantivo); *pelo* (substantivo ou verbo); *polo* (dois substantivos).

QUARTA PARTE

MORFOLOGIA, OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS (NA LÍNGUA PORTUGUESA)

I
O QUE É MORFOLOGIA EM GRAMÁTICA

1.1. Em Gramática (como dito já pelo título mesmo desta Quarta Parte), MORFOLOGIA É O ESTUDO OU TRATADO DA FORMA DAS PALAVRAS. As palavras, todavia, têm partes e figura, e também cabe à Morfologia estudá-las – mas segundo se ordenem por sua forma. Explique-se.

1.1.1. A SIGNIFICAÇÃO OU SIGNIFICADO é como a *forma* da palavra, assim como o é a alma para qualquer vivente: com efeito, tire-se a significação de uma palavra, e ela, de certo modo, tornar-se-á tão cadáver como o corpo de um animal já sem alma.

1.1.2. Se assim é, os elementos (os fonemas) e as demais partes de que se compõem as palavras (sílabas, radical, prefixo, sufixo, etc.) estão para elas assim como a parte está para o todo, ou como a matéria para a forma.

1.1.3. Mas estas partes materiais se reúnem no corpo da palavra, ou seja, em sua figura; e, com efeito, o corpo das palavras é para elas o que é o corpo para qualquer animal: o conjunto de suas partes constitutivas ordenadas segundo a alma e para a própria alma. Tome-se uma palavra de outra língua: o vocábulo espanhol *boato*, por exemplo. Logo vemos, pelo contexto em que se usa, que não pode tratar-se do mesmo que o português *boato*: é, com respeito a este, um heterossemântico (e vice-versa). O que temos então diante de nós é um corpo linguístico, sim, com figura de palavra; como porém não sabemos o que significa, mostra-se-nos como algo morto, sem vida. Apenas lhe sabemos, todavia, a significação – 'pompa, magnificência' –, é como se prontamente adquirisse vida. E de fato é a significação o que lhe insufla "vida", justamente por ser sua forma. Por ser sua "alma".[1]

1.1.4. Há que saber, no entanto, como significam as palavras. Vimos já que significam nossas concepções mentais. Mas conceber algo é enquadrá-lo já, por isso mesmo, em uma das dez categorias do ente, porque não há nada que se possa

---

[1] Naturalmente, também pode chamar-se forma à figura ou configuração externa, desde que se saiba, todavia, que a figura ou configuração é resultado da informação da matéria pela forma mais propriamente dita. Não obstante, preferimos o mais das vezes não fazê-lo, em prol da clareza – Note-se, ademais, que o dito até aqui se disse analogicamente, porque, com efeito, no animal e no vegetal a forma substancial ou alma se encontra de modo essencial, enquanto o significado não só está como forma já para formas acidentais ou artificiais da voz – as palavras –, mas se encontra antes na mente dos que as criam e/ou falam, razão por que, aliás, as palavras podem mudar de significado no tempo.

conceber e definir que não se inclua nelas. Por isso toda e qualquer palavra significa por si[2] alguma concepção e, ao mesmo tempo, expressa de *algum modo* a categoria do ente que tal conceito traz suposta.[3]

1.1.5. Se, pois, como dito, a disposição das partes e a figura das palavras se dão segundo sua significação, então não são gratuitas. Assim, por exemplo, *em português* as partes componentes de uma forma verbal hão de combinar-se numa figura final tal, que sirva tanto para significar determinada ação como para expressar a mesma categoria *ação* (além, naturalmente, de cossignificar tanto o tempo pelo qual esta se mede como a pessoa que a realiza).[4] Desse modo, se as palavras não são signos naturais, como o é um gemido de dor ou a palidez de uma face, e se impõem convencionalmente, isso não quer dizer que sejam "*anti*naturais", razão por que quem forma as palavras não as forma de qualquer maneira, mas de alguma maneira que sirva à significação para as quais são formadas – assim como um fazedor de bigornas não as faz de qualquer modo, mas em ordem ao fim para o qual são feitas. E, com efeito, nenhuma bigorna pode deixar de ser um bloco de metal duro (geralmente ferro revestido de aço), de corpo central apoiado sobre um cepo e em forma de paralelepípedo com extremidades que se afilam em cone ou em pirâmide, sem deixar por isso mesmo de servir para que se malhem sobre ela diferentes metais, a quente ou a frio, a fim de que se moldem. Pois tampouco pode um verbo, *em português*, servir para significar determinada ação e para expressar a categoria *ação* se não se formar de determinada maneira e não tiver determinada figura.

1.1.6. Acabamos todavia de dizer "em português", porque com efeito línguas há em que os verbos, destituídos completamente de flexões, não são capazes de

---

[2] Mas esta afirmação há de matizar-se com respeito às palavras ditas *conectivas*, como veremos na Quinta Parte.

[3] Dizemos "de algum modo" não só porque as diversas línguas expressam a mesma realidade mas, não raro, de ângulos diversos, como porque as línguas, ainda as mais cultivadas, não podem ter a precisão da Filosofia. Porque esta, porém, não é propriamente uma ruptura com o modo comum de pensar, mas é este mesmo modo de pensar sobre-elevado a ciência, erigido em ciência, tudo quanto ela descobre ou ordena há de estar em germe no modo comum de pensar, e as palavras hão de refleti-lo. Este germe, todavia, estará mais ou menos desenvolvido segundo a cultura de quem pensa, e as palavras ainda hão de refleti-lo. Se assim é, as palavras de determinada língua expressam com mais ou menos precisão as dez categorias do ente, descoberta de Aristóteles, segundo essa língua e seus usuários sejam mais ou menos cultivados.

[4] Para darmos certa leveza ao texto, doravante nem sempre insistiremos em que as palavras são signos de concepções mentais, que, por sua vez, são certa semelhança da essência das coisas. Esteja porém suposto, sempre que dissermos que dada palavra significa, designa ou expressa determinada coisa, que ela não o faz imediatamente, senão que é signo da semelhança mental desta.

indicar, por exemplo, o tempo e o modo da ação. Mas os indicam essas línguas de algum outro modo, mediante, por exemplo, certos advérbios. Diga-se disto, portanto, algo análogo ao dito da diversidade de palavras nas várias línguas para significar um mesmo conceito: assim como qualquer ente é dotado de multiplicidade de aspectos e, pois, cada uma de tais palavras pode, em seu mesmo desenho, expressar *um* deles, assim também as diversas línguas podem expressar as dez categorias do ente de maneira diversa, pela figura mesma das palavras e/ou pela ordenação de suas relações sintáticas.

1.2. Não é assim, porém, que os gramáticos nem os linguistas costumam entender a Morfologia. Todos, sim, se fundam no étimo da palavra (*morf[o]-* < gr. *morphḗ, ês* ['forma'] + *-logia* < gr. *-logía* ['tratado']) para repetir que a Morfologia é o *tratado da* FORMA *das palavras.* O problema, todavia, está em como entendem *forma.* Com efeito, repare-se antes de tudo em que parte dos conceitos usados há cerca de dois séculos em Morfologia gramatical advém da Morfologia botânica: raiz, radical, etc. Mas a Morfologia gramatical tem sido grandemente caudatária da Morfologia botânica não só quanto aos termos com que nomeia os conceitos, mas também quanto a suas imprecisões. Pois, assim como a Morfologia botânica se tem definido a si mesma como estudo da configuração e das partes dos vegetais, assim também a Morfologia gramatical se tem definido a si mesma como estudo da constituição das palavras e dos processos pelos quais se formam a partir de suas partes componentes. No máximo, assim como a Morfologia botânica classifica, taxinomicamente, os vegetais pela configuração externa e por suas partes, assim também a Morfologia ordena as palavras em classes e as estuda segundo os paradigmas de suas partes componentes. Mas tudo isso, em ambas as morfologias, supõe entender que a *configuração externa* ou *figura* é que é propriamente a "forma" tanto dos vegetais como das palavras, quando, em verdade e como visto, não é senão resultado da organização das partes segundo a forma propriamente dita. Daí o caráter não propriamente científico desses tratados. Com efeito, considerar no tratado dos vegetais ou no tratado das palavras que a configuração externa ou figura é a forma propriamente dita é como reduzir-se ao estudo de seu cadáver. É antes uma "necrologia".[5]

1.3. Desse modo, a Morfologia gramatical não pode ser *propriamente* tal se não estudar as palavras, suas partes e sua figura pelo ângulo da significação

[5] Por razões que não podemos tratar aqui, muitas vezes não é possível distinguir as espécies vegetais e outras senão por sua configuração externa e por suas partes; mas deve manter-se sempre que sua forma mais propriamente dita – a substancial – é sua *alma.*

dos conceitos em geral e pelo da expressão das categorias do ente. Naturalmente, em toda e qualquer ciência deve começar-se, sim, pelo mais material, pelas partes e pela configuração – desde que, todavia, se saiba de que e em ordem a que são partes e configuração. Por isso, antes de estudarmos a formação das palavras em português, havemos de antecipar precisamente para que se formam, ou seja, antecipar quais são as classes gramaticais e que categorias do ente expressam.

⇗ **Observação 1.** Enquanto estuda as partes e a figura das palavras, ou seja, seu processo de formação, a Morfologia tem uma área de interseção com a Etimologia. Com efeito, a formação de algo é afim à sua origem. Por isso, se abreviarmos Etimologia em **E** e Morfologia em **M**, teremos: **E ∩ M**.[6] Enquanto porém estuda a *forma* mesma das palavras, sobretudo pelo ângulo da expressão das categorias do ente, a Morfologia tem uma área de interseção com a Semântica.[7] Com efeito, a expressão das categorias do ente sempre suporá a significação dos conceitos dos entes mesmos.[8] Por isso, se abreviarmos Morfologia em **M** e Semântica em **S**, teremos: **M ∩ S**. Temos, assim, **E ∩ M ∩ S**, razão por que, naturalmente, o tratado da Morfologia deve combinar-se com o tratado da Etimologia e com o da Semântica.

⇗ **Observação 2.** Igualmente, porém, ainda que por outro ângulo, a Morfologia tem uma área de interseção com a Sintaxe. Em verdade, elas superpõem-se, recobrem-se grandemente. Assim, algumas das mesmas classes gramaticais só o são, de certo modo, sintaticamente.[9] Com efeito, o ADJETIVO não seria tal se não se atribuísse a um nome ou substantivo, razão por que, se se diz *adjetivo* enquanto designa determinados acidentes do significado pelo nome, se diz *ADjunto ADnominal* precisamente enquanto se atribui a um nome. Do mesmo modo, o VERBO não o seria se não se atribuísse a um substantivo, razão por que, se se diz *verbo* enquanto nomeia com tempo as ações, se diz *predicado* ou *núcleo do predi-*

---

[6] Mais porém que tratado ou capítulo da Gramática, a Etimologia pode vir a ser, *de certo modo*, parte subjetiva ou anexa da Gramática, como a Lexografia, a Gramática Comparativa, etc. E, com efeito, nesta *Suma* nos valemos grandemente do trabalho de etimologistas como Antônio Geraldo da Cunha (cf. nota 15 da Primeira Parte *supra*).

[7] A Semântica, por seu lado, nunca deixará de ser simples capítulo ou tratado da Gramática. Mas vale-se grandemente da Lexicografia.

[8] Razão por que compete propriamente à Semântica o estudo da sinonímia, da antonímia, etc.

[9] Veja-se que *sintaxe* vem do grego *sýntaksis, eōs*, 'arranjo, disposição, organização, composição, etc.; construção gramatical', do verbo *syntássō*, 'dispor num todo, ordenar', pelo latino *syntaxis, is*, 'ordem, disposição das palavras, construção gramatical, sintaxe'.

cado precisamente enquanto se atribui a um substantivo ou *sujeito*. E diga-se algo semelhante do ADVÉRBIO: diz-se *advérbio* enquanto significa alguma modalidade do verbo, do adjetivo, de outro advérbio, e diz-se *adjunto adverbial* enquanto se atribui a uma destas classes. É parte da definição das classes gramaticais: só são morfologicamente tais porque assim se exercem sintaticamente. Ademais, todavia, o SUBSTANTIVO pode exercer diversas funções tanto na oração sem verbo (como núcleo de um adjunto adnominal ou de um adjunto adverbial) como na com verbo: a de todo própria (a de *sujeito*); a que compartilha com o adjetivo e até com o advérbio (a de *predicativo*); e muitas que são partes do sujeito ou do predicado, não raro "só" como núcleo.[10]

> ➢ Mostre-se desde já por que se diz que ser *sujeito* é a função própria do substantivo na oração com verbo. Ora, o *sub*stantivo é a classe que expressa a categoria da *sub*stância; se a *sub*stância é o que é *su*jeito dos acidentes, e se não se pode atribuir nada numa oração com verbo senão ao que é *su*jeito, então isso quer dizer que o *subs*tantivo (ou, como já se antecipará neste mesmo quadro, qualquer palavra *sub*stantivada ou com caráter de *sub*stantivo) é a única classe gramatical que pode exercer a função de *su*jeito.
>
> ➢ O próprio étimo destas três palavras acusa seu íntimo parentesco. Com efeito, ***substância*** vem do latino ***substantĭa, ae***, que por sua vez deriva de ***substāre***, 'estar ***sob***, ***sub***sistir'; ***sujeito*** procede do latino ***subjectus, a, um***, 'posto, colocado, situado ***sob***', particípio de ***subjicio, is, ēci, ectum, subjicĕre***, 'lançar ou pôr ***sob***'; e ***substantivo*** provém do também latino ***substantīvus, a, um***, 'substancial', que por seu turno, enfim, deriva ainda de ***substantĭa, ae***.
>
> ➢ Como veremos em seu momento, o que pode exercer a função de *sujeito* é o *substantivo* e qualquer palavra ou qualquer oração *substantivadas*, além do *infinitivo*, forma nominal do verbo de caráter precisamente *substantivo*.

OBSERVAÇÃO 3. Como se verá mais abaixo, e ao contrário do que dizem a Linguística e ao menos a quase totalidade dos gramáticos dos últimos tempos,

---

[10] A tudo isso voltar-se-á na Sexta Parte.

A PALAVRA É QUE É A UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA DA LINGUAGEM. Pois bem, enquanto estuda a palavra como unidade significativa mínima da *linguagem*, a Morfologia em verdade não faz senão repetir as conclusões da Lógica. Enquanto, todavia, estuda a palavra como unidade significativa mínima da *língua*, a Morfologia está em terreno próprio – ainda que sempre de algum modo subalternado ao da Lógica.

II
AS CLASSES GRAMATICAIS[11]

2.1. Repita-se: a linguagem reflete de algum modo em suas construções a própria constituição da realidade. É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS ou GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE,[12] a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade*, *qualidade*, *relação*, *lugar* (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação* e *paixão* (ou *ser paciente de uma ação*). Com efeito, olhe-se para qualquer homem, que é uma *substância* assim como o é qualquer laranjeira ou qualquer cisne, e constatar-se-á, por exemplo, que tem determinada altura e determinado peso (*quantidade*); que é branco ou negro (*qualidade*); que é pai ou filho de alguém (*relação*); que está numa fazenda ou numa cidade (*lugar* ou *onde*); que vive em tal ou qual década de dado século (*tempo* ou *quando*); que está de pé ou sentado (*situação*); que está calçado ou se cobre com um sobretudo (*hábito*); que caminha ou toca um violino (*ação*); e que é molhado pela chuva ou queimado pelo sol (*paixão*).

Não é difícil concluir que a classe do SUBSTANTIVO exprime as *substâncias* ou os *acidentes tratados como substância*; que o ADJETIVO corresponde à *qualidade* – e à *relação*, à *situação*, à *posse*, etc., atribuídas ao modo da qualidade; que o VERBO expressa, propriamente, a *ação* e a *paixão*, mas também a *posse* entendida como ação de possuir, etc.; e que o ADVÉRBIO se ocupa do *tempo* e do *lugar* (além, naturalmente, de aplicar-se à indicação do modo, etc.).

2.2. Segundo o que se acaba de dizer, são as seguintes as CLASSES GRAMATICAIS:

[11] Como antecipado, este é apenas um tratamento prévio das classes gramaticais, necessário para o estudo – subsequente – da formação das palavras.
[12] São, repita-se, as DEZ CATEGORIAS descobertas por Aristóteles.

2.2.1. A dos **SUBSTANTIVOS**. Valemo-nos do SUBSTANTIVO ou NOME para significar substâncias ou coisas entendidas, de algum modo, como substâncias. Assim, quando dizemos *rio, cão, homem, alma*, etc., significamos verdadeiras substâncias, ou seja, entes completos que existem ou subsistem por si (ou que ao menos assim são pensados); e, quando dizemos *negrura, alegria, saudade, suavidade, decisão*, etc., significamos acidentes, ou seja, entes que não existem por si mas somente nas substâncias – os quais, porém, são aqui pensados separadamente, como se se tratasse de efetivas substâncias. Pois bem, os substantivos ou nomes com que significamos *verdadeiras substâncias* são os CONCRETOS, enquanto aqueles com que significamos *acidentes entendidos ao modo de substâncias* são os ABSTRATOS.

2.2.1.a. Os SUBSTANTIVOS CONCRETOS podem ser **COMUNS**, se nomeiam uma espécie de substâncias ou uma substância de qualquer espécie por algum aspecto essencial (*mar, vegetal, árvore, animal, urso*, etc.) ou ainda por algum aspecto acidental (*professor, aluno, tio, sobrinho*, etc.);[13] ou **PRÓPRIOS**, se só podem dizer-se de *uma* e *determinada* coisa: *Alagoas, Pedro, Medievo*, etc.

2.2.1.b Os SUBSTANTIVOS ABSTRATOS, por sua vez, dividem-se em várias espécies: de sentimento, de ação, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU dos substantivos, usam-se ao final destes certas FLEXÕES: *menina, livros, casinha*, etc.[14]

2.2.2. Os **ADJETIVOS** (que também se dizem *nomes*) são as palavras que *determinam ou modificam os substantivos.* E fazem-no porque significam acidentes ou aspectos acidentais das substâncias exatamente enquanto *acidentes* – ou que ao menos são considerados tais.[15] Subdividem-se duplamente:

2.2.2.a. se significam algo que modifique *intrinsecamente* a substância, ou seja, uma *qualidade*, chamam-se **QUALIFICATIVOS**: *obra profunda, mar azul, gato gordo, longa estrada, comportamento filial, pessoa sentada*, etc.;[16]

2.2.2.b. se significam algo que modifique *extrinsecamente* a substância, ou seja, como *certa medida*, chamam-se **DETERMINATIVOS**. Tal medida pode dar-se em

---

[13] Com efeito, não se é *professor* senão com relação a um *aluno*, e vice-versa, nem se é *tio* senão com relação a um *sobrinho*, e vice-versa.

[14] Como se verá, todavia, em português o *absolutamente* indicativo do gênero dos substantivos são os ARTIGOS.

[15] Ou seja, trata-se do contrário do que temos com os substantivos abstratos, que significam conceitos de acidentes ao modo de substâncias.

[16] Como se vê, trata-se ou de qualidade propriamente dita, ou de qualquer outro acidente que possa considerar-se como modificação intrínseca – a quantidade contínua, a relação, a posição.

razão de diversas coisas: da *posse*, e teremos os adjetivos **possessivos** (*nossa criança*); do *lugar* ou do *tempo*, e teremos os adjetivos **demonstrativos** (*essa criança*); da *quantidade indeterminada*, e teremos os adjetivos **indefinidores** ou **indeterminadores** (*algumas crianças*, *muitas crianças*); e do *número*, e teremos os adjetivos **numerais**, que indicam quantidade PRECISA (*quatro crianças*).

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Os adjetivos determinativos também são propriamente chamados *pronomes adjetivos*, como se verá abaixo.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** O adjetivo ou se atribui diretamente ao substantivo, pondo-se-lhe adjunto (antes ou depois dele), ou se lhe atribui ao modo predicativo, função sintática também exercida não só por outro substantivo, mas ainda por algum advérbio: *Este rio é caudaloso* (adjetivo); *Sócrates é homem* (substantivo); *A vida é assim* (advérbio). Estudá-lo-emos no devido momento.

☞ **OBSERVAÇÃO 3**. Para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU dos adjetivos, usam-se ao final destes as mesmas FLEXÕES que se usam, para o mesmo fim, ao final dos substantivos: *bela*, *altos*, *pequenininho*, etc., além de alguns que lhe são próprios: *cultíssimo*, etc.

§ Os **PRONOMES** não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem paradigmas; mas reduzem-se a *substantivos* ou a *adjetivos*. Como indica seu mesmo nome,[17] com efeito, podem comutar-se por algum substantivo ou por algum adjetivo, ou, ainda, por algum grupo substantivo ou por algum grupo adjetivo, por alguma oração substantiva ou por alguma oração adjetiva.[18]

a. Os **PRONOMES SUBSTANTIVOS** subdividem-se, por sua vez, em:

- PESSOAIS (*eu*, *tu*, *ele*, *me te*, *se*, *lhe*, etc.);
- DEMONSTRATIVOS (*isto*, *isso*, *aquilo*);
- INDEFINIDOS (*algo*, *alguém*, etc.).

b. Os **PRONOMES ADJETIVOS** (que, insista-se, são adjetivos determinativos) subdividem-se como exposto mais acima.

---

[17] Do lat. *pronomen*, *ĭnis*, de *pro-*, "em lugar de", + *nomen*, "nome", modelado por sua vez sobre o gr. *anthṓnymos*, de *antí*, "em lugar de", + *ónoma*, *atos*, "nome".

[18] Chamamos GRUPO SUBSTANTIVO ao conjunto de duas ou mais palavras, excluídos os verbos, que tenha caráter substantivo mas não constitua locução: por exemplo, *a minha pessoa* (que pode comutar-se pelo pronome pessoal *seu*). E chamamos GRUPO ADJETIVO ao conjunto de duas ou mais palavras, excluídos os verbos, que tenha caráter adjetivo mas não constitua locução: por exemplo, *a estátua de Maria* (que pode comutar-se pelo pronome possessivo *sua*). – Eis, ademais, um exemplo de oração substantiva: *Disse que viajaria* (que pode comutar-se pelo pronome *isso* ou pelo pronome *o*); e um exemplo de oração adjetiva: *O livro que é de João* (que pode substituir-se pelo pronome adjetivo *seu*).

➢ Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, os pronomes não podem dizer-se propriamente pronomes substantivos; seguem sendo propriamente pronomes adjetivos. Vejam-se exemplos: *Meu filho já entrou para a escola – e o teu (filho)?*; *Consideremos este assunto, não aquele (assunto)*; *Ontem vieram alguns representantes, hoje não virá nenhum (representante)*, etc.

c. Os **pronomes impropriamente ditos**, ou seja:

→ os relativos (*que, quem*; *quanto, quanta, quantos, quantas*; *cujo, cuja, cujos, cujas*; além das locuções *o qual, a qual, os quais, as quais*), os quais só podem dizer-se pronomes *de certo modo*, por representarem o antecedente para servirem de elo subordinante da oração que iniciam, razão por que são cumulativamente conectivos;

→ e o "pronome apassivador" *se*, que só pode dizer-se pronome *muito de certo modo*: ou seja, porque indica uma significação passiva para uma figura ativa (*Alugaram-se as casas*) em lugar da própria figura passiva (*As casas foram alugadas*).

⇗ **Observação 1.** O "pronome indeterminador" *se*, por sua vez, merecerá tratamento à parte (não só ao estudarmos os pronomes, mas ainda ao estudarmos as vozes verbais).

⇗ **Observação 2.** Os por vezes chamados "advérbios relativos" (*onde* e *aonde*) compartilham, com efeito, caracteres com os pronomes relativos, como veremos no devido momento.

§§ Os **artigos** reduzem-se, por sua vez, a adjetivos determinativos ou pronomes adjetivos. Às vezes não é senão por eles que sabemos o gênero e o número de alguns substantivos: *o amálgama, uns leva e traz*, etc. Neste caso, sua função é de mera ordenação paradigmática. Mas também são definidores, por indicar que o substantivo se refere a algo preciso que se supõe conhecido: *o(s)* e *a(s)*; ou indefinidores, por indicar que o substantivo designa algo vago, impreciso ou ainda desconhecido: *um(ns)*, *uma(s)*.[19]

---

[19] Somos forçados, aqui também, a discrepar da terminologia tradicional: os artigos não podem ser "definidos" ou "indefinidos", porque o que fazem, como adjetivos determinativos que de fato são, é justamente *definir* ou *determinar* e *indefinir* ou *indeterminar* os substantivos – donde a nossa maneira de chamá-los.

§§§ Os NUMERAIS, como os pronomes, compõem paradigmas, mas, diferentemente dos paradigmas pronominais, temos aqui *paradigmas potencialmente infinitos*; e, como os pronomes, são ou adjetivos (determinativos) ou substantivos.

a. Os NUMERAIS ADJETIVOS subdividem-se:

- em CARDINAIS: *três cães, cento e cinco livros*, etc.;
- em ORDINAIS: *a segunda porta, o centésimo colocado*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Compre meio quilo de carne*, etc.

b. Os NUMERAIS SUBSTANTIVOS, por sua vez, subdividem-se:

- em MULTIPLICATIVOS: *Ganhamos o dobro do que esperávamos*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Três quartos do romance são bons*, etc.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** "Três quartos" também pode entender-se como locução numeral.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Naturalmente, o nome dos algarismos é substantivo: *o três, o trinta e quatro*, etc.

2.2.3. Os VERBOS constituem a classe mais complexa, e por diversas razões.

2.2.3.a. Antes de tudo, como os adjetivos, atribuem-se a substantivos. Diferentemente dos adjetivos, todavia, atribuem-se a substantivos enquanto estes exercem a função sintática de sujeito e enquanto eles mesmos, os verbos, são o predicado (ou núcleo do predicado) que se atribui ao sujeito.[20]

2.2.3.b. Depois, mediante o verbo não só se atribui a um substantivo (pessoa ou coisa) antes de tudo ação ou paixão,[21] mas ainda se SIGNIFICA COM TEMPO, ao passo que o substantivo ou nome significa *sem tempo*. O que quer dizer *significar com tempo* pode entender-se facilmente pela diferença entre um nome de ação – (*a*) *luta*, por exemplo – e um verbo conjugado – *lutam*, por exemplo. Ambos significam *ação*, mas só a forma verbal o faz *significando com tempo*. E, porque o verbo, ainda quando não indica estrita ação ou estrita paixão, o faz como se se tratasse de ação, e porque a ação é medida pelo tempo, nada mais consequente,

[20] Naturalmente, *oração*, *sujeito* e *predicado* estudar-se-ão na Sexta Parte.

[21] Como aliás se verá, é elástica a noção de ação implicada no verbo. Assim, por exemplo, a *posse* pode ser significada pelo verbo ao modo de ação (*Têm uma vasta biblioteca*). Mais ainda, porém: a própria *paixão* pode, em alguns poucos casos, ser expressa ao modo de *ação*: é o que se dá, por exemplo, em *O enfermo padece muitas dores*, em que se tem o verbo em figura de *voz ativa* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *paciente*. Por outro lado, a própria *ação* pode ser expressa ao modo de *paixão*: *É chegado o rei*, em que se tem o verbo em figura de *voz passiva* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *agente*. Estamos em fronteira de tensão extrema entre forma e figura, como explicaremos ao tratar as vozes verbais.

portanto, que o verbo sempre signifique com tempo: é o que se dá, de certa maneira, até com os mesmos verbos de cópula ou ligação.[22]

2.2.3.c. Ademais, enquanto, como visto, o substantivo e o adjetivo têm três tipos de ACIDENTES (gênero, número e grau), o verbo tem quatro: *modo* e *tempo*, *número* e *pessoa*. Estes dois pares, todavia, são muito distintos entre si (por razões que se estudarão ainda neste capítulo).

2.2.3.d. Por outro lado, já é complexo por si o próprio quadro dos MODOS do verbo. O modo INDICATIVO expressa antes a *realidade* da ação verbal (embora, como veremos, ação perfeitamente atual e pois perfeitamente real só a dê o presente do indicativo); o modo SUBJUNTIVO empresta à ação caráter não de realidade, mas antes de *possibilidade*, de *potencial*, de *desejo*, de *condição*, etc.; e o modo IMPERATIVO expressa *o ser devido*. O que há pelo menos um século nossas gramáticas vêm chamando FUTURO DO PRETÉRITO (*dormiria*, *dormirias*, *dormiria*, etc.) faz parte de fato do modo indicativo enquanto significa ação ou paixão levadas a efeito em tempo posterior a dado pretérito (*Chegou à cidade de noite e ainda daria aula*); mas, quando empresta à ação caráter de possibilidade condicionada (*Ele o faria, se pudesse*), então "poderia" considerar-se modo à parte.

2.2.3.e. Conta o verbo português, além disso, com modos chamados *nominais*: o INFINITIVO, de caráter antes substantivo; o GERÚNDIO, de caráter ora adverbial ora adjetivo; e o PARTICÍPIO, sempre de caráter adjetivo. Nenhum destes modos conta com desinências modo-temporais; e, se o gerúndio e o particípio tampouco contam com desinências número-pessoais, não assim o infinitivo em português (e em galego), onde se pessoaliza. – Estudar-se-ão, no devido lugar, três problemas relativos a estas formas: o primeiro, se podem de fato ser nominais e verbais ao mesmo tempo; o segundo, se o infinitivo flexionado ainda pode dizer-se nominal; o terceiro, se o particípio, como as outras formas nominais, de fato não significa com tempo.

2.2.3.f. Por fim, ordenam-se os verbos portugueses em TRÊS PARADIGMAS OU CONJUGAÇÕES (a primeira em *-ar*, a segunda em *-er* e a terceira em *-ir*: *louvar*, *ceder*, *partir*).[23] O verbo *pôr*, que pareceria constituir uma quarta conjugação, re-

---

[22] Caso à parte, como já veremos, constituem os modos nominais do verbo. – Diga-se ademais que, nas línguas em que perdeu (ou nunca teve) flexões modo-temporais, o verbo passa a significar por si a pura ação, e caberá a um advérbio ou a um prefixo emprestar-lhe as noções que lhe faltam.

[23] O latim e o italiano contam com quatro conjugações; o espanhol com três; o francês também com três, a terceira das quais, porém, de grande irregularidade, subdivide-se em outras três.

duz-se porém à segunda (por provir do latino *ponĕre*). Todas as conjugações têm seus verbos IRREGULARES, que o podem ser, como veremos, por irregularidade na desinência (*est-ou*) ou por irregularidade no radical (*troux-e*). E alguns verbos, mais que irregulares, são ANÔMALOS.

2.2.4. Os **ADVÉRBIOS**, conquanto não sejam da complexidade dos verbos, são porém de mais difícil definição. Por e a princípio invariáveis, modificam antes de tudo o verbo (*meditam intensamente*), e estão para este assim como os adjetivos estão para o substantivo. Mas também podem modificar o adjetivo (*muito forte*) e outro advérbio (*muito bem*), e até, de certo modo, uma oração inteira (*Infelizmente não foi possível deter-lhe o desvario*). Mais ainda: parece que podem modificar ainda um substantivo ou um pronome substantivo (*muito homem*, *quase major*, *até ele*). Quanto a isto, a N.G.B. optou por uma fórmula de compromisso que de fato não o explica.[24] Alguns poucos gramáticos, por seu lado, consideram tal *muito*, tal *quase* e tal *até* como efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Outros poucos, ainda, consideram porém que os advérbios podem aplicar-se a toda forma passível de receber mais ou menos ou certa modalidade, o que incluiria o substantivo. Trataremos tudo isto em seu lugar próprio. – Por ora, todavia, o que nos interessa mostrar é que o advérbio se divide em subclasses:

2.2.4.a. a dos ADVÉRBIOS MODIFICADORES TÃO SOMENTE DE VERBOS, os quais por sua vez se subdividem: de LUGAR (*aqui*, *ali*, *atrás*, etc.), de TEMPO (*hoje*, *amanhã*, *logo*, etc.), de ORDEM (*antes*, *depois*, etc.), de MODO (*bem*, *mal*, *devagar*, etc.), etc.;

2.2.4.b. a dos ADVÉRBIOS MODIFICADORES TANTO DE VERBOS COMO DE ADJETIVOS E/OU DE ADVÉRBIOS (E/OU DE SUBSTANTIVOS E/OU DE ORAÇÕES, TALVEZ), os quais por sua vez se subdividem: de INTENSIDADE (*pouco*, *muito*, *mais*, etc.), de MODO (muitos terminados em *-mente*, etc.), etc.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Em português, com efeito, como se verá, há um modo universal de formação de advérbios: pelo acréscimo do sufixo *-mente* ao adjetivo (*sãmente*, *tenazmente*, *belamente*, etc.).

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio, como se verá também no devido momento. E, como no advérbio "lateja"

---

[24] Com efeito, foi por considerar impossível que o advérbio determine de algum modo também um substantivo (e ainda uma oração inteira) que a N.G.B. classificou os advérbios que aparentemente o fazem como "palavras denotativas". Isto não faz senão tornar ainda mais obscuro o assunto; mas a maioria dos gramáticos segue-o.

de algum modo o adjetivo, passam alguns advérbios a admitir, igualmente, flexões de grau (*pertinho*, etc.).[25] Por isso podem dizer-se *nominais* certos fatos relativos não só aos substantivos e ainda aos adjetivos, mas até a estes mesmos advérbios.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** Ademais, há formas que nos parece necessitam de tratamento especial. É o caso sobretudo das NEGATIVAS *não, nem, tampouco, nunca, jamais* (estas duas últimas com superposição de aspecto temporal), mas também das AFIRMATIVAS *sim, certamente*, etc., das DUBITATIVAS *talvez, acaso*, etc. Também se estudarão no momento devido.

2.2.5. Há porém palavras que, por sua própria natureza, são distintas das vistas até agora: têm, sim, carga semântica – sem o que não seriam palavras –, a qual todavia não se atualiza senão enquanto elas servem de conectar duas palavras ou duas orações.[26] Dividem-se duplamente.

2.2.5.a. Temos antes de tudo os CONECTIVOS ABSOLUTOS, ou seja, as PREPOSIÇÕES e as CONJUNÇÕES.

- As PREPOSIÇÕES, como o próprio nome indica, põem-se sobretudo antes de palavras que expressem ideia subordinada a outra: *ficou* [subordinante] *EM casa* [subordinada]; *feito* [subordinante] *POR Maria* [subordinada]; *útil* [subordinante] *A todos* [subordinada]; etc. Mas põem-se também antes de verbo em forma nominal justamente para subordinar sua *oração* a outra: *POR rejeitar a proposta indecorosa* [subordinada], *passaram a persegui-lo* [subordinante]; *EM chegando à cidade* [subordinada], *telefone-nos* [subordinante]; etc. Há PREPOSIÇÕES que só o são (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, diante, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*); mas há palavras oriundas de outras classes gramaticais, em geral adjetivos ou particípios, que, por contiguidade semântica, podem usar-se como preposições (*conforme, consoante, tirante*, etc.).
- As CONJUNÇÕES, por sua vez, são enlaces de subordinação entre orações e dividem-se em duas espécies.[27] Na primeira, estão as **copulativas** ou **aditivas** (cujo modelo é *e*), as **disjuntivas** ou **alternativas** (cujo modelo é *ou*), as **adversativas** (cujo modelo é *mas*). Na segunda, as **integrantes** (cujo modelo é *que*),

---

[25] E note-se ainda que muitos adjetivos podem tornar-se advérbios (*Trabalham rápido*) ou usar-se como advérbios impróprios (*As águas fluíam tranquilas*).

[26] Como se verá, o tratamento que damos aos conectivos discrepa grandemente do das gramáticas correntes.

[27] Como se dirá na Sexta Parte, negamos que as orações chamadas "coordenadas" o sejam propriamente – outro ponto em que divergimos em profundidade das gramáticas correntes.

as **condicionais** (cujo modelo é *se*), as **causais** (cujo modelo é *porque*), as **finais** (cujo modelo é a locução *para que*), as **comparativas** (cujo modelo é *como*), as **concessivas** (cujo modelo ora é *embora* ora é a locução *ainda que*), as **temporais** (cujo modelo é *quando*), as **proporcionais** (cujo modelo é a locução *à medida que*), as **correlativas** ou **consecutivas** (sempre em par com certos advérbios de intensidade, e cujo modelo é *tão ... que*). De mais difícil classificação são as conjunções **conclusivas** ou **ilativas** (cujo modelo é *portanto*) e as **continuativas** (cujo modelo é *pois* ou *ora*), enquanto as **explicativas** (cujo modelo pode ser *pois*) e as **modais ou conformativas** (cujo modelo podem ser *como* ou *conforme*) têm sua mesma existência não raro negada.

→ Mas as conjunções também podem ligar palavras (*moça boa* E *bela*, *pessoa bela* MAS *fútil*, *livro bom* AINDA QUE *árduo*, etc.), razão por que podem ligar *partes* da oração, ou seja, *núcleos* do sujeito (*Pedro* E *Paulo chegaram a Roma*, por exemplo), de um complemento (*Trouxe canetas* E *lápis*, por exemplo), etc.

2.2.5.b. Depois, os **CONECTIVOS NÃO ABSOLUTOS**: são os PRONOMES RELATIVOS. A diferença entre a conjunção e o relativo é que a conjunção se interpõe entre duas orações tão somente para manter entre elas uma relação de subordinação, ao passo que o pronome relativo, que se refere sempre a um nome antecedente, também *representa* de algum modo a ideia deste na oração seguinte – é como um traço de continuidade semântica entre as duas orações. Por isso, diferentemente dos conectivos absolutos, *os relativos exercem função sintática*: podem ser sujeito, objeto, etc., como se verá em seu momento. Insista-se por ora, todavia, em que o relativo também funciona sempre como uma juntura, como um engaste, como uma "dobradiça" de duas orações – o que o faz identificar-se com todo e qualquer conectivo.

2.2.6. Tem-se por fim a classe à parte das **INTERJEIÇÕES**: *ah!*, *oh!*, etc. As interjeições expressam tão somente um afeto ou uma impressão súbita da alma, razão por que se aproximam de signos naturais como um gemido de dor ou como um rosto lívido. Não são, porém, signos naturais, porque, diferentemente destes, se impõem convencionalmente na linguagem.

↗ **OBSERVAÇÃO.** Há ainda interjeições como *adiante!*, *força!*, *coragem!*, etc., que são originalmente advérbios modificadores de verbo ou nomes complementares deste: *Siga adiante!*, *Tenha força!*, *Encha-se de coragem!*, etc. Trata-se de caso análogo ao de formas de agradecimento como *Obrigado*: *Estou obrigado a retribuir o favor que me fez*, que resultam de elipse de quase toda a oração.

- Como se há de ter notado, vimo-nos obrigado a romper com muitos modos tradicionais de classificação das palavras. Por outro lado, porém, tivemos a permanente preocupação de aproveitar todo o possível da classificação tradicional, pelo fato mesmo de ser tradicional.
- Como também se há de ter notado, já várias vezes fizemos classificações duplas ou triplas. E não o pudemos fazer senão porque, assim como em Química se diz que um composto é polifuncional quando participa de mais de uma função, assim também, *analogamente*, deve dizer-se em Gramática que certas partes de palavra, certas palavras ou certas classes ou subclasses de palavras são POLIFUNCIONAIS por participar de mais de uma função morfológica ou de mais de uma função sintática.

III
A PALAVRA, UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA

3.1. Já vimos que as palavras são signos de conceitos mentais. Devemos agora demonstrar algo que temos repetido, sem maiores explicações, ao longo desta gramática: A PALAVRA É A UNIDADE SIGNIFICATIVA MÍNIMA DA LINGUAGEM E, POIS, DE TODA E QUALQUER LÍNGUA.

3.2. O assunto só veio a obscurecer-se com a noção de "morfema", oriunda da Linguística, mas adotada por vários gramáticos. Define-se "morfema" como a menor unidade linguística com significação, incluindo raízes e afixos, formas livres e formas presas, etc. Vejamos se tal procede. Tomemos a forma verbal *circum-navegavam* e o substantivo feminino *preamar*, e decomponhamo-los:

α. circum-navegavam compõe-se de:

circum-, PREFIXO < lat. *circum-* < preposição latina *circum*, 'em torno de, em volta de' (e *circum* é o acusativo de *circus, i*, 'círculo', tomado adverbialmente),

+

-naveg-, RADICAL < lat. *navĭgo, as, āvi, ātum, āre* (*nav[is]-* + *-ĭg* < **-ăg-*, raiz de *agĕre*), 'percorrer o mar ou qualquer superfície líquida',[28]

[28] O asterisco antes de *-ăg-* é sinal convencional, usado diante de vocábulo não atestado ou de raiz ou de forma hipotéticas.

+

-*a*-, VOGAL TEMÁTICA dos verbos portugueses de primeira conjugação,

+

-*va*-, DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL do pretérito imperfeito do indicativo,

+

-*m*, DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL de terceira pessoa do plural;

β. preamares compõe-se de:

-*prea*- TEMA (português antigo < lat. *plena*, feminino do adjetivo *plēnus, a, um*, 'pleno, cheio'),

+

-*mar*-, RADICAL ou TEMA (de *mar*, substantivo feminino [hoje masculino] < lat. *maris, e*, 'mar').[29]

+

-*es*, DESINÊNCIA DE PLURAL (ou [como se verá mais adiante] VOGAL TEMÁTICA RECOMPOSTA [-*e*-] + DESINÊNCIA DE PLURAL).

3.2.2. Pois bem, as partes em que se decompõem estas duas palavras podem dividir-se, QUANTO AO ÉTIMO, em três classes:

3.2.2.a. as que provêm de palavras não conectivas: no caso de α, -*naveg*-; no de β, *prea*- e -*mar*-;

3.2.2.b. uma que provém mais imediatamente de palavra conectiva, mas mais remotamente de palavra não conectiva: em α, *circum*-;

3.2.2.c. as que desde sempre são desinências, ou seja, *flexões gramaticais* sem existência autônoma na língua: no caso de **α**, -*a*-, -*va*-, -*m*; no caso de **β**, -*es* ou -*e*- + -*s*.

3.2.3. QUANTO AO QUE ATUALMENTE SÃO NESTAS DUAS PALAVRAS, tais partes não são mais que o expresso acima em versalete: no caso de **α**, *prefixo, radical, vogal temática, desinência modo-temporal, desinência número-pessoal*; no de **β**, *tema, radical* ou *tema, desinência de gênero* ou *vogal temática* + *desinência de gênero* – contribuindo cada qual, naturalmente, ou com sua carga semântica (para o significado da palavra de que é parte) ou com sua função meramente material (para classificá-la).[30]

3.2.4. Pois bem, se se deixa de lado o étimo de cada uma de tais partes, vejamos se podem *atualmente*, justo enquanto são partes, ser *unidades* linguísticas

[29] Todos estes conceitos – radical, tema, prefixo, vogal temática, desinência – se explicarão na próxima seção.

[30] O segundo caso é o da *vogal temática*.

mínimas com significação. Ora, para que algo se diga *propriamente* unidade, ou seja, para que algo se diga *propriamente* UNO, é preciso que possa ser *por si*. Vejamos se o podem as partes das palavras que acima decompusemos.

→ No caso de **α**,

- *circum-*, obviamente, não o pode;
- *-naveg-* tampouco;
- *-a-* não só não o pode atualmente, mas nem sequer pode, nunca, ter significado senão intralinguístico: toda e qualquer *vogal temática* é sempre mero instrumento gramatical classificatório com que se compõem certos paradigmas morfológicos;
- *-va-* e *-m* tampouco o podem.

→ No caso de **β**,

- *prea-* não o pode hodiernamente, ainda que já o tenha podido, no português antigo;
- *-mar-* pode-o (desde porém que não se considere parte de um tema *-mare*);
- *-es-* ou *-e-* + *-s*, obviamente, não o podem.

Mas parece que *alguma* parte é dotada de significação, o que contraria nossa afirmação de que é a palavra a unidade significativa mínima.

3.2.5. Aprofundemos a questão mediante analogias. Dissemos que, pela decomposição daquelas duas palavras (*circum-navegavam* e *preamares*), encontramos suas *partes*, a maioria das quais não pode ter vida autônoma na língua, enquanto algumas, sim, o podem. Mas, se são partes, são partes de um todo.

3.2.5.a. Ora, uma *oração* é um TODO; e suas partes, justamente as palavras, como unidades significativas mínimas, também são todos. Há porém diversas espécies de *todos*. Um exército é um todo, mas cada uma de suas partes – um homem – também é um todo.[31] Pois bem, a *oração* pode comparar-se *analogicamente*, NESTE PRECISO SENTIDO, a um exército.

3.2.5.b. Mas há outras espécies de *todos*. Simplifiquemos todavia nossa exposição, e limitemo-nos a comparar *analogicamente* a palavra a um ACORDE MUSICAL. Em Música, ACORDE é um conjunto de notas que soam não sucessivamente, como num intervalo, por exemplo, de dó-sol-dó, mas *simultaneamente*. Pois bem, ponhamos o acorde de SI MENOR e o de RÉ MAIOR. O primeiro é composto das notas SI, RÉ e FÁ SUSTENIDO; o segundo, de RÉ, FÁ SUSTENIDO e LÁ. Veja-se que os dois

[31] Um exército em batalha é um TODO DE ORDEM, enquanto um homem é um TODO SUBSTANCIAL.

acordes só diferem em uma nota; e no entanto o primeiro soará triste ou melancólico, enquanto o segundo soará radiante. Devemos entendê-lo. Naturalmente o RÉ e o FÁ SUSTENIDO, presentes nos dois acordes, soam cada um por si sempre iguais; basta tocar as correspondentes teclas do piano para sabê-lo. Não obstante, combinados diferentemente nos dois referidos acordes, em um caso com o SI e no outro com o LÁ, e *consoando* com estes, deixam de soar como soavam isoladamente para ser partes, agora, da unidade do acorde. Dá-se o mesmo, *mutatis mutandis*, com algumas das partes de que se formam as palavras: originalmente, são unidades significativas mínimas – são *palavras* –, mas, quando entram a compor outra palavra, deixam de sê-lo para ser *unicamente* partes desta.

3.2.5.c. Poder-se-á objetar, ainda, que a analogia com o acorde musical é precária porque entre ele e a palavra há, com efeito, uma grande diferença: no ACORDE as notas *soam simultaneamente*, enquanto na PALAVRA as partes *soam sucessivamente*. Pois bem, tomemos então uma peça musical de canto gregoriano,[32] monódica e diatônica. Com efeito, quem compõe uma peça musical assim tem à sua disposição as diversas notas da escala diatônica, com seus tons e seus semitons; e cada uma dessas notas é, de per si, inequivocamente, uma unidade musical. Basta tocar qualquer tecla do piano para sabê-lo. Mas quem compõe uma peça de canto gregoriano toma aquelas notas e as dispõe em determinada ordem sucessiva. Suponhamos que, para compor dado intervalo, o compositor disponha em sequência um DÓ, um FÁ SUSTENIDO e um DÓ,[33] mas, desagradando-lhe o resultado, compõe outro, dispondo agora um DÓ, um SOL e um DÓ. Vê-se, assim, que os dós destes intervalos deixaram de ser puros dós para ser *dós DE um intervalo* – onde a oitava é dividida em partes iguais – que, enquanto tais, DIFEREM dos dós *DO outro intervalo* – onde a oitava se divide numa quinta e numa quarta. Uma coisa é ser dó puro e simples; outra é ser um dó ordenado a um fá sustenido que se ordena a um dó, e outra, ainda, é ser um dó ordenado a um sol que se ordena a um dó. Pois bem, originalmente os dós de quaisquer cantos gregorianos são a mesma nota dó; dado, porém, que entram em um cantochão em disposição diferente da disposição em que entram em outro cantochão, diga-se deles algo análogo ao que se disse dos dós daqueles dois intervalos: já não são dós puros, mas PARTES DA UNIDADE MUSICAL QUE É A MELODIA INTEIRA DE UM CANTOCHÃO. É ainda o que se dá, *mutatis mutandis*,

[32] Também conhecido como *cantochão* ou *canto plano*.
[33] Trata-se de um *trítono*, intervalo de maior dificuldade para o canto e sempre evitado no cantochão.

com algumas das partes formadoras de palavras: originalmente são unidades significativas mínimas – são *palavras* –, mas, quando entram a compor outra palavra, deixam de sê-lo para ser *unicamente* PARTES DESTA E EM FUNÇÃO DESTA.[34]

3.3. Definitivamente, as partes em que pode decompor-se a palavra não são, justamente enquanto partes suas, unidades significativas mínimas, conquanto contribuam com sua carga semântica original para significação da palavra. E isto é assim porque, como já vimos detidamente, a significação é como a FORMA da palavra; e a palavra significa um conceito *simples*: o de *substância*, o de *vivente*, o de *sensível*, o de *racional*, etc., e também o de um grego *tragélaphos* (literalmente, *capricervo*),[35] ou seja, ainda um conceito *simples* conquanto de coisa composta. Por isso é que a palavra também há de ser SIMPLES, ou seja, **unidade significativa mínima**.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Aproveite-se o ensejo para outro aprofundamento, que será de grande valia para os próximos capítulos desta gramática. Como se acaba de ver, a palavra significa algum conceito simples de alguma coisa simples ou composta. Mas o conceito de "homem" é a mesma definição "animal racional" ou, mais precisamente, "substância vivente sensível racional". Trata-se já de uma *oratio*, de uma *oração*, que em primeira acepção quer dizer, precisamente, *reunião significativa de duas ou mais palavras*. E o que mais nos importa aqui: em qualquer oração, as palavras são tão unidades significativas mínimas como cada soldado de um exército é por si um todo. Obviamente, porém, há efetiva diferença entre a oração "substância vivente sensível racional" e estas duas orações: "Que é o homem?" e "O homem *é* uma substância vivente sensível racional".

α. Antes de tudo, a primeira ainda está no âmbito da primeira operação do intelecto, enquanto as outras já estão no da segunda operação do intelecto.[36]

β. A primeira é uma DEFINIÇÃO, enquanto a segunda é uma ORAÇÃO INTERROGATIVA e a terceira uma PROPOSIÇÃO. A primeira, como dito, identifica-se

---

[34] Assinale-se, contudo, que em verdade as notas musicais isoladas são antes os ELEMENTOS da música. Para a diferença entre ELEMENTO e PARTE, *vide* o dito na Terceira Parte.

[35] Exemplo de Aristóteles em *Da Interpretação* (16 a 16). – Em Zoologia, *Tragelaphus* é o nome de um grupo de mamíferos bovídeos da família dos antílopes. O espanhol e o italiano têm *tragelafo*, enquanto em português ainda não temos nome dicionarizado senão para as espécies de *Tragelaphus*: bauala, cudo, sitatunga, etc.

[36] São três as operações do intelecto. A primeira, chamada *simples apreensão*, tem por obra o CONCEITO OU DEFINIÇÃO. A segunda, chamada *juízo*, tem por obra a PROPOSIÇÃO. E a terceira, chamada *raciocínio*, tem por obra a ARGUMENTAÇÃO.

com o conceito de *homem*. A segunda é uma oração que, conquanto se componha de sujeito (*o homem*) e de predicado (*Que é*), está para a proposição como a matéria para a forma: justo porque é a proposição a que, julgando, responde ao problema ou questão posta.

γ. Pois bem, o estudo das palavras é o que nos ocupa nesta primeira parte da Morfologia; o das orações não compostas de sujeito e de predicado (ou seja, as IMPERFEITAS) e o das compostas de sujeito e de predicado (ou seja, as PERFEITAS) far-se-ão em outras partes. Mas diga-se desde já que para a Gramática – ou antes, para a Sintaxe – é indiferente que as orações compostas de sujeito e de predicado encerrem ou não um juízo (o que, todavia, não é indiferente para a Lógica).

IV
COMO SE FORMAM AS PALAVRAS

4.1. "Como diz Sócrates a Hermógenes,[37] não convém dar às coisas qualquer nome, porque muitas coisas têm que ver com outras que já foram devidamente nomeadas, e o bom legislador da linguagem saberá fazer refletir nos nomes estas relações. Assim como convém dar um nome comum ao cavalo e ao que nasce do cavalo, assim também convém dar nome semelhante ao que o monta, chamando-o *cavaleiro*, e à ação de montá-lo, chamando-a *caval[g]ar* ('cavalar'). Já o nome *cavalo* fora bem dado a este animal de carga, uma vez que *cabāllus* (cavalo castrado, de carga ou de moinho) vem do grego καβάλλης (*kabállēs*), composto de κατα βάλλω (*katá ballō*), que significa '[animal] de tiro'. *Equus* é pura e simplesmente o cavalo, que vem de ἴκκος (*íkkos*), que por sua vez vem de ἵππος (*hippos*), termo grego que permanece em *hipocampo* (cavalo-marinho), *hipopótamo* (cavalo da água [ou de rio]), *hipódromo* (lugar de corridas de cavalos), e que não se hão de confundir com as palavras que se formam com ὑπός (*hypós*), que significa 'sob': *hipótese* ('sob posição' [donde 'suposição']), *hipoteca* ('sob caixa'). Portanto, para não multiplicar indiscriminadamente os vocábulos, mas antes para que eles mesmos nos fossem revelando as realidades significadas, convinha, na medida do possível, formar a multidão de palavras de que os homens cultos necessitam para falar a partir de poucas palavras primitivas."

[37] No *Crátilo* platônico. Todo este **4.1** é citação, *in extenso*, de Pe. Álvaro Calderón, *op. cit.*, p. 230.

4.2. As partes de que se compõem as palavras *em português* podem classificar-se em:

1. *sílaba*;

2. *raiz*;

3. *radical*;

4. *acidentes da palavra*:

a. *vogal temática* (*nominal* ou *verbal*);

b. *sufixo flexional* (*nominal* ou *verbal*);

5. *prefixo*;

6. *sufixo derivacional*.

4.2.1. A **sílaba** já a tratamos em seu âmbito próprio, ou seja, no dos fonemas e das letras.

Observação ⮯. Todas as demais partes de que se compõem as palavras são do âmbito morfológico, razão por que doravante assim as chamaremos: partes morfológicas.

4.2.2. Raiz é a parte morfológica *etimologicamente* irredutível de uma palavra. Ponhamos um exemplo: a raiz hipotética **sed-*, do também hipotético indo-europeu, da qual se teriam originado: *sĕdeo, es, ēre, sēdi*, etc. ('estar sentado'), em latim; *sedere* ('sentar') em italiano; *to sit* ('sentar') em inglês; *sidet'* ('estar sentado') em russo; *sedentário* em português; *et reliqua*. Ou ainda **ed-*, da qual se teriam derivado: *ĕdo, ĕdis, ĕdere*, etc. ('comer'), em latim; *comĕdo, is, comedĕre*, etc., ainda em latim; *to eat* em inglês; *eten* em holandês; *et reliqua*. Como se vê, o conceito de *raiz* pertence propriamente à Etimologia.

4.2.3. Radical é o mesmo núcleo lexical da palavra. Mais que isso, porém, nas seguintes séries:

✓ *pedr-a, pedr-inh-a, pedr-ada, pedr-eir-o, pedr-e-g-ulh-o, a-pedr-ej-ar*, etc.;

✓ *bel-a, bel-íssim-o, bel-eza, bel-a-mente, em-bel-ez-ar, em-bel-ez-a-mento*, etc.,

podem ver-se os radicais *-pedr-* e *-bel-* em sua função de núcleo lexical a que se filiam uma família de palavras. Nem sempre, todavia, o radical se mantém intacto como nas séries acima. Não raro, em razão de alterações fonéticas de diferente tipo, apresenta uma ou mais variantes. Tome-se o caso do radical *-faz-*, a que se filiam, por exemplo:

✓ *faz-e-r, fác-il, in-fec-to, di-fic-il, per-fei-to*, etc.

Como se vê, radical é a *raiz* atual de uma família de palavras em determinada língua.

4.2.4. Ser masculino, feminino ou neutro, singular ou plural, de primeira ou de segunda pessoa, deste ou daquele tempo, e pertencer a este ou àquele paradigma gramatical, nada disso constitui diferença essencial entre as coisas. Por essa razão é que, para significá-lo, convinha manter a *mesma* palavra com *variações* ao fim do radical. São os **ACIDENTES** das palavras, e dividem-se em *sufixos flexionais* (ou desinências) e em *vogais temáticas*.

4.2.4.a. A **VOGAL TEMÁTICA** serve precipuamente para dividir os substantivos e os verbos portugueses em distintos grupos. É mero *instrumento gramatical*.

- Os **SUBSTANTIVOS** distribuem-se por três destes grupos, cada um dos quais, como dito, identificado por uma *vogal temática*:[38]
  - ***-a***: *gram<u>a</u>, marmot<u>a</u>, ros<u>a</u>*, etc.;
  - ***-e***: *dent<u>e</u>, mort<u>e</u>, vest<u>e</u>*, etc.;
  - ***-o***: *gat<u>o</u>, livr<u>o</u>, palc<u>o</u>*, etc.

OBSERVAÇÃO 1. Contrariamente a certa opinião talvez majoritária no meio linguístico-gramatical, este ***-o*** não é mera vogal temática. É, sim, tão vogal temática como, por exemplo, ***-e***: com efeito, o ***-o*** de *gat<u>o</u>* cumpre a mesma função que o ***-e*** – VOGAL TEMÁTICA – de *mestr<u>e</u>*, enquanto o ***-a*** de *gat<u>a</u>* – DESINÊNCIA DE FEMININO – cumpre a mesma função que o ***a*** de *mestr<u>a</u>*. Mas não há negar que o ***-o*** de *rapos<u>o</u>* seja também desinência de masculino, se aí está precisamente para indicar o masculino de *raposa*. É que o NOME do animal é originalmente *feminino*;[39] e sempre que queremos tornar masculino um substantivo feminino terminado em ***-a*** não hesitamos: substituímos este ***-a*** pelo ***-o***, como em (subst.) *bol<u>o</u>* (< *bola*), *cois<u>o</u>* (< *coisa*), etc.

OBSERVAÇÃO 2. Tampouco podemos concordar com que ***-o*** final seja nos ADJETIVOS antes de tudo vogal temática. Nestes são antes de tudo DESINÊNCIA DE GÊNERO MASCULINO, porque a grande maioria deles *assume* a desinência correspondente ao gênero (não à vogal temática) do substantivo a que se refere: *livro gross<u>o</u>, mar profund<u>o</u>, pouc<u>o</u>s gramas*; *casa ampl<u>a</u>, cor vermelh<u>a</u>, veste larg<u>a</u>*; etc. Mas polifuncionalmente, conquanto agora secundariamente, este ***-o*** também é VOGAL TEMÁTICA nos adjetivos, por poder comutar-se:

---

[38] A vogal temática dos substantivos é sempre uma vogal átona final.

[39] Deriva, provavelmente, do espanhol já feminino *raposa* (< do espanhol antigo e dialetal *rabosa*, proveniente de *rabo*, mas com influxo do *-p-* de *rapiega*, nome nas Astúrias do macho da raposa). Há quem sustente, no entanto, que vem por via direta do asturiano ou do leonês.

▫ ou pelo ***-a*** dos raríssimos adjetivos que a têm, os quais ou são aglutinações cuja segunda parte morfológica era já um adjetivo com desinência de feminino (*pernalta* < *perna alta*; etc.) ou são estrangeirismos aportuguesados (*janota* < francês *janot*, "parvo"; etc.);

▫ ou pelo ***-e*** final dos adjetivos provenientes de algum particípio latino (*patente* < lat. *pătens, ēntis*, *recente* < *rĕcens, ēntis*, etc.); ou já criados em português com o sufixo *-nte* (ainda de fundo participial, como se verá mais adiante) e, pois, já como parte de um sufixo;

▫ ou ainda pelo ***-e*** final de adjetivos não participiais provindos também do latim, e pouquíssimo numerosos: por exemplo, *triste* (< lat. *tristis, e*).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Não possuem vogal temática os nomes terminados em consoante (*atol*, *mar*, etc.) ou em vogal tônica (*bambu*, *trenó*) – e por isso se chamam ATEMÁTICOS.[40]

• Os **VERBOS**, por sua vez, agrupam-se em três conjugações, cada uma das quais indicada por uma vogal temática:

◆ a PRIMEIRA por ***-a-***: *falar*, *julgar*, *pensar*, etc;

◆ a SEGUNDA por ***-e-***: *escrever*, *ler*, *suceder*, etc.;

◆ e a TERCEIRA por ***-i-***: *influir*, *partir*, *resistir*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Quase sempre estas *vogais temáticas* aparecem nas diversas formas verbais, sempre ENTRE O RADICAL E AS DESINÊNCIAS:

✓ *fal{a}ste, julg{a}rias, port{a}res*, etc.;

✓ *escrev{e}ras, receb{e}rão, receb{ê}ssemos*, etc.;

✓ *deduz{i}am, part{i}ssemos, segu{i}rdes*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Nem todas as formas verbais, porém, possuem vogal temática. Na 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo, a desinência adere diretamente ao radical: *fal-o* (este ***o*** é desinência número-pessoal); *pens-e-m*, *escrev-a*, *part-a-mos* (estes ***as*** e aquele ***e*** são desinências modo-temporais).

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Em português, somente o verbo PÔR, da segunda conjugação e demasiado irregular, não traz vogal temática no infinitivo. Apresentava-a, todavia, na língua arcaica (*po-e-r*), e mantém-na em diversas de suas formas atuais: *pus{e}era, pus{é}ssemos, pus{e}rdes*, etc.

---

[40] Veja-se, porém, o que mais abaixo se dirá de *mar*.

4.2.4.b. Os SUFIXOS FLEXIONAIS (ou DESINÊNCIAS) são as partes morfológicas que se apõem AO RADICAL OU AO TEMA[41] das palavras para assinalar-lhes o *gênero* e o *número* – no caso dos substantivos e dos adjetivos –, o *grau* – no caso dos substantivos, dos adjetivos e de alguns advérbios – ou o *modo* E o *tempo* e a *pessoa* E o *número* – no caso dos verbos. Ou seja, os sufixos flexionais podem ser NOMINAIS ou VERBAIS.

➢ Relembre-se que NOMINAL também pode dizer-se muitas vezes de traços referentes aos adjetivos, e, conquanto só rara vez, ainda de traços referentes aos advérbios.

α. Os **NOMINAIS** são:

→ de GÊNERO:

◆ ***-o*** (masculino): *garoto*, *moço*, *raposo*;

◆ ***-a*** (feminino): *gata*; *raposa*; *mestra*; *doutora*; etc.;

→ de NÚMERO:

◆ ***-s*** (com uma variante ***es***, depois de consoante): *gatas*; *mares*; etc.;

→ de GRAU (dimensivo ou intensivo):

◆ nos substantivos, nos adjetivos e, mais coloquialmente, em certos advérbios, os de *grau dimensivo*:

▫ aumentativos: ***-ão*** [o sufixo aumentativo português por excelência]; ***-aço***, ***-alhão***, ***-alhaz***, ***-anzil***, ***-aréu***, ***-(z)arrão***, ***-arra***, ***-arraz***, ***-astro***, ***-az***, ***-ázio***, ***-eirão***, ***-orra***, ***-uço***, etc.:

✓ *abelhão*, *amigaço*, *barcaça*, *grandalhão*, *facalhaz*, *corpanzil*, *fogaréu*, *homenzarrão*, *bocarra*, *pratarraz*, *poetastro*, *lobaz*, *copázio*, *vozeirão*, *cabeçorra*, *magruço*; *tempão*; etc.;

▫ diminutivos: ***-(z)inho*** [o sufixo diminutivo português por excelência], ***-ato***, ***-acho***, ***-ebre***, ***-eco***, ***-ejo***, ***-ela***, ***-elho***, ***-ete***, ***-eto***, ***-icho***, ***-ico***, ***-ilho***, ***-im***, ***-ino***, ***-isco***, ***-(z)ito***, ***-ola***, ***-ote***, ***-oto***, ***-ucho***, ***-usco***, e os mais cultos ***-ulo*** / ***-ula*** e ***-culo*** / ***-cula*** (com as variantes ***-áculo*** / ***-ácula***), ***-ículo*** / ***-ícula***, ***-úsculo*** / ***-úscula***, ***-únculo*** / ***-úncula***:

✓ *pedacinho*; *lobato*, *riacho*, *casebre*, *livreco*/*soneca*, *animalejo*, *viela*, *rapazelho*, *lembrete*, *saleta*, *governicho*/ *barbicha*, *burrico*, *pecadilho*, *espadim*, *pequenino*, *chuvisco*, *casita*/ *cãozito*, *fazendola*, *fracote*, *lebroto*, *papelucho*, *velhusco*; *agorinha*, *pertinho*; *glóbulo*, *nótula*, *montículo*, *febrícula*, *corpúsculo*, *homúnculo*, *questiúncula*; etc.;

[41] Para tema, *vide* mais abaixo.

- nos adjetivos, as de *grau intensivo*:
  - superlativos: ***-íssimo*** [o sufixo superlativo português por excelência] e ***-imo***: *inteligent-íssimo*; *humílimo*, *facílimo*, *nigérrimo*; etc.

⇗ **Observação 1.** O ***-es*** de plural pode conceber-se de duplo modo: ou como variante da desinência ***-s*** depois de consoante, a qual assim se adaptaria a nossos hábitos fonéticos (com efeito, são *raríssimos* os casos de ***-s*** de plural depois de consoante – por exemplo, o barbarismo consagrado pelo uso *gol*, *gols*, certamente por influxo do inglês); ou como recomposta vogal temática, como em *mar*, *mares* (< lat. *mare*, *maris*). Aliás, as duas concepções não se anulam.

⇗ **Observação 2.** Temos perfeita ciência de que, ao reintroduzirmos na Gramática da língua portuguesa a noção de que há DESINÊNCIAS DE GRAU ou *dimensivo* ou *intensivo*, vamos a contrapelo da grande maioria dos gramáticos. Estabeleceu-se já desde há muito que os sufixos indicadores de grau ou gradação se juntam à palavra em processo de "derivação". Mas não podemos atinar a que razões atende tal consideração. Mostremos passo a passo não só por que não o podemos, mas por que sustentamos que os sufixos aumentativos, os sufixos diminutivos e os sufixos superlativos são desinenciais ou flexionais e não derivacionais.

- Antes de tudo, SUFIXO[42] só é antônimo de *prefixo*[43] porque, ao contrário deste, se põe ao final da palavra: *entreolhar-se* (prefixo *entre-* + *-olhar-se*) *vs. menininho* (radical *menin-* + sufixo *-inho*). Neste sentido, toda e qualquer desinência – e até a mesma vogal temática – é sufixal: *gat-a*, *navio-s*, *olh-a-rá-s*; *ros-a*, *verd-e*, *tomb-o*; ainda que a vogal temática verbal seja sempre penúltima.[44]

- Depois, como voltaremos a ver, é por dois processos principais que se formam novas palavras: *composição* e *derivação*. Com efeito, as novas palavras constituídas por derivação formam-se de antiga palavra mediante o acréscimo a esta de um sufixo: *are-al* (*areia* + *al*); *viceja-nte* (*vecejar* + *nte*); *bela-mente*; *azul-ar*; etc. Obviamente, trata-se de **novas palavras**: *areal* não é a mesma palavra que *areia*; *vicejante* não é a mesma que *vicejar*; *belamente* não é a mesma que *bela*; *azular* não é a mesma que *azul* – embora sejam da mesma família que a palavra de que

---

42 < lat. *suffixus, a, um*, "pregado; suspenso, pendurado", particípio de *suffigo, is, fixi, fixum, gĕre*, "pregar por baixo, cravar, fincar".

43 < lat. *praefixus, a, um*, "fixado na frente ou na ponta", particípio de *praefigo, is, īxi, īum, igĕre*, "fixar, fincar na frente ou na ponta".

44 Em verdade, as desinências modo-temporais e as número-pessoais também podem tomar-se, quando conjuntamente presentes, como um só sufixo complexo.

derivam. Se porém se pergunta se *rapos-o, bel-a, areia-s, gat-inho, frent-e, fal-a-rá-s* são palavras diversas de *raposa, belo, areia, gato,* ou do radical nominal *frent-,* ou do radical verbal *fal-,* ou se são simples variações daquelas palavras e destes radicais, a resposta é evidente.

▫ É bem verdade que os sufixos aumentativos e os diminutivos não raro não expressam tão somente gradação. Assim, são pejorativos um *sabichão,* um *poetastro,* e um *professorzinho,* um *padreco.* Por estes mesmos exemplos, no entanto, pode ver-se que não se trata de coisas idênticas.

◆ Um *professorzinho* (*professor* + *-[z]inho*) é antes de tudo um professor de baixa estatura; e só posteriormente é que a palavra com o sufixo flexional se usa de modo pejorativo. Diga-se o mesmo de padreco (*padr[e]-* + *-eco*), que é antes de tudo um padre de baixa estatura; e não é senão depois que a palavra com o sufixo flexional se usa pejorativamente. Portanto, *professorzinho* não é palavra distinta de *professor,* ou seja, não temos aí derivação sufixal; seu uso pejorativo, posterior, é-lhe ACIDENTAL. Mas pergunte-se ainda, para uma última confirmação, se *professorzinho,* usada ou não pejorativamente, é palavra outra que *professor,* e se *padreco,* usada ou não pejorativamente, é palavra outra que *padre.* Não o são, evidentemente.

◆ Já o sufixo de *poetastro* (*poet[a]* + *-astro*) *nunca* é usado propriamente como aumentativo, e tem sempre caráter pejorativo. Pareceria, pois, que fosse autêntico sufixo flexional. Mas em verdade estamos em FRONTEIRA TURVA, porque a carga pejorativo-irônica que este sufixo porta deriva justamente de ser *sufixo aumentativo* sempre aplicado, porém, a algo de *pouca* ou *pequena* qualidade (no caso, um poeta). Pergunte-se ainda, portanto, se *poetrastro* é palavra outra que *poeta.* Pois bem, se se atende a que se trata de sufixo *efetivamente* aumentativo, não; se se atende a como este se aplica, sim.

◆ Quanto a *sabichão* (*sab-* + *-ichão* [< *-icho* + *-ão*]), não o pomos em tela senão para mostrar quão inextricáveis podem ser as palavras. Os melhores dicionários registram que originalmente, ao dizer-se *sabichão,* se pensava de fato num '*grande* sábio', e que só posteriormente passou o vocábulo a ter o sentido pejorativo com que hodiernamente o usamos. Repare-se, todavia, no *-icho* com que se forma *-ichão*: é ele mesmo um sufixo diminutivo. Se pois se pergunta se se trata de sufixo flexional aumentativo ou de sufixo derivacional, deve dizer-se que derivacional não o é, pela mesma razão por que não o é o *-astro* de *poetastro*; é sufixo flexional. Quanto a se foi usado ou não inicialmente como puro e

simples sufixo flexional aumentativo, é questão insolúvel. Há sempre uma faixa de sombra ou de mistério mesmo nas realidades mais ínfimas.

▫ Não terminam aí, no entanto, as dificuldades. Observem-se os seguintes três grupos de palavras:

✓ o das que, sendo derivadas de palavras estrangeiras, herdaram sufixo apenas materialmente idêntico a sufixos aumentativos e diminutivos nossos: por exemplo, *cartaz* (gr. *khărtēs*, pelo ár. *qartāz*, ou *qirtās*, 'folha de papel, escritos, livros');

✓ o das que parecem derivar de palavras estrangeiras efetivamente diminutivas, cujo sufixo adaptamos usando algum de nossa língua: *flautim* (< it. *flautino*, 'flauta *pequena*'), *corpúsculo* (< lat. *corpuscŭlum, i*, 'corpo pequeno, átomo, corpo definhado', dim. de *corpus, ŏris*, 'corpo'), etc.;

✓ o das de fato portuguesas que parecem ter sido criadas para significar uma coisa particular, levando embora em conta algum grau desta: *papelão* (de *papel* + *ão*), ou seja, 'certo tipo de papel *grosso* e rígido'; *folhinha* (de *folha* + *inha*), ou seja, 'calendário impresso em uma *única* folha ou em *pequenas* folhas destacáveis'; etc.

Vejamos como entendê-los.

◆ No *primeiro* caso, trata-se simplesmente de formação de novas palavras pela naturalização de vocábulos estrangeiros. Ou seja: não se trata de sufixação flexional nem de sufixação derivacional.

◆ No *segundo*, encontramo-nos outra vez em zona fronteiriça. Trata-se, com efeito, como no primeiro caso, de formação de novas palavras pela naturalização de vocábulos estrangeiros. Essa mesma naturalização, porém, pode dar-se duplamente.

¶ De um modo, a palavra naturalizada foi-o tão somente para nomear algo particular: é o caso de *flautim*, e também é o caso de *cartilha* (carta + *-ilha*, pelo esp. *cartilla*, 'pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e as primeiras lições para aprender a ler'), de *cavalete* (< it. *cavalletto*, 'instrumento de tortura', 'espécie de suporte', 'pequeno cavalo'), de *versículo* (lat. *versicŭlus, a, um*, 'pequena linha escrita; verso pequeno', mas usada em português apenas com sentidos particulares: 'parágrafo numerado da Bíblia', 'cada subdivisão de artigo ou de parágrafo', etc.), *et reliqua*. O caso de tais palavras pareceria poder reduzir-se ao das palavras como *cartaz*, mas há uma importante diferença: aqui se mantém, mais ou menos e de alguma maneira, o sentido diminutivo.

¶ De outro modo, a palavra aparentemente resultante de naturalização usa-se como flexionada em português para indicar gradação: é o caso de *questiúncula* (< lat. *quaestiuncŭla, ae*, 'questão *pequena*, de pouca importância'), que pode comutar-se, em qualquer situação, por *questãozinha*; e, afinal, também o do próprio *corpúsculo*, que pode comutar-se, ainda que mais dificilmente, por *corpinho*. Aqui, embora etimologicamente possa tratar-se de naturalização de palavra estrangeira, e ainda que o seja efetivamente, o falante da língua a sente como dotada de sufixação flexional para indicar grau. E isto não só porque pode dar-se aquela comutação, mas porque o sufixo flexional *-culo* (e suas variantes) é perfeitamente vivo em português.[45] De fato, usamo-lo como tal: por exemplo, para uma gota pequena, qualquer gota pequena, podemos dizer *gotícula* (*got-* + *-í-* + *-cula*), do mesmo modo que podemos dizer *cãozito* (*cão-* + *-z-* + *-ito*) para um cão pequeno, para qualquer cão pequeno. Não pode haver dúvida, todavia, de que estamos outra vez em fronteira turva, até porque temos palavras como *crepúsculo* (< lat. *crepuscŭlum, i*, 'luz fraca, crepúsculo (em especial o da noite)', etc.

◆ De complexidade análoga são muitas palavras do *terceiro* caso. Com efeito, não se pode saber com certeza se *folhinha* e *papelão* foram usadas primeiramente para designar alguma coisa particular e só depois passaram a indicar grau, ou se se deu o inverso. Veja-se, aliás, que usamos *papelão* como aumentativo pejorativo para 'procedimento reprovável ou ridículo', sem nenhuma relação aparente com 'certo tipo de papel grosso e rígido'. Por outro lado, porém, palavras como *roupão* ('certo tipo de veste doméstica') ou *mastaréu* ('cada um dos suplementos ou das vergônteas dos mastros') parecem inequivocamente já ter sido criadas para nomear uma coisa particular, e nem sequer implicam noção de grau dimensivo. Aqui, por conseguinte, trata-se essencialmente de criação de novas palavras por *derivação*, mediante o uso acidental, todavia, de sufixos flexionais.

➢ Podemos CLASSIFICAR agora os diversos *sufixos de grau dimensivo* SEGUNDO O USO.

▫ Entre os aumentativos:

✓ ***-ão*** é o usado mais geralmente e antes neutramente (ou até apreciativamente);

[45] E que não se argua que *-culo* é sufixo já derivado de sufixo estrangeiro: todos os sufixos portugueses o são (por exemplo, *-ão*, que deriva ao menos em parte do sufixo latino vulgar *-one*, e *-inho*, que provém do sufixo latino vulgar *-īnu*), como aliás o são todos os de todas as línguas atuais.

- ✓ ***aço***, ***-albão***, ***-albaz***, ***-anzil***, ***-aréu***, ***-arra***, ***-(z)arrão***, ***-arraz***, ***-az***, ***-ázio*** são usados mais ou menos raramente, mas comumente de modo neutro (ou até apreciativo);
- ✓ ***-eirão***, ***-orra***, ***-uço*** usam-se não raro com caráter pejorativo;
- ✓ e ***-astro*** é sempre usado pejorativamente.

▫ Entre os diminutivos:

- ✓ -(z)***inho*** é o mais usado, e é-o antes neutramente;
- ✓ ***acho***, ***-ejo***, ***-ela***, ***-elho***, ***-ete***, ***-eto***, ***-ilho***, ***-im***, ***-ino***, ***-(z)ito***, ***-ola***, ***-ote*** e ***-usco*** são usados antes neutramente, mas mais ou menos raramente;
- ✓ ***-eco***, ***-icho***, ***-ico*** e ***-ucho*** usam-se ora neutramente, ora pejorativamente, ora carinhosamente, etc.;
- ✓ ***-ebre*** só se usa em *casebre*;
- ✓ ***-ato*** e ***-oto*** igualmente se situam em fronteira turva: com efeito, hoje são antes usados para formar nomes de filhote de certos animais: *lebroto* (de lebre), *perdigoto* (de perdiz); *chibato* (cabrito com mais de seis meses e menos de um ano); etc.; mas, em contrapartida, um lebroto não deixa de ser uma lebre pequena;
- ✓ ***-isco*** rara vez é efetivo sufixo diminutivo: em *chuvisco*, por exemplo; o mais das vezes ou é sufixo derivacional (em *mourisco*, ponha-se), ou já nos chega como parte de palavra estrangeira (*obelisco* é uma delas), ou é falso sufixo, como em palavras formadas por derivação regressiva[46] (é o caso, entre outros, de *aprisco* < *apriscar*), etc.;
- ✓ ***-ulo/-ula*** e ***-culo/-cula*** (com as variantes ***-áculo/-ácula***), ***-ículo/-ícula***, ***-úsculo/-úscula***, ***-únculo/-úncula*** são de uso mais estritamente culto.

⇗ **Observação 3.** Insista-se em que, entre os sufixos flexionais de *grau intensivo*, ou seja, os que indicam sinteticamente o grau SUPERLATIVO, ***-íssimo*** é de longe o mais usado.

⇗ **Observação 4.** Nem sempre a língua se vale de sufixos flexionais para significar o que não seja diferença essencial entre as coisas. Muitas vezes, por

---

[46] Para DERIVAÇÃO REGRESSIVA, *vide* mais abaixo.

exemplo, o feminino é indicado por substantivo aposto: *o jacaré fêmea*, a *garça macho*; o plural e o grau por adjetivo quantitativo: *muita gente, quanta preocupação, sala grande, pequeno barco*; ou ainda o grau por advérbio: *excepcionalmente difícil, demasiadamente rápido*, etc.

β. Há duas espécies de desinências **VERBAIS**, cada uma das quais expressa dupla e cumulativamente.

→ Da primeira espécie são as MODO-TEMPORAIS, que indicam, obviamente, o *modo* e o *tempo* do verbo:

- ***-va-*** (***-ve-***), DO IMPERFEITO DO INDICATIVO DA 1ª. CONJUGAÇÃO: *fala-va, falá-ve-is*, etc.;
- ***-a-*** (***-e-***), do IMPERFEITO DO INDICATIVO DA 2ª. CONJUGAÇÃO e DA 3ª.: *escrevi-a, escreví-e-is; parti-a, partí-e-is*; etc.;
- ***-ra-*** (***-re-***), do MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-ra; escrevê-ra-mos; partí-re-is*, etc.;
- ***-rá-*** (***-rã-***; ***-re-***), DO FUTURO DO PRESENTE DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-re-i; escreve-rá-s; parti-rã-o*; etc.;
- ***-ria-*** (***-rie-***), DO FUTURO DO PRETÉRITO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-ria-s; escreve-ríe-is; parti-ria-m*; etc.;
- ***-e-***, DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO DA 1ª. CONJUGAÇÃO: *fal-e, fal-e-mos*, etc.;
- ***-a-***, DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO DA 2ª. CONJUGAÇÃO e DA 3ª.: *escrev-a; part-a-is*; etc.;
- ***-sse-***, do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *fala-sse; escrevê-sse-mos; parti-sse-m*; etc.;
- ***-r-***, DO FUTURO DO SUBJUNTIVO DAS TRÊS CONJUGAÇÕES: *canta-r-es; escreve-r-mos; parti-r-em.*

OBSERVAÇÃO 1. Como se vê, nem todos os tempos verbais têm desinência modo-temporal: carece dela o *pretérito perfeito do indicativo*. Também carece dela o PRESENTE DO INDICATIVO, mas por razão de todo diversa – e por isto é que se prova mais cabalmente que os modos e os tempos verbais estão para o presente do indicativo assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo estão para o nominativo, por exemplo, em latim, e assim como os pronomes oblíquos estão para os retos, por exemplo, em português (*eu* [nominativo] – *me* [acusativo], *mim, ti* [dativo ou ablativo], etc.). Em outras palavras, os modos e os tempos verbais são como CASOS *do presente do indicativo*, assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo

são casos *do nominativo*, e assim como os pronomes oblíquos o são *dos retos*.[47] Por isso é que, enquanto o pretérito perfeito do indicativo carece de desinência modo-temporal mas a poderia ter, o presente do indicativo, definitivamente, não só carece de tal desinência mas NÃO A PODE TER. Bem sabemos que quanto se acaba de dizer contraria tanto a gramática e a linguística atuais como, até, a bimilenar tradição gramatical latina.[48] Não obstante, assim é.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Como mostrado, as desinências modo-temporais terminadas em ***a*** apresentam uma variante em ***e***, o que sucede sistematicamente na 2ª pessoa do plural devido ao contato com a desinência número-pessoal ***-is***. Forma-se então o ditongo *ei* (*s*): *falava* – *faláveis*; *escrevia* – *escrevíeis*; *partira* – *partíreis*. Tal variante, todavia, também se dá em duas outras pessoas do futuro do presente: *cantarei* e *cantaremos*.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** Para assinalar as FORMAS NOMINAIS DO VERBO, dispõe o português de quatro desinências:

- ***-r*** – para o INFINITIVO (impessoal): *fala-r*, *escreve-r*, *parti-r*, etc.;
- ***-ndo*** – para o GERÚNDIO: *fala-ndo*, *escreve-ndo*, *parti-ndo*, etc.;
- ***-do*** – para o PARTICÍPIO: *fala-do*, *devi-do*, *parti-do*, etc.;
- ***-nte*** – para o PARTICÍPIO MODAL: *passa-nte*, *corre-nte*, *conduce-nte*, etc.

> ➢ Conquanto quase sempre a desinência ***-nte*** seja formadora, no português atual, de adjetivos e/ou de substantivos (*canta-nte*, *urge-nte*, *ouvi-nte*, etc.), não perdeu de todo, no entanto, o vigor participial. Estudá-lo-emos na Quinta Parte.
>
> ➢ A razão de chamarmos *modal* ao particípio comumente chamado "presente", damo-la na mesma Quinta Parte.

☞ **OBSERVAÇÃO 4.** Como veremos no devido momento, há verbos cujo particípio é irregular, e há verbos que, abudantemente, têm o particípio regular e um particípio irregular: no primeiro caso, por exemplo, *escrever* – ESCRITO; e no segundo, ainda por exemplo, *eleger* – ELEGIDO e ELEITO.

---

[47] Desse modo, insista-se, o *nominativo* e os *pronomes retos* não são casos; e a flexão do nominativo não é desinência casual, mas *vogal temática*, ao mesmo título que as vogais temáticas nominais em português.

[48] Esta tradição teve por expoente, entre outros, João Filopono de Alexandria (Joannes Philoponus, c. 490-c. 570), também chamado JOÃO, O GRAMÁTICO (Joannes Grammaticus), filósofo neoplatônico cristão que, influído ademais pelo estoicismo, combateu boa parte das teses aristotélicas.

→ Da segunda espécie são as NÚMERO-PESSOAIS, que indicam, naturalmente, a *pessoa* e o *número* da forma verbal:[49]

- do PRESENTE DO INDICATIVO: ***-o, -s, -mos, -is*** (***-des***), ***-m***:
  - ✓ *fal-o; escreve-s; deve-mos; part-is; segue-m;* etc.;
- do PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO, do PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, do FUTURO DO PRETÉRITO, do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO: ***-s, -mos, -is, -m***:
  - ✓ *falava-s; escrevíamo-s; partíe-is; seguia-m;* etc.;
  - ✓ *falara-s; escrevêra-mos; partíre-is; seguira-m;* etc.;
  - ✓ *falaria-s; escreveria-mos; partiríe-is; seguiria-m;* etc.;
  - ✓ *fale-s; escreva-mos; parta-is; siga-m;* etc.;
  - ✓ *falasse-s; escrevêsse-mos; partísse-is; seguisse-m;* etc.;
- do FUTURO DO PRESENTE: ***-i, -s, -mos, -is, -o***:
  - ✓ *falare-i; escreverá-s; devere-mos; partirei-is; seguirã-o;* etc.;
- do FUTURO DO SUBJUNTIVO e do INFINITIVO PESSOAL: ***-es, -mos, -des, -em***:
  - ✓ *falar-es; escrever-mos; dever-des; partir-em;* etc.;

⇗ **Observação 1.** Carecem pois de desinência número-pessoal:

- a terceira pessoa do singular do presente do indicativo;
- a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, do futuro do pretérito, do presente do subjuntivo e do imperfeito do subjuntivo;
- a terceira pessoa do singular do futuro do presente;
- a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

⇗ **Observação 2.** Observe-se que, se o *presente do indicativo* não só carece mas não pode ter desinência modo-temporal, pode todavia ter e de fato tem, em algumas pessoas, desinência número-pessoal.

⇗ **Observação 3.** Observe-se ainda que a desinência número-pessoal ***-des***, de segunda pessoa do plural do presente do indicativo, só aparece em alguns poucos verbos: *i-des, vin-des,* etc.

⇗ **Observação 4.** A letra ***m*** com que grafamos a desinência número-pessoal de terceira pessoa do plural do presente do indicativo representa hoje, na escrita, a nasalização (vocal) do ***a*** que a antecede imediatamente. No entanto, a desinência

[49] As que se arrolam a seguir valem para as três conjugações.

-m é propriamente desinência não só porque se grafa, mas porque, se assim não fosse, tampouco o seria a desinência ***-o*** de terceira pessoa do plural do futuro do presente, nem desinências como ***-i*** e ***-is***, todas as quais na fala são semivogais, ou seja, fonemas pronunciados em *uma só emissão vocal* com a vogal que os antecede. Afirmar, enfim, que aquele ***-m*** não é propriamente desinência é, uma vez mais, deixar-se levar pelo desprezo da escrita.

⇗ **OBSERVAÇÃO 5.** Caso particularmente intricado é o do PRETÉRITO PERFEITO. Se consideramos a primeira conjugação, este tempo verbal aparece com desinência número-pessoal em todas as pessoas: ***-i***, ***-ste***, ***-u***, ***-mos***, ***-stes***, ***-ram***:

✓ *fale-i*, *tenta-ste*, *trabalho-u*, etc.

Na segunda conjugação e na terceira, porém, já perdemos toda a certeza. Com efeito, em *escrevi* parece, à primeira vista, que o ***-i*** seja desinência número-pessoal ligada diretamente ao radical, sem mediação da vogal temática; mas pode ser que este ***-i*** resulte de crase entre a vogal temática (***-e-***) reduzida a ***-i-*** e o ***-i*** desinencial, ou não passe, pura e simplesmente, da vogal temática reduzida a ***-i-***.[50] Diga-se algo semelhante de *parti*: este ***-i*** pode ser ou a desinência número-pessoal aderida diretamente ao radical, ou crase da vogal temática com a desinência-número pessoal, ou ainda a pura desinência número-pessoal. Irresolúvel.

⇗ **OBSERVAÇÃO 6.** Quanto às desinências número-pessoais, o IMPERATIVO é caso à parte. Se se trata das pessoas mais próprias deste modo, a saber, a segunda do singular e a segunda do plural, as quais são, justamente, as segundas pessoas do presente do indicativo sem seu *-s* final, então temos apenas uma desinência número-pessoal residual: um ***-i*** na segunda do plural:

✓ PRESENTE DO INDICATIVO, *falas*, *falais*; IMPERATIVO, *fala*; *fala-i*.

Se porém se consideram as demais pessoas, todas menos próprias do imperativo e todas tomadas do presente do subjuntivo, diga-se de sua respectiva desinência número-pessoal o mesmo que se disse, acima, das do *presente do subjuntivo*.

4.2.4.c. Como acabamos de ver, não é incomum a mutação dos acidentes das palavras, como a da vogal temática da segunda conjugação, ***-e-***, em ***-i-***. Pudemos, de algum modo, incluir as "mais regulares" nos paradigmas. Sucede, porém, que

---

[50] Lembremos que em espanhol a vogal temática de segunda conjugação não raro se reduz a ***-i-*** em muitas das pessoas do *pretérito indefinido* (ou *perfecto simple*): por exemplo, *pude*, *pudiste*, *pudo*, *pudimos*, *pudisteis*, *pudieron*. Há em português, ademais, o fato indiscutível de que no imperfeito do indicativo e no particípio a vogal temática da segunda conjugação se converte precisamente em ***-i-***: *escrev-**i**-a*; *det-**i**-do*; etc.

não só as demais alterações dos acidentes não têm "regularidade" alguma, mas tampouco é incomum a mutação dos radicais. Estamos diante dos VERBOS IRREGULARES e dos VERBOS ANÔMALOS. No capítulo próprio dos verbos, ver-se-á como se conjugam. Explique-se ainda aqui, todavia, em que consistem mais precisamente tal irregularidade e tal anomalidade, e a diferença entre elas.

- No verbo REGULAR, ou não se alteram o radical e os acidentes, ou as variantes destes, como dissemos, podem incluir-se nos paradigmas.
- No IRREGULAR, ou se altera o radical, ou a alteração dos acidentes, por demasiado singulares, não pode incluir-se nos paradigmas. 1) "Assim", mostra-nos J. Mattoso Câmara Jr.,[51] "a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo de *estAR é irregular – estOU*, porque a terminação *-OU* difere [singularmente] da da 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo no correspondente paradigma – *amo*. 2) Porque o seu radical é mais ou menos diferente do radical do infinitivo impessoal. Assim, a 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo de *pedIR* é *irregular – peço*, porque o radical *peç-* é diferente do do infinitivo impessoal – *ped*".

→ Os verbos IRREGULARES costumam classificar-se em:

- FORTES, se *sofrem* alteração no radical do PRETÉRITO PERFEITO: *fazer – fiz, trazer – trouxe*, etc.; ou
- FRACOS, se *não sofrem* alteração no radical do PRETÉRITO PERFEITO: *ouvir – ouvi, pedir – pedi*, etc.
  - ✓ Nos *irregulares fortes* **não** há identidade de formas entre o INFINITIVO PESSOAL e o FUTURO DO SUBJUNTIVO: *dar – der, caber – couber, querer – quiser, saber – souber*, etc.
  - ✓ Nos *irregulares fracos* há identidade de formas entre o INFINITIVO PESSOAL e o FUTURO DO SUBJUNTIVO: *passear – passear, crer – crer, ler – ler, sentir – sentir*, etc.

→ Nem todas as formas dos irregulares, todavia, são irregulares. "Assim", escreve ainda J. Mattoso Câmara Jr.,[52] "o verbo *estar*, da 1ª. conjugação, é irregular, mas são regulares várias de suas formas, como o pretérito imperfeito do indicativo (estAVA, etc.) e as 1ª. e 2ª. pessoas do plural do presente do indicativo (estAMOS, estAIS)".

---

[51] *Gramática* (1ª. e 2ª. série ginasial), Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1955, p. 100, *apud* Rocha Lima, *op. cit.*, p. 208.
[52] *Ibidem*, p. 207.

• Falando mais propriamente, verbo ANÔMALO é o verbo irregular que conta em sua conjugação com *duas ou três raízes*.[53] Neste sentido, há tão somente dois verbos anômalos:

◆ o verbo *SER*, para cuja conjugação concorrem dois verbos latinos, *sedēre* e *esse*;

◆ e o verbo *IR*, para cuja conjugação concorrem três verbos latinos, *īre, vadĕre* e *esse* (mais precisamente seu *perfectum – fui*).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Também pode considerar-se anômalo, todavia, qualquer verbo cujo radical sofra alterações muito profundas, o que é o caso dos seguintes: *caber, dar, dizer, estar, haver, poder, saber, ter, ver, vir*, etc., e especialmente *pôr* (além, é claro, dos mais propriamente anômalos, *ser* e *ir*).

4.3. TEMA é o segmento da palavra formado de *radical* mais *vogal temática*. Assim, do radical *cas-* mais a vogal temática nominal *a* se obterá o tema *casa*. Outros exemplos:

• do radical *braç-* + a vogal temática *-o* temos o tema *braço*;

• do radical *trabalh-* + a vogal temática da 1ª conjugação, *-a-*, temos o tema *trabalha*.

Pois bem, ao tema acrescentam-se não só os outros acidentes da palavra: *braço-s, trabalha-rá*, etc., mas também sufixos derivacionais. Exemplo: do tema verbal *casa-* + o sufixo *-mento* temos *casamento*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Com os sufixos de grau e na derivação sufixal, no entanto, muito comumente a vogal temática cai ou se transforma. Exemplos:

◆ *ros-inha* e *ros-eira*, onde o sufixo se junta imediatamente ao radical;

◆ *afet-u-oso*, onde o sufixo se junta ao tema, mas com a vogal temática mudada de ***-o-*** em ***-u-***.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Como já indicamos, dizem-se **ATEMÁTICAS** as palavras sem vogal temática; são as terminadas em consoante ou em vogal tônica (seguida ou não de *-s* [*aloés*, variante de *aloé*]).

• Nestes casos, o radical identifica-se com o tema, e muitas vezes é a ele que pura e simplesmente se juntam tanto os acidentes da palavra como os sufixos: *pés*; *tambor-im*, etc.

• Mas nas atemáticas terminadas em consoante não raro reaparece uma vogal etimológica: *mar-es, mar-e-moto*; etc.[54]

---

[53] Para RAIZ, *vide* **4.2.2** *supra*.

[54] Veja-se, porém, o dito mais acima a este respeito.

➢ As partes morfológicas da palavra vistas até aqui ou têm alguma carga semântica, ou são instumentos classificatórios. Há, toda-via, partes que não cumprem nenhuma dessas funções, e servem tão somente para evitar certos hiatos ou certos encontros consonantais sentidos como dissonâncias. São as VOGAIS e as CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

- A palavra *gasômetro* é formada de *gás* + *o* + *metro*, e a vogal **-o-** que se interpõe entre as partes extremas não está aí senão para evitar um encontro consonantal "sm"; é uma VOGAL DE LIGAÇÃO.
- A palavra *cafezal*, por seu turno, é formada de *café* + *z* + *al*, e a consoante **-z-** que se interpõe entre as partes extremas não está aí senão para evitar um hiato "é-a"; é uma CONSOANTE DE LIGAÇÃO.
- De notar é o uso da consonante de ligação **-z-** antes da desinência de diminutivo *-inho*. Alternam-se os modos de dizer: *baldinho* e *baldezinho*, *salinha* e *salazinha*; *colherinha* e *colherzinha*, *florinha* e *florzinha*; etc. As razões para tal alternância são de difícil precisão: podem ter que ver com ritmo, ou com eufonia, ou com clareza, ou com integridade, etc. De fato, por exemplo, pela manutenção da INTEGRIDADE do tema, *baldezinho* soa-nos melhor que *baldinho*, enquanto, por razão de EUFONIA, *salinha* se nos afigura melhor que *salazinha*; mas *florzinha* parece indicar com mais CLAREZA que se trata da mesma palavra *flor*; e assim por diante.

➢ Não se confunda com vogal de ligação ou com consoante de ligação, nem, muito menos, com alteração de radical, o que não passa de mera adaptação gráfica: *franquear* forma-se de *franc(o)* + *ear*, e seu *qu* não é senão o mesmo *c* de *franco* quando antes de *e* ou de *i*; ou, o que é o mesmo por outro ângulo, *qu* e *c* são, aqui, duas representações gráficas do mesmo fonema /k/.

➢ Na Quinta Parte, já não trataremos dos radicais e dos acidentes das palavras senão enquanto têm implicação no correto uso morfológico do substantivo, no do adjetivo e no do verbo, e na constituição de paradigmas seus.

V
A FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS

§ Para a formação de NOVAS PALAVRAS, contamos antes de tudo com duas possibilidades gerais:

1. ou se junta a um radical ou a um tema

a. um prefixo,

b. um radical

c. ou um tema;

2. ou se junta a um radical ou a um tema um sufixo derivacional.

São 1) a **COMPOSIÇÃO** e 2) a **DERIVAÇÃO PRÓPRIA** (ou **SUFIXAL**).

- Se se trata de COMPOSIÇÃO, a palavra *derivada* pode continuar ou não na mesma família que o radical ou que o tema *primitivos*.
- Se se trata de DERIVAÇÃO, a palavra *derivada* continua na mesma família que o radical ou que o tema *primitivos*.

> ➢ Chama-se FAMÍLIA DE PALAVRAS, insista-se, ao conjunto de palavras que se agrupam em torno de um radical comum: *olho*, *olhadela*, *entreolhar-se*, etc.

Há ainda, todavia, outros modos de formar novas palavras:

3. a PARASSÍNTESE, em que a palavra é formada ao mesmo tempo por composição e por derivação própria (ou sufixal);

4. a DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que é o exato contrário da *derivação própria*;

5. a ONOMATOPEIA, em que se fomam palavras imitativas de som ou de ruído;

6. outros ainda.

⇗ **NOTA PRÉVIA** ⇘. Muitos gramáticos, e dos melhores, consideram a PREFIXAÇÃO uma espécie de derivação ao mesmo título que a sufixação. Outros, entre os quais nos incluímos, a consideram uma espécie de *composição*. A nossa razão dá-a Said Ali, que todavia se inclui no primeiro grupo: "[...] os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras".[55] Ora, O QUE MAIS PROPRIAMENTE DIFERENCIA

---

[55] Said Ali, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 229. – Note-se todavia que para Said Ali as preposições, os advérbios, etc., quando entram na composição de outra palavra, não se mudam em meras partes morfológicas.

A COMPOSIÇÃO DA DERIVAÇÃO PRÓPRIA (OU SUFIXAL) É O FATO DE NAQUELA CONCORRER PARA A FORMAÇÃO DA NOVA PALAVRA *MAIS DE UM RADICAL*. Mas, obviamente, tanto os advérbios como as preposições contam com radical. Se assim é, e como os prefixos são partes morfológicas de origem ou prepositiva e ou adverbial (como o diz, de outro modo, o mesmo Said Ali), segue-se que a prefixação é uma espécie de composição.[56] Como quer que seja, todavia, como se trata, uma vez mais, de zona fronteiriça tênue, nem sempre nossa posição pode sustentar-se de todo inequivocamente.[57] Ademais, ao contrário do que se dá na composição mais propriamente lexical, a nova palavra formada por prefixação permanece na mesma família que a palavra prefixada, o que constitui um traço de identidade com a derivação sufixal.

5.1. A FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO.

5.1.1. A primeira espécie de *composição* é, pois, a **PREFIXAÇÃO**. Os *prefixos*, que de modo geral são partes morfológicas de origem ou prepositiva ou adverbial (as quais podem ou não ter vida própria na língua atual como preposições ou como advérbios), modificam com sua carga semântica mais ou menos precisa o sentido do tema primitivo, para assim formar a nova palavra: *leal* → *desleal* (prefixo *des-* + tema *-leal*), *pôr* → *impor* (prefixo *in-* + tema *-por*), etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Não raro não se sente claramente a relação entre a carga semântica do prefixo e a do tema, justamente a relação que na prefixação dá a significação à nova palavra. Em *exceder*, *preceder*, *proceder*, por exemplo, não vemos nitidamente a ideia de *ceder*, nem se sente de todo que relação se estabelece entre este tema e os prefixos *ex-*, *pre-* e *pro-*. Por outra parte, nem sempre os temas a que se juntam os prefixos têm vida própria em português. Pode tratar-se de radicais latinos ou de radicais gregos transpostos e meramente adaptados à nossa língua, como nestes exemplos: *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *eduzir*, *induzir*, *produzir*, *reduzir* (do radical de *ducĕre*); *afonia*, *apofonia*, *eufonia*, *metafonia*, *protofonia* (do radical de *phónē*).[58]

→ São os seguintes OS PREFIXOS MAIS USADOS em palavras portuguesas:

- **Prefixos de origem latina:**

◆ **AB-, ABS-, A-** (afastamento, separação):

✓ *abdicar*, *abjurar*, *abuso*; *abster*, *abstrair*; *amovível*, *aversão*; etc.;

---

[56] Incluem-se no primeiro grupo também os autores do novo Acordo Ortográfico. Assim, onde neste se lê "derivação prefixal", lemos nós COMPOSIÇÃO POR PREFIXAÇÃO.

[57] *Vide*, por exemplo, o dito na próxima **OBSERVAÇÃO**.

[58] As séries de exemplos, excelentes, que se seguem nesta OBSERVAÇÃO foram extraídas de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 251, embora lhes tenhamos feito um que outro acréscimo.

- **AD-, A-** [**AR-, AS-**] (movimento para, aproximação, direção):
  ✓ *adjacente, adjunto, adorar; afirmar, arrendar, assimilar,* etc.;
- **ANTE-** [**ANT-**] (anterioridade, precedência):
  ✓ *antebraço, anteontem, antessala; antolhos;* etc.;
- **CIRCUM-** [**CIRCUN-**] (movimento em torno):
  ✓ *circum-adjacente, circum-navegar, circum-murado; circuncírculo, circunlóquio, circunscrito;* etc.
- **CIS-** (posição aquém):
  ✓ *cisalpino, cisatlântico, cisplatino,* etc.;
- **COM-** [**CON-**], **CO-** [**COR-**] (contiguidade, companhia):
  ✓ *combater, compor; conjurar, consoante; coirmão, comover; correlacionar, correligionário;*
- **CONTRA-** (oposição, aposição):
  ✓ *contradizer, contraprova, contrasselo,* etc.;
- **DE-** (movimento de cima para baixo):
  ✓ *decapitar, decrescer, depor,* etc.;
- **DES-** (separação, ação contrária, privação, negação):
  ✓ *desfazer, desfolhar, desmascarar, desverde, desumano,* etc.;
- **DIS-, DI-** [**DIR-**] (separação, movimento para diversos lados, negação):
  ✓ *dissidente, distender, discordar; difícil* (*dis + fácil*); *dilacerar, dirimir;* etc.
- **ENTRE-, INTER-** (posição intermediária, relação entre):
  ✓ *entreabrir, entreato, entrever; interromper, intervir, internacional,* etc.;
- **EX-, ES-, E-** (movimento para fora, estado anterior):
  ✓ *excêntrico, expatriar, extrair; esburacar, escorrer, estender; efusão, emigrar;* etc.;[59]
- **EXTRA-** (posição exterior, excesso):
  ✓ *extralinguístico, extramuros, extraordinário,* etc.;
- **IN-** [**IM-**], **I-** [**IR-**], **EM-** [**EN-**] (movimento para dentro):
  ✓ *incorrer, incrustar, importar; iluminar, irromper; embarcar, enterrar;* etc.;
- **IN-** [**IM-**], **I-** [**IR-**] (negação, privação):
  ✓ *inativo, imperdoável, impossível; ilegal, imutável, irrestrito;* etc.;
- **INTRA-** (posição interior):
  ✓ *intramuscular, intraverbal, intravenoso,* etc.;

---

[59] É comum *es-* alternar-se com *des-*: *esfarelar* ou *desfarelar*, *estripar* ou *destripar*, etc.

- INTRO- (movimento para dentro):
  - ✓ *introjetar*, *intrometer*, *introspectivo*, etc.;
- OB-, O- (posição em frente, oposição):
  - ✓ *objeto*, *obstar*, *obter*; *ocorrer*, *opor*; etc.;
- PER- (movimento através de):
  - ✓ *percorrer*, *perdurar*, *perfurar*, etc.;
- POS- [PÓS-] (posterioridade):
  - ✓ *pospor*, *postônico*, *pós-homérico*, etc.;
- PRE- [PRÉ-] (anterioridade):
  - ✓ *prefácio*, *prefixo*, *preliminar*, *pré-fabricado*, etc.;
- PRO- (movimento para frente):
  - ✓ *promover*, *prometer*, *prorromper*, *prosseguir*, etc.;
- RE- (movimento para trás, repetição):
  - ✓ *refluir*, *redizer*, *refazer*, *renascer*, etc.;
- RETRO- (movimento mais para trás):
  - ✓ *retroagir*, *retrocesso*, *retrotrair*, *retrospectivo*, etc.;
- SEMI- (metade, quase):
  - ✓ *semicírculo*, *semideus*, *semimorto*, etc.;
- SOTO-, SOTA- (posição inferior):
  - ✓ *soto-mestre*, *sotopor*; *sota-vento*, *sota-voga*; etc.;
- SUB-, SUS-, SU-, SOB-, SO- [SOR-] (movimento de baixo para cima, inferioridade):
  - ✓ *subalterno*, *subir*; *suspender*, *suster*; *suceder*, *supor*; *sobestar*, *sobpor*, *soerguer*, *soterrar*, *sorrir*; etc.;
- SUPER-, SOBRE- (posição em cima, excesso):
  - ✓ *supercílio*, *superpor*, *super-hidratação*; *sobrescrito*, *sobreviver*, *sobrepor*; etc.;
- SUPRA- (posição acima, excesso):
  - ✓ *supracitado*, *suprarrenal*, *suprassumo*, etc.;
- TRANS-, TRAS- [TRA-], TRES- (movimento e posição para além de):
  - ✓ *transbordar*, *transluzir*, *transalpino*; *trasladar*, *tradição*, *traduzir*, *tresmalhar*, *tresnoitado*; etc.;[60]
- ULTRA- (posição além do limite):
  - ✓ *ultramarino*, *ultrapassar*, *ultrarrealista*, etc.;
- VICE-, VIS- [VIZO-] (substituição, em lugar de):
  - ✓ *vice-reitor*, *visconde*, *vizo-rei*; etc.

---

[60] Em algumas palavras, alternam-se estes prefixos: *transpassar*, *traspassar* ou *trespassar*, etc.

- **Prefixos de origem grega:**
- AN- [A-]:
  ✓ *anarquia, anônimo; afonia, ateu;* etc.;
- ANÁ- (de baixo para cima, inversão, repetição, progressão):
  ✓ *anagrama, analogia, anástrofe, anábase,* etc.;
- ANFI- (de um e de outro lado):
  ✓ *anfíbio, anfibologia, anfiteatro,* etc.;
- ANTI- (oposição, ação contrária):
  ✓ *antídoto, antípoda, antítese, antiaéreo,* etc.;
- APÓ- (afastamento, separação):
  ✓ *apogeu, apóstata, apoteose,* etc.;
- ARQUI- [ARC-, ARQUE-, ARCE-] (superioridade):
  ✓ *arquipélago, arquiteto, arcanjo, arquétipo, arcebispo,* etc.;
- CATÁ- (de cima para baixo, oposição):
  ✓ *cataclismo, catacumba, catadupa, catacrese,* etc.;
- DIÁ- [DI-] (movimento através de):
  ✓ *diáfano, diagnóstico, diagonal, diocese,* etc.;
- DIS- (dificuldade, mau estado):
  ✓ *dispneia, dispepsia, disenteria,* etc.;
- EC- [EX-] (movimento para fora):
  ✓ *eclipse, écloga, exegese, exorcismo,* etc.;
- EN- [EM-, E-] (posição interior):
  ✓ *encéfalo, energia, embrião, elipse,* etc.;
- ENDO- [END-] (posição interior, movimento para dentro):
  ✓ *endotérmico, endosmose,* etc.;
- EPI- (posição superior; movimento para, posterioridade):
  ✓ *epidemia, epitáfio, epístola,* etc.;
- EU- [EV-] (bem, bom):
  ✓ *eucaristia, eufemismo, evangelho;* etc.;
- HIPER- (sobre, além de, excesso):
  ✓ *hipérbole, hipertrofia, hipertensão,* etc.
- HIPÓ- (posição inferior, escassez):
  ✓ *hipótese, hipotensão, hipoglosso,* etc.;
- META- [MET-] (posterioridade, mudança):
  ✓ *metamorfose, metáfora, metonímia,* etc.;

- **PARÁ-** [**PAR-**] (proximidade, ao lado de):
  ✓ *paradigma*, *paradoxo*, *paralogismo*, *parônimo*, etc.;
- **PERI-** (em torno de):
  ✓ *perífrase*, *perímetro*, *período*, *peripécia*, etc.;
- **PRÓ-** (posição em frente; movimento para frente, anterior):
  ✓ *problema*, *pródromo*, *prognóstico*, *prólogo*, etc.;
- **SIN-** [**SIM-**, **SI-**] (simultaneidade, reunião, companhia):
  ✓ *sincrônico*, *sinfonia*, *simpatia*, *sílaba*, etc.

➢ Observe-se que há correspondência algo numerosa entre prefixos gregos e prefixos latinos: *an-* e *des-*, *en-* e *in-*, *catá-* e *de-*, etc.

OBSERVAÇÃO GERAL. Respondamos à seguinte objeção: não é possível considerar muitos de tais prefixos como da língua portuguesa, porque, com efeito, nela não têm curso próprio. Deve dizer-se porém que, se não têm curso próprio na língua coloquial, podem servir, e servem, sim, de partes morfológicas formadoras de novas palavras no âmbito da Ciência em geral – e também no da Poética. Ou seja, ainda quando não tenham curso próprio atual nestes âmbitos, estão *em potência* para tê-lo. Por exemplo, é o que se deu em francês com *synchronie* (*syn-* + *chron-* + *ie*). E diga-se o mesmo com respeito aos radicais e aos sufixos provenientes do grego e do latim (ou de outras línguas). Prova disso é o chamado HIBRIDISMO, ou seja, o modo linguístico em que se formam palavras mediante a junção de um radical grego e de um latino, por exemplo. Não se trata, portanto, tão só de que tenhamos tomado emprestado daquelas línguas tais partes morfológicas: mais que isso, naturalizamo-las, tornamo-las nossas. Pode dizer-se, analogicamente, que tal naturalização está para a língua assim como a nutrição está para o ser vivo.

5.1.2. A segunda espécie de composição é a que se dá pela junção de um radical ou de um tema nominais ou verbais e de outro radical ou de outro tema nominais ou verbais. É a esta espécie que pode chamar-se **COMPOSIÇÃO MAIS PROPRIAMENTE LEXICAL.**

➢ A fronteira entre a composição por prefixação e a composição mais propriamente lexical, há que reconhecê-lo ainda uma vez, nem sempre é de todo nítida, porque, com efeito, em ambos os casos se trata sempre de radical ou de tema que se juntam a outro radical

ou a outro tema. Sucede apenas que o radical ou o tema de preposições e de certos advérbios têm menor carga semântica que os de substantivos, de adjetivos, de verbos e de outros advérbios – em suma, são "menos" *lexicais* que estes. Daí a distinção, e daí o nome dado à espécie de composição que nos ocupa agora.

• Pois bem, as partes morfológicas de uma palavra formada por composição mais propriamente lexical podem apenas *justapor-se*, conservando cada qual sua integridade temática (*guarda-chuva, vaivém*); ou *aglutinar-se*, com o que ao menos uma delas perde a integridade temática (*agricultura, pernilongo*). No primeiro caso temos JUSTAPOSIÇÃO; no segundo, AGLUTINAÇÃO.

→ A **JUSTAPOSIÇÃO** pode ser:

- de SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO(S):
  - ✓ *arco-íris, parede-cega, peixe-espada, porta-bandeira, mico-leão-dourado*, etc.;
- de SUBSTANTIVO E PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *queda-d'água, pé de vento, pé-de-cabra* (planta), *pé de cabra* (alavanca), *pé-de-meia* (pecúlio), etc.;
- de ADJETIVO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ com o adjetivo como *segunda parte morfológica*: *água-forte, amor-perfeito, fogo-fátuo, mão-morta, vitória-régia*, etc.;
  - ✓ com o adjetivo como *primeira parte morfológica*: *baixa-mar, belas-artes, bom-nome, gentil-homem, meio-dia*, etc.
- de ADJETIVO QUALIFICATIVO + ADJETIVO QUALIFICATIVO:
  - ✓ *azul-marinho, claro-escuro, hispano-americano, luso-brasileiro, verde-escuro*, etc.;
- de ADJETIVO DETERMINATIVO[61] + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *meu-bem, Nosso Senhor, Vossa Excelência, segunda-feira, três-marias*, etc.;
- de VERBO + SUBSTANTIVO:
  - ✓ *beija-flor, ganha-pão, mandachuva, pica-pau, quebra-nozes*, etc.;
- de VERBO + VERBO (ou de VERBO E PREPOSIÇÃO + VERBO):
  - ✓ *corre-corre, vaivém, leva e traz*, etc.;
- de ADVÉRBIO + ADJETIVO:
  - ✓ *sempre-viva*, etc.;
- outros casos:
  - ✓ *bem-te-vi, louva-a-deus, não-te-esqueças-de-mim*, etc.

---

[61] Para a distinção entre ADJETIVO QUALIFICATIVO e ADJETIVO DETERMINATIVO, *vide* o dito mais acima.

→ Quanto à origem de temas e de radicais, a **AGLUTINAÇÃO** pode dar-se diversamente.

α. A AGLUTINAÇÃO pela qual se formam nossas PALAVRAS DE USO MAIS CORRENTE dá-se mais geralmente entre radicais ou temas já de todo portugueses: *embora* (*em + boa + hora*), *malograr* (*mal + lograr*), *pernalta* (*perna + alta*), etc.

β. Mas na AGLUTINAÇÃO pela qual se formam nossas PALAVRAS DE USO ANTES CIENTÍFICO, ANTES ARTÍSTICO OU ANTES TÉCNICO entram geralmente um radical de origem latina ou um radical de origem grega.

- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM LATINA** que funcionam como **PRIMEIRA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, e que majoritariamente terminam em *-i*, temos:[62]

◆ **AMBI-** [< *ambi-*] (ambos):

✓ *ambicídio*, *ambidestro*, *ambivalente*, etc.;

◆ **ARBORI-** [< *arbor, ŏris*] (árvore):

✓ *arborícola*, *arboricultor*, *arboriforme*, etc.;

◆ **AVI-** [< *avis, is*] (ave):

✓ *avícola*, *avicultura*, *avifauna*, etc.;

◆ **BIS-**, **BI-** [< *bis*] (duas vezes):

✓ *bisavô*, *bisneto*, *bípede*, etc.;

◆ **CALORI-** [< *calor, ōris*] (calor):

✓ *calorífero*, *calorífico*, *calorígero*, etc.;

◆ **CRUCI-** [< *crux, crŭcis*] (cruz):

✓ *crucifixo*, *cruciforme*, *crucígero*, etc.;

◆ **CURVI-** [< *curvus, a, um*] (curvo):

✓ *curvicórneo*, *curvilíneo*, *curvinérveo*, etc.;

◆ **EQUI-** [< *aeqŭus, a, um*] (igual):

✓ *equiângulo*, *equicalórico*, *equilátero*, etc.;

◆ **FERRI-**, **FERRO-** [< *ferrum, ī*] (ferro):

✓ *ferricianeto*, *ferrífero*, *ferrovia*, etc.;

◆ **OLEI-**, **OLEO-** [< *olĕum, ī*] (óleo, azeite):

✓ *oleígeno*, *oleoduto*, *oleorresina*, etc.;

◆ **ONI-** [< *omnis, e*] (todo):

✓ *onisciente*, *onipotente*, *onipresente*, etc.;

[62] As relações de radicais latinos e de radicais gregos que se seguirão foram em grande parte extraídas de Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 122-29. Não assim os étimos de radical nem os exemplos de palavra formada por aglutinação.

- **PEDI-** [< *pēs, pĕdis*] (pé):
  - ✓ *pedialgia, pedilúvio*, etc.;
- **PISCI-** [< *pĭscis, -is*] (peixe):
  - ✓ *piscicultura, pisciforme, piscívoro*, etc.;
- **QUADRI-, QUADRU-** [< *quattŭor*] (quatro):
  - ✓ *quadrimotor, quadrúmano, quadrúpede*, etc.;
- **RETI-** [< *rectus, a, um*] (reto):
  - ✓ *reticórneo, retifloro, retilíneo*, etc.;
- **SESQUI-** [< *sesqui-*] (um e meio):
  - ✓ *sesquicentenário, sesquióxido, sesquipedal*, etc.;
- **TRI-** [*trēs, trĭa*] (três):
  - ✓ *triângulo, tricolor, tricorne*, etc.;
- **UNI-** [< *unus, a, um*] (um, uno):
  - ✓ *unilabiado, uníloquo, uníssono*, etc.;
- **VERMI-** [< *vermis, is*] (verme):
  - ✓ *vermicultura, vermiforme, vermífugo*, etc.

• Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM LATINA** que funcionam como **SEGUNDA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:

- **-CIDA** [< *-cīda*] (que mata):
  - ✓ *fratricida, regicida, tiranicida*, etc.;
- **-COLA** [< *-cola*] (que habita ou cultiva):
  - ✓ *aerícola, arborícola, vitícola*, etc.;
- **-CULTURA** [< *cultūra*] (ato de cultivar):
  - ✓ *agricultura, apicultura, ovicultura*, etc.;
- **-FERO** [< *-fĕrō*] (que contém ou produz):
  - ✓ *aurífero, flamífero, lanífero*, etc.;
- **-FICO** [< *facĭō, is, fēcī, factum, ĕre*] (que faz ou produz):
  - ✓ *benéfico, frigorífico, terrífico*, etc.;
- **-FORME** [< *-formis*] (que tem forma de):
  - ✓ *cuneiforme, falciforme, uniforme*, etc.;
- **-FUGO** [< *-fugo*] (que foge ou faz fugir):
  - ✓ *centrífugo, febrífugo, vermífugo*, etc.;
- **-GERO** [< *-ger* (*-gĕrus*), *a, um*] (que contém ou produz):
  - ✓ *armígero, belígero, flamígero*, etc.;
- **-PARO** [< *parĭo, is, pepĕri, partum, ĕre*] (que produz):
  - ✓ *cissíparo, multíparo, ovíparo*, etc.;

- -PEDE [< *pēs, pĕdis*] (pé):
  - ✓ *bípede, palmípede, velocípede*, etc.;
- -SONO [< *-sonus* < *sŏnus, i*] (que soa):
  - ✓ *cônsono, horríssono, uníssono*, etc.;
- -VOMO [< *fūmus, i*] (que expele ou expulsa):
  - ✓ *fulminívomo, fumívomo, ignívomo*, etc.;
- -VORO [< *vŏro, as, āvi, ātum, āre*] (que come):
  - ✓ *carnívoro, frugívoro, herbívoro*, etc.

• Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM GREGA** que funcionam como **PRIMEIRA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:

- ANEMO- [< *ánemos, ou*] (vento):
  - ✓ *anemocórdio, anemógrafo, anemômetro*, etc.;
- ANTROPO- [< *ánthrōpos, ou*] (homem):
  - ✓ *antropocentrismo, antropologia, antropomorfia*, etc.;
- ARQUEO- [<*arkhḗ, ês*] (antigo):
  - ✓ *arqueobactéria, arqueografia, arqueologia*, etc.;
- BIBLIO- [< *biblíon, ou*] (livro):
  - ✓ *bibliofilia, bibliografia, biblioteca*, etc.;
- CACO- [< *kákkē, ēs*] (mau):
  - ✓ *cacoépia, cacofonia, cacografia*, etc.;
- COSMO- [< *kósmos, ou*] (mundo):
  - ✓ *cosmógrafo, cosmogonia, cosmologia*, etc.;
- CROMO- [< *khrôma, atos*] (cor):
  - ✓ *cromófilo, cromolitografia, cromossomo*, etc.;
- CRONO- [< *khrónos, ou*] (tempo):
  - ✓ *cronogeologia, cronologia, cronômetro*, etc.;
- DA(C)TILO- [< *dáktylos, ou*] (dedo):
  - ✓ *dactilospasmo, datilografia, datiloscopia*, etc.;
- DECA- [< *dekás, ádos*] (dez):
  - ✓ *decabráquido, decaedro, decalitro*, etc.;
- DI- [< *di-* < gr. *dís-*] (dois):
  - ✓ *dipétalo, dípilo, dissílabo*, etc.;
- ENEA- [< *ennéa*] (nove):
  - ✓ *eneaédrico, eneágono, eneassílabo*, etc.;
- FARMACO- [< *phármakon, ou*] (medicamento):
  - ✓ *farmacocinética, farmacologia, farmacopeia*, etc.;

- FISIO- [< *phýsis, eōs*] (natureza):
  ✓ *fisiogênese, fisiologia, fisionomia*, etc.;
- HELIO- [<*hḗlios, ou*] (sol):
  ✓ *heliocentrismo, heliografia, helioscópio*, etc.;
- HEMI- [< *hēmi-*] (metade):
  ✓ *hemiciclo, hemisfério, hemistíquio*, etc.;
- HEMO-, HEMATO- [< *haîma, atos*] (sangue):
  ✓ *hemo(a)glutinina, hemoglobina, hematócrito*, etc.;
- HEPTA- [< *heptá*] (sete):
  ✓ *heptadáctilo, heptágono, heptassílabo*, etc.;
- HOM(E)O- [< *hómoios, a, on*; *homós, ḗ, ón*] (semelhante):
  ✓ *homeografia, homeomorfismo, homógrafo*, etc.;
- ICTIO- [< *ikhthýs, yos*] (peixe):
  ✓ *ictiodonte, ictiófago, ictiologia*, etc.;
- ISO- [< *-ísos, os, on*] (igual):
  ✓ *isócrono, isonomia, isósceles*, etc.;
- LITO- [< *líthos, ou*] (pedra):
  ✓ *litocarpo, litografia, litogravura*, etc.;
- MEGA(LO)- [< *megal(o)*] (grande):
  ✓ *megalópole, megatério, megalomania*, etc.;
- MELO- [< *mélos, eos-ous*] (canto):
  ✓ *melodia, melomania, melopeia*, etc.;
- MESO- [< *mésos, ē, on*] (meio):
  ✓ *mesóclise, mesoderma, Mesopotâmia*, etc.;
- MIRIA- [< *myríos, a, on*] (dez mil):
  ✓ *miriagrama, miriâmetro, miríade*, etc.;
- MITO- [< *mýthos, ou*] (fábula):
  ✓ *mitologia, mitômano, mitonímia*, etc.;
- NECRO- [< *nekrós, oû*] (morto):
  ✓ *necrópole, necropsia, necrotério*, etc.;
- NEO- [< *néos, a, on*] (novo):
  ✓ *neobarroquismo, neolatino, neologismo*, etc.;
- NEURO-, NEVRO- [< *neûron, ou*] (nervo):
  ✓ *neuroanatomia, neurologia, nevrogenia*, etc.;
- ODONTO- [< *odoús, odóntos*] (dente):
  ✓ *odontoblasto, odontologia, odontólito*, etc.;

- OFTALMO- [< *ophthalmós, oû*] (olho):
  ✓ *oftalmobláptom, oftalmologia, oftalmoscópio*, etc.;
- ONOMATO- [< *ónoma, atos*] (nome):
  ✓ *onomatofobia, onomatologia, onomatopeia*, etc.;
- ORTO- [< *orthós, é, ón*] (reto, justo):
  ✓ *ortobiose, ortografia, ortodoxo*, etc.;
- PALEO- [< *palaiós, á, ón*] (antigo):
  ✓ *paleoártico, paleografia, paleontologia*, etc.;
- PAN- [< *pâs, pâsa, pân*, genit. *pantós, páses, pantós*] (todos, tudo):
  ✓ *panaceia, panteísmo, pan-africanismo*, etc.;
- PATO- [< *páthos, eos-ous*] ([sentimento] doença):
  ✓ *patofobia, patogenia, patologia*, etc.;
- PEDO- [< *paîs, paidós*] (criança):
  ✓ *pedodontia, pedologia, pedotrofia*, etc.;
- POTAMO- [< *potamós, oû*] (rio):
  ✓ *potamofobia, potamografia, potamologia*, etc.;
- PSICO- [< *psychḗ, ês*] (alma):
  ✓ *psicofarmacologia, psicologia, psicopatia*, etc.;
- QUILO- [< *khílioi, ai, a*] (mil):
  ✓ *quilocaloria, quilograma, quilômetro*, etc.;
- QUIRO- [< *kheír, kheirós*] (mão):
  ✓ *quiromancia, quiroplasto, quiróptero*, etc.;
- RINO- [< *rhís, rhinós*] (nariz):
  ✓ *rinoceronte, rinofaringe, rinofima*, etc.;
- RIZO- [< *rhíza, ēs*] (raiz):
  ✓ *rizófilo, rizófito, rizotônico*, etc.;
- SIDERO- [< *sídēros, ou*] (ferro):
  ✓ *siderofilia, siderografia, siderólita*, etc.;
- TAQUI- [< *tákhos, eos*] (rápido):
  ✓ *taquiarritmia, taquicardia, taquigrafia*, etc.;
- TELEO- [*téleios, a* ou *os, on*] (acabado, perfeito):
  ✓ *teleologia, teleonomia, teleósteo*, etc.;
- TEO- [< *Theós, oû*] (Deus):
  ✓ *teocentrismo, teofania, teologia*, etc.;
- TETRA- [< *téttares, es, a*] (quatro):
  ✓ *tetracloreto, tetrarca, tetraedro*, etc.;

- **TIPO-** [< *týpos, ou*] (figura, marca):
  - ✓ *tipofonia, tipografia, tipologia*, etc.;
- **TOPO-** [< *tópos, ou*] (lugar):
  - ✓ *topografia, toponímia, toponomástica*, etc.;
- **XENO-** [< *xénos, ē, on*] (estrangeiro):
  - ✓ *xenofobia, xenofonia, xenômano*, etc.;
- **XILO-** [< *xýlon, ou*] (madeira):
  - ✓ *xilocarpo, xilofagia, xilogravura*, etc.;
- **ZOO-** [< *zôion, ou*] (animal):
  - ✓ *zoóforo, zoografia, zoologia*, etc.

- Entre os principais **RADICAIS DE ORIGEM GREGA** que funcionam como **SEGUNDA PARTE MORFOLÓGICA** na aglutinação, temos:
  - **-AGOGO** [< *-agogos* < *agōgós, ós, ón*] (que conduz):
    - ✓ *demagogo, epagogo, pedagogo*, etc.;
  - **-ALGIA** [< *-algía* < *alg(o)* + *-ia*] (dor):
    - ✓ *cefalalgia, fibralgia, nevralgia*, etc.;
  - **-ARCA** [< *-árkhēs* ou *-arkhos* < *árkhō*] (que comanda ou governa):
    - ✓ *heresiarca, monarca, patriarca*, etc.;
  - **-ARQUIA** [< *arkhḗ, ês*] (comando, governo):
    - ✓ *autarquia, diarquia, monarquia*, etc.;
  - **-ASTENIA** [< *sthénos, eos-ous* + *-ia*] (debilidade, fraqueza):
    - ✓ *amiastenia, neurastenia, psicastenia*, etc.;
  - **-CÉFALO** [< *kephalḗ, ēs*] (cabeça):
    - ✓ *abraquiocéfalo, dolicocéfalo, microcéfalo*, etc;
  - **-CRACIA** [< *krátos, eos, ous* + *-ia*] (poder):
    - ✓ *aristocracia, autocracia, plutocracia*, etc.;
  - **-DOXO** [< *-dóxos* < *dóxa*] (que opina):
    - ✓ *filodoxo, heterodoxo, ortodoxo*, etc.;
  - **-EDRO** [< *drómos, ou*] (base, face):
    - ✓ *pentaedro, poliedro, triedro*, etc.;
  - **-FAGIA** [< *-phagos* < *phageín*, + *-ia*] (ato de comer):
    - ✓ *aerofagia, creofagia, disfagia*, etc.;
  - **-FAGO** [< *phagos* < *phageín*] (que come):
    - ✓ *acridófago, ictiófago, zoófago*, etc.;
  - **-FILIA** [< *phílos, ē, on* + *ia*] (amizade):
    - ✓ *anglofilia, bibliofilia, lusofilia*, etc.;

- **-FOBIA** [< *phóbos, ou* + ia] (inimizade, ódio, temor):
  ✓ *fotofobia, hispanofobia, hidrofobia*, etc.;
- **-GAMIA** [< *gámos, ou* + *-ia*] (casamento):
  ✓ *exogamia, isogamia, monogamia*, etc.;
- **-GÊNEO** [< depreendido do gr. *homogenḗs, és*] (que gera):
  ✓ *heterogêneo, homogêneo, paleogêneo*, etc.;
- **-GLOTA, -GLOSSA** [< *glôtta, glôssa, ēs*] (língua):
  ✓ *diglota, poliglota, hipoglossa*, etc.;
- **-GONO** [< *-gōnos* < *gōnía, as*] (ângulo):
  ✓ *hexágono, pentágono, polígono*, etc.;
- **-GRAFIA** [< *graphḗ, ês*] (escrita, descrição):
  ✓ *estenografia, ortografia, geografia*, etc.;
- **-GRAMA** [< *grámma, atos*] (escrito, peso):
  ✓ *telegrama, miligrama, quilograma*, etc.;
- **-LOGIA** [< *-logo* + *-ia*] (discurso, tratado, ciência):
  ✓ *filologia, genealogia, oncologia*, etc.;
- **-MANCIA** [< *-manteía*] (adivinhação):
  ✓ *necromancia, piromancia, quiromancia*, etc.;
- **-MANIA** [< *manía, as*] (loucura, tendência):
  ✓ *cleptomania, megalomania, monomania*, etc.;
- **-MAQUIA** [< *-makhía* < *mákhē, ēs*] (combate):
  ✓ *heteromaquia, logomaquia, naumaquia*, etc.;
- **-METRIA** [< *-metro* + *ia*] (medida):
  ✓ *antropometria, biometria, pluviometria*, etc.;
- **-METRO** [< *metro* < *métron*] (que mede):
  ✓ *diâmetro, hidrômetro, pentâmetro*, etc.;
- **-MORFO** [< *morphḗ*] (que tem forma [de]):
  ✓ *antropomorfo, isomorfo, polimorfo*, etc.;
- **-PEIA** [< *poiéō*] (ato de fazer):
  ✓ *etopeia, melopeia, onomatopeia*, etc.;
- **-PÓLIS, -POLE** [< *pólis, eōs*] (cidade):
  ✓ *Teresópolis, metrópole, megalópole*, etc.;
- **-PTERO** [< *pterón, oû*] (asa):
  ✓ *coleóptero, díptero, helicóptero*, etc.;
- **-SCOPIA** [< *skopéō* + *-ia*] (ato de ver):
  ✓ *endoscopia, microscopia, otoscopia*, etc.;

- **-SOFIA** [< *sophía, as*] (sabedoria):
  ✓ *acrosofia, filosofia, pansofia*, etc.;
- **-STICO** [< *stíkhos, ou*] (verso):
  ✓ *acróstico, dístico, monóstico*, etc.;
- **-TECA** [< *thḗkē, ēs*] (lugar onde se guarda):
  ✓ *biblioteca, fitoteca, gliptoteca*, etc.;
- **-TERAPIA** [< *therapeía* < *therapeýō*] (cura, tratamento):
  ✓ *fisioterapia, hidroterapia, quimioterapia*, etc.;
- **-TOMIA** [< *tomḗ, ês* + *-ia*] (corte, divisão):
  ✓ *dicotomia, mastectomia, nevrotomia*, etc.;
- **-TONO** [< *tónos, ou*] (tensão, tom):
  ✓ *átono, barítono, monótono*, etc.

⇗ Observações finais sobre a composição.

α. Costumou-se chamar "pseudoprefixos", "falsos prefixos" ou "prefixoides" a certos radicais de origem latina ou de origem grega que adquiriram sentido especial nas línguas modernas; e "recomposição" ao modo de formação de novas palavras em que aqueles concorrem.[63] Não podemos concordar com isso, e as razões dos que o sustentam não só são insuficientes, mas padecem de obscuridade. Vejam-se os seguintes exemplos dados comumente como de "pseudoprefixo":

- **AERO-** [< lat. *aer, aĕris* < gr. *aḗr, aḗros*] (ar, atmosfera):
  ✓ *aerofagia, aeromoça, aeroplâncton*, etc.;
- **AGRO-** [< gr. *agrós, ou*] (campo):
  ✓ *agrologia, agrometria, agropecuária*, etc.;
- **ASTRO-** [< gr. *ástron, ou*] (astro, constelação):
  ✓ *astrócito, astronomia, astronauta*, etc.;
- **BIO-** [< gr. *bíos, ou*] (vida):
  ✓ *bioatividade, biodegradável, biologia*, etc.;
- **GEO-** [< gr. *gê, ês*] (terra [em todos os sentidos]):
  ✓ *geocêntrico, geografia, geopolítico*, etc.;
- **HETERO-** [< gr. *héteros, a, on*] (outro, diferente):
  ✓ *heteroátomo, heterobafia, heteróclise*, etc.;
- **HIDRO-** [< gr. *hýdōr, hýdatos*] (água):
  ✓ *hidroavião, hidroelética, hidrofobia*, etc.;

[63] Leia-se para a defesa da tese Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 128. – Os autores do novo Acordo Ortográfico compartilham esta tese (*vide*, ademais, o Apêndice desta Parte).

- **MACRO-** [< gr. *makrós, á, ón*] (longo, grande):
  ✓ *macroeconomia, macrografia, macromelia*, etc.;
- **MAXI-** [< lat. *maxĭmus, a, um*] (grandíssimo, máximo):
  ✓ *maxicasaco, maxidesvalorização*, etc.;
- **MICRO-** [< gr. *mikrós, á, ón*] (pequeno, curto; parco; pouco importante):
  ✓ *microfilme, microgranito, micro-onda*, etc.;
- **MINI-** [< lat. *minĭmus, a, um*] (pequeníssimo, mínimo):
  ✓ *minibiblioteca, minifúndio*, etc.;
- **MONO-** [< gr. *mónos, ē, on*] (único, só, solitário, isolado):
  ✓ *monólogo, monocultura, monolinguismo*, etc.;
- **MULTI-** [< lat. *multus, a, um*] (abundante, numeroso):
  ✓ *multiangular, multiface, multinacional*, etc.;
- **PLURI-** [< lat. *plus, plūris*] (muitos):
  ✓ *plurianualidade, plurifloro, plurilíngue*, etc.;
- **PROTO-** [< gr. *prôtos, ē, on*] (primeiro, principal, primitivo):
  ✓ *protógeno, protolíngua, protomártir*, etc.;
- **PSEUDO-** [< gr. *pseudḗs, ḗ, és*, e *pseûdos, eos-ous*] (mentiroso, falso / mentira, falsidade):
  ✓ *pseudociência, pseudônimo, pseudorreligião*, etc.;
- **TERMO-** [< gr. *thermós, ḗ, ón*] (quente, ardente):
  ✓ *termodinâmica, termólise, termonuclear*, etc.

Pois bem, não há nada aí que os distingua de verdadeiros radicais de origem latina ou de origem grega. Atente-se a que pusemos lado a lado palavras mais eruditas e palavras mais atualmente correntes em que concorre algum de tais "pseudoprefixos"; e em todas permanece de algum modo a carga semântica original destes. E dizer "de algum modo" em nada contraria o que sustentamos: com efeito, não se pode dizer que é o mesmo o radical usado em palavras diversas senão de maneira *analógica*. Mas em *aerofagia, aeromoça, aeroplâncton* não deixa de estar presente a carga semântica original do radical: 'ar, atmosfera'.

Ademais, por que "prefixos" ainda que "falsos"? Como vimos, os prefixos caracterizam-se por ser partes mofológicas de origem ou prepositiva ou adverbial em que a carga semântica original mais ou menos se "degradou", mais ou menos esmaeceu. Ora, de nenhum dos exemplos acima pode dizer-se isso. São todos verdadeiros radicais.

Mas um "fundo" de verdade contém, sim, a tese combatida. Vejam-se antes de tudo os seguintes exemplos:

- AUTO- [< gr. *autós, é, ó*] (de si, por si mesmo, espontaneamente):
  ✓ *autoaprendizagem, autobigrafia, automóvel*, etc.;
- CINE- [< gr. *kínēsis, eōs > kínēma, atos*, 'movimento', *kinētós, ē, ón*, 'movível', *kinētikós, ē, ón*, 'motor, promotor, cinético']:
  ✓ *cinemática, cinesia, cinestesia*, etc.;
- RADIO- [< lat. *radĭus, ĭ*] (raio [de roda, círculo, luz, etc.]); rádio (osso do antebraço):
  ✓ *radiodifusão, radiografia, radioestesia*, etc.;
- TELE- [< gr. *têle*] (longe, ao longe, de longe):
  ✓ *telegrama, teleguiar, televisão*, etc.

Ora, verdadeiros radicais, todos se prendem ainda de *algum modo* ao sentido original: *automóvel* é 'o que se move por si mesmo'; *radiodifusão* é 'o serviço de transmissão de sinais, sons ou imagens, por meio de ondas eletromagnéticas'; *televisão* é 'o sistema de transmissão de imagens à distância' ou 'o aparelho receptor dessas imagens'. Há que ver, todavia, se palavras como *autoescola* se enquadram no que acabamos de dizer. E deve dizer-se que não, porque o *auto-* de *autoescola* já não é o mesmo radical que o *auto-* de *automóvel*: é palavra *sinônima* da mesma *automóvel*, e formada por modo de *abreviação*, que veremos mais adiante. O "cine-" de *cinema*, ademais, nem sequer é radical, mas parte do radical *cinemato-*; em verdade, também é *abreviação*, de *cinematógrafo*, por influência da palavra francesa *cinéma* (1899), que por sua vez também é abreviação de *cinématographe*. Quanto ao "radio-" de *radiojornal*, tampouco é o radical de origem latina *radio-*, mas o próprio nome do meio de comunicação que funciona por radiodifusão. E diga-se o mesmo do "tele-" de *telejornal*, de *teledramaturgia* e de outras do mesmo jaez. Ou seja, são novas palavras que se vão cristalizando; são pois potencial e tendencialmente novos radicais, ainda que mantenham parentesco mais ou menos distante com os ancestrais ilustres. De modo algum, porém, insista-se, são prefixos, nem verdadeiros nem "falsos".

Resta um só caso, mais complexo: o de ELE(C)TRO- (< gr. *ēlektron, ou*, 'âmbar amarelo'). A partir do século XIX, o radical encontra-se em numerosíssimos vocábulos científicos ou técnicos (*eletróforo, eletrólito, eletromagnético*, etc.) com a noção de eletricidade. E tal só é possível em razão da propriedade do âmbar de atrair pequenos corpos que lhe estão próximos, propriedade que, se no século XVII se atribuiu a um fluido, posteriormente todavia se identificou com a energia elétrica. Ou seja, este radical sempre se usou com a noção de algo que, porém, só pouco a pouco se compreendeu mais perfeitamente.

β. Mas há casos como o de *vinagre*, vindo provavelmente do catalão, e o de *bancarrota*, oriundo certamente do italiano. Ora, em ambos os casos as partes morfológicas podem decompor-se claramente em português: *vinagre* em *vinho* + *agre*, e *bancarrota* em *banca* + *rota* ('quebrada'); no primeiro temos composição por aglutinação, e no segundo por justaposição. E o podem pela perfeita familiaridade destas palavras e suas partes com o português. Se pois há esta familiaridade, razão por que tais palavras se podem decompor como se fossem portuguesas, então nada mais natural que os lusófonos as considerem de todo suas. Não podemos fazê-lo com, por exemplo, *Leimotiv*, ou com *slump-test*, ou ainda com *imbróglio* (mera adaptação gráfica e fonética). *Vinagre* e *bancarrota* (e suas partes morfológicas) são lidimamente portuguesas, ao mesmo título que o são nossas palavras (e suas partes morfológicas) provindas do latim ou do grego.

γ. Tentemos resolver uma questão árdua e que está na origem de diversas contradições ou de diversas obscuridades, sobretudo ortográficas: se há distinção entre *palavra composta por justaposição* e *locução*, e, se houver, de que ordem é. Pois bem, antes de tudo a DEFINIÇÃO DE LOCUÇÃO segundo as próprias gramáticas e segundo os próprios dicionários: "sequência de duas ou mais palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem significado **CONJUNTO** próprio e função gramatical ÚNICA (a de substantivo, donde *locução substantiva*; a de adjetivo, donde *locução adjetiva*; a de pronome, donde *locução pronominal*; a de verbo, donde *locução verbal*; a de advérbio, donde *locução adverbial*; a de preposição, donde *locução prepositiva*; e a de conjunção, donde *locução prepositiva*)". Tomemos agora o que diz, por exemplo, o novo Acordo Ortográfico: para ele, *decreto-lei*, *médico-cirurgião*, *fava-de-santo--inácio* e *andorinha-do-mar* são palavras compostas por justaposição, enquanto *cor de abóbora*, *jardim de infância*, *mão de obra*, *Maria vai com as outras* seriam locuções. Olhe-se bem, todavia, e não se verá a razão da distinção. Com efeito, não se vê por que *andorinha-do-mar* e *mão de obra* seriam essencialmente distintas se ambas atendem à definição de locução. Talvez todavia se trate do número de partes morfológicas que entram na composição. Impossível: ainda *andorinha-do-mar* e *mão de obra* têm o mesmo número de tais partes, e de quase perfeita identidade morfológica original: *andorinha* e *mão*; *de* (+ *o*) e *de*; *mar* e *obra*. Na verdade, LOCUÇÃO É *ESSENCIALMENTE* O MESMO QUE PALAVRA COMPOSTA POR JUSTAPOSIÇÃO. Afinal – se se entende que "duas ou mais 'palavras' que equivalem a um só vocábulo" não podem, sob pena de contradição de termos, ser senão duas partes morfológicas deste mesmo vocábulo – afinal, aplica-se perfeitamente a definição de locução

(dada acima) à palavra composta por justaposição. A diferença, não essencial, que possa encontrar-se entre as duas coisas é tripla:

- ou certa "lembrança" mais viva das partes morfológicas antes de o serem na locução;
- ou certa dificuldade, fonética ou morfológica, de composição material: assim, em espanhol *aun* + *que* resulta facilmente em *aunque*, mas não assim em português *ainda* + *que*; é muito difícil pôr em um mesmo corpo de palavra, mesmo com hífen, uma locução verbal, até porque é a primeira parte, o auxiliar, o que se conjuga; etc.;
- ou qualquer diferença estabelecida ortograficamente, segundo a qual tais partes morfológicas ou se escrevem juntas (com hífen ou sem ele) ou se escrevem separadas – o que, obviamente, pende de algum modo de todo o anterior.

Se assim não fosse, *peixe-espada* seria em português essencialmente substantivo composto por justaposição, enquanto *pez espada* seria essencialmente locução substantiva em espanhol; *mão de obra* e *mano de obra* seriam em português e em espanhol essencialmente locuções substantivas, enquanto *main-d'œvre* seria em francês essencialmente substantivo composto por justaposição; e *pourquoi* seria em francês essencialmente pronome interrogativo composto por justaposição, enquanto *por que* e *por qué* seriam essencialmente locuções pronominais interrogativas nas respectivas línguas ibéricas. E, se não se julga suficientemente probatório o apelo a comparações com palavras de outras línguas, temos então o caso do *porque* interrogativo lusitano. Não se vê diferença essencial entre ele e o *por que* interrogativo brasileiro, e não pode ser senão evidente a resposta a se são ou não essencialmente o mesmo do ângulo morfológico. Sua distinção reside antes no ortográfico.

Apesar disso, porém, e atendendo a que de fato, pelas razões apontadas, pode haver diferença acidental entre palavra composta por justaposição e locução, devemos até por comodidade seguir usando este último termo para os casos em que ortograficamente não se dê junção (com hífen ou sem ele) das partes morfológicas.

5.2. A formação de novas palavras por derivação.

§ São os seguintes as principais notas da DERIVAÇÃO PRÓPRIA, ou seja, a *sufixal*:

- os sufixos sempre se *pospõem* ao radical ou ao tema, ou seja, sempre se encontram ao final do vocábulo;
- trazem menos carga semântica ao radical ou ao tema do que o fazem tanto os prefixos como, sobretudo, na composição mais propriamente lexical, os radicais;

• a palavra *derivada* continua na mesma família que o radical ou o tema primitivos;

• são os instrumentos próprios para constituir famílias vocabulares com presença nas classes fundamentais. Com efeito,

▫ pelos chamados SUFIXOS NOMINAIS criam-se novos substantivos e novos adjetivos: por exemplo, de *barba* (substantivo) criam-se *barb-eiro* (substantivo) e *barb-udo* (adjetivo);

▫ pelos chamados SUFIXOS VERBAIS criam-se novos verbos: por exemplo, de *arca*, *arqu-ejar*; de *ameno*, *amen-izar*; de *noite*, *anoit-ecer*;

▫ pelo único SUFIXO ADVERBIAL, *-mente*, criam-se novos advérbios: por exemplo, de *bela*, *bela-mente*; de *caridosa*, *caridosa-mente*; de *tranquila*, *tranquila-mente*.

OBSERVAÇÃO ⮯. Dá-se a seguir boa parte dos principais sufixos portugueses, com algumas das respectivas noções que emprestam ao radical ou ao tema primitivos.[64]

5.2.1. OS *SUFIXOS NOMINAIS* DO PORTUGUÊS.

5.2.1.a. FORMAM SUBSTANTIVOS DE OUTRO SUBSTANTIVO:

◆ s -ada:

✓ (multidão, coleção): *boiada*, *papelada*, etc.;

✓ (porção contida em algo): *colherada*, *garfada*, etc.;

✓ (marca de instrumento): *penada*, *pincelada*, etc.;

✓ (ferimento ou golpe): *dentada*, *facada*, etc.;

✓ (alimento, bebida): *goiabada*, *laranjada*, etc.;

✓ (duração prolongada): *invernada*, *temporada*, etc.;

✓ (ato ou movimento enérgico): *cortada*, *saraivada*, etc.;

◆ **-ADO:**

✓ (território sob titular): *condado*, *episcopado*, etc.;

✓ (instituição, título): *almirantado*, *doutorado*, etc.;

◆ **-AGEM:**

✓ (coletivo): *folhagem*, *plumagem*, etc.;

✓ (ato ou prática): *ajustagem*, *aprendizagem*, etc.;

◆ **-AL:**

✓ (cultura de vegetais): *arrozal*, *laranjal*, etc.;

✓ (coletivo ou quantidade): *areal*, *lamaçal*, etc.;

[64] E de fato não podemos dar aqui senão *pouquíssimas* dessas noções. Para uma visão mais exaustiva, *vide* os melhores dicionários.

- **-ALHA:**
  - ✓ (coletivo pejorativo): *canalha*, *gentalha*, etc.;
- **-AMA, -AME:**
  - ✓ (coletivo e quantidade): *mourama*, *raizama*; *vasilhame*, *velame*; etc.;
- **-ÂNEO:**
  - ✓ (tempo): *instantâneo*, *momentâneo*, etc.;
- **-ÃO:**
  - ✓ (proveniência, origem): *alemão*, *beirão*, etc.;[65]
- **-ARIA:**
  - ✓ (atividade, ramo de negócio): *ourivesaria*, *livraria*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *gritaria*, *pedraria*, etc.;
  - ✓ (ação própria de certos indivíduos): *fidalgaria*, *pirataria*, etc.;
- **-ARIO:**
  - ✓ (ocupação, profissão): *operário*, *secretário*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se conserva ou guarda algo): *herbário*, *vestiário*, etc.;
- **-ATO:**
  - ✓ (instituição, título): *baronato*, *cardinalato*, etc.;
  - ✓ (sal, éster [em química]): *carbonato*, *nitrato*, etc.;
- **-EDO:**
  - ✓ (lugar onde crescem vegetais): *olmedo*, *vinhedo*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *lajedo*, *passaredo*, etc.;
- **-EIRO (-A):**
  - ✓ (ocupação, ofício, profissão): *barbeiro*, *cozinheira*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se guarda algo): *galinheiro*, *leiteira*, etc.;
  - ✓ (árvore, arbusto): *mangueira*, *craveiro*, etc.;
  - ✓ (intensidade): *nevoeiro*, *poeira*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *berreiro*, *formigueiro*, etc.;
- **-ETO, -ITO:**
  - ✓ (sal [em química], rocha, etc.): *cloreto*, *granito*, etc.;
- **-IA:**
  - ✓ (profissão, título): *advocacia*, *baronia*, etc.;
  - ✓ (lugar onde se exerce uma atividade): *padaria*, *reitoria*, etc.;
  - ✓ (coletivo): *cavalaria*, *clerezia*, etc.;

---

[65] Com este sufixo, a derivação dá-se quase sempre de nomes próprios de lugar.

- **-INA:**
  - ✓ (alcaloide e álcali artificiais): *cafeína*, *anilina*, etc.;
- **-IO:**
  - ✓ (coletivo, reunião): *gentio*, *penedio*, etc.;
  - ✓ (elemento químico): *potássio*, *sódio*, etc.;
- **-ITA:**
  - ✓ (espécie mineral): *azurita*, *pirita*, etc.;
  - ✓ (gentílico, etc.): *israelita*, *sibarita*, etc.;
- **-ITE:**
  - ✓ (inflamação): *bronquite*, *otite*, etc.;
  - ✓ (fóssil): *amonite*, *helicite*, etc.;
- **-OL:**
  - ✓ (derivado de hidrocarboneto): *fenol*, *naftol*, etc.;
- **-UGEM:**
  - ✓ (semelhança [por vezes pejorativo]): *ferrugem*, *lanugem*, etc.;
- **-UME:**
  - ✓ (coletivo, quantidade, intensidade): *cardume*, *pesadume*, etc.

5.2.1.b. Formam substantivos de adjetivo:

Observação ⬂. Os substantivos formados mediante algum dos sufixos seguintes são geralmente abstratos e indicam qualidade, estado, modo de ser.

- **-DADE**: *bondade*, *dignidade*, etc.;
- **-(I)DÃO**: *gratidão*, *retidão*, etc.;
- **-EZ**: *honradez*, *intrepidez*, etc.;
- **-EZA**: *beleza*, *nobreza*, etc.;
- **-IA**: *alegria*, *valentia*, etc.;
- **-ICE**: *tolice*, *velhice*, etc.;
- **-ÍCIE**: *calvície*, *imundície*, etc.;
- **-OR**: *amargor*, *verdor*, etc.;
- **-(I)TUDE**: *altitude*, *finitude*, etc.;
- **-URA**: *assadura*, *doçura*, etc.

⬀ **Observação.** Ao receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az*, *-iz*, *-oz* e *-vel* retornam à forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* ou *-bil(i)*: *rapaz* > *rapacidade*; *feliz* > *felicidade*; *atroz* > *atrocidade*; *inesgotável* > *inesgotabilidade*.

5.2.1.c. Formam substantivos de substantivo e de adjetivo:

- **-ISMO:**

✓ (doutrina ou sistema filosófico): *platonismo*, *aristotelismo*, etc.;
✓ (doutrina ou sistema artístico): *classicismo*, *simbolismo*, etc.;
✓ (doutrina ou sistema político): *federalismo*, *monarquismo*, etc.;
✓ (religião): *catolicismo*, *judaísmo*, etc.;
✓ (modo de agir): *cinismo*, *heroísmo*, etc.;
✓ (defeito, doença): *daltonismo*, *reumatismo*, etc.;

5.2.1.d. FORMA SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS DE OUTRO SUBSTANTIVO E DE OUTRO ADJETIVO:

- **-ISTA:**
  ✓ (seguidor de doutrina ou sistema filosófico): *kantista*, *tomista*, etc.;
  ✓ (seguidor de doutrina ou sistema artístico): *classicista*, *simbolista*, etc.;
  ✓ (seguidor de doutrina ou sistema político): *federalista*, *monarquista*, etc.;
  ✓ (seguidor de religião): *budista*, *hinduísta*, etc.;
  ✓ (ocupação, ofício): *oftalmologista*, *pianista*, etc.

5.2.1.e. FORMAM SUBSTANTIVOS DE VERBO:

- **-ANÇA, -ÂNCIA:**
  ✓ (ação ou resultado de ação): *vingança*, *lembrança*; *relutância*, *tolerância*, etc.;
- **-ANTE, -ENTE, -INTE:**
  ✓ (lugar de onde, ofício): *mirante*, *cliente*, *gerente*; etc.;
- **-ÇÃO, -SÃO:**
  ✓ (ação ou resultado de ação): *indicação*, *traição*; *divisão*, *extensão*; etc.;
- **-DOURO, -TÓRIO:**
  ✓ (lugar ou meio de ação): *bebedouro*, *matadouro*; *lavatório*, *vomitório*, etc.;
- **-ENÇA, -ÊNCIA:**
  ✓ (ação ou resultado de ação, condição): *descrença*, *pertença*; *concorrência*, *insistência*, etc.;
- **-MENTO:**
  ✓ (ação ou resultado de ação): *acolhimento*, *ferimento*, etc.;
  ✓ (meio): *ornamento*, *instrumento*, etc.;
  ✓ (coletivo): *armamento*, *fardamento*, etc.
- **-(D)OR, -(S)OR, -(T)OR:**
  ✓ (agente, instrumento): *contendor*, *regador*; *agressor*, *ascensor*; *inspetor*, *interruptor*; etc.;
- **-(D)URA, -(S)URA, -(T)URA:**
  ✓ (ação ou resultado de ação, exercício, qualidade): *andadura*, *queimadura*; *clausura*, *tonsura*; *magistratura*, *manufatura*; etc.;

↻ **Observação 1.** Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm das terminações do particípio "presente" latino (*-ns*, *-ntis*), às quais se junta a vogal temática da conjugação correspondente.

↻ **Observação 2.** Em *-dor*, *-sor* e *-tor*, e em *-dura*, *-sura* e *-tura*, os respectivos sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *-d-*, *-s-* e *-t-* pertencem ao tema do particípio latino.

5.2.1.f. Formam adjetivos de substantivo:

- **-ECO:**
  - ✓ (propriedade, pertinência, origem): *paradisíaco*, *ilíaco*, *austríaco*, etc.;
- **-ADO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *barbado*, *denteado*, *penado*, etc.;
  - ✓ (com forma ou com qualidade de, que as apresenta): *abaulado*, *acinzentado*, *eusporongiado*, etc.;
- **-AICO:**
  - ✓ (referência, pertinência): *judaico*, *prosaico*, *ptolemaico*, etc.;
- **-AL, -AR:**
  - ✓ (relação, pertinência): *campal*, *conjugal*; *escolar*, *familiar*; etc.;
- **-ANO:**
  - ✓ (proveniência, origem, pertença): *lituano*, *romano*, *serrano*, etc.;
  - ✓ (seguidor ou partidário de): *luterano*, *parnasiano*, *pelagiano*, etc.;
- **-ÃO:**
  - ✓ (proveniência, origem): *alemão*, *bretão*, *gascão*, etc.;
- **-ÁRIO**
  - ✓ (coleção, lugar próprio para): *fabulário*, *berçário*, *confessionário*; etc.;
- **-EIRO:**
  - ✓ (origem, ofício, objeto para guardar): *mineiro*, *sapateiro*, *tinteiro*, etc.;
- **-ENGO:**
  - ✓ (relação, pertinência, posse): *avoengo*, *realengo*, *solarengo*, etc.;
- **-ENHO:**
  - ✓ (relativo a, natural de): *ferrenho*, *estremenho*, *panamenho*, etc.;
- **-ENO, -ENSE, -ÊS:**
  - ✓ (referência, origem): *terreno*, *chileno*, *romeno*, etc.;
  - ✓ (relação, procedência, origem): *forense*, *parisiense*; *cortês*, *finlandês*; etc.;
- **-(L)ENTO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *ciumento*, *corpulento*, *fumarento*, etc.;

- **-EO:**
  - ✓ (relação, semelhança, matéria): *argênteo*, *férreo*, *ósseo*, etc.;
- **-ESCO:**
  - ✓ (relação, referência, qualidade): *grotesco*, *quixotesco*, *romanesco*, etc.;
- **-ESTE, -ESTRE:**
  - ✓ (situação, relação): *agreste*, *celeste*; *campestre*, *terrestre*; etc.;
- **-EU:**
  - ✓ (procedência, origem): *europeu*, *hebreu*, *pigmeu*, etc.;
- **-ÍCIO:**
  - ✓ (proveniência, referência): *adventício*, *alimentício*, *natalício*, etc.;
- **-ICO:**
  - ✓ (pertinência, referência): *biológico*, *metálico*, *típico*, etc.;
- **-IL:**
  - ✓ (referência): *pastoril*, *primaveril*, *senhoril*, etc.;
- **-INO:**
  - ✓ (relação, origem, natureza): *albino*, *cristalino*, *londrino*, etc.;
- **-ITA:**
  - ✓ (pertinência, origem): *iemenita*, *ismaelita*, *israelita*, etc.;
- **-ONHO:**
  - ✓ (causador, hábito, estado): *enfadonho*, *medonho*, *risonho*, etc.;
- **-OSO:**
  - ✓ (provido ou cheio de) *afetuoso*, *brioso*, *venenoso*, etc.;
- **-UDO:**
  - ✓ (provido ou cheio de): *barbudo*, *felpudo*, *pontudo*, etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Alguns destes sufixos servem também para formar ADJETIVOS DE OUTRO ADJETIVO: *angélic(o)* + *-al* = *angelical*; *trist(e)* + *-onho* + *tristonho*; etc.

5.2.1.g. FORMAM ADJETIVOS DE VERBO:

- **-ANTE, -ENTE, -INTE:**
  - ✓ (ação, qualidade, estado): *semelhante*, *tolerante*; *doente*, *resistente*; *constituinte*, *seguinte*; etc.;
- **-(Á)VEL, -(Í)VEL:**
  - ✓ (possibilidade de ou de ser alvo de): *lavável*, *louvável*; *perecível*, *punível*; etc.;
- **-(D)IÇO, -(T)ÍCIO:**
  - ✓ (possibilidade de, referência): *movediço*, *quebradiço*; *acomodatício*, *factício*; etc.;

- **-IO, -IVO:**

    ✓ (ação, referência, modo de ser): *fugidio*, *tardio*; *afirmativo*, *pensativo*; etc.;

⇨ **Observação.** Como visto pouco acima, os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm das terminações do particípio "presente" latino (*-ns*, *-ntis*), às quais se junta a vogal temática da conjugação correspondente. Ademais, não só estes sufixos formam substantivos (menos frequentemente) e adjetivos (abundantemente), mas estes mesmos adjetivos se substantivam com certa facilidade.

5.2.2. Os *sufixos verbais* do português.

5.2.2.a. Os novos verbos da língua portuguesa formam-se majoritariamente pela junção da terminação *-ar* a substantivos e a adjetivos: *conceptu-ar*, *pactu-ar*, *(a)fin-ar*, *espanhol-ar*; etc. A terminação *-ar*, como dito, é constituída da vogal temática *-a-* (a da 1ª. conjugação) e do sufixo *-r* (o do infinitivo impessoal). Por vezes, todavia, esta terminação se junta não ao radical primitivo, mas a este mesmo radical acrescido de:

1. *-e-* (*folh-e-ar*);
2. *-iz-* (*util-iz-ar*);
3. *-ent-* (*amol-ent-ar*);
4. *-isc-* (*mord-isc-ar*);
5. *-ej* (*esbrav-ej-ar*);
6. ou ainda *-ic-*, *-ilh-*, *-(z)inh-*, *-it*, etc. (*depen-ic-ar*, *ferv-ilh-ar*, *escrev-inh-ar*, *espe-zinh-ar*, *salt-it-ar*, etc.).

- No primeiro caso, a vogal *-e-* deriva do *-i-* do sufixo verbal *-idiāre*, do latim tardio, com provável influência do sufixo verbal *-eier-*, do francês antigo. Para sua difusão, hão de ter contribuído verbos como *golpear*, *nortear*, etc., cujo *-e-* já era vogal temática da forma derivante (*golpe*, *norte*, etc.). Como quer que seja, porém, podemos ver a terminação *-ear-* de três ângulos:

    ✓ ou etimologicamente, como derivada justamente de *-idiāre*, etc.;

    ✓ ou em suas partes atuais, e então seu *-e-* será uma como "vogal de ligação";

    ✓ ou como sufixo íntegro com uma parte que fornece ASPECTO[66] a certos verbos.

---

[66] O ASPECTO é parte da significação global de dada palavra. Assim, *saltitar* é 'saltar repetidas vezes em saltos pequeninos', e *repetidas vezes em saltos pequeninos* é justamente o aspecto fornecido pelo sufixo ao radical *salt-* e o que faz *saltitar* distinguir-se de *saltar*. Contrariamente, todavia, ao que diz talvez a maioria das gramáticas atuais, o sufixo que fornece aspecto não é acidente ou desinência verbal, senão que é isto mesmo: *sufixo*. *Saltou* e *saltavam* são a mesma palavra, apesar das distintas desinências;

◆ No caso da terminação *-izar*, o *-iz-* deriva do *-iz-* de *-izāre* (< gr. *-izein*), sufixo latino. Pois bem, se se quer decompor atualmente o sufixo *-izar*, há que reconhecer a impossibilidade de dar a *-iz* definição mais precisa. Devemos pois considerar *-izar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ No terceiro caso, *-entar* formou-se por analogia com a terminação *-entar* de verbos como *aquentar*, *violentar*, etc., nos quais *-ent-* era parte do radical. Pois bem, se se quer decompor atualmente o sufixo *-entar*, há que reconhecer a impossibilidade de dar a *-ent-* definição mais precisa. Devemos pois considerar *-entar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ Aparentemente algo fugidio é o quarto caso; mas é possível entendê-lo de modo suficiente. A terminação *-iscar*, semelhantemente ao que se deu com *-entar*, formou-se por analogia com a terminação *-iscar* de verbos como *chuviscar*, *petiscar*, etc., nos quais o *-isc-* era parte do radical. Desse modo, também devemos considerar *-entar* já como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ A terminação *-ejar*, por sua vez, deriva do mesmo *-idiāre* de que deriva o *-ear-* do primeiro caso. Sucede, porém, que seu *-ej-* se identifica com o *-ej-* do sufixo flexional diminutivo *-ejo*, razão por que podemos ver a terminação *-ejar-* de três ângulos:

✓ ou etimologicamente, como derivada justamente de *-idiāre*, etc.;

✓ ou em suas partes atuais, e então seu *-ej-* será um sufixo flexional diminutivo usado, porém, acidentalmente, na formação de novos verbos;

✓ ou ainda como sufixo íntegro que fornece aspecto a certos verbos.

◆ Por fim, no caso das demais terminações, podemos vê-las de dois ângulos:

✓ ou em seus componentes originais e nos atuais, e então *-ic-*, *-ilh-*, *-(z)inh-*, *-it-* e outros serão sufixos flexionais diminutivos usados, porém, na formação de novos verbos;

✓ ou como sufixos íntegros que fornecem aspecto a certos verbos.

• Tais sufixos, com efeito, fornecem a certos verbos algum dos seguintes aspectos:[67]

◆ *diminutivo*;

◆ *durativo*;

◆ *factitivo*;

---

mas *saltar* e *saltitar* são palavras distintas. É que, como dito, toda e qualquer desinência é, por certo ângulo, sufixal, mas nem por isso os sufixos são desinenciais.

[67] A relação não é exaustiva.

- *frequentativo*;
- *pejorativo*.

5.2.2.b. Eis os principais SUFIXOS VERBAIS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO, com algumas de suas respectivas noções aspectuais:

- **-EAR, -EJAR:**
  ✓ (frequentativo, durativo): *cabecear*, *folhear*; *forcejar*, *velejar*; etc.;
- **-ENTAR:**
  ✓ (frequentativo, factitivo): *aformosentar*, *apoquentar*, *amolentar*, etc.;
- **-ICAR, -ILHAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo): *bebericar*, *depenicar*; *dedilhar*, *fervilhar*; etc.
- **-(Z)INHAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo-pejorativo): *definhar*, *escrevinhar*, *espezinhar*, etc.;
- **-ISCAR, -ITAR:**
  ✓ (frequentativo-diminutivo): *mord-isc-ar*, *nev-isc-ar*; *dormitar*, *saltitar*; etc.;
- **-IZAR:**
  ✓ (durativo, frequentativo, factitivo): *agonizar*, *civilizar*, *suavizar*, etc.

5.2.2.c. Resta um ÚLTIMO SUFIXO VERBAL, DA 2ª. CONJUGAÇÃO: *-ecer* (ou *-escer*), característico de verbos INCOATIVOS OU INCEPTIVOS, isto é, verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, seu desdobramento: *amanh-ecer*, *enobr-ecer*, *cr-escer*, *flor-escer*; etc. A terminação provém do latino *-escĕre*. Se assim é, conclua-se a seu respeito identicamente a como se concluiu a respeito de *-izar* e de *-entar*.

OBSERVAÇÃO. Chamar *sufixo* a todas essas terminações não nos deve fazer perder de vista que, decompostas em suas últimas partes, *sufixo flexional verbal* de fato será sempre o ***r***.

> Análise como a que acabamos de fazer dos sufixos verbais poderia, em verdade, *de algum modo*, fazer-se também dos sufixos nominais; mas deixamo-lo para outro lugar. Se o fizemos com respeito a certos "sufixos verbais", não foi senão para mostrar que a compreensão de tema tão complexo sempre se malogra, em algum grau, com qualquer espécie de simplismo.

5.2.3. O *SUFIXO ADVERBIAL* DA LÍNGUA PORTUGUESA.

5.2.3.1. O único sufixo adverbial existente em português é *-mente*, que provém do substantivo latino *mens*, *mentis* ('mente, espírito, intento'). De início com

a noção de "intenção" e, depois, com a de "modo", passou a aglutinar-se a ADJETIVOS para indicar exatamente a circunstância de modo. Com efeito, *boa-mente* = com boa intenção; mas ter boa intenção é um modo bom. Por conseguinte, agir *boamente* é agir de modo bom.

5.2.3.2. Porque tanto o substantivo latino *mens, mentis* como o português *mente* são femininos, o sufixo adverbial mais geralmente se junta a ADJETIVO NO FEMININO: *aplicada-mente, bondosa-mente, corajosa-mente*, etc. – isso, como é óbvio, se não se tratar de adjetivo UNIFORME[68] (como *inteligente*).

☞ **OBSERVAÇÃO.** Desta norma excetuam-se os advérbios derivados de adjetivo em *-ês*: *cortes-mente, portugues-mente*, etc. Tem explicação histórica: estes adjetivos foram um dia UNIFORMES, traço, aliás, que se conserva até hoje em alguns deles, como *montês, pedrês*, etc.: um *bode montês*, uma *cabra montês*, diferentemente de *inglês/inglesa* e tantos outros. Mas a formação adverbial segue ainda, DE MODO ABSOLUTAMENTE GERAL, o antigo modelo: *inglesmente, francesmente*, etc. Constitui ERRO, portanto, dizer e escrever "portuguesamente", "francesamente", etc.

5.2.4. A PARASSÍNTESE.

5.2.4.a Em português, a PARASSÍNTESE consiste na simultaneidade de *composição por prefixação* e de *derivação própria* (*ou sufixal*) sobretudo para formação de novos verbos, quer de base substantiva, quer de base adjetiva: acorrentar (*a* + *corrente(s)* + *ar*); *enternecer* (*en* + *tern[o]* + *ecer*). Outros exemplos:

- DE BASE SUBSTANTIVA: *ajoelhar, amanhecer, desalmar, embarcar, enraizar, despedaçar, esburacar*, etc.;
- DE BASE ADJETIVA: *afear, afrancesar, emudecer, enegrecer, endireitar, esclarecer, esfriar*, etc.

5.2.4.b. Parassintéticos de outras classes, como *subterrâneo, desnaturado*, etc., não se formam com igual facilidade nos domínios da língua portuguesa. Mas aqui não deixa de ter alguma produtividade o sufixo *-âneo*: *conterrâneo, contemporâneo, extemporâneo*, etc., além de *subterrâneo*.

5.2.4.c. Também é possível dar-se parassíntese mediante a simutaneidade de *composição mais propriamente lexical* e de *derivação própria* (ou *sufixal*). Tal é raríssimo em português, e dá-se um pouco mais, por exemplo, em espanhol: *misacantano* (*misa-* + *-cant-* + *-ano*), ou seja, 'padre, sacerdote'; *quinceañero* (*quince-* + *-añ-* + *-ero*), ou seja, 'que tem quinze anos'; etc.

---

[68] Chama-se UNIFORME ao adjetivo aplicável igualmente – ou seja, sem variação flexional – tanto a nomes masculinos como a nomes femininos.

☞ **Observação.** Note-se que não pode haver parassíntese sem tais simultaneidades. Não são parassinteticamente formadas palavras como *deslealdade*, *espreguiçamento*, *injustiça*, etc. Nelas, a análise descobre, sim, prefixo e sufixo; cada uma destas palavras, no entanto, já possuía ou o prefixo ou o sufixo quando se lhe juntou a outra parte constitutiva. Veja-se o exemplo de *injustiça*: há autonomamente em português tanto *injusto* como *justiça*. Não pode dizer-se o mesmo de *desalmar* ou *enraizado*: com efeito, não há na língua portuguesa "desalma" nem "almar", "enraiz" nem "raizado".[69]

- Chama-se HIBRIDISMO, insista-se, à formação de novas palavras com partes morfológicas de procedência diversa: *monóculo* (grego e latim); *sociologia* (latim e grego); *alcaloide* (árabe e grego); *burocracia* (francês e grego); *zincografia* (alemão e grego); *moscardo* (latim e germânico); *caferana* (árabe e tupi); *bananal* (africano e latim); etc. E a mais acumulada das formações híbridas em português é talvez *macadamização*: *mac-* (radical celta); *-adam-* (radical hebraico); *-iz-* (sufixo grego); *-a-* (vogal temática da primeira conjugação portuguesa); *-ção* (sufixo latino).[70]

5.2.5. Na chamada **DERIVAÇÃO REGRESSIVA** ocorre o exato oposto do que se dá na derivação flexional: o vocábulo derivado resulta não da ampliação do derivante, mas de sua *redução* por subtração de um segmento qualquer de seu final. Assim, *rosmano* deriva regressivamente de *rosmaninho*, *sarampo* de *sarampão*, etc.

5.2.5.a. Pela *derivação regressiva* forma-se de verbos grande quantidade de substantivos: é a também chamada DERIVAÇÃO DEVERBAL. Segundo a lição de Said Ali, que se tornou clássica, podem distribuir-se os *deverbais* por quatro grupos:

- os MASCULINOS em **-o**: *castigo*, *choro*, *embargo*, *erro*, *recuo*, *repouso*, *voo*, *vozeio*, etc.;
- os MASCULINOS em **-e**: *corte*, *debate*, *destaque*, *embarque*, *levante*, *rebate*, *toque*, etc.;
- os FEMININOS em **-a**: *apanha*, *denúncia*, *disputa*, *dúvida*, *lavra*, *perda*, *réplica*, *visita*, etc.;

[69] Em verdade, há um *raizado* (= *barbado*); mas é substantivo de uso exclusivo da Viticultura ('bacelo radiculado, pronto para o plantio').
[70] Cf. Rocha Lima, *op. cit.*, p. 279.

- os TANTO MASCULINOS COMO FEMININOS: *achego* e *achega*, *ameaço* e *ameaça*, *grito* e *grita*, *pago* e *paga*, etc.

5.2.5.b. Como pode ver-se por todos os exemplos acima, os *substantivos deverbais* nomeiam alguma *ação* despida dos acidentes de modo e de tempo, de número e de pessoa, próprios do verbo. De sua parte, os *substantivos concretos* são primitivos sempre: deles é que derivam verbos, como *escudar* de *escudo* e *sacolejar* de *sacola*.

5.2.6. As **ONOMATOPEIAS** são palavras que, em sua mesma configuração sonora, buscam reproduzir ou o som ou o ruído feito por aquilo mesmo que nomeiam. Assim, *tique-taque*, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o som cadenciado e repetitivo do relógio; *catraca*, que nomeia e ao mesmo tempo reproduz, de algum modo, o ruído produzido por esse dispositivo ao ser acionado; etc. De notar algumas coisas mais:

5.2.6.a. as onomatopeias sempre nomeiam o som ou o ruído de algo em movimento ou em ação;

5.2.6.b. há línguas, como o inglês, nas quais as onomatopeias são muito mais numerosas;

5.2.6.c. como qualquer palavra, as onomatopeias são signos convencionais, e não naturais.

5.2.7. De certa maneira, podem considerar-se modos de formação de palavras ainda os seguintes.

5.2.7.a. A **ABREVIAÇÃO**: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), etc.

⇲ **OBSERVAÇÃO.** A *abreviação* é apenas uma espécie de BRAQUISSEMIA (ou mudança de uma palavra em outra mais curta). Também o são a *derivação regressiva* (vista acima), a *apócope*, a *contração*, etc.; e de todas também pode dizer-se, de certa maneira, que são modos de formação de palavras.

5.2.7.b. A **SIGLA** (ou redução de títulos a suas letras iniciais) e o **ACRÔNIMO** (ou redução de títulos a suas sílabas e/ou letras iniciais): *FAB* (de *Força Aérea Brasileira*); *Sudam* (de *Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia*); etc.

5.2.7.c. Os **HIPOCORÍSTICOS** há-os de duas espécies:

- os nomes de tratamento intrafamiliar: *papai*, *mamãe*, *titia*, *vovô*, etc.;
- as simplificações ou modificações de nome próprio usadas em trato mais íntimo: *Dudu* (por *Eduardo*), *Toninho* (por *Antônio*), *Zeca* (por *José*), etc.

⇲ **OBSERVAÇÃO 1.** Costumou-se incluir entre os modos de formação de novas palavras uma chamada "derivação imprópria". Nomeia-se assim a simples mudança

de classe ou categoria gramatical sem alteração material: desse modo, como basta antepor o artigo a qualquer palavra (ou até a qualquer frase) para transformá-la em substantivo (como se dá em ***o** célere*), ter-se-ia uma nova palavra por "derivação imprópria". E de fato são muitos os casos de mera mudança de classe ou de subclasse gramatical: de substantivos comuns em próprios (*castelo* > *Castelo*, *pinheiro* > *Pinheiro*, etc.); de substantivos próprios em comuns (*Damasco* > *damasco*, *Hércules* > *hércules*); de adjetivos em substantivos (*circular*, *veneziana*, etc.); de verbos (no infinitivo) em substantivos (*andar* > *o andar*, *jantar* > *o jantar*, etc.); de adjetivos em advérbios ([*falar*] *alto*, [trabalhar] *rápido*, etc.); de particípios em substantivos, em adjetivos e em preposições (*corrente*; [*livro*] *lido*; *mediante*, etc.); de verbos e de advérbios em conjunções (*seja ... seja*, *ora ... ora*, etc.); *et reliqua*.

Sucede, porém, que tais palavras não se transformam em outras ao mudar de classe ou categoria gramatical: *seguem sendo as mesmas*. Para que se entenda, recorramos uma vez mais à analogia. Imagine-se que o artífice da primeira mesa a tenha pensado como artefato para comer, razão por que a fez segundo determinadas disposições: de material rígido, plana, com pés. Após todavia um tempo de usá-la tão só para comer, viu que também servia tanto para reuniões em torno dela como para escrever sobre ela – e passou a usá-la igualmente para estes fins. Pois bem, se se pergunta se já não se trata da mesma mesa, deve responder-se: é claro que se trata, ainda, da mesma mesa. Pois algo análogo se dá com as palavras: alguma (como *branco*) foi criada para ser adjetivo, mas logo se viu que poderia usar-se também como substantivo com sentido contíguo ao original, e assim sucessivamente. Note-se porém que, assim como uma mesa não pode servir para, por exemplo, dormir, assim tampouco um advérbio em *-mente*, por exemplo, pode servir para usar-se como substantivo, ou adjetivo, ou verbo, etc. O uso da mesa para comer, seu uso para reunir-se e seu uso para escrever são tão contíguos entre si como o são o uso de *branco* como adjetivo e seu uso como substantivo – e assim *branco* será propriamente tão adjetivo quão substantivo.

Mas por vezes algo criado para determinado fim é usado para um fim a que não se ordena por suas disposições próprias. Pois bem, assim como se pode usar acidentalmente ou impropriamente um livro grosso para pôr sobre ele um prato de comida e comer, assim também determinada palavra criada para ser, por exemplo, adjetivo pode usar-se acidentalmente ou impropriamente como substantivo ou como advérbio: *trabalhadores céleres* (adjetivo); *o célere* (substantivo acidental) *de seu trabalho*; *trabalhavam céleres* (advérbio impróprio, com manutenção da desinência de plural).

Como quer que seja, não se trata aqui de *derivação* própria nem de imprópria, mas de *uso categorial múltiplo* das palavras, seja ele próprio ou impróprio.

☞ **Observação 2.** Mas palavras não são mesas. Antes de tudo, sua forma original e propriamente dita, o significado, pode perder-se – é o que se chama *catacrese* –, para dar lugar a outra forma, ou seja, a outro significado. É como se outra "alma" o informasse. Tal porém é resultado ainda de corrupção linguística, e se dá, antes de tudo, porque as palavras são faladas por muitos por espaço mais ou menos amplo e nem sempre contínuo e por tempo mais ou menos longo e tampouco sempre contínuo; mas, *afinal*, POR AUSÊNCIA DA DEVIDA GRAMÁTICA E DA DEVIDA LEXICOGRAFIA. Dá-se abundância de perdas significativas quando se passa de uma língua a outra: com efeito, é grandíssimo o número de palavras latinas que passaram a nosso idioma sem o sentido original. Dê-se um exemplo: o latino *bajŭlo, as, āvi, ātum, āre* tinha o sentido de 'levar (especialmente alguém) nos braços ou às costas', e, já mudada em *bajular*, adquiriu entre nós o sentido de 'adular'. Mas também é grande o número de tais perdas de uma etapa de dada língua para outra etapa. É o caso, em português, de *cor* (ó): significava, como em latim (*cor, cordis*), 'coração', mas hoje não se usa senão na expressão *de cor* com o sentido de 'memória'.[71] E vemos, agora mesmo, diante de nossos olhos, repetir-se tais corrupções semânticas: por exemplo, *falaz* ('que engana, que ilude') usa-se equivocadamente com o sentido de 'falastrão' (pela semelhança material de radical [*fal-*]). Pois bem, em todos estes casos surge – por corrupção, insista-se – uma NOVA PALAVRA, ainda que materialmente idêntica à anterior, assim como, *mutatis mutandis*, são distintas a palavra *boato* portuguesa e a palavra *boato* espanhola. E é acidental, quanto ao que se acaba de dizer, que tal nova palavra se incorpore (como *cor* = memória) ou não (como *falaz* = falastrão) ao padrão culto.

Note-se, porém, que em algo diferem o caso de *cor* e o caso de *falaz*: no segundo, trata-se de pura *falsa etimologia*, enquanto no primeiro, conquanto tenha havido esquecimento do sentido original, havia de algum modo, como dito, contiguidade semântica entre coração e memória. Pois bem, quando, *sem que se esqueça o sentido original*, dada palavra adquire novos significados de algum modo análogos ou contíguos ao original, então não se dá corrupção – mas progresso linguístico. É algo semelhante ao visto na Observação anterior; e, por tal aquisição de novos significados análogos ou contíguos, as palavras vão-se adequando ao

---

[71] Lembre-se que a memória era *popularmente* associada ao coração.

esforço mental de representar a realidade em seus múltiplos aspectos e em suas múltiplas interrelações.

São muitas as maneiras pelas quais as palavras adquirem novos significados análogos ou contíguos ao original e se tornam, assim, polissêmicas. Eis três delas.

▫ A METÁFORA, ou seja, a designação de coisa ou de qualidade mediante palavra significativa originalmente de outra coisa ou de outra qualidade que, todavia, podem ter com aquelas certa relação analógica.[72] Note-se porém que a metáfora só passa a interessar à Gramática quando se torna, segundo a magnífica expressão de Susanne Langer,[73] *fossilizada*, ou seja, corrente na língua – ao ponto de já nem sequer sentir-se como metáfora. Se o poeta escreve "o incêndio de seus cabelos", está-se ainda no âmbito da Poética.

Exemplos de *metáforas fossilizadas*:

✓ *os dentes do garfo* (por *as pontas do garfo*);
✓ *os pés da mesa* (por *as partes terminais sobre as quais se assenta a mesa*);
✓ *vontade férrea* (por *vontade forte*);
✓ *O rio corre* (por *O rio flui*);
✓ *O tempo voa* (por *O tempo passa rapidamente*);
✓ etc.

▫ A METONÍMIA, que de certo modo se reduz à metáfora. Mas, enquanto esta se dá por relação ou comparação analógica, a metonímia dá-se mais propriamente em razão de contiguidade semântica. Do mesmo modo que a metáfora, porém, a metonímia não interessa à Gramática senão quando de algum modo *fossilizada*. Pode dar-se:

¶ se se toma O EFEITO PELA CAUSA:

✓ *um Murillo* (por *um quadro de Murillo*);
✓ *ganhar a vida* (por *ganhar os meios de sustentação da vida*);
✓ etc.;

¶ se se tomam O TEMPO OU O LUGAR PELOS ENTES QUE SE ENCONTRAM NELES:

✓ *escrever para a posteridade* (por *escrever para os pósteros*);
✓ *trabalhar pela cidade* (por *trabalhar pelos cidadãos*);
✓ etc.;

---

[72] A *metáfora* também se diz ANALOGIA DE PROPORCIONALIDADE IMPRÓPRIA, e é nela que mais propriamente se dá sentido translato ou figurado.

[73] Em *Philosophy in a New Key: A Study in the Symbolism of Reason, Rite, and Art*. Cambridge, Harvard University Press, 1957.

¶ se se toma O LUGAR PELO PRODUTO:
- ✓ *um havana* (por *um charuto da cidade de Havana*);
- ✓ etc.;

¶ se se toma O CONTINENTE PELO CONTEÚDO:
- ✓ *Comeu um bom prato* (por *Comeu a boa quantidade de comida que estava no prato*);
- ✓ etc.;

¶ se se toma A MATÉRIA PELA COISA FEITA DE TAL MATÉRIA:
- ✓ *um níquel* (por *uma moeda de níquel*);
- ✓ etc.;

¶ se se toma O ABSTRATO PELO CONCRETO:
- ✓ *praticar a caridade* (por *praticar atos de caridade*);
- ✓ etc.;

¶ se se toma A PARTE PELO TODO:[74]
- ✓ *Necessita-se de muito braços para a colheita* (por *Necessita-se de muitos trabalhadores para a colheita*);
- ✓ etc.;

¶ se se toma O QUALIFICATIVO PELO QUALIFICADO:[75]
- ✓ *um borgonha* (por *um vinho da Borgonha*);
- ✓ etc.;

¶ *et reliqua.*

- A EXTENSÃO OU AMPLIAÇÃO DO SIGNIFICADO. Exemplos:
  - ✓ *aliviar*, que de 'diminuir o peso de' passa a significar também 'diminuir qualquer coisa (culpa, dor, tristeza, etc.)';
  - ✓ *embarcar*, que de 'entrar ou colocar em embarcação' passa a significar também 'entrar ou colocar em qualquer veículo';
  - ✓ *espraiar*, que de 'lançar (algo) à praia' passa a significar também 'derramar, estender pela praia', e 'estender-se por vasta área', e 'estender-se no discurso, num assunto';
  - ✓ etc.

OBSERVAÇÃO 3. Se porém se criam *sinônimos* ou *antônimos* de dada palavra, sem dúvida se criam NOVAS PALAVRAS. Na ANTONÍMIA, tal é evidente: *belo* x *feio*;

---

[74] Chama-se SINÉDOQUE a esta espécie de metonímia.

[75] Chama-se ANTONOMÁSIA a esta espécie.

bom x *mau*; *grande* x *pequeno*; etc. Mas a SINONÍMIA pode dar-se duplamente. Ou propositadamente, para expressar aspectos diversos da mesma coisa (como na série *casa, residência, morada, lar*) – e neste sentido a sinonímia de modo algum é absoluta. Ou por acaso ou deriva linguística, e assim a sinonímia pode ser absoluta de algum modo. É o que se dá com *cachorro* no Brasil, que não se tornou sinônimo perfeito de *cão* senão por *catracrese*: esqueceu-se aqui, com efeito, o significado original de *cachorro* ('filhote de cão' < talvez de um lat. vulgar **cattŭlus*, por *catŭlu* ['filhote de cão']). A única diferença, acidental, que pode dar-se no Brasil entre uma e outra palavra diz respeito ao uso; mas nós mesmo preferimos usar sempre *cão*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** No âmbito da chamada HOMONÍMIA, por fim, obviamente se trata sempre de palavras de todo distintas: *cão* (animal), *cão* ('certo tipo de estalagem pública no Oriente Médio'), *cão* (= cã, cabelo branco; ou 'que tem cãs'), *Cão* (constelação), etc.[76]

APÊNDICE
O USO DO HÍFEN

NOTA PRÉVIA ⇘. Devem expor-se agora as regras do uso do hífen segundo o novo Acordo. Mas diga-se que, além de altamente complexo, este seu capítulo não prima pela coerência nem pela clareza. Por isso mesmo, se o reproduzimos na totalidade, não deixamos porém de proceder às devidas adaptações e aos devidos comentários.

«**a.** DO HÍFEN EM COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES

a1. Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos,[77] de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-*

---

[76] São palavras EQUÍVOCAS, ou seja, idênticas na figura, mas distintas segundo o significado ou forma. – Por outro lado, chamam-se UNÍVOCAS as palavras que se dizem igualmente de vários: por exemplo, *animal*, que se diz igualmente do homem, do cão, do tigre, do cisne, etc. E chamam-se ANÁLOGAS as que se dizem de vários mas mais perfeitamente de um primeiro e por referência a ele: assim, tanto a comida como o exercício se dizem *sãos*, mas sempre em referência à saúde do animal, que *é* o que mais propriamente se diz *são* ou *sadio*.

[77] Sempre que o texto do novo Acordo Ortográfico fale de "elemento", trata-se de *parte morfológica*, porque, como já se disse, os elementos das palavras e pois da linguagem são os *fonemas* e as *letras*.

-avô, turma-piloto; alcaide-mor, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, marrom--claro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva»; grão-duque, grão-vizir, grã-cruz.

Observação [do Acordo]: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista*, etc.»

⇗ **Observação 1.** Pode e deve resumir-se esta regra da seguinte maneira: levam hífen os substantivos (comuns) e os adjetivos compostos de duas partes morfológicas justapostas (ou seja, ligam-se por hífen estas mesmas duas partes).

⇗ **Observação 2.** Veja-se que se arrola nesta regra uma série de gentílicos: *norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro.* Não se considerem, porém, gentílicas palavras compostas como as seguintes, em que não se usa hífen: *lusofilia, germanófobo*, etc.

⇗ **Observação 3.** Não nos é possível, de modo algum, concordar com o exposto na Observação do Acordo. Antes de tudo, não estão no mesmo caso, por um lado, *madressilva* (que já deriva de uma latina *matrisilva* medieval), *girassol* (de origem e de composição controversas) e *pontapé* (em que "ponta" pende *semanticamente* do vocábulo tardo-latino *puncta, ae*, 'estocada, golpe') e, por outro lado, *mandachuva* e *paraquedas.* Estas últimas, em que as duas partes da composição ("manda" e "chuva", e "para" e "quedas") são claríssimas, em nada se diferenciam composicionalmente de, por exemplo, *guarda-chuva* e *para-raios.* É ainda o velho e mau hábito de prodigalizar exceções e não fechar paradigmas.[78] Como já dissemos, porém, siga-se o Acordo.

«**a2.** Emprega-se o hífen nos topônimos compostos que se iniciam pelos adjetivos *grã* e *grão* ou por forma verbal, ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará; Abre-Campo; Passa-Quatro, Quebra-Costas, Quebra-Dentes, Traga-Mouros, Trinca-Fortes; Albergaria-a-Velha*, Baía de *Todos-os--Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.*

Observação [do Acordo]: Os outros topônimos compostos se escrevem com os elementos separados, sem hífen: América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde,

[78] Lembre-se que usamos *paradigma* em sentido lato.

Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta, etc. O topônimo Guiné-Bissau é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

a3. Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde*; *bênção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio, bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à "margarida" e ao "malmequer"); *andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca*; *andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha*; *bem-te-vi*.»

⇗ **Observação.** Note-se que tais palavras podem compor-se por justaposição de duas, de três ou de mais partes morfológicas. Em outros termos: palavras compostas por justaposição que nomeiem espécie animal ou espécie vegetal têm sempre suas partes morfológicas ligadas por hífen.

«**a4.** Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios BEM e MAL, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por *vogal* ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não aglutinar-se com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado*; *mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado*; *bem-criado* (cf. malcriado), *bem-ditoso* (cf. malditoso), *bem-falante* (cf. malfalante), *bem-mandado* (cf. malmandado), *bem-nascido* (cf. malnascido), *bem-soante* (cf. malsoante), *bem-visto* (cf. malvisto).

Observação [do Acordo]: Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença*, etc.»

⇗ **Observação 1.** Regra demasiado confusa e arbitrária. Recomendamos, por isso, se recorra sempre a um bom dicionário quando se tratar de *bem* e de *mal* como prefixos.

⇗ **Observação 2.** Ademais, *benfeito* não é o mesmo que *bem-feito*: o primeiro pode ser adjetivo, com o sentido de "que se benfez; beneficiado", ou substantivo, com o sentido de 'benefício, benfeitoria'; o segundo, muito mais usual, só pode ser adjetivo, em duas acepções: 'feito com esmero; bem-acabado'; 'de figura harmoniosa; bem-composto, bem-conformado'.

«**a5.** Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *além-fronteiras*; *aquém-mar*, *aquém-Pireneus*; *recém-casado*, *recém-nascido*; *sem-cerimônia*, *sem-número*, *sem-vergonha*.»

⇗ **Observação.** Esta regra poderia incluir-se, facilmente, na regra de **a1** *supra*.

«**a6.** Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

a. SUBSTANTIVAS: *cão de guarda*, *fim de semana*, *sala de jantar*;

b. ADJETIVAS: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*;

c. PRONOMINAIS: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*;

d. ADVERBIAIS: *à parte* (note-se o substantivo "aparte"), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a "de menos"; note-se "demais", advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*;

e. PREPOSITIVAS: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *debaixo de*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;

f. CONJUNCIONAIS: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *assim que*, *por conseguinte*, *dado que*.»

⇗ **Observação 1.** Passam a chamar-se "locuções substantivas" e "locuções adjetivas" os substantivos e os adjetivos que, antes do novo Acordo, por levarem hífen, se chamavam "substantivos e adjetivos formados por justaposição de três ou mais elementos". Trata-se, obviamente, de classificação arbitrária.

⇗ **Observação 2.** Outra vez, não há razão para tais exceções. Antes de tudo, se suas partes morfológicas continuam a ligar-se por hífen, não se vê por que chamá-las "locuções" e não, como antes, "substantivos compostos". Depois, tampouco se vê por que seria "consagrada pelo uso" *cor-de-rosa* e não *cor de abóbora*, *mais-que-perfeito* e não *ponto e vírgula*, *pé-de-meia* e não *pé de moleque* (doce), etc.

⇗ **Observação 3.** Ademais, *ao deus-dará* e *à queima-roupa* não deveriam estar no rol de exceções em que estão *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, etc., pela

simples razão de que não são de modo algum exceções: o que nelas está hifenizado (*deus-dará* e *queima-roupa*) rege-se pela regra exposta em **a1**.

«**a7.** Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (como a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a *Ponte Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos (como *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

b. Do hífen nas formações por prefixação, "recomposição" e sufixação

§ Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-*, *anti-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*, etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou "falsos prefixos",[79] de origem grega e latina (tais como: *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *auto-*, *bio-*, *eletro-*, *geo-*, *hidro-*, *inter-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *pan-*, *pluri-*, *proto-*, *pseudo-*, *retro-*, *semi-*, *tele-*, etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

b1. Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*, *contra-harmônico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrômetro*, *geo-história*, *neo-helênico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.

Observação [do Acordo]: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.»

⇗ **Observação.** Em atitude surpreendente, a Academia Brasileira de Letras, imediatamente após a assinatura do Acordo, sugeriu o descumprimento de um item desta regra: mandou grafar, por exemplo, *coerança* e *coerdeiro* (em vez de *co-herança* e *co-herdeiro*). Criava assim uma regra única para o prefixo *co-*: este nunca se liga por hífen, e para tal, se preciso for, suprima-se o *h*. Não deixa de ter sua razão, dado até que tradicionalmente já escrevemos, por exemplo, *coabitar* (< *cohabitāre*). Mas preferimos seguir a letra do Acordo.

---

[79] Para "falso prefixo", *vide* mais acima, nesta mesma Quarta Parte.

«**b2.** Nas formações em que o prefixo ou "pseudoprefixo" [aspas nossas] terminam na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-óptica, micro-onda, semi-interno.*

OBSERVAÇÃO [do Acordo]: Nas formações com o prefixo *co-*, este se aglutina em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar*, etc.»

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Esta regra infringe um dos propalados fins do Acordo: a simplificação. Com efeito, muitas das palavras acima arroladas como exemplos não levavam hífen no sistema ortográfico anterior.

«**b3.** Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por *vogal*, *m* ou *n* (além de *h*, caso já considerado atrás): *circum-escolar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-mágico, pan-negritude.*

b4. Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.*

b5. Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.*

b6. Nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-*, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas, que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação, pós-tônico* (mas "pospor"); *pré-escolar, pré-natal* (mas "prever"); *pró-africano, pró-europeu* (mas "promover").»

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Tampouco em **b6** *supra* pisamos terreno seguro. Para nos limitarmos a um só caso: no Brasil se tenderia a escrever "pré-existir" (em razão da pronúncia aberta do prefixo), e não *preexistir* como preceitua o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Recomendamos, uma vez mais, portanto, que se recorra aos dicionários para os três prefixos *pós-*, *pré-*, *pró-*.

«**b7.** NÃO se emprega, pois, o hífen:

- Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em *vogal* e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática

aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso, antissemita, contrarregra, contrassenha, cosseno, extrarregular, infrassom, minissaia,* tal como *biorritmo, biossatélite, eletrossiderurgia, microssistema, microrradiografia.*

- Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em *vogal* e o segundo elemento começa por *vogal diferente,* prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos. Assim: *antiaéreo, coeducação, extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.*

- Nas formações por SUFIXAÇÃO apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu* e *mirim,* quando o primeiro elemento acaba em *vogal acentuada graficamente* ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*»

Observação. Há que acrescentar os casos em que a primeira parte morfológica termina com *b* e a segunda começa com *r,* sempre ligadas por hífen: *ab-rogar, sub-região,* etc.

«**c.** DO HÍFEN NA ÊNCLISE, NA TMESE (OU MESÓCLISE) E COM O VERBO *HAVER*

c1. Emprega-se o hífen na ÊNCLISE e na TMESE: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

c2. Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, hão de,* etc.

OBSERVAÇÃO [do Acordo]: Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer,* dos verbos *querer* e *requerer,* em vez de *quere* e *requere,* estas últimas formas se conservam, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s).* Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

c3. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo, vo-las,* quando em próclise (por ex.: *esperamos que* NO-LO *comprem*).»

Observação final. Insista-se: apenas a leitura constante e a frequência constante aos dicionários permitirão que se memorize mais plenamente em que palavras deve usar-se ou não o hífen segundo o novo Acordo Ortográfico.

QUINTA PARTE

OUTROS PARADIGMAS E PRIMEIROS EMPREGOS DAS CLASSES GRAMATICAIS

NOTA PRÉVIA ⇘

UM PRIMEIRO QUADRO DAS CLASSES GRAMATICAIS E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

§ Não é possível compreender mais perfeitamente tudo quanto se seguirá nesta Quinta Parte sem conhecer previamente, ainda que de modo simplificado e esquemático, que funções sintáticas as diversas classes gramaticais exercem. E isso é assim pela razão apontada na Quarta Parte: a Morfologia e a Sintaxe superpõem-se, recobrem-se grandemente.

1. O **SUBSTANTIVO** (ou seja, o substantivo isolado – incluídos o pronome e o numeral substantivos –, a locução substantiva, o grupo substantivo e a oração substantiva) pode exercer as seguintes funções sintáticas:

- SUJEITO:
  - ✓ *O homem é um animal racional*;
  - ✓ *Urge que partamos*;
  - ✓ etc.;
- COMPLEMENTO VERBAL (OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO OU DATIVO, COMPLEMENTO RELATIVO):
  - ✓ *Deu o livro à filha*;
  - ✓ *Necessita de ti*;
  - ✓ etc.;
- COMPLEMENTO NOMINAL:
  - ✓ *Tem necessidade de ti*;
  - ✓ *O descobrimento do Brasil*;
  - ✓ etc.;
- APOSTO:
  - ✓ *O tio Ricardo*;
  - ✓ *Parece impossível, o que nos faz repensá-lo*;
  - ✓ etc.;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *O predicativo é uma função sintática*;
  - ✓ etc.;

2. O **ADJETIVO** (ou seja, o adjetivo isolado – incluídos o pronome e o numeral adjetivos –, a locução adjetiva, o grupo adjetivo e a oração adjetiva) pode exercer as seguintes funções sintáticas:

- ADJUNTO ADNOMINAL:
  - ✓ *Um cão peludo*;
  - ✓ *Pediu que lêssemos três livros da época clássica*;
  - ✓ *A orquestra não executará a peça que preferimos*;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *Este quadro é belo*;
  - ✓ *Sua tese, profunda, não teve porém repercussão*;
  - ✓ etc.

3. O **VERBO** é o próprio predicado, ou ao menos seu núcleo:

- ✓ *Isso existe*;
- ✓ *O jovem* INTERESSA-SE *por diversas áreas do saber*;
- ✓ *Chove*;
- ✓ etc.

4. O **ADVÉRBIO** (ou seja, o advérbio isolado, a locução adverbial, o grupo adverbial e a oração adverbial) pode exercer as seguintes funções:

- ADJUNTO ADVERBIAL:
  - ✓ *Hoje não iremos ao concerto*;
  - ✓ *Saiu às pressas*;
  - ✓ *A explosão foi tal, que as janelas se quebraram*;
  - ✓ etc.;
- PREDICATIVO:
  - ✓ *A vida é assim*;
  - ✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Os CONECTIVOS ABSOLUTOS (a **PREPOSIÇÃO** e a **CONJUNÇÃO**) não exercem função sintática, ou melhor, exercem justamente a função sintática de *conectar subordinando*: o que requer as explicações que se darão em momento próprio, e que vão muito a contrapelo da tradição gramatical e da Linguística.

OBSERVAÇÃO 2. Dê-se aqui, ademais, uma primeira e simplificada definição de oração (perfeita): DIZ-SE ORAÇÃO TODA E QUALQUER REUNIÃO DE PALAVRAS QUE CONTENHA UM VERBO.

I
O SUBSTANTIVO

1.1. Como dito na Quarta Parte, valemo-nos do **SUBSTANTIVO** ou **NOME** para significar substâncias ou acidentes tomados como substâncias.

1.2. CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS.

1.2.1. Os substantivos com que significamos *substâncias* chamam-se **CONCRETOS**. Exemplos: *homem, animal, cavalo, árvore, limoeiro, Maria, Pernambuco, armamento, sacerdote, máquina, armamento, ciclope, tio*, etc.

1.2.2. Os substantivos com que significamos *acidentes entendidos a modo de substâncias* são os **ABSTRATOS**: *justiça, colheita, juventude, amplidão, verdade, bondade, doença, pessimismo, brandura, limpeza, caridade, ira*, etc.

OBSERVAÇÃO. O *substantivo abstrato*, como se vê, divide-se em certo número de espécies: os nomes DE QUALIDADE, os DE AÇÃO, os DE SENTIMENTO, etc.

1.2.3. Os CONCRETOS, ademais, podem ser COMUNS ou PRÓPRIOS.

1.2.3.a. São **COMUNS** os que *de algum modo* nomeiam espécies ou indivíduos segundo aspectos essenciais (ou, como dito, por algum aspecto acidental, mas tomado como essencial): *criança, vegetal, tigre, macieira, oceano, espírito*, etc.; *sobrinho, papelão*, etc.

1.2.3.b. São **PRÓPRIOS** se só podem dizer-se de *uma* e *determinada* coisa: *Brasil*, (*a*) *Igreja, Simão*, etc.

OBSERVAÇÃO. O SUBSTANTIVO CONCRETO divide-se em várias subespécies. Aqui só se tratarão duas delas: o COLETIVO, e a outra tão só no atinente ao acidente de plural: a dos substantivos NÃO NUMERÁVEIS.

1.2.4. OS SUBSTANTIVOS COLETIVOS.

1.2.4.a. COLETIVOS *propriamente ditos* são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de entes (pessoas, animais ou coisas) da mesma espécie. Comparem-se, por exemplo, *Viu dez lobos rondar a fazenda* e *Viu uma alcateia rondar a fazenda*. No primeiro caso se designa *numericamente*, mediante um *adjetivo determinativo* (ou *numeral adjetivo*), certa multiplicidade de lobos, o que é reforçado pela desinência *-s*, enquanto no segundo se designa uma multiplicidade *indeterminada* de lobos pelo substantivo singular que nomeia qualquer multidão lupina. É justamente o COLETIVO ESPECÍFICO.

1.2.4.b. Eis uma relação de COLETIVOS ESPECÍFICOS: *alcateia*: de lobos; *arquipélago*, de ilhas; *boana*, de peixes miúdos; *cáfila*, de camelos; *cardume*, de peixes; *constelação*,

de estrelas; *corja*, de vadios; *fato*, de cabras; *matilha*, de cães de caça; *ninhada*, de filhotes; *pinhal*, de pinheiros; *súcia*, de pessoas desonestas; *vara*, de porcos; etc.

☞ **Observação.** O coletivo específico, precisamente por ser *específico*, dispensa de todo a enunciação dos entes a que se refere. Com efeito, seria redundância viciosa dizer "alcateia de lobos" ou "pinhal de pinheiros". Não se diga o mesmo, porém, com respeito a certos coletivos, justamente porque podem dizer-se de mais de uma espécie de entes. Assim, se digo *penca* ou *cacho*, hei de dizer de quê: *de bananas, de uvas*, etc.; se digo *molho*, hei de dizer se *de folhas*, ou *de gravetos*, ou *de chaves*, etc.; se digo *bando*, hei de dizer se *de aves*, ou *de salteadores*, etc. – *et reliqua*.

1.2.4.c. Também podem considerar-se de algum modo COLETIVOS, entre outros, os seguintes tipos de substantivos: o que indica um TODO DE ORDEM: *exército, orquestra, pólis*, etc.; o que indica PARTE ORGANIZADA de um todo de ordem: *regimento, batalhão, companhia* (partes do *exército*), etc.; o que indica MULTIDÃO ACIDENTAL: *animalada, estrangeirada, meninada*, etc.; o que indica MULTIDÃO ENQUANTO É MULTIDÃO: *grupo* (*de pintores*), *magote* (*de coisas*), *multidão* (*de livros*), etc.

☞ **Observação.** Reduzem-se ainda a *coletivos* NUMERAIS SUBSTANTIVOS como *novena, dezena, centena, lustro* (= quinquênio), *milheiro, par*, etc. Uns nomeiam quantidade precisa (*dezena* = quantidade de *dez*) mas *não determinada* de entes, razão por que também requerem se especifique de que são quantidade: *uma dúzia de ovos, um milhar de cadernos*, etc. Os outros, todavia, designam espaço de tempo não só preciso mas determinado, razão por que não necessitam de especificação: *decênio* (= dez anos), *século* (= cem anos), *milênio* (= *mil anos*), etc.

1.3. As flexões dos substantivos.

§ Os substantivos podem flexionar-se em GÊNERO, NÚMERO e GRAU.

1.3.1. Gênero e flexão de gênero.

1.3.1.a. Em Gramática, o GÊNERO refere-se *anteriormente* à DIFERENÇA SEXUAL: ao masculino ou ao feminino, ou ao neutro, ou seja, o não masculino nem feminino. É bem verdade que já quase nenhum ou nenhum gramático, dada a influência da Linguística, o considera assim. Como o expressam Amado Alonso e Pedro Henrique Ureña, gênero "é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante".[1] Há porém vários equívocos no dito. Antes de tudo, em espanhol, como em português, muitas vezes não podemos saber o gênero de al-

[1] *Gramática Castellana*. 4ª. ed. Buenos Aires, Losada, 1943, vol. 1, p. 64, apud Rocha Lima, *op. cit.*, p. 115.

gum substantivo senão pelo artigo, não pela terminação do adjetivo: por exemplo, em *el enigma insoluble* (*o enigma insolúvel*). Depois, seria preciso dizer que só em parte das línguas se dão apenas dois gêneros, o masculino e o feminino, porque, com efeito, em muitas delas se lhes acrescenta o neutro. Sobretudo, no entanto, peca o dito por desatender ao óbvio: não se vê por que, afinal, a noções puramente classificatórias se dariam nomes relativos à diferença sexual.

1.3.1.b. Quando, todavia, dizemos que o gênero se refere *anteriormente* à diferença sexual não queremos dizer que necessariamente assim se tenha dado no tempo. Podem propor-se numerosas hipóteses quanto a como tudo se deu temporalmente. Talvez, numa língua primeva, os nomes que designavam os entes sexuados só se dissessem masculinos ou femininos justamente porque o cossignificassem, assim como o verbo cossignifica tempo, de modo que nem eles nem os nomes de coisas não sexuadas se considerassem de gênero algum em razão de acidentes gramaticais. Pode ser, porém, que na mesma língua desde sempre as palavras que designavam os entes sexuados não só cossignificassem a diferença sexual, mas já se classificassem mediante acidentes gramaticais segundo essa diferença e em contraposição às palavras que designavam entes não sexuados, as quais também se classificariam mediante acidentes gramaticais. Como quer que tudo se tenha passado, pode ser ainda que, posteriormente no tempo, por alguma razão psicolinguística praticamente impossível de precisar, o gênero masculino segundo acidente e o gênero feminino segundo acidente tenham começado a invadir o âmbito do neutro, com o que, por exemplo, os minerais passaram a classificar-se no gênero masculino e as flores no gênero feminino – até a extinção do mesmo gênero neutro ou sua conservação em áreas restritas, como no espanhol, no próprio português, etc. Tenha sido assim ou não, porém, o que não se pode negar, sob pena de paralogismo, é que masculino e feminino, e o mesmo neutro, se dizem *anterior e mais propriamente* com respeito à diferença sexual. Se assim não fosse, repita-se, não se vê por que se diriam justamente masculino, feminino e neutro.

1.3.1.c. Como em qualquer língua, portanto, em português são *anterior e mais propriamente* masculinos os substantivos que designam entes do sexo masculino, e são *anterior e mais propriamente* femininos os substantivos que designam entes do sexo feminino – isto sem que importe, por ora, a maneira de indicar o gênero: *bode/cabra, homem/mulher, menino/menina.* – Quanto ao neutro em referência à diferença sexual, quase nada nos resta: tão somente <u>*isto*</u> com respeito a *este/esta*, <u>*isso*</u> a *esse/essa*, e <u>*aquilo*</u> a *aquele/aquela*.

⇗ **Observação.** Note-se que, para saber o gênero de *homem/mulher*, *bode/cabra*, etc., não se necessita de artigo nem de desinência de gênero.

1.3.1.d. Ademais, porém, em português TODAS as palavras (excetuados os referidos remanescentes neutros) se classificam *paradigmaticamente* segundo o gênero masculino e segundo o gênero feminino. Mostremo-lo morfologicamente.

- Pertencem ao gênero masculino *todos* os substantivos a que se pode antepor exclusivamente o artigo ***o***: *o homem*, *o gato*, *o galo*, *o camponês*, *o maestro*, *o enigma*, etc.; e pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor exclusivamente o artigo ***a***: *a mulher*, *a gata*, *a galinha*, *a camponesa*, *a maestrina*, *a juriti*.

- Quanto a esta mesma classificação, quase sempre não se podem apontar senão tendências.

→ São geralmente masculinos:

▫ os nomes próprios de rio, de oceano, de lago, de monte e de vento, que são masculinos justo porque se subentendem antes deles, respectivamente, as palavras masculinas RIO, MAR, OCEANO, LAGO, MONTE e VENTO: *o (rio) Amazonas*, *o (mar) Mediterrâneo*, *o (oceano) Pacífico*, *o (lago) Titicaca*, *os (montes) Alpes*, *o (vento) Minuano*;

▫ os nomes de mês e os de ponto cardeal: *março chuvoso*, *um outubro feliz*, *o norte*, *o sul*.

→ São majoritariamente femininos:

▫ os nomes de cidade, que são femininos justo porque se subentendem antes deles ou a palavra feminina CIDADE ou a palavra feminina ILHA: *a bela (cidade [de]) Ouro Preto*, *a (cidade [de]) Praga de sua infância*, *o calor das (ilhas) Antilhas*.

⇗ **Observação.** Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos por razões que se verão ao tratarmos o ARTIGO.

- Quanto à TERMINAÇÃO,

→ tendem a ser masculinos os substantivos terminados em *-o* átono (ou seja, a vogal temática *-o*, que, como visto, pode ser *cumulativamente* desinência de masculino): *o banco*, *o limoeiro*, *o livro*, etc.;

→ e tendem a ser femininos os nomes terminados em *-a* átono: *a caneta*, *a mesa*, *a mangueira*, etc.

⇗ **Observação 1.** Não confundir, porém, este *-a*, que é vogal temática, com a desinência genérica geral *-a*, mediante a qual convertemos palavras masculinas em palavras femininas: *menina* (de *menino*), *gata* (de *gato*), etc. Para tal conversão, basta que se substitua a desinência *-o* (que, como se acaba de dizer, é nestes casos,

cumulativamente, vogal temática e desinência de gênero masculino) pela desinência de gênero feminino *-a*. Esta maneira de conversão é quase universal.

☞ **Observação 2.** Há, ademais, razoável número de substantivos masculinos terminados em *-a*, a maioria dos quais pode classificar-se. Assim, terminam normalmente em *-a* os seguintes grupos de substantivos masculinos:

▫ os que designam cargo, ofício ou atividade exclusiva dos homens: *jesuíta*, *monarca*, *nauta*, *papa*, *patriarca*, *pirata*, *heresiarca*, *tetrarca*, etc.;

▫ os que designam coisas e terminam em *-ema* (< gr. *-ēmea*, *-ēmatos*) e *-oma* (< terminação da palavra gr. *ógkōma*): *anátema*, *carcinoma*, *cinema*, *diadema*, *dilema*, *emblema*, *edema*, *estratagema*, *fonema*, *morfema*, *poema*, *problema*, *sistema*, *telefonema*, *tema*, *teorema*, *trema*; *aroma*, *axioma*, *coma*, *diploma*, *idioma*; etc.

> ➢ Outros que designam coisas, porém, já não se podem agrupar facilmente: *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, etc. Os demais se estudarão ao longo das páginas seguintes.
>
> ➢ O substantivo *grama* que é nome de erva (< lat. **gramma* [< **gramna*], de *gramĭna*, nom. pl. de *gramen*, *ĭnis* ['erva, relva']) é feminino; mas o substantivo *grama* que é nome da unidade de certa medida de massa (< gr. *grámma*, *atos* ['sinal gravado, letra, 24ª. parte da onça'], pelo lat. *gramma*, *ātis*) é masculino: *duzentos gramas de queijo*, etc. São, pois, palavras distintas.

• Dos substantivos terminados em *-ão*,

→ os CONCRETOS são masculinos: *o algodão*, *o balcão*, *o roupão*, etc.;

→ e os ABSTRATOS são femininos: *a decisão*, *a recordação*, *a saudação*, etc.

☞ **Observação.** Excetua-se *mão*, que, apesar de concreto, é feminino.

• Os substantivos masculinos terminados em *-o*[2] imerso no ditongo nasal *-ão* tornam-se flexionalmente femininos de três maneiras gerais.

→ Antes de tudo, pela substituição do ditongo nasal pelo hiato *-oa*, cujo *-a* é a mesma DESINÊNCIA GERAL DE FEMININO. Exemplos: *ermitão/ermitoa*, *hortelão/horteloa*, *leitão/leitoa*, *patrão/patroa*.

---

[2] Insista-se em que ainda neste caso a vogal átona final *-o* pode ser, *cumulativa* ou *polifuncionalmente*, vogal temática e desinência de gênero masculino.

→ Depois, pela substituição do ditongo nasal pela terminação *-ona*, cujo *-a* é ainda a mesma desinência geral de feminino.[3] Exemplos: *bonachão/bonachona, comilão/comilona, pobretão/pobretona, sabichão/sabichona, solteirão/solteirona.*

→ Por fim, pela eliminação da semivogal do ditongo nasal, com o que permanece a vogal *ã*, que acaba por fazer também, *cumulativamente*, as vezes da desinência *-a* de feminino. Exemplos: *aldeão/aldeã, anão/anã, ancião/anciã, anfitrião/anfitriã, castelão/castelã, cidadão/cidadã, cirurgião/cirurgiã, cortesão/cortesã, irmão/irmã.*

☞ **Observação 1.** Constituem exceções a estas três maneiras os seguintes substantivos: *barão/baronesa, ladrão/ladra, sultão/sultana.*

☞ **Observação 2.** Atente-se, no entanto, a que *lebre* não é o feminino de *lebrão*, nem *perdiz* o é de *perdigão*. Trata-se do contrário: *lebrão* é que é o masculino de *lebre*, e *perdigão* o de *perdiz*. São casos semelhantes ao de *raposa/raposo.*

☞ **Observação 3.** Disse-se acima que é *quase* universal o modo de tornar feminino um substantivo de vogal temática *-o*. Pois bem, escapam a esta universalidade não só os que se acabam de ver, mas também, entre outros, *diácono/diaconisa* e *maestro/maestrina*. Aliás, os nomes de um que outro cargo, de dignidade, de título nobiliárquico e semelhantes têm seu feminino formado mediante algum sufixo que quase sempre já por si também implica sexo: por exemplo, *abade/abadessa, frade/freira, profeta/profetisa, sacerdote/sacerdotisa; barão/baronesa, conde/condessa, cônsul/consulesa, duque/duquesa, imperador/imperatriz, príncipe/princesa, rei/rainha, tsar/tsarina* (ou *czar/czarina*).[4] Note-se, todavia, que em todos os exemplos postos após o ponto e vírgula o feminino ou é próprio, no sentido de que o cargo é de fato exercido por mulher, ou apenas indica que se trata da esposa do cônsul, ou do rei, etc. Por outro lado, *embaixatriz* é a esposa do embaixador (enquanto *embaixadora* nomeia de fato a mulher que ocupa o cargo), ao passo que de *prior* temos tanto *prioresa* (de fato a superiora de certas ordens) como *priora* (irmã de ordem terceira).

• Quanto aos substantivos masculinos que terminam em vogal temática *-e*, incluídos os de terminação em *-nte*,[5] são majoritariamente **comuns de dois gêneros** (ou seja, possuem a mesma forma para o masculino e para o feminino, razão

---

[3] Veja-se, contudo, que neste caso se recompõe o *n* intervocálico latino.

[4] Mas *pitonisa* (sacerdotisa na Grécia antiga) não é feminino de *píton* (serpente), e as duas formas não convergem senão etimologicamente. – Por outro lado, *rani*, feminino de *rajá*, não se forma por acréscimo de sufixo que de si também implicasse sexo, senão que vem já formado do sânscrito.

[5] De regra originários de particípios "presentes" ou de adjetivos uniformes latinos.

por que só se lhes sabe o gênero mediante o artigo): *o estudante/a estudante*, *o gerente/a gerente*, etc. Alguns, porém, por analogia com a formação do feminino dos substantivos terminados em vogal temática *-o*, trocam o *-e* pelo *-a*. Exemplos: *elefante/elefanta* (a par do asiaticismo *aliá*), *mestre/mestra*, *monge/monja*.

☞ **Observação 1.** Outros são ainda hesitantes: *o parente/a parente* ou *a parenta*; *o presidente/a presidente* ou *a presidenta* (tanto a mulher que preside como a esposa de um presidente); *o gigante/a gigante* ou *a giganta*; *o chefe/a chefe* ou *a chefa*; etc.

☞ **Observação 2.** Por outro lado, *governanta* não significa "mulher que governa", e sim "mulher que administra casa alheia e/ou que cuida das crianças de família alheia"); é caso semelhante ao de *priora*.

☞ **Observação 3.** Além dos terminados em vogal temática *-e* e no sufixo *-nte*, há outro razoável número de substantivos **comuns de dois gêneros**. Exemplos: *o artista/a artista*, *o colega/a colega*, *o colegial/a colegial*, *o cliente/a cliente*, *o compatriota/a compatriota*, *o dentista/a dentista*, *o herege/a herege*, *o imigrante/a imigrante*, *o indígena/a indígena*, *o intérprete/a intérprete*, *o jovem/a jovem*, *o jornalista/a jornalista*, *o mártir/a mártir*, *o selvagem/a selvagem*, *o servente/a servente*.

- São comuns de dois gêneros todos os substantivos e todos os adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista/a pianista*, *o plantonista/a plantonista*, etc.
- Diz-se indiferentemente *o personagem* ou *a personagem* para personagens dos dois sexos. Mas preferimos manter sempre a forma feminina, porque, com efeito, todas as demais palavras portuguesas terminadas em *-gem* são femininas (*caligem*, *fuligem*, *garagem*, etc.)

• Quanto aos substantivos masculinos que terminam em consoante, ou seja, que não têm vogal temática nem podem receber desinência de gênero masculino, tornam-se femininos, majoritariamente, pelo simples acréscimo da desinência *-a*. Exemplos: *camponês/camponesa*, *freguês/freguesa*, *doutor/doutora*, *leitor/leitora*, *pintor/pintora*.

☞ **Observação.** Alguns, porém, escapam ao paradigma e têm o feminino formado mediante sufixo que já também implica sexo. Além dos já vistos, deem-se os seguintes exemplos: *cerzidor/cerzideira*, *ator/atriz*, *jogral/jogralesa*, *rapaz/rapariga*.[6]

[6] Em certas regiões do Brasil, *rapariga* passou a palavra grosseira ou obscena, razão por que nelas se usa exclusivamente *moça* por feminino de *rapaz*.

• Quanto aos substantivos masculinos que terminam ou em vogal tônica ou em semivogal de certos ditongos tônicos, têm o feminino formado sempre de maneira singular. Além dos já mencionados, deem-se exemplos de notar: *avô/avó, felá/felaína, grou/grua, herói/heroína, réu/ré*.

• Há ainda os nomes de animal que se classificam sempre em um só gênero: são os substantivos EPICENOS. Exemplos: *o besouro, o condor, o gavião, o jacaré, o polvo, o rouxinol, o tatu; a águia, a baleia, a borboleta, a cobra, a juriti, a mosca, a onça, a pulga, a tainha*.

→ A maneira mais corrente de atualizar sua cossignificação sexual é pospor-lhe ou a palavra *macho* ou a palavra *fêmea*: *o besouro fêmea, o jacaré fêmea, o tigre fêmea; a baleia macho, a mosca macho, a tainha macho*, etc. Mas alguns gramáticos preferem, por exemplo, *o polvo fêmeo* e *a onça macha, o tigre fêmeo* e *a tainha macha*: é a maneira universal de concordar o adjetivo com o substantivo. – As duas maneiras são de usar, embora a primeira tenha a seu favor a ampla preferência de nossos melhores escritores.

• E há os nomes designativos de *pessoa* que se classificam sempre em *um só gênero*: são os substantivos SOBRECOMUNS. Exemplos: *o cônjuge, o indivíduo; a criança, a criatura, a pessoa, a testemunha, a vítima*.

→ A única maneira de atualizar sua cossignificação sexual é pospor-lhe ou (*do sexo*) *masculino* ou (*do sexo*) *feminino*: *o cônjuge feminino, um indivíduo do sexo masculino*, etc.

1.3.1.e. Há certa quantidade de substantivos que quanto ao gênero apresentam certa vacilação. Enquadremos paradigmaticamente alguns deles.

• Devem considerar-se antes do GÊNERO MASCULINO: *ágape, antílope, caudal, clã, diabetes, gengibre, sanduíche, suéter*.

• Devem considerar-se antes do GÊNERO FEMININO: *abusão, alcíone, aluvião, áspide, (as) fácies, filoxera, jaçanã, omoplata, ordenança, sentinela, sucuri*.

• Os substantivos como *barítono, contralto*, etc.,

▫ são MASCULINOS se nomeiam a própria voz segundo seu registro: *baixo, barítono, contralto, mezzo-soprano, sopranino* [voz infantil], *soprano* (*ou tiple*), *tenor*;

▫ são MASCULINOS se nomeiam cantor dotado de uma destas vozes: *baixo, barítono, tenor*;

▫ são FEMININOS se nomeiam cantora dotada de uma destas vozes: *contralto, meio-soprano* (ou *mezzo soprano*), *soprano*.

Observação 1. Também se admite ***o*** *contralto*, ***o*** *soprano*, etc., para cantora.

☞ Observação 2. Mediante certa técnica de falsete, alguns cantores líricos ainda se especializam em papéis de soprano: são *os sopranistas*.

1.3.1.f. E há, ainda, certa quantidade de substantivos que mudam de sentido com a mudança de gênero. Eis alguns deles: *a cabeça/o cabeça*; *a caixa/o caixa*; *a capital/o capital*; *a corneta/o corneta*; *a cura/o cura*; *a guia/o guia*; *a língua/o língua*; *a moral/o moral*; *a voga/o voga*.

1.3.2. O plural.

1.3.2.a. A desinência universal de plural em português é **-s**.

1.3.2.b. E, com efeito, o plural dos substantivos terminados em *vogal* (oral ou nasal) ou em *ditongo oral* forma-se pelo simples acréscimo da desinência *-s* ao fim deles:

✓ *livro/livros*, *carpinteiro/carpinteiros*, *avó/avós*, *cipó/cipós*, *casa/casas*, *regra/regras*, *estante/estantes*, *André/Andrés*, *javali/javalis*, *bambu/bambus*, *ímã/ímãs*, *irmã/irmãs*;

✓ *pai/pais*, *pau/paus*, *lei/leis*, *véu/véus*, *camafeu/camafeus*, *herói/heróis*, *boi/bois*.

☞ Observação 1. Também assim se forma o plural do único substantivo terminado em ditongo nasal outro que *-ão*: *mãe/mães*.

☞ Observação 2. Como se acaba de indicar, os nomes próprios em geral, e os sobrenomes[7] em particular, pluralizam-se normalmente: *Brasil/Brasis Antônio/Antônios*, *Barbosa/Barbosas*, *Sêneca/Sênecas*. E diga-se o mesmo de nomes estrangeiros, desde que a língua de onde provêm o aceite: o espanhol *Ignacio = os Ignacios*, por exemplo. Se se tratar de nome próprio composto, segue a maneira como se pluralizam os nomes comuns compostos por justaposição. Ver-se-á pouco adiante.

☞ Observação 3. A nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/ finais representa-se majoritariamente pela letra *m* e muito minoritariamente pela letra *n*. Assim se forma o plural dos substantivos terminados nestas letras:

▫ se se trata de *m*, muda-se em *n* e acrescenta-se-lhe o *-s*: *bem/bens*, *flautim/flautins*, *som/sons*, *jejum/jejuns*, etc.;

▫ se se trata de *n*, ou apenas se lhe acrescenta o *-s*: *abdômen/abdomens*, *dólmen/dolmens*, *hífen/hifens*, *líquen/liquens*, *elétron/elétrons*, *próton/prótons*; ou se interpõe entre o *n* e o *-s* um *e*: *abdômenES*, *dólmenES*, *hífenES*, *líquenES*, *elétronES*, *prótonES*.

[7] *Sobrenome* como nome de família diz-se em Portugal *apelido*. Lá, *sobrenome* só se usa com o sentido de alcunha apreciativa.

➢ Já *espécimen* forma *espécimens* no Brasil e, com deslocamento do acento tônico, *especímenes* em Portugal.

➢ *Cânon* pluraliza-se em *cânones*, tanto em Portugal como no Brasil.

1.3.2.c. Se se trata, porém, de substantivos terminados em *-ão*, o plural forma-se de três modos.

• A maioria muda o ditongo nasal em *-õe* para que se lhe aponha o *-s*: *balão / balões, botão / botões, confissão / confissões, coração / corações, estação / estações, fração / frações, gavião / gaviões, leão / leões, nação / nações, operação / operações, opinião / opiniões, questão / questões, tubarão / tubarões, vulcão / vulcões*, etc.

⇗ **Observação.** Assim também se pluralizam as palavras com a desinência aumentativa *-ão*: *casarão / casarões, chapelão / chapelões, facão / facões, homenzarrão / homenzarrões, narigão / narigões, sabichão / sabichões, vozeirão / vozeirões*, etc.

• Não são numerosos os substantivos em que o ditongo nasal *-ão*, para receber a desinência de plural, tem o *o* mudado em *e*: *alemão / alemães, bastião / bastiães, cão / cães, capelão / capelães, capitão / capitães, catalão / catalães, charlatão / charlatães, escrivão / escrivães, pão / pães, sacristão / sacristães, tabelião / tabeliães*, etc.

• Tampouco são numerosos os substantivos em que ao ditongo nasal *-ão* simplesmente se apõe a desinência de plural. São, além de alguns poucos oxítonos, todos os paroxítonos e quase todos os monossílabos assim terminados:

✓ *chão / chãos, grão / grãos, mão / mãos, vão / vãos*;

✓ *cidadão / cidadãos, cortesão / cortesãos, cristão / cristãos, desvão / desvãos, irmão / irmãos, pagão / pagãos*;

✓ *acórdão / acórdãos, bênção / bênçãos, gólfão / gólfãos, órfão / órfãos, órgão / órgãos, sótão / sótãos*.

⇗ **Observação.** O substantivo *artesão* (< it. *artigiano*) que significa 'artífice' faz o plural em *artesãos*. Mas o substantivo *artesão* (< prov. esp. *artesón*) que significa 'certo adorno arquitetônico' fá-lo em *artesões* (ainda que os dicionários deem também *artesãos*, forma que julgamos não preferível).

• Também há certa hesitação com respeito ao plural de alguns substantivos terminados em *-ão*. Cabe-nos, porém, como gramático, o esforço de fechar paradigmas. Façamo-lo pois aqui tomando o étimo por critério decisório.

✓ *alão* (provável adaptação do esp. *alano*, 'cão lebréu') / *alãos*;

✓ *alazão* (provavelmente do hisp.-ár. *al-'azâ ar*) / *alazães* (espanhol atual: *alazán / alazanes*);

✓ *aldeão* (aldeia + *-ão*; var. *aldeano*) / *aldeãos*;

✓ *ancião* (< lat. vulg. **antianus*, der. do lat. vulg. **antius*, de *ante*; existe ainda a forma arcaica *anciano*) / *anciãos*;

✓ *castelão* (< lat. *castellānus, a, um*) / *castelãos*;

✓ *corrimão* (*corri-* + *mão*) / *corrimãos*;

✓ *ermitão* (< b.-lat. **eremitānus*) / *ermitãos*;[8]

✓ *hortelão* (< lat. *hortulānus, i*) / *hortelãos*;

✓ *refrão* (< esp. *refrán*) / *refrães* (espanhol: *refranes*);

✓ *vilão* (< lat. vulg. **villānus*) / *vilãos*.

⇗ **Observação 1.** Havemos todavia de deixar flutuantes certos casos.

▫ Antes de tudo, casos como *anão* (< lat. *nānus, i*, do gr. *nánnos, ou* ou *nânos*) / *anãos-anões*; *verão* (< lat. vulg. *veranum*) / *verãos-verões*; *vulcão* (< lat. *Vulcānus, i*, 'Vulcano, deus do fogo', donde 'fogo, incêndio') / *vulcãos-vulcões*. É que não só *anão, verão* e *vulcão* são palavras de todo correntes, mas os plurais não etimológicos *anões, verões* e *vulcões* já estão demasiado arraigados mesmo entre os melhores escritores. – Nós, porém, preferimos e sempre usamos *anãos, verãos* e *vulcãos*.

▫ Depois, casos como *deão* (< fr. ant. *deiien*, hoje *doyen*) / *deães-deãos*; *sultão* (< ár. *sulṭān*) / *sultães-sultãos-sultões*; *truão* (< fr. *truand*) / *truães-truões*. É que nestes casos nem sequer o étimo serve de referência certa. – Nós, porém, preferimos e sempre usamos *deães, sultães* e *truães*.

⇗ **Observação 2.** A outros casos anômalos, completamente arraigados, temos de conformar-nos completamente: por exemplo, *guardiões* ou *guardiães* por plural de *guardião* (< lat. dv.med. *guardiānus* < **wardiānus*, romanização do ac. gótico *wardjan* < *warda* ['sentinela']; *cirurgiões* ou *cirurgiães* por plural de *cirurgião* (< lat. **chirurgiānus, a, um*); etc.

1.3.2.d. Vejamos agora como se dá o plural dos substantivos terminados em CONSOANTE.

⇗ **Observação.** Já vimos o caso de *m* e *n* depois de /e/, /i/, /o/ e /u/ em sílaba final.

• Os substantivos terminados em *-r* e *-z* têm o plural formado pelo acréscimo de ***-es*** ao singular ou tema:

✓ *mar / mares, açúcar / açúcares, colher / colheres, reitor / reitores*;

✓ *rapaz / rapazes, xadrez / xadrezes, raiz / raízes, cruz / cruzes*.

[8] Antenor Nascentes dá como étimo um **er(e)mitāne*. Ficamos com o outro étimo, até porque em espanhol é ...

☞ **Observação 1.** Quando pluralizados, *Júpiter* e *Lúcifer* fazem *Jupíteres* e *Lucíferes*, com deslocamento do acento tônico.

☞ **Observação 2.** O plural de *caráter* (Brasil) / *carácter* (Portugal) é, em ambos os países, *caracteres*, também com deslocamento do acento tônico.

- Os substantivos terminados em *s*, quando oxítonos, também têm o plural formado pelo acréscimo de *-es* ao singular; quando paroxítonos, no entanto, são sempre invariáveis:

✓ *o ananás / os ananases, o inglês / os ingleses, o país / os países, o retrós / os retroses*, etc.;

✓ *o atlas / os atlas, o oásis / os oásis, o pires / os pires, lápis amarelo / lápis amarelos, ônibus lotado / ônibus lotados*, etc.

☞ **Observação.** Os monossílabos *cais* e *cós* também são invariáveis.

- Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* recebem a desinência de plural mudando o *l* em *i*. Exemplos: *animal / animais, tonel / tonéis, móvel / móveis, níquel / níqueis, farol / faróis, álcool / álcoois, sol / sóis, paul / pauis*, etc.

☞ **Observação.** Constituem exceção a esta regra: *mal*, que faz *males*; *real* (antiga moeda), que faz *réis*; e *cônsul* (e derivados), que faz *cônsules* (*idem* os derivados).

- Os substantivos OXÍTONOS terminados em *-il* perdem o *l* ao receber a desinência de plural. Exemplos: *ardil / ardis, barril / barris, covil / covis, funil / funis, fuzil / fuzis, redil / redis*, etc.

- Os substantivos PAROXÍTONOS terminados em *-il* têm a terminação transformada em *-ei* ao receber a desinência de plural: *fóssil / fósSEIS, projétil / projétEIS, réptil / réptEIS*.

☞ **Observação.** Os plurais *projetis*, *reptis* são-no de *projetil*, *reptil*, formas que julgamos não preferíveis.

- Os poucos substantivos terminados em *-x*:
  - ◆ ou admitem a flexão de plural, e então se lhes altera o *-x* em *-c* e se lhes recompõe um *-e*: *cálix / cáliCES, fênix / fêniCES*;
  - ◆ ou não a admitem e são invariáveis: *o ônix / os ônix, tórax ferido / tórax feridos*.

1.3.2.e. Nos diminutivos sufixados com *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, mas desaparece o *-s* de plural do substantivo primitivo. Exemplos: *balde > balde(s) + zinhos = baldezinhos*; *balão > balõe(s) + zinhos = balõezinhos*; *papel > papéi(s) + zinhos = papeizinhos*; *cão > cãe(s) + zitos = cãezitos*.

➢ Certos substantivos cuja vogal tônica é um *o* fechado, ao receberem a desinência *-s*, têm esse *o* mudado em *o* aberto. Eis os mais importantes: *abrolho; caroço, corcovo, coro, corno, corpo, corvo; despojo, destroço; escolho, esforço; fogo, forno, foro, fosso; imposto; jogo; miolo; osso, ovo; poço, porco, porto, posto, povo; reforço, renovo, rogo; socorro; tijolo, tojo, tordo* (= sabiá), *tremoço*.

⇗ **Observação.** Admite-se em geral que o *o* tônico de *forros, tornos* e *trocos* tenha, indiferentemente, timbre aberto ou timbre fechado.

→ Note-se que, quando estes substantivos admitem feminino, quase sempre a tônica deste também é de timbre aberto: *ovo* (fechada) / *ova* e *ovos* (aberta); *porco* (fechada) / *porca* e *porcos* (aberta); *sogro* (fechada) / *sogra* e *sogros* (aberta);[9] etc.

⇗ **Observação.** *Poça* forma-se por feminização de *poço* (fechada) / *poços* (aberta), razão por que também deveria ter a tônica aberta.[10]

➢ Mas muitos substantivos conservam no plural o *o* fechado do singular. Exemplos: *acordo, adorno; bojo, bolso;*[11] *cachorro, coco, colmo, consolo; dorso; encosto, engodo, esposo, estojo; ferrolho; globo, golfo, gosto; lobo, logro; moço, morro, mosto; pescoço, piloto, piolho, poldro, polvo, potro; reboco, rebojo, repolho, restolho, rolo, rosto; sogro, sopro, soro, suborno; topo*.

→ A palavra *molho* que designa 'feixe ou conjunto de objetos seguros juntos' diz-se com o *o* tônico aberto, e a palavra molho que designa 'condimento em caldo' diz-se com o *o* tônico fechado. São em verdade palavras distintas, o que se pode comprovar por seu étimo: a primeira deriva do latino **manucŭlus* ou *manŭclus* (alteração de *manupŭlus*, por *manipŭlus* ou *manĭplus*, 'punhado, feixe'), enquanto a segunda se formou por derivação regressiva de *molhar*. Pois bem, no plural as duas mantêm o timbre do respectivo singular.

1.3.2.f. O plural dos substantivos compostos (ou das locuções substantivas) é terreno onde campeia certa arbitrariedade. Tentemos, na medida do possível, fechar-lhe um pouco mais o paradigma.

[9] Só em Portugal se diz *sogros* como a devida tônica aberta.
[10] Mas em boa parte do Brasil *poça* se diz com a tônica fechada.
[11] No entanto, *bolsos* diz-se em Portugal com a tônica aberta.

• Pluralizam-se segundo a regra geral tanto os substantivos compostos por prefixação ou por aglutinação, o que é óbvio, como os compostos por justaposição que se escrevem ligadamente mas sem hífen. Exemplos: *ferrovia, malmequer, vaivém, varapau* – *ferrovias, malmequeres, vaivéns, varapaus*.

• Entre os compostos por justaposição de duas partes morfológicas que se escrevem ligadamente mas com hífen, recebe a flexão de plural apenas a segunda parte quando se trata:

▫ de PARTE INVARIÁVEL + PARTE VARIÁVEL: *abaixo-assinado, sempre-viva, beija-flor, guarda-chuva* – *abaixo-assinados, sempre-vivas, beija-flores, guarda-chuvas*;

▫ de BEL e GRÃO (ou GRÃ) + PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA: *bel-prazer, grã(o)-duque, grão-ducado* – *bel-prazeres, grã(o)-duques, grão-ducados*;

▫ de NOMES DE ORAÇÃO: *ave-maria, salve-regina, pai-nosso* – *ave-marias, salve-reginas, pai-nossos*;[12]

▫ de PARTES REPETIDAS ou ONOMATOPEICAS: *pega-pega, teco-teco, tico-tico, tique-taque* – *pega-pegas, teco-tecos, tico-ticos, tique-taques*.

> ➢ Os dicionários costumam dar duplo plural para palavras compostas por duas partes de origem verbal repetidas: *bules-bules* ou *bule-bules*, *corres-corres* ou *corre-corres*, *pegas-pegas* ou *pega-pegas*. Não vemos a razão, se podemos reduzi-las ao caso geral de repetição de partes. Pluralize-se-lhes sempre, portanto, apenas a segunda: *bule-bules, corre-corres, pega-pegas*.

• Nos compostos de PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA + PARTE DE ORIGEM ADJETIVA (OU VICE-VERSA) ligadas por hífen, ambas recebem a flexão de plural: *fogo-fátuo, vitória-régia; gentil-homem, segunda-feira* – *fogos-fátuos, vitórias-régias, gentis-homens, segundas-feiras*.

> ➢ *Manga-rosa* faz *mangas-rosa* por razão especial: *rosa*, antes de ser adjetivo de cor, é nome de coisa, e em casos assim o adjetivo nunca recebe a desinência de plural. Estudá-lo-emos quando se trate do plural dos adjetivos compostos ligados por hífen.

[12] Note-se que as duas primeiras se enquadram no paradigma de PARTE INVARIÁVEL + PARTE VARIÁVEL, mas não a terceira.

- Quanto aos compostos de DUAS PARTES DE ORIGEM SUBSTANTIVA ligadas por hífen, tem-se dupla regra.

  - Se a segunda parte *não especifica* de algum modo a primeira, ambas recebem a desinência de plural: *cirurgião-dentista, tenente-coronel – cirurgiões-dentistas, tenentes-coronéis.*

  - Se a segunda parte *especifica* de algum modo a primeira, então só esta recebe a desinência de plural: *ano-luz, banana-maçã, caneta-tinteiro, palavra-chave – anos-luz, bananas-maçã, canetas-tinteiro, palavras-chave.*[13]

OBSERVAÇÃO 1. Como dito acima a respeito das palavras formadas por duas partes de origem verbal repetidas, tampouco concedemos razão aos dicionaristas e aos gramáticos que como por princípio dão duas formas de plural ao caso que tratamos aqui, até porque não são coerentes: admitem *bananas-maçã* e "bananas-maçãs", *frutas-pão* e "frutas-pães", *palavras-chave* e "palavras-chaves", mas só admitem *anos-luz*; admitem *peixes-espada* e "peixes-espadas", mas só admitem *peixes-boi.*

OBSERVAÇÃO 2. Não se há de ver superioridade "lógica" em dar flexão de plural somente à parte *especificadora*; mas tampouco se há de vê-la em dá-la às duas partes. Trata-se apenas de fechar o mais possível um paradigma segundo o mais constante entre os melhores escritores.

> Quanto a *guarda-marinha*, admitem-se correntemente até três plurais: *guardas-marinhas, guardas-marinha* e *guarda-marinhas.* Tampouco vemos a razão: não há nada que diferencie a palavra de, por exemplo, *tenente-coronel.* Prefira-se, pois, *guardas-marinhas.* – Quanto a *lugar-tenente*, ademais, pluraliza-se como *lugar-tenentes* porque, em verdade, *lugar* faz as vezes aqui de locução prepositiva: "*em lugar de* tenente".

- Nos compostos de DUAS OU MAIS PARTES DE ORIGEM SUBSTANTIVA MEDIADAS POR PREPOSIÇÃO, só a primeira recebe a desinência de plural: *chapéu de sol, pé de cabra, peroba-do-campo, tigre-dentes-de-sabre – chapéus de sol, pés de cabra, perobas-do-campo, tigres-dentes-de-sabre.*

[13] Entenda-se "especificar" aqui de maneira lata: a segunda parte morfológica pode não só dar de fato a espécie do primeiro (*banana-maçã*), mas também indicar seu fim (*navio-escola*) ou alguma semelhança (*peixe-boi*), etc.

• Constituem caso particular palavras como *mico-leão-dourado* e *mico-leão-preto*, que se pluralizam mais perfeitamente em *micos-leão-dourados* e em *micos-leão-pretos*: a segunda parte permanece no singular por ser especificadora da primeira, enquanto a terceira se pluraliza porque, de caráter adjetivo, determina o conjunto dos dois primeiros.

• Ficam invariáveis, ou seja, são substantivos DE DOIS NÚMEROS (singular e plural), os compostos:

▫ de UMA ORAÇÃO: *a estou-fraca, o disse me disse – as estou-fraca, os disse me disse*;

▫ de PARTE DE ORIGEM VERBAL (a primeira) + PARTE INVARIÁVEL (não verbal), mediadas ou não por preposição: *o bota-abaixo, o louva-a-Deus – os bota-abaixo, os louva-a-Deus*;

▫ de DUAS PARTES DE ORIGEM VERBAL DE SIGNIFICADO MUTUAMENTE OPOSTO: *o leva e traz, o vai-volta – os leva e traz, os vai-volta*;

▫ por razões óbvias, de PARTE SINGULAR (a primeira) + PARTE JÁ PLURAL: *o borra-tintas, o salta-pocinhas – os borra-tintas, os salta-pocinhas*;

▫ de PARTE INVARIÁVEL + PARTE DE ORIGEM SUBSTANTIVA USADA COMO NÃO NUMERÁVEL:[14] *o sem-par, o sem-número – os sem-par, os sem-número.*

1.3.2.g. Há substantivos que, em seu sentido primeiro, normalmente não comportam plural: são os NÃO NUMERÁVEIS, entre os quais se contam os nomes de metal (*cobre, ferro, ouro*), os nomes abstratos de sentimento (*amor, ira, saudade*), os nomes de qualidade (*bondade, luminosidade, verdor*), etc. Por vezes se usam no plural por mero efeito intensificador, o que se dá sobretudo com os nomes de sentimento (*saudades*, por exemplo); por vezes, porém, adquirem outro sentido quando pluralizados: *os cobres* (dinheiro), *os ferros* (armas), *os bens* (posses), etc.

1.3.2.h. Por outro lado, há substantivos que ou só se empregam ou mais usualmente se empregam no plural. Eis alguns deles:

✓ *anais, belas-artes, calendas, condolências* (pêsames), *esponsais, exéquias, férias* (período), *matinas* (hora canônica), *núpcias, óculos* (lunetas), *primícias, víveres*;

✓ *antolho(s), arredor(es), cã(s), fasto(s), fez(es), olheira(s), pêsame(s).*

---

[14] Para substantivos não numeráveis, *vide* imediatamente abaixo.

> Contrariamente ao que se dá em espanhol e em outras línguas próximas do português, este tende grandemente ao singular não coletivo para nomear coisas plurais. Assim, não nos repugna dizer "uma plantação de *batata* (por 'batatas')", "onde está *minha meia* (por 'minhas meias')?", "comprou *um sapato novo* (por 'sapatos novos' ou 'um par de sapatos novos')" e outras que tais. E, embora isso não seja sempre de imitar ao menos na escrita mais cultivada, é do melhor estilo português, porém, deixar no singular o substantivo referente *por igual* A MAIS DE UM: assim, "sua mensagem encheu-nos o coração de esperança" (e não "encheu nossos corações", porque, com efeito, todos nós temos um e apenas um coração); "saíram com sua pasta debaixo do braço" (e não "com suas pastas", porque, com efeito, cada um saiu com sua única pasta); *et reliqua*.

1.3.3. O GRAU.

1.3.3.a. Como dito, temos perfeita ciência de que, ao reintroduzirmos na Gramática da língua portuguesa a noção de que há DESINÊNCIAS DE GRAU *DIMENSIVO* E DESINÊNCIAS DE GRAU *INTENSIVO* (estas para os adjetivos: *-íssimo*, *-imo*), vamos a contrapelo das gramáticas correntes. Estabeleceu-se já desde há muito que os sufixos indicadores de grau ou gradação dimensiva se juntam à palavra em processo de "derivação". Mas, como dito ainda, não podemos atinar a que razões atende tal consideração: já mostramos que os sufixos aumentativos e os diminutivos (além dos superlativos) são desinenciais ou flexionais e não derivacionais.

1.3.3.b. Para a classificação dos diversos *sufixos de grau dimensivo* SEGUNDO O USO E SEGUNDO A MESMA CARGA OU ASPECTO SEMÂNTICO QUE SE LHES ACRESCENTA, *vide supra*, na Quarte Parte, o quadro final de **4.2.4.b – α**.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Grande parte dos sufixos de grau dimensivo empresta ao substantivo caráter de afetividade próprio antes da fala e da Literatura que da escrita científica, jurídica, etc.

1.4. NOTAS PRÉVIAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O SUBSTANTIVO E O ADJETIVO.

1.4.1. Quando o substantivo se usa em lugar de um adjetivo, deve entender-se precisamente como ADJETIVO IMPRÓPRIO. Com efeito, em "um ar província", "uma atitude povo" e outras que tais, o substantivo aposto é facilmente substituível pelo adjetivo de que faz as vezes: "um ar provinciano", "uma atitude popular". É recurso antes literário, e não se deve abusar dele em

escritos de outro âmbito. – Por outro lado, de tanto usar-se impropriamente como adjetivo, pode um substantivo acabar por cristalizar-se como adjetivo próprio: é o que se passou, por exemplo, com *gigante* (*uma multidão gigante*, em vez de "gigantesca").

☞ **Observação.** Não se confunda o que acaba de referir-se com o uso de certos nomes de cor: *calças café*, *olhos cinza*, *blusas rosa*, etc. Na verdade, não se trata de substantivos em função adjetiva nem de adjetivos de origem substantiva, mas de substantivos em função *própria* de parte de grupo adjetivo: *calças da cor do café*, *olhos da cor da cinza*, *blusas da cor da rosa*. E esta é a razão primeira por que *neste caso* não admitem flexão de plural: elíptico o restante do grupo adjetivo, permanece invariável, como devido, esta parte sua.

> ➢ Se, como dissemos, *palavra composta por justaposição* e *locução* são essencialmente o mesmo, distinguem-se todavia de GRUPO enquanto este, ao contrário delas, não pode comutar-se nunca por uma palavra simples, nem jamais tem estabilidade lexical (razão por que, aliás, nunca é dicionarizável). Mas o grupo será ou substantivo, ou adjetivo, ou adverbial, e exercerá, portanto, as mesmas funções sintáticas que o substantivo, que o adjetivo, que o advérbio.

1.4.2. Em construções como *o pobre do rapaz*, em lugar de *o pobre rapaz*, tem-se curiosa inversão de papéis: o que era adjetivo (*pobre*) passa a substantivo (*o pobre*), enquanto o que era substantivo (*rapaz*) passa a constituir com a preposição (*de*) um *como* grupo adjetivo. Talvez esta inversão se calque em exclamações como *pobre de mim*, *ai de mim*, etc. O que porém importa ressaltar é que, conquanto expressivo sobretudo na oralidade e em Literatura, é tipo anômalo de construção – reduz-se propriamente a *o pobre rapaz*, etc.

1.4.3. É de todo próprio do substantivo, contudo, ser NÚCLEO DE LOCUÇÃO ADJETIVA: *mesa de MÁRMORE* (= *mesa marmórea*), *a arquitetura de GRANADA* (= *arquitetura granadina*), *o descobrimento de CABRAL* (= *descobrimento cabralino*), etc. Mas também pode sê-lo de LOCUÇÃO ADVERBIAL: *às PRESSAS* (= *apressadamente*), *com CUIDADO* (= *cuidadosamente*), etc.

1.4.4. Por fim, o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo: *uma obra profunda* ou *certo dia* (o primeiro é ADJETIVO QUALIFICATIVO, o segundo ADJETIVO DETERMINATIVO ou PRONOME ADJETIVO). Devemos, porém, fazer algumas precisões.

1.4.4.a. Por vezes, a mudança de posição implica mudança de sentido no adjetivo: de fato, *belo* não quer dizer o mesmo em *um belo dia* e em *um dia belo.* E isto é assunto para o ponto do adjetivo (e para o do pronome).

1.4.4.b. Pertence ainda ao ponto do substantivo, todavia, o seguinte: em *um inglês velho* e em *um velho inglês,* se não se dão precisões contextuais, não se sabe o que é substantivo e o que é adjetivo senão pela COLOCAÇÃO: o que vier antes será substantivo, e o que vier depois adjetivo. Aprofudar-se-á o tema na Nona Parte.

> Se se lhe antepõe explícita ou implicitamente um artigo (ou, afinal, qualquer adjetivo, como se verá em momento próprio), toda e qualquer palavra, bem como todo e qualquer grupo e toda e qualquer oração (imperfeita ou perfeita), passa a *substantivo acidental: o bom neste livro..., o amar, o aqui e agora, o mas, o difundir a bondade; Este "nós" está bem usado;* etc.

II

O ADJETIVO

2.1. Os ADJETIVOS (que, como os substantivos ainda que menos propriamente, também se dizem *nomes*) são as palavras que *determinam ou modificam os substantivos.* E fazem-no porque significam acidentes ou aspectos acidentais das substâncias exatamente enquanto *acidentes* – ou que ao menos são tomados como tais.[15] Subdividem-se duplamente:

- se significam algo que modifique *intrinsecamente* a substância, ou seja, uma *qualidade,* chamam-se **QUALIFICATIVOS**: *obra profunda, mar azul, gato gordo, longa estrada, comportamento filial, pessoa sentada,* etc.;[16]
- se significam algo que modifique *extrinsecamente* a substância, ou seja, como *certa medida,* chamam-se **DETERMINATIVOS**. Tal medida pode dar-se em razão de diversas coisas: da *posse,* e teremos os adjetivos **possessivos** (*nossa criança*); do *lugar,* e teremos os adjetivos **demonstrativos** (*essa criança*); da *quantidade indeterminada,*

[15] Ao contrário dos substantivos abstratos, que significam conceitos de acidentes ao modo de substâncias.

[16] Trata-se, pois, ou de qualidade propriamente dita, ou de qualquer outro acidente que possa considerar-se como modificação intrínseca – a quantidade contínua, a relação, a posição.

e teremos os adjetivos **indefinidores** ou **indeterminadores** (*algumas crianças, muitas crianças*); e do *número*, e teremos os adjetivos **numerais**, que indicam quantidade PRECISA (*quatro crianças*).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Os adjetivos determinativos também se dizem *pronomes adjetivos*, como já visto. Como visto também, os pronomes (que, insista-se, se reduzem propriamente a substantivos e a adjetivos) não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem de algum modo paradigmas. Mas justamente porque compõem paradigmas é que os estudamos em seção à parte.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** O adjetivo ou se atribui diretamente ao substantivo, pondo-se-lhe adjunto (antes ou depois dele), ou se lhe atribui ao modo predicativo, função sintática também exercida não só por outro substantivo, mas ainda por algum advérbio: *Este rio é caudaloso* (adjetivo); *Sócrates é homem* (substantivo); *A vida é assim* (advérbio). Estudá-lo-emos em seu devido momento.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Como visto também, para indicar o GÊNERO, o NÚMERO e o GRAU DIMENSIVO dos adjetivos, usam-se ao final deles as mesmas FLEXÕES que se usam, para o mesmo fim, ao final dos substantivos: *bela, altos, pequenininho*, etc. Boa parte dos adjetivos qualificativos, todavia, tem sufixos desinenciais próprios, para indicar o GRAU INTENSIVO: *cultíssimo*, etc.

2.2. Os **ADJETIVOS QUALIFICATIVOS** podem dividir-se em dois grandes grupos.

2.2.1. Os que significam *qualidades* propriamente ditas: *inteligência brilhante, maus pensamentos,*[17] *palavras gentis, prado verde, águas cristalinas, cidade arborizada*, etc.[18]

2.2.2. Os que significam *outros acidentes*, considerados porém ao modo das qualidades (ou seja, como modificadores intrínsecos): *renda anual, preocupações magisteriais, terra familiar, autores franceses*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Muitos adjetivos do primeiro grupo admitem correntemente sua anteposição ao substantivo; outros, todavia, só poeticamente: *verdes prados*, por exemplo. Mas todos comportam grau intensivo: *brilhantíssimo, malíssima, gentilíssimos, verdíssimos*, etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Os do segundo grupo, por sua vez, não comportam grau intensivo, e de maneira geral só poeticamente admitem que se anteponham ao verbo. – Sim, poderia dizer-se, por exemplo, *autor francesíssimo*, mas

[17] Como se vê, aqui não se há de confundir *qualidade* com *qualidade boa*.
[18] Por vezes, o adjetivo qualificativo é mera redundância para efeitos poéticos: *neve fria, rubro sangue*, etc.

já não se trata, aqui, de indicar-lhe a nacionalidade: indica-se-lhe a qualidade da perfeita francesia.

2.3. Equivalem propriamente a adjetivos qualificativos singulares:

2.3.1. LOCUÇÕES formadas por PREPOSIÇÃO + PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM SUBSTANTIVA: *mesa <u>de mármore</u>* (= marmórea), *pessoa <u>sem coragem</u>* (= medrosa, timorata), *raios <u>de sol</u>* (= solares), etc.;[19]

2.3.2. LOCUÇÕES formadas por PREPOSIÇÃO + PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM ADVERBIAL: *parte <u>de trás</u>* (= traseira);

2.3.3. as ORAÇÕES ADJETIVAS ("restritivas" ou "explicativas")[20] DESENVOLVIDAS: *O cavaleiro <u>que se via ao longe</u> era nosso primo*; *O cavaleiro cervantesco, <u>que se chama D. Quixote</u>, é personagem universal*;

2.3.4. as ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO: *Com o corpo <u>ARDENDO de febre</u>*...; ... *a brisa <u>REFRESCANDO-nos o rosto</u>*.[21]

2.4. Equivalem mais ou menos impropriamente a adjetivos qualificativos singulares:

2.4.1. os SUBSTANTIVOS USADOS ADJETIVAMENTE: *um ar <u>província</u>* (= provinciano), etc.;

2.4.2. os SUBSTANTIVOS USADOS APOSITIVAMENTE, como em, por exemplo, *O avô <u>José</u>*. Note-se que, ao contrário de *província* no exemplo anterior, *José* aqui não especifica o substantivo, senão que o individualiza.

2.5. Os adjetivos qualificativos ou são PRIMITIVOS, quer dizer, não se formam de nenhuma palavra de outra classe, ou são DERIVADOS, a saber, de um *substantivo* ou de um *verbo*, com os quais constituem famílias de palavras. Os da segunda espécie são, de longe, os mais numerosos.

- Exemplos de adjetivos primitivos: *alegre, claro, grande, livre, longo, terno*.
- Exemplos de adjetivos derivados: *brasileiro, guineense, pensável, movediço*.

2.6. Entre os adjetivos DERIVADOS, temos os *pátrios* e alguns dos *gentílicos* (aqueles se referem a continente, a país, a região, a cidade, etc.: *africano, espanhol, paulista*, etc., enquanto estes se referem a raça ou a povo: *céltico, ariano*, etc.).

---

[19] Por vezes, ainda, *acidentalmente*, não equivale à locução adjetiva nenhum adjetivo singular: é o caso, por exemplo, de *móvel <u>de madeira</u>*.

[20] As orações, naturalmente, são assunto para a Sexta Parte; e a razão das aspas em "restritivas" e em "explicativas" ver-se-á no mesmo lugar.

[21] Quanto a se se devem considerar corretas construções como *gaveta <u>contendo</u> roupa*, vê-lo-emos ainda no referido lugar.

§ Os adjetivos pátrios e tais gentílicos podem formar-se por composição em que as partes morfológicas se liguem por hífen: *cabo-verdiano, sino-soviético, mato--grossense-do-sul; indo-europeu;* etc. Em boa parte destes casos, usa-se como primeira parte uma forma alatinada, reduzida e invariável. Exemplos:

✓ **afro-** (= africano): *palavras afro-brasileiras;*

✓ **anglo-** (= inglês): *relações anglo-francesas;*

✓ **austro-** (= austríaco): *Império austro-húngaro;*

✓ **euro-** (= europeu): *povo euro-asiático* (diz-se mais comumente *eurasiano*, e também *eurásio* e *eurasiático*);

✓ **franco-** (= francês): *dialeto franco-provençal;*

✓ **galaico-** (= galego): *língua galaico-portuguesa* (ou *galego-portuguesa*);

✓ **greco-** (= grego): *arte greco-romana;*

✓ **hispano-** (= ibérico; hispânico; espanhol): *literatura hispano-americana;*

✓ **ibero-** (= ibérico): *tribos ibero-gaulesas;*

✓ **indo-** (= indiano; das estepes da Ásia central ou dos planaltos iranianos): *tronco indo-europeu;*

✓ **ítalo-** (= italiano): *fronteira ítalo-suíça;*

✓ **luso-** (= lusitano; português): *cidadãos luso-brasileiros;*

✓ **nipo-** (= nipônico, japonês): *conflitos nipo-chineses;*

✓ **sino-** (= chinês): *faixa sino-japonesa;*

✓ **teuto-** (= teutônico; alemão): *guerra teuto-russa.*

2.7. Como o substantivo, o adjetivo tem acidentes de *gênero,* de *número* e de *grau.*

Observação 1. Alguns adjetivos qualificativos, no entanto, são invariáveis em gênero e em número, como veremos e nas condições em que veremos.

Observação 2. Recorde-se, ademais, que nem todos os ajetivos admitem flexão de grau intensivo.

Observação 3. Recorde-se ainda que, se o substantivo tem sufixos desinenciais de grau dimensivo (aumentativo e diminutivo), o adjetivo, além destes, tem ou pode ter sufixos desinenciais de grau *intensivo* (*-íssimo,* etc.), como já veremos.

2.7.1. A flexão de gênero.

2.7.1.a. O substantivo tem sempre *de si* um *gênero* (trate-se de gênero segundo o sexo e/ou segundo o paradigma gramatical), o que não sucede com o adjetivo, que só o tem porque assume o gênero do substantivo com que concorda. Em

outras palavras, o adjetivo tem a forma de masculino ou a de feminino segundo o substantivo que ele determine seja de si masculino ou feminino.

2.7.1.b. Não obstante, porque é concordante com o substantivo, e como não só este tem vogal temática mas esta pode ser cumulativa e polifuncionalmente desinência de gênero masculino, então por isso mesmo os adjetivos não só também têm vogal temática mas esta pode ser cumulativa e polifuncionalmente a mesma desinência masculina do adjetivo.

2.7.1.c. Assinale-se, aliás, para mostrar a justeza do dito em **a** e **b** acima, que os mesmos ADJETIVOS UNIFORMES (ou seja, os que têm uma só forma para os dois gêneros) passam a apresentar as desinências *-o* e *-a* quando postos no superlativo absoluto sintético (que já estudaremos):

✓ *livro fácil – livro facilíssimo; questão fácil – questão facilíssima;*

✓ *resultado feliz – resultado felicíssimo; coincidência feliz – coincidência felicíssima.*

2.7.1.d. COMO SE FORMA O FEMININO DOS ADJETIVOS.

• Como dito e no sentido do dito, os adjetivos são majoritariamente BIFORMES, quer dizer, podem receber ou a vogal temática/desinência de masculino (*-o* ou Ø) ou a desinência de feminino (*-a*):

✓ *bom(Ø)/boa;*

✓ *caloroso/calorosa;*

✓ *lindo/linda;*

✓ *português(Ø)/portuguesa.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Há casos mais complexos, como *mau*, que faz *má*.

• Pois bem, podemos dividir assim a formação do feminino nos adjetivos.

→ Os terminados em *-o* átono tornam-se femininos pela simples comutação de *-o* por *-a*: *ligeiro/ligeira;*

→ Os terminados em *-u* e *-ês* majoritariamente se tornam femininos pelo acréscimo de *-a* ao masculino, assim como parte dos terminados em *-or*: *cru/crua; norueguês/norueguesa; cantor/cantora.*

Escapam, porém, a esta regra:

- *mau*, que, como vimos, faz *má* (mas seu *u* final é, em verdade, uma semivogal);
- os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
- *cortês, descortês, montês* e *pedrês*, que também são invariáveis;
- o grupo que inclui *incolor, multicor/multicolor, sensabor* e poucos mais, invariáveis ainda;

- os comparativos *melhor, pior, maior, menor, superior, inferior, anterior, posterior, ulterior, citerior*, além de *interior* e de *exterior*;
- *gerador, motor* e outros terminados em *-dor* e em *-tor*, que mudam estas terminações em *-triz*: *geratriz* (a par de *geradora*), *motriz* (a par de *motora*), etc.;
- um pequeno número em que *-or* é substituído por *-eira*: *trabalhador/trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*), etc.

→ Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*: *são/sã*; *chorão/chorona*; etc.; à exceção de *beirão*, que faz *beiroa*, e de *leitão*, que faz *leitoa*.

→ Os terminados em *-eu* (fechado) têm o feminino em *-eia*: *hebreu/hebreia*, *pigmeu/pigmeia*, etc.; à exceção de *judeu* e de *sandeu*, que se feminizam, respectivamente, em *judia* e em *sandia*.

→ Os terminados em *-éu*, por sua vez, constituem seu feminino mediante a terminação *-oa* ou mediante a terminação *-eia*: *ilhéu/ilhoa*; *incréu/increia*; etc.; mas *réu/ré*.

⇗ **Observação.** Certos adjetivos que na forma masculina têm *o* tônico fechado mudam-no, ao receberem a desinência de feminino *-a*, para *o* aberto: *brioso/briosa*, *formoso/formosa*, *grosso/grossa*, etc.

- Os **adjetivos uniformes** permanecem invariáveis ante os dois gêneros dos substantivos. São *uniformes* os adjetivos:
  - cuja vogal temática é *-a*, grande parte dos quais também funciona como substantivo: *celta*, *israelita*, *persa*; *hipócrita*, *homicida*; *silvícola*, *cosmopolita*; etc;
  - cuja vogal temática é *-e*: *árabe*, *breve*, *doce*, *humilde*, *torpe*, etc., entre os quais todos os formados com algum dos sufixos *-ante*, *-ente*, *-inte* e *-ense*: *constante*, *crescente*, *pedinte*, *fluminense*, etc;
  - cujo radical termina em *-l*: *cordial*, *fiel*, *amável*, *pueril*, *reinol*, *azul*, etc. (mas *espanhol/espanhola*);
  - cujo radical termina em *-ar*: *exemplar*, *ímpar*, etc.;
  - cujo radical termina em *-z*: *audaz*, *feliz*, *atroz*, etc. (mas *andaluz/andaluza*);
  - cujo radical termina em *-m*: *virgem*, *ruim*, *comum*, etc. (mas *bom/boa*);

  → além dos paroxítonos terminados em *-s*: *reles*, *simples*, etc.;
  - e dos comparativos e de outros em *-or*: *maior*, *superior*, *interior*, etc.;
- Nos adjetivos formados por composição cujas partes morfológicas se ligam por hífen (são os chamados "adjetivos compostos"), apenas a segunda parte pode receber a desinência de feminino: *literatura anglo-americana*, *formação médico-cirúrgica*, *capa amarelo-clara*, etc.

☞ OBSERVAÇÃO 1. E se se disse imediatamente acima que a segunda parte morfológica de tais adjetivos *pode* receber a desinência de feminino não é senão porque esta mesma parte pode ser de si invariável quanto ao feminino: *tradição afro-árabe*, *calças verde-musgo*, etc. – Todos os substantivos usados impropriamente como adjetivos, assim como todas as segundas partes morfológicas de origem substantiva formadoras quer de substantivos quer de adjetivos, permanecem invariáveis – e não só em gênero, mas ainda em número, como se verá. Exemplos: *olhos cinza*, *vegetações violeta*, *mangas-rosa*, *panos azul-piscina*, *tintas verde-esmeralda*, etc.

☞ OBSERVAÇÃO 2. Constituem exceções a todo o dito os seguintes casos:

- quanto à flexão de gênero: *surdo-mudo*, que deveria fazer "surdo-muda", tradicionalmente faz, porém, *surda-muda*, como em *criança surda-muda*;
- quanto à flexão de gênero e à de número: *azul-marinho* e *celeste* (este como adjetivo primitivo ou como segunda parte morfológica de adjetivo composto): *roupas azul-marinho*, *águas celeste*, *porcelanas azul-celeste*; etc.

2.7.2. A FLEXÃO DE NÚMERO.

§ O adjetivo permanece no singular ou se pluraliza de acordo com o substantivo que ele determina: *cão manso/cães mansos*, *mulher hindu/mulheres hindus*, *terra plana/terras planas*, etc.

2.7.2.a. Quanto ao plural, os ADJETIVOS PRIMITIVOS (OU SIMPLES) seguem geralmente as mesmas regras que regem os substantivos.

2.7.2.b. De sua parte, os ADJETIVOS COMPOSTOS CUJAS PARTES MORFOLÓGICAS SE LIGAM POR HÍFEN pluralizam-se de forma análoga a como se feminizam: apenas a segunda parte recebe a desinência *-s*, ao passo que a primeira permanece invariável: *alimentos agro-doces* (= *agridoces*), *características tardo-medievais*, *mantas marrom-escuras*, etc.

☞ OBSERVAÇÃO 1. Não se regem por esta regra os adjetivos compostos que significam cor e cuja segunda parte morfológica é de origem substantiva: *canários amarelo-ouro*, *objetos verde-cré*, *peças azul-ferrete*, *toalhas azul-turquesa*, *uniformes verde-oliva*, etc. – Uma vez mais não há a menor razão para abrigar, como fazem muitos dicionários, exceções a esta sub-regra.

☞ OBSERVAÇÃO 2. Tampouco os três adjetivos seguintes seguem a regra geral do plural dos compostos cujas partes morfológicas se ligam por hífen: *surdo-mudo*, que deveria fazer "surdo-mudos", mas tradicionalmente faz *surdos-mudos*, como em *meninos surdos-mudos*; e *azul-marinho* e *azul-celeste*: *cortinados azul-marinho*, *olhos azul-celeste*, etc.

2.7.3. A flexão de grau.

2.7.3.a. Os adjetivos qualificativos têm duas espécies de flexão de grau.

• A primeira é de grau ***dimensivo***, e faz-se mediante alguns dos mesmos sufixos aumentativos que se agregam aos substantivos para emprestar-lhes grau dimensivo: *pequenin<u>inho</u>*, *lerd<u>aço</u>*, etc. Estes sufixos se agregam aos adjetivos da mesma maneira que aos substantivos.

Observação. Se os sufixos flexionais de grau dimensivo quase sempre emprestam aos substantivos alguma carga afetiva, muito mais o fazem aos adjetivos, razão por que, ainda mais que com respeito a seu uso nos substantivos, seu uso nos adjetivos é próprio da fala e da Literatura.

• A segunda é de grau ***intensivo***, e faz-se unicamente mediante os sufixos chamados de "grau superlativo sintético": *fin<u>íssimo</u>*, *nigér<u>rimo</u>*, etc.

2.7.3.b. Os sufixos de grau superlativo, ademais, contrariamente ao que dizem quase todas as gramáticas contemporâneas, podem fazer que o adjetivo expresse não só "grau *elevado*", mas ainda "grau *sumo* ou *sobre-elevado*". Com efeito, se se diz que "alguém é inteligent<u>íssimo</u>", provavelmente se quer dizer que o é em grau elevado ou muito elevado; quando porém em Metafísica, por exemplo, se diz que "o Ente divino é perfeit<u>íssimo</u>", quer-se então dizer que o é em grau não só sumo, mas sobre-elevado ou sobre-eminente – e isto sem incorrer em pleonasmo vicioso.

• Além de *-íssimo*, o mais corrente, temos outro sufixo superlativo: *-imo*. Vejamos, antes de tudo, como os adjetivos qualificativos portugueses recebem o sufixo *-íssimo*.

→ Se se trata de adjetivo terminado em consoante outra que *z* ou que *m*, ou que o *l* final de *-vel*, somente se lhe acrescenta o sufixo: *difíci<u>l</u>/dificil<u>íssimo</u>* (ou *dificíl<u>imo</u>*) *fáci<u>l</u>/facil<u>íssimo</u>* (ou *fácil<u>imo</u>*), *férti<u>l</u>/fertil<u>íssimo</u>*, *origina<u>l</u>/original<u>íssimo</u>*, *vulga<u>r</u>/vulgar<u>íssimo</u>*, etc.

→ Se se trata de adjetivo terminado em vogal temática, esta desaparece para que o sufixo se junte ao radical: *bel<u>o</u>/bel<u>íssimo</u>*, *frívol<u>o</u>/frivol<u>íssimo</u>*, *sever<u>o</u>/sever<u>íssimo</u>*; *grand<u>e</u>/grand<u>íssimo</u>*, *trist<u>e</u>/trist<u>íssimo</u>*; etc.

→ Se se trata de adjetivo terminado em ditongo crescente com semivogal *i*, cai a vogal para que o sufixo se junte ao mesmo *i*: *necessári<u>o</u>/necessari<u>íssimo</u>*, *séri<u>o</u>/seri<u>íssimo</u>*, etc.

Observação. Nenhuma razão têm os gramáticos que pretendem esteja ultrapassada esta regra.

→ Não raro o adjetivo, para receber o sufixo *-íssimo*, retoma a primitiva forma latina, de modo que:

- os adjetivos terminados em *-vel* têm esta terminação transformada em *-bil* para que se lhes acrescente o sufixo:
  - ✓ *amável/amaBILíssimo*;
  - ✓ *indelével/indeleBILíssimo*;
  - ✓ *móvel/moBILíssimo*;
  - ✓ *notável/notaBILíssimo*;
  - ✓ *terrível/terriBILíssimo*;
  - ✓ *volúvel/voluBILíssimo*;
  - ✓ etc.;
- os adjetivos terminados em *-z* têm-no transformado em *-c* para que se lhes acrescente o sufixo: *capaz/capaCíssimo*, *feliz/feliCíssimo*, *atroz/atroCíssimo*, etc.;
- os adjetivos terminados em *m* têm-no transformado em *n* para que se lhes acrescente o sufixo: *bom/boNíssimo*, *comum/comuNíssimo*, *ruim/ruiNíssimo*, etc.;
- os adjetivos terminados no ditongo nasal *-ão* têm a semivogal deste transformada em *n* para que se lhes acrescente o sufixo: *pagão/pagaNíssimo*, *são/saNíssimo*, *vão/vaNíssimo*, etc.

Observação 1. *Mau* faz *maLíssimo*.

Observação 2. Muitas vezes o radical português do adjetivo difere grandemente do latino a que se acrescenta o sufixo superlativo. Exemplos:

- ✓ *amargo/amaríssimo*;
- ✓ *amigo/amicíssimo*;
- ✓ *antigo/antiquíssimo*;
- ✓ *benéfico/beneficentíssimo*;
- ✓ *benévolo/benevolentíssimo*;
- ✓ *cristão/cristianíssimo*;
- ✓ *cruel/crudelíssimo*;
- ✓ *doce/dulcíssimo*;
- ✓ *fiel/fidelíssimo*;
- ✓ *frio/frigidíssimo*;
- ✓ *geral/generalíssimo*;
- ✓ *inimigo/inimicíssimo*;
- ✓ *magnífico/magnificentíssimo*;
- ✓ *maléfico/maleficentíssimo*;

✓ *malévolo/malevolentíssimo*;
✓ *miúdo/minutíssimo*;
✓ *nobre/nobilíssimo*;
✓ *pessoal/personalíssimo*;
✓ *pródigo/prodigalíssimo*;
✓ *sábio/sapientíssimo*;
✓ *sagrado/sacratíssimo*;
✓ *simples/simplicíssimo* (ou *simplíssimo*);
✓ *soberbo/superbíssimo*.

- Vejam-se agora exemplos de formação com o outro sufixo de grau intensivo (*-imo*):

✓ *acre/acérrimo*;
✓ *célebre/celebérrimo*;
✓ *humilde/humílimo* (ou *humilíssimo*, *humildíssimo*);
✓ *íntegro/integérrimo*;
✓ *livre/libérrimo*;
✓ *magro/macérrimo* (ou *magríssimo*);
✓ *negro/nigérrimo* (ou *negríssimo*);
✓ *pobre/paupérrimo* (ou *pobríssimo*);
✓ *salubre/salubérrimo*.

☞ **Observação.** Contrariamente ao que se diz, o sufixo é *-imo* e não "-érrimo". Em todos os exemplos dados, o *ér* é parte do radical latino. O segundo *r* aparece por clara razão de fonética portuguesa. – É verdade que, por analogia, se dizem "chiquérrimo" e formações semelhantes, as quais, naturalmente, todavia, não devem nada ao latim. Trata-se de criação popular e afetada, sem lugar no padrão culto.

2.7.3.c. Os modos morfossintáticos de indicação de grau intensivo.

§ Afora o modo morfológico (sufixal) de indicar grau intensivo (superlativo) nos adjetivos, há os modos *morfossintáticos* de indicar grau intensivo (*grau comparativo* e *grau superlativo*). Vejamo-los.

- Antes de tudo, o comparativo.

→ O comparativo indica que um ente possui determinada qualidade em grau *superior*, em grau *igual* ou em grau *inferior* ao grau em que a tem outro ente:

✓ Maria é ***mais*** *esforçada* [*do*] ***que*** Sônia;
✓ Paulo é ***tão*** *esforçado* ***como*** [ou *quanto*] Pedro;
✓ Ricardo é ***menos*** *esforçado* [*do*] ***que*** Álvaro.

☞ **Observação.** Note-se que usar o "do" antes de *que* no comparativo de superioridade e no de inferioridade é opcional. Nós mesmo não usamos este "do" senão em função diacrítica, ou seja, apenas quando não usá-lo implica alguma anfibologia ou alguma dificuldade.[22] – E pode usar-se indiferentemente *como* ou *quanto* no comparativo de igualdade.

→ Indica ainda que em um mesmo ente certa qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra neste mesmo ente:

✓ Este livro é ***mais** bom* [*do*] ***que** agradável*;

✓ Este livro é ***tão** bom **como*** [*quanto*] *agradável*;

✓ Álvaro é ***menos** bom* [*do*] ***que** agradável.*

☞ **Observação 1.** A construção do primeiro exemplo (o do comparativo de superioridade) é corretíssima. Não podemos dizer Paulo é "mais bom" que José, mas porque se trata de comparação entre dois entes. No exemplo acima, trata-se de comparação entre duas qualidades em um mesmo ente, e neste caso não há outra maneira de dizê-lo.

☞ **Observação 2.** Insista-se, pois: há um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, um COMPARATIVO DE IGUALDADE e um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

- Agora, o SUPERLATIVO (morfossintático, insista-se).

→ O superlativo indica que um ente possui certa qualidade em *1*) grau elevado ou *2*) em grau sumo ou sobre-eminente: trata-se do chamado SUPERLATIVO ABSOLUTO:

1) Tomás é ***muito*** (ou ***grandemente***, etc.) prudente;

2) Tomás é ***sumamente*** (ou ***sobre-eminentemente***) prudente.

→ O superlativo indica ainda que um ente tem determinada qualidade em grau superior com respeito a um grupo de entes de que faz parte: trata-se do chamado SUPERLATIVO RELATIVO, que também pode ser *1*) DE SUPERIORIDADE E *2*) DE INFERIORIDADE:

1) Rodrigo é ***o*** (aluno) ***mais** estudioso **de** sua classe*;

2) Rodrigo é ***o*** (aluno) ***menos** estudioso **de** sua classe.*

☞ **Observação 1.** Em vez deste *de* para introduzir o complemento nominal que serve de termo da comparação, pode usar-se, alterando a construção, *entre* ("Rodrigo é o *mais estudioso* **entre** *os alunos de sua classe*").

[22] Note-se que usamos *diacrítico* segundo seu étimo: gr. *diakritikós, é, ón* ('capaz de distinguir, de separar'), do v. gr. *diakrínō* ('separar um do outro'), formado por sua vez de *diá* ('por meio de') + *krínō* ('separar, distinguir, discernir; decidir').

Observação 2. Há outras maneiras de indicar o grau *superlativo absoluto*.

- A primeira é ainda morfológica: trata-se do acréscimo de um prefixo, como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, etc. (*arqui-inimigo*, *extraduro*, *hipersapiente*, etc.).
- A segunda vale-se de uma comparação para expressar o superlativo: *O que ele diz é claro como água*.
- As demais são de cunho antes popular e/ou poético.

Observação 3. O *superlativo relativo* também pode expressar *limites ou campo de possibilidade*: por exemplo, *Ele diz palavras o mais claras possível*. – Note-se que "o (mais)" e "possível" são sempre invariáveis neste tipo de construção, até porque a ordem original da oração é *Diz palavras o mais possível claras*.

➢ COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS ESPECIAIS

Quatro adjetivos – *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* – formam já o comparativo já o superlativo de modo especial:

ADJETIVO	COMPARATIVO	SUPERLATIVO	
	De Superioridade	Absoluto	Relativo
bom	*melhor*	*ótimo*	*o melhor*
mau	*pior*	*péssimo*	*o pior*
grande	*maior*	*máximo*	*o maior*
pequeno	*menor*	*mínimo*	*o menor*

Observação 1. Insista-se em que, quando se compara uma qualidade de dois entes, não se deve dizer "mais bom", "mais mau" nem "mais grande"; deve dizer-se: *melhor*, *pior* e *maior* (não "Este teatro é 'mais bom' que aquele", mas *Este teatro é **melhor** que aquele*; etc.). Quando porém se comparam duas qualidades em um mesmo ente, há que usar o modo morfossintático indicado mais acima: Esta casa é ***mais má que feia***. – Mas em Portugal é abonado e muito corrente o uso de mais pequeno em lugar de menor.

§ Diga-se antecipadamente, aliás, algo que se aprofundará na seção sobre os verbos. Semelhantemente ao dito acima, conquanto não se possa dizer senão *Esta cantora canta **melhor** que aquela*, não se deve porém dizer "Esta ária foi 'melhor' cantada que aquela". Quando

se trata de PARTICÍPIO, não deve usar-se "melhor" nem "pior", mas *mais bem* e *mais mal*: *Livro* *mais bem* ESCRITO; *Escultura* *mais mal* CINZELADA; *A criança está* *mais bem* ALIMENTADA; *A casa está* *mais mal* CONSERVADA, etc.

☞ **Observação 2.** A par de *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, temos *boníssimo*, *malíssimo*, *grandíssimo* e *pequeníssimo*.

☞ OBSERVAÇÃO 3. Às vezes não há complementaridade comparativo-superlativo. Assim, se o superlativo correspondente ao comparativo *superior* é *supremo* (ou *sumo*); se o correspondente a *inferior* é *ínfimo*; se o correspondente a *posterior* é *póstumo*; e se o correspondente a *ulterior* é *último*; *anterior*, no entanto, não encontra superlativo que lhe corresponda.

☞ OBSERVAÇÃO 4. *Superior* e *inferior*, *sumo* (ou *supremo*) e *ínfimo* podem empregar-se, respectivamente, como comparativo e como superlativo de *alto* e de *baixo*.

III
OS PRONOMES

3.1. Os PRONOMES não podem dizer-se classe senão por certo ângulo ou aspecto, ou seja, porque compõem paradigmas fechados; mas reduzem-se a ***substantivos*** ou a ***adjetivos*** (***determinativos***). E, com efeito, de acordo com seu mesmo nome, a maioria deles pode, por um lado, substituir um substantivo (ou uma locução substantiva), um grupo substantivo ou uma oração substantiva, e, por outro lado, um adjetivo (ou uma locução adjetiva), um grupo adjetivo ou uma oração adjetiva.

Aos que o podem fazer, chamamos-lhes PRONOMES PROPRIAMENTE DITOS; aos que não o podem, PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS.

A. Os Pronomes Pessoais

3.a.1. Os PRONOMES PESSOAIS são sempre *substantivos*, e, como indica seu próprio nome, representam as *três pessoas* do discurso: *a pessoa que fala*, *a pessoa com que se fala*, *a pessoa ou coisa de que se fala*, estejam estas pessoas ou coisas no singular ou no plural. Ademais, dividem-se estes pronomes em *retos* e *oblíquos*.

3.a.1.a. São os seguintes os **PRONOMES RETOS:**

- primeira pessoa do singular: **eu**; segunda pessoa do singular: **tu**; terceira pessoa do singular: **ele/ela**;
- primeira pessoa do plural: **nós**; segunda pessoa do plural: **vós**; terceira pessoa do plural: **eles/elas**.

§ Os PRONOMES RETOS não podem estar senão em orações com verbo explícito ou implícito, nas quais exercem principalmente a função de *sujeito*, ou seja, do que está lançado ou posto *sob* o que diz o predicado (de que, como antecipado, o verbo é pelo menos o núcleo), mas ainda a de *predicativo*. – Aliás, como veremos em parte própria, é precisamente para concordar em número e pessoa com estes pronomes ou com os substantivos ou grupos substantivos pelos quais aqueles podem comutar-se que os verbos têm desinências número-pessoais: ***eu** estudo*, ***tu** estudas*, ***ele/ela** estuda(ø)*; ***nós** estudamos*, ***vós** estudais*, ***eles/elas** estudam*. Exemplos de orações com pronomes retos:

✓ *Eu* (sujeito) / *falarei de arte* (predicado);
✓ *Tu* (sujeito) / *falarás de arte* (predicado);
✓ *Ele*/ *Ela* (sujeito) / *falará de arte* (predicado);
✓ [Falemos de arte, porque] *ela* (sujeito) / *é hoje o centro de nossos estudos* (predicado);
✓ *Nós* (sujeito) / *falaremos de arte* (predicado);
✓ *Vós* (sujeito) / *falareis de arte* (predicado);
✓ *Eles*/ *Elas* (sujeito) / *falarão de arte* (predicado);
✓ [São quatro as notas principais da arte:] *elas* (sujeito) / *não podem faltar a nenhuma espécie sua* (predicado).

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Também são formalmente de segunda pessoa (ou seja, usam-se para representar a pessoa com que se fala) certos pronomes que, todavia, são materialmente de terceira (ou seja, levam o verbo para terceira pessoa): *você(s)*, os *pronomes de respeito ou cerimônia* e os *pronomes de reverência*. Ver-se-ão mais adiante.

3.a.1.b. Mas aos pronomes retos contrapõem-se outros que são *casos* seus: são os pronomes pessoais justamente chamados **OBLÍQUOS**, porque caem ou decaem dos retos por certa declinação.

- Segundo o acento, os pronomes pessoais oblíquos dividem-se em ÁTONOS e TÔNICOS:

◆ 1ª. PESSOA:

Singular: *me* (átono); (*a*, *de*, *em*, *para*, *por*, etc.) *mim* (tônico);
Plural: *nos* (átono); (*a*, etc.) *nós* (tônico);

• 2ª, PESSOA:

Singular: *te* (átono); (*a*, etc.) *ti* (tônico);
Plural: *vos* (átono); (*a*, etc.) *vós* (tônico);

• 3ª, PESSOA:

Singular: *o*, *a*, *lhe*, *se* (átonos); (*a*, etc.) *ele/ela*, (*a*, etc.) *si* (tônicos);
Plural: *os*, *as*, *lhes*, *se* (átonos); (*a*) *eles/elas*, (*a*, etc.) *si* (tônicos).

→ Há ainda cinco antigas formas tônicas (*migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*) que hoje só se usam aglutinadas com a preposição *com*: *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco* e *convosco*.

Observação. Note-se que as formas tônicas sempre se empregam (ou se deveriam empregar) antecedidas de preposição. Mais abaixo, ver-se-ão duas supostas exceções a esta regra.

• Segundo o que substituem e segundo a função sintática que exercem, especializam-se.

• Primeiramente, OS ÁTONOS.

→ *O*, *a*, *os*, *as* só se empregam em lugar de substantivos (ou locuções substantivas), de grupos substantivos ou de orações substantivas não precedidos de preposição:

✓ *O estudante leu os livros de Física* – *O estudante leu-*OS;
✓ *Escrevi as cartas* – *Escrevi-*AS;
✓ *Disse que não o lera* – *Disse-*O.

Observação. Estes pronomes exercem sempre, como veremos na Sexta Parte, a função de *objeto direto*.

→ *Lhe*, *lhes* só se empregam em lugar de substantivos antecedidos da preposição *a* ou da preposição *para*:

✓ *Deu o tratado de Física ao estudante* – *Deu-*LHE *o tratado de Física*;
✓ *Os reis magos levaram presentes para o Menino Jesus* – *Os reis magos levaram-*LHE *presentes.*

Observação. Nem sempre, todavia, estes pronomes podem usar-se em lugar de substantivos ou de grupos substantivos antecedidos da preposição *a* ou da preposição *para*: não o podem, por exemplo, em *Atentem à partitura* nem em *Para José(,) este tratado de Física é falho*. Na verdade, como o veremos em Sintaxe, *lhe* e *lhes* só se usam na função de *objeto indireto ou dativo* (como nos exemplos acima) ou, muitas vezes, na de *dativo livre* (como em *Não* LHE *frustres as esperanças*).

→ *Me, te, se, nos, vos, se* podem empregar-se em lugar de substantivos/locuções substantivas ou de grupos substantivos, na função de objeto direto; ou em lugar de substantivos antecedidos de preposição, na função de objeto indireto. Exemplos:

✓ *Viu-me ontem* (OBJETO DIRETO);

✓ *Deu-te o endereço?* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO);

✓ *A menina penteava-se diante do espelho* (OBJETO DIRETO [REFLEXIVO]);

✓ *A enfermeira assistiu-nos na cirurgia* (OBJETO DIRETO);

✓ *Escrever-vos-á uma carta* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO);

✓ *Buscam agradar-se uns aos outros* (OBJETO INDIRETO OU DATIVO [DE MUTUALIDADE]).

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Em orações como *Necessita-SE de empregados*, *Estudou-SE muito ontem* e *Estava-SE muito contente*, comumente conhecidas como "de sujeito indeterminado", o pronome *se* é INDEFINIDO e equivale a outro pronome indefinido, *alguém* (ou *alguns*), que por sua vez equivale ao grupo substantivo *alguma pessoa* (ou *algumas pessoas*).

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** *Me/nos, te/vos* e *se*, além de usar-se como visto acima, usam-se ainda de maneira diversa:

✓ *Lembrei-ME da palavra*;

✓ *O cão assustou-SE*;

✓ *Feristes-VOS na explosão?*;

✓ *Vendem-SE casas*;

✓ *Não TE queixes de tuas penas*;

✓ *Fomo-NOS daquele antro.*

Note-se que em todos os exemplos o pronome não equivale a nenhum substantivo nem a nenhum grupo substantivo, razão por que só podem dizer-se pronomes impropriamente ou por certo ângulo. Trata-se de assunto complexo que se tratará no capítulo das vozes verbais.

- Depois, os TÔNICOS.

→ Os tônicos só se usam antecedidos de preposição e, com mais propriedade, na função sintática de *complemento relativo*, na de *complemento nominal* ou, mais raramente, na de *predicativo* e na de *adjunto adnominal*. Nestas funções, são diversas as preposições de que os tônicos se antecedem:

✓ *Falaram de MIM, sobre VÓS, convosco*, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO);

✓ *Pensava em TI, em SI mesmo*, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO; o segundo é, ademais, REFLEXIVO);

✓ – *Assististe à peça?* – *Não assisti a* ELA, etc. (COMPLEMENTO RELATIVO);

✓ *É grande seu carinho por* NÓS, etc. (COMPLEMENTO NOMINAL);

✓ *Estamos con*TIGO (PREDICATIVO);

✓ *A descoberta d*ELE (de Pasteur, por exemplo), etc. (ADJUNTO ADNOMINAL).[23]

→ Usam-se ainda na função de *objeto direto* e na de *objeto indireto ou dativo*. Atente-se, porém, às seguintes e complexas distinções.

▪ Se se têm por marco de referência os melhores escritores, não se usam com toda a propriedade e elegância os tônicos nestas funções, a não ser que se trate de *objeto direto pleonástico* e de *objeto direto não pleonástico* que se siga a este de algum modo, ou ainda de *objeto indireto (ou dativo) pleonástico* ou de *objeto indireto (ou dativo)* que se siga a este de algum modo. Deem-se exemplos:

✓ Construção recomendável: *Viu*-ME. – Evite-se, pois, "Viu 'a mim'", conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Viu-me A MIM* (OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO) *e A ELE* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

✓ Construção recomendável: *Escutaram*-NA. – Evite-se, pois, "Escutaram 'a ela'", conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Escutaram-na A ELA* (OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO) *e A NÓS* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

✓ Construção recomendável: *Feriu*-SE *sem querer*. – Evite-se, pois, "Feriu 'a si [mesmo]'", conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Feriu-se A SI [mesmo]* (OBJETO DIRETO [REFLEXIVO] PLEONÁSTICO) *e A MIM* (OBJETO DIRETO NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO) *sem querer*;

✓ Construção recomendável: *Deu*-LHE *o livro*. – Evite-se, pois, "Deu o livro 'a ela'", conquanto se possa com toda a propriedade e elegância escrever *Deu-lhe o livro A ELA* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO), *não A NÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

✓ Construção recomendável: *Falamos*-TE. – Evite-se, pois, "Falamos 'a ti'", conquanto se possa perfeitamente escrever *Falamos-te A TI* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO) *e A ELA* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

---

[23] Considere-se porém que o melhor em casos como este é usar o pronome possessivo: *sua descoberta* – a não ser que se use *dele(s)* ou *dela(s)* em função diacrítica.

✓ Construção recomendável: *Responderam-NOS*. – Evite-se, pois, "Responderam 'a nós'", conquanto se possa perfeitamente escrever *Responderam--nos A NÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO) *e A VÓS* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO);

✓ Construção recomendável: *Obedeçam-LHES*. – Evite-se, pois, "Obedeçam 'a eles'", conquanto se possa perfeitamente escrever *Obedeçam-lhes A ELES* (OBJETO INDIRETO [OU DATIVO] PLEONÁSTICO), *não A NÓS* (OBJETO INDIRETO [DATIVO] NÃO PLEONÁSTICO QUE SE SEGUE A PLEONÁSTICO).

OBSERVAÇÃO 1. *Consigo* usa-se unicamente de modo REFLEXIVO: *Falava CONSIGO* (ou seja, falava com sua própria pessoa).

▫ Naturalmente, há exemplos em bons escritores do uso que dizemos menos apropriado e menos elegante:

✓ "Nem ele entende *a nós*, nem nós a ele" (CAMÕES), quando o melhor seria "Nem ele *nos* entende *a nós*, nem nós a ele";[24]

✓ "E, como estivessem medrosas e com os olhos no chão, disseram *para elas* [em vez do mais apropriado "disseram-*lhes*" ou "disseram-*lhes a elas*"]: Por que buscais entre os mortos o que vive?" (PE. ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO).

Basta porém uma consulta ao indispensável *Dicionário de Verbos e Regimes* de Francisco Fernandes para constatar a justeza do dito aqui: são parquíssimos os exemplos em que se usam oblíquos tônicos da maneira que dizemos menos recomendável.

OBSERVAÇÃO 2. Considere-se apropriado e elegante ainda o seguinte uso dos seguintes oblíquos tônicos: "A quem cuidas que venceram os godos? *a mim*? Não por certo, senão *a ti*" (PE. MANUEL BERNARDES). O *a mim* solitário supõe a oração elíptica *Que me venceram (a mim)?*, enquanto o *a ti* supõe (*senão*) *que te venceram* (*a ti*).

OBSERVAÇÃO 3. Em "No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" (PACHECO DA SILVA JR. & LAMEIRA DE ANDRADE), o pronome oblíquo tônico *ele* se usa não antecedido de preposição (e na função de objeto direto). Preferiríamos dar outro torneio à oração: *O português conserva--os a todos*; *Conserva-os a todos o português*; *A todos conserva-os o português*; *A todos o português os conserva*; *Todos se conservam em português*; *Conservam-se todos em português*; etc. – Diga-se o mesmo do uso de pronome tônico sem preposição regido do adjetivo *só*: "Quero estes dois cadernos, *SÓ eles*". Preferiríamos dar outro

[24] Talvez, todavia, Camões tenha sido levado a este uso pela necessidade métrica: com efeito, o elegante *nos* levaria o verso a 12 sílabas, em vez das 10 de rigor aqui.

torneio à oração: *Quero apenas/somente/tão somente estes dois cadernos*; *Quero estes dois cadernos, mais nenhum/nenhum mais*; etc.

3.a.2. ALTERAÇÕES NA FIGURA DOS PRONOMES OBLÍQUOS.

3.a.2.a. Os pronomes *o, a, os, as* podem ter a figura alterada segundo sua posição com respeito ao verbo.

- Se estão em PRÓCLISE, ou seja, antes do verbo, mantêm a figura original:
  ✓ *Não* O *entendemos. As crianças* AS *leram*; etc.
- Se estão em ÊNCLISE, ou seja, depois do verbo, ligam-se a este por hífen, e sua figura depende da terminação do mesmo verbo.

→ Se a forma verbal terminar em *vogal* ou em *ditongo oral*, estes pronomes ainda mantêm a figura original:

✓ *Lê-*O; *Apregoei-*AS; etc.

→ Se porém a forma verbal terminar em *-r*, em *-s* ou em *-z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume uma das figuras *lo, la, los, las*:

✓ *Vê-*LO (ver + O); *Encontramo-*LA (encontramos + A); *Fê-*LOS (fez + OS).

OBSERVAÇÃO. Dá-se o mesmo quando vêm enclíticos ao designativo *eis* e aos pronomes *nos* e *vos*:

✓ *Ei-*LO (eis + O); *Não no-*LO *disse* (nos + O); *Há de explicar-vo-*LO (vos + O).

→ Se, por fim, a forma verbal terminar em *m* ou em *ditongo nasal*, o pronome assume uma das figuras *no, na, nos, nas*:

✓ *Leem-*NO (leem + O); *Trouxeram-*NAS (trouxeram + AS); *São-*NO (são + O); *Põe-*NOS (põe + OS).[25]

- Ao *futuro do presente* e ao *futuro do pretérito* o pronome oblíquo não pode vir enclítico, ou seja, não pode pôr-se depois do verbo. Pode dar-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, sua colocação no *meio* do verbo: *dar-*LHE*-ei*, *far-*NOS*-á*, etc. E, se se trata dos pronomes *o, a, os, as*, sempre se converterão em *lo, la, los, las* porque, no meio destas duas formas verbais, sempre estarão enclíticos à desinência *-r* de infinitivo:

✓ *Pesquisá-*LO*-á* (pesquisar + O); *Convertê-*LAS*-emos* (converter + AS); etc.

3.a.2.b. Quando em uma mesma oração aparecem dois pronomes átonos, um substituindo substantivo não antecedido de preposição e outro substituindo substantivo antecedido da preposição *a* ou da preposição *para*, tais pronomes SE AGLUTINAM ou simplesmente SE ASSOCIAM, conforme a regras precisas.

---

[25] Neste caso, dá-se identidade material entre *dão-*NOS (dão + O) e *dão-*NOS (dão + NOS), a qual pode ser fonte de ambiguidade. Se o for, evite-se esta de maneira adequada.

- *Me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* aglutinam-se com *o, a, os, as* ou justapõem-se a estes:
  - ✓ *mo* (me + o), *ma* (me + a), *mos* (me + os), *mas* (me +as): *Entregou-te as partituras? – Entregou-MAS*;
  - ✓ *to* (te + o), *ta* (te +a), *tos* (te + os), *tas* (te +as): *Dir-me-ás o endereço? – Dir-TO-ei*;
  - ✓ *lho* (lhe + o), *lha* (lhe +a): *Obedeçam à sua ordem – Obedecer-LHA-emos*;
  - ✓ *no-lo* (nos + [l]o), *no-la* (nos + [l]a), *no-los* (nos + [l]os), *no-las* (nos + [l]as): *Mostrou-vos o projeto? – NO-LO mostrou*;
  - ✓ *vo-lo* (vos + [l]o), *vo-la* (vos + [l]a), *vo-los* (vos + [l]os), *vo-las* (vos + [l]as): *O projeto, ele VO-LO mostrará*;
  - ✓ *lhos* (lhes + os), *lhas* (lhes + as): *Outorgaram-lhes os prêmios? – Sim, outorgaram-LHOS.*

OBSERVAÇÃO 1. As combinações *lho*(*s*) e *lha*(*s*) como equivalentes de *lhes* + *o*(*s*) e *lhes* + *a*(*s*) são conservações da língua antiga: nesta, com efeito, o pronome *lhe* empregava-se tanto para o singular como para o plural.

OBSERVAÇÃO 2. O pronome *se* não se aglutina com os pronomes *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, senão que SE ASSOCIA a eles. Quando antepostos ao verbo, mantêm-se separados; quando pospostos, juntam-se por hífen:

- ✓ *Por isso mesmo a proposta SE NOS afigurou satisfatória*;
- ✓ *A proposta, por isso mesmo, afigurou-SE-NOS satisfatória*;
- ✓ *Dado que o recato SE LHES foi impondo pouco a pouco* [...];
- ✓ "[...] o banditismo franco impôs-SE-LHES como derivativo à vida desmandada" (EUCLIDES DA CUNHA).

OBSERVAÇÃO 3. Atente-se porém a que o pronome *se*, diferentemente do que ocorre, *mutatis mutandis*, em espanhol, nunca se associa em português aos pronomes *o, a, os, as*. Não se escreva, portanto, "Viu-se-o passar", mas simplesmente *Viu-se passar*, ou *Viu-se o homem passar*, ou *Viu-se aquilo passar*, etc.

OBSERVAÇÃO 4. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* não podem dar-se juntamente. Nestes casos, usa-se a forma tônica correspondente:

- ✓ *Recomendou-<u>TE</u> A MIM* (e não um "recomendou-te-me"); *referiram-<u>VOS</u> A NÓS* (e não um "referiram-vos-nos"); etc.

Note-se, aliás, a insuperável ambiguidade das formas vetadas.

3.α.2.c. Quando os oblíquos tônicos *ele*(*s*) e *ela*(*s*) se antecedem das preposições *de* e *em*, com estas se aglutinam:

- *dele*(*s*) [de + ele(s)], *dela*(*s*) [de + ela(s)]: *a casa DELA*, etc.;

- *nele(s)* [em + ele(s)], *nela(s)* [em + ela(s)]: *Bela casa:* NELA *nos sentimos a gosto*, etc.

> Constitui erro, todavia, aglutinar a preposição *de* e os pronomes *ele(s)* e *ela(s)* quando estes forem retos: o correto é *Está na hora de as crianças irem para a cama* (e não um "Está na hora *das* crianças irem para a escola"). Esclarecer-se-á no momento oportuno.

3.α.3. Hoje, como vimos, de ordinário já não podem decompor-se para uso as formas aglutinadas *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco, consigo* (este exclusivamente reflexivo). Se, porém, a *conosco* e *convosco* se pospuser um dos determinativos *outros, todos, mesmos* e *próprios*, aqueles se substituirão pelas respectivas formas *nós* e *vós*:

✓ *com nós outros, com nós todos, com vós mesmos*, etc. (e não "conosco outros", "conosco todos", "convosco mesmos", etc.).

3.α.4. EMPREGOS DOS PRONOMES PESSOAIS.

3.α.4.a. Antes de tudo, dos RETOS.

- Há já mais de um século, estendeu-se no Brasil o uso do antigo pronome de reverência *você* (< *vosmecê* < *vossemecê* < *vossa mercê*), materialmente de terceira pessoa do singular, em lugar de *tu*; e o de *vocês* em lugar de *vós*. Parece-nos perda lastimável, porque desordena não só o paradigma dos pronomes retos, mas também os relacionados a ele: com efeito, na escrita os possessivos *seu(s)* / *sua(s)* tornaram-se radicalmente ambíguos, e precisam não raro ser substituídos por *dele(s)* / *dela(s)*; e, como se perderam as desinências de segunda pessoa para indicar a pessoa com que se fala, passaram a abundar *você* e *vocês* onde antes, por economia de meios e pois por elegância de estilo, podiam ficar elípticos ou ocultos *tu* e *vós*. Naturalmente, também estes últimos sempre se usaram, mas por ênfase, ou por paralelismo, ou por alguma necessidade eventual de clareza. Pois bem, usem-se *tu* e *vós* sempre que possível, sobretudo na escrita, e especialmente na tradução de obras clássicas.

OBSERVAÇÃO 1. E, de maneira geral, não se usem os pronomes retos senão, insista-se, por necessidade de clareza (sobretudo quando se tratar de formas verbais atribuíveis a mais de uma pessoa),[26] de ênfase ou de paralelismo.[27]

---

[26] É o que se dá entre a primeira pessoa e a terceira do singular no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo (*eu falava, ele falava; eu falara, ele falara*) e entre essas mesmas pessoas em todos os tempos do subjuntivo e no infinitivo pessoal (*eu fale, ele fale; eu falasse, ele falasse; eu falar, ele falar*), além de outros casos isolados (*eu disse, ele disse*).

[27] Um caso de paralelismo: *Enquanto tu dormias, ele trabalhava.*

⇨ **Observação 2.** Além de *você(s)*, usam-se correntemente outros pronomes formalmente de segunda pessoa, porque servem para que nos dirijamos a alguém, mas materialmente de terceira, porque a forma verbal que lhes corresponde também o é. São os **pronomes**

- **de respeito ou cerimônia:**
  - ✓ *o(s) Senhor(es)* [*Sr. / Srs.*];
  - ✓ *a(s) Senhora(s)* [*Sra. / Sras.*];
  - ✓ *a(s) senhorita(s)* [*Srta. / Srtas.*][28] e
- **de reverência:**
  - ✓ *Vossa Alteza* [V.A.] (para os príncipes, para os arquiduques, para os duques);
  - ✓ *Vossa Eminência* [V. Em.ª] (para os cardeais);
  - ✓ *Vossa Excelência* [V. Ex.ª] (para altas autoridades e para os generais das Forças Armadas; mas em Portugal para qualquer pessoa a quem se queira manifestar grande respeito);
  - ✓ *Vossa Excelência Reverendíssima* [V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ] (para os arcebispos e para os bispos);
  - ✓ *Vossa Magnificência* [V. Mag.ª] (para os reitores de Universidade);
  - ✓ *Vossa Majestade* [V. M.] (para os imperadores e para os reis);
  - ✓ *Vossa Paternidade* [V. M.] (para os abades e para os superiores de convento em geral);
  - ✓ *Vossa Reverendíssima* [V. Rev.ª / V. Rev.ᵐᵃ] (para os sacerdotes em geral);
  - ✓ *Vossa Santidade* [V. S.] (para o Papa);
  - ✓ *Vossa Senhoria* [V. S.ª] (para os funcionários públicos graduados e para os oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil, para quaisquer pessoas de cerimônia).

→ Quando porém não nos dirigimos *a* estas autoridades, mas falamos *de*las, então mais convenientemente se substitui *vossa* por *sua*: *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, *Sua Excelência*, e assim sucessivamente.

➢ No colóquio brasileiro, usa-se comumente *a gente* tanto por *nós* como por *eu*. Evite-se na escrita quando não se tratar de reproduzir, literariamente, o mesmo falar coloquial.

[28] Correspondem aos espanhóis *usted* e *ustedes*.

• Pode realçar-se o pronome reto mediante o reforço de *mesmo* ou de *próprio*:

✓ *Vós* MESMOS *deveis dizer-lho*; *Ele* PRÓPRIO *deu-nos a notícia*; etc.

Outra maneira de fazê-lo é pospor-lhe a expressão É QUE:

✓ *Vós (mesmos)* É QUE *devíeis dizer-lho*; *Ele (próprio)* É QUE *nos deu a notícia*; etc.

Observação. Aliás, *é que* pode usar-se até em início de frase, onde é polifuncional: é realçador, é continuativo e é, de certo modo, explicativo. – Quanto à função continuativa, assemelha-se a *E* e a *Pois* em início de frase (ou até de texto): *E o vento levou*, etc. Se assim é, fique desde já a lição: pode-se, sim, por este e por outros motivos, começar frase por *É*, por *É que*, por *E*, por *Pois* e por *Mas*. Aprofundar-se-á o assunto na Décima Parte.

• Quanto se tem um *pronome de primeira pessoa* num sujeito composto (ou seja, constituído por mais de um núcleo), convém civilmente pô-lo em último lugar:

✓ *O reitor, o professor e eu fomos falar com o aluno.*

Proceda-se inversamente, todavia, se o que se predica do sujeito implica responsabilidade em algo mau:

✓ *Eu, o professor e o reitor havemos de reconhecer que erramos com o aluno.*

→ É regra infelizmente esquecida em nossa língua, conquanto (ainda) se mantenha viva em inglês, em espanhol, etc. Reavivemo-la.

• O pronome reto *nós*, por sua vez, pode usar-se *pela primeira pessoa do singular* de duplo modo.

◆ Como PLURAL DE MODÉSTIA. Com efeito, referindo-se a si mesmo como a um nós, o escritor ou o orador evita o desagradável da autorreferência repetida.

→ Não obstante, quando *nós* é PLURAL DE MODÉSTIA, convém deixar no singular os adjetivos que o determinam. Retoma assim seu posto, de algum modo, o eu. Exemplo:

✓ *Estamos certo da necessidade da Gramática.*

◆ Como PLURAL DE MAJESTADE. Aqui o fim é o contrário do fim do anterior: quando um papa ou um rei se referem a si mesmos como a um nós, querem justamente luzir a excelsitude de seu cargo e poder.

• Por outro lado, como FÓRMULA DE CORTESIA E DE DEFERÊNCIA para com a autoridade a que nos dirigimos, usamos a *terceira pessoa pela primeira* ao fazer um requerimento.

Observação geral 1. Por todo o dito a respeito dos pronomes retos, é erro grave, ou seja, infringe o padrão culto atual, o uso destes pronomes em outra

função que a de sujeito ou a de predicativo: diga-se *ouvi-O* e não "ouvi ele", *mandei-A sair* e não "mandei ela sair", *leva-ME* e não "leva eu", etc.

☞ OBSERVAÇÃO GERAL **2.** Deve relembrar-se ainda o uso, também muito surpreendente, de *si* – pronome oblíquo de TERCEIRA PESSOA exclusivamente REFLEXIVO – como pronome formalmente de segunda pessoa: "Gosto muito de si" (quando o normal seria "de ti", ou "de você", ou "do senhor", etc.); "Queremos falar consigo" (quando o normal seria "contigo", ou "com você", ou "com o senhor", etc.). Trata-se de outra quebra radical de paradigma, razão por que deve evitar-se com afinco tanto na escrita como na fala.

☞ **OBSERVAÇÃO 3.** É licitíssimo, ao contrário, insista-se, o uso dos retos *ele(s)* e *ela(s)* para substituir nome de coisa, contrariamente ao que, talvez por influência do inglês (que tem o neutro *it* só para coisas), não raro se pensa: *É de uma mesa assim que necessitaria:* ELA *me facilitaria o trabalho.* Tenha-se tão só o cuidado de não usar tais pronomes para substituir substantivo que, cristalizado, se usa com sentido indeterminado em certas expressões fixas: *dizer verdade, pedir perdão*, etc. Podem porém usar-se para fazê-lo se tais substantivos perdem a indeterminação: *Pediu-me o perdão, e* ELE *foi-lhe dado.*

3.α.4.b. Empregos, agora, dos OBLÍQUOS.

• Para realçar um substantivo ou um grupo substantivo na função de COMPLEMENTO VERBAL, costuma usar-se PLEONÁSTICA ou ENFATICAMENTE o pronome oblíquo.[29]

→ Se se trata de substantivo ou de grupo substantivo não antecedidos de preposição, ou seja, na função de OBJETO DIRETO, temos dois recursos:

▫ ou pô-los no início da oração e substituí-los depois por uma das formas pronominais *o, a, os, as*:

✓ "Árvore, filho e livro, queria-OS perfeitos" (VIANNA MOOG, *Toia*);

✓ *Embusteiros dessa estirpe(,) há-*OS *em profusão*;

✓ etc.;

▫ ou pô-los antecedidos de preposição (*a*) de reforço também no início da oração e substituí-los depois ainda por uma das formas pronominais *o, a, os, as*:

✓ *A Pedro(,) não* O *vimos ontem*;

✓ *Às galáxias mais distantes(,) é difícil captá-*LAS;

✓ etc.

[29] Já vimos, ademais, o caso dos oblíquos tônicos usados pleonasticamente com respeito a pronomes oblíquos átonos.

☞ OBSERVAÇÃO. Com este último recurso, preposicionamos o objeto direto antecipado.

→ Se se trata de substantivo ou de grupo substantivo naturalmente antecedidos de preposição *a*, ou seja, na função de OBJETO INDIRETO OU DATIVO, podemos pô-los no início da oração e substituí-los depois por *lhe* ou *lhes*:

✓ *A seus pais(,) diga-LHES sempre a verdade.*

→ Se, porém, como vimos, se trata já de pronome oblíquo átono, podemos fazer que o acompanhe sua correspondente forma tônica antecedida de *a*:

✓ *Ouviu-**se** A SI (mesmo) na gravação*;

✓ *Vimo-**la** A ELA no documentário*;

✓ *Falou-**nos** A NÓS, não (vos) falou A VÓS*;

✓ *Perguntei-**me** A MIM (mesmo) sobre o tema*;

✓ *Deu-**lhes** razão A ELES*;

✓ "Não ***te*** mirou A TI, A TI também sem cor" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS).

• Apesar da tendência coloquial em contrário, a preposição *entre* não pode reger forma reta. Como *até*, *entre* requer *mim* e *ti*:

✓ *Entre a sabedoria e MIM medeia grande esforço*;

✓ *Hão de fortalecer-se os laços entre TI e MIM*;

✓ *Tragam até MIM a postulante*;

✓ *Também até TI chegará o mau rumor.*

→ Não se diga, pois, em exemplos como os postos acima, "entre tu e eu", "trouxeram até eu", etc. Não se confunda porém este caso com o caso em que *entre* rege não dois pronomes, mas duas orações: ***Entre** TU apresentares tua tese e EU (apresentar) a minha, decorrerá um tempo*; nem com o caso em que *até* é, em verdade, advérbio: ***Até** (mesmo, ainda) TU já o pudeste confirmar.* Nestes não há erro, senão que é a única maneira correta.

• Semelhantemente ao caso anterior, e contrariamente ao que se dá na linguagem popular do Brasil, *mim* e *ti* não podem ser sujeito de infinitivo. Escreva-se e diga-se, pois, *para eu ler*, *para tu dormires* (e não "para mim ler", "para ti dormir", que ferem ainda o padrão culto). (*Para*) *eu ler* é redução a infinitivo da oração desenvolvida (*para que*) *eu leia*, e (*para*) *tu dormires* é-o da oração desenvolvida (*para que*) *tu durmas*. Se assim é, em ambos os casos a preposição *para* não rege o pronome (*eu* e *tu*), mas a oração inteira (*eu ler* e *tu dormires*). Já outro é o caso quando a preposição *para* rege unicamente o pronome: então este se declina e se torna oblíquo (*Leu a carta só para mim* [e não "para eu"]; *Cantou para ti* [e não "para tu"]; *Para ti, que texto convém traduzir agora?*).

> ➢ A ambos estes casos voltaremos na parte de SINTAXE DE CONCORDÂNCIA.
>
> ➢ As únicas preposições que *exigem* os pronomes retos ***eu*** e ***tu*** são primitivos advérbios (*afora, fora*) ou primitivos adjetivos (*exceto, menos, salvo, tirante*):
>
> ✓ *afora eu, exceto tu, tirante tu*, etc.
>
> ➢ Por outro lado, como se verá em momento próprio, os pronomes oblíquos átonos podem desempenhar em certas construções, cumulativamente, a função de *complemento do verbo* e a de *sujeito*: *mandou-OS meditar*; *Ele viu-SE ceder ao indevido*; etc. É herança do latim.

• Para os pronomes *me, te, se, nos, vos, se* serem de fato reflexivos, é preciso que a ação designada pelo verbo que eles complementam possa aplicar-se também a outrem:

✓ *Maria cobre-SE/Maria cobre a filha*;

✓ *Protegemo-NOS/Protegemos nossa filha*.

→ Mas nem sempre a recíproca é verdadeira: com efeito, embora possamos ter um *O gato assustou o rato*, onde o *gato* é formal ou significativamente o agente da ação verbal, em *O gato assustou-se* não se dá verdadeiramente ação reflexiva, porque aqui o *gato*, formal ou significativamente falando, é antes paciente que agente da ação verbal. Ademais, note-se a diferença entre ***alguém ferir-se voluntária ou involuntariamente a si mesmo*** e ***alguém ferir-se num acidente***: trata-se de identidade meramente material. Tudo isso tem que ver com as vozes verbais e se estudará quando as estudarmos.

→ Tais distinções, todavia, são a razão para usar o pleonástico ***a si mesmo*** quando se tratar de efetiva AÇÃO REFLEXIVA: escrever ***ferir-se a si mesmo*** distingue-o inequivocamente não só de *ferir-se* (num acidente), mas de *ferir-se* enquanto "ser ferido". Ainda há, porém, a possível confusão entre o *se* REFLEXIVO e o *se* de RECIPROCIDADE ou MUTUALIDADE: em *Felicitaram-se pelo êxito*, não se pode ter certeza de se cada pessoa do sujeito plural se felicitou a si mesma ou, ponha-se, se duas pessoas desse mesmo sujeito se felicitaram uma à outra. Fiquem pois como regras:

▫ sempre, insista-se, que houver o MENOR risco de ambiguidade ao usar o *se* REFLEXIVO, acrescente-se-lhe *a si mesmo(s)* (ou *a si mesma[s]*): *Feriu-se* A SI MESMO;

▫ sempre que houver o MENOR risco de ambiguidade ao usar o *se* de RECIPROCIDADE ou MUTUALIDADE, acrescente-se-lhe *entre si*, ou *um(s) ao outro(s)*, ou *reciprocamente*, ou *mutuamente*: *Convenceram-se* UM AO OUTRO;

a – e, sempre que se tratar de *se* REFLEXIVO com possibilidade de confundir-se com o *se* de reciprocidade ou mutualidade, acrescente-se-lhe *cada um a si mesmo*: *Felicitaram-se* CADA UM A SI MESMO *pelo êxito*.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Ainda porém que não haja risco de ambiguidade, mas se se dá alguma necessidade de ênfase, não constitui erro lançar mão de tais recursos pleonásticos: por exemplo, em *Viu-se* A SI MESMO *no espelho*.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Já se tornou tópico entre os gramáticos o afirmar que os pronomes átonos podem usar-se como possessivos: assim, em *Tremiam-te as mãos* ou em *Ruiu-lhe a hipótese*, o *te* e o *lhe* estariam respectivamente por *tuas* e *sua*. Mas parece que se deve dizer melhor. Que nestes casos o pronome átono cossignifique ou também expresse *posse*, não há negá-lo. Que porém seja aí possessivo, com função sintática, portanto, de adjunto adnominal, sim, negamo-lo. Como veremos em seu momento, trata-se em verdade de DATIVO DE <u>POSSE</u>: "Tremiam as mãos <u>a ti</u>" e "Ruiu a hipótese <u>a ele</u>". Como seja, porém, *sempre que possível* e pois *sem abuso*, usem-se tais pronomes dativos em lugar de possessivos: imprimem vigor e elegância à frase. Voltaremos ao assunto ao tratar os pronomes possessivos.

- Antecipe-se por fim algo atinente à regência verbal: o uso dos pronomes oblíquos com verbos de regência diversa. Explique-se. Se se trata de dois verbos de mesma regência, pode usar-se de diferente maneira, segundo o caso, o pronome oblíquo em referência a uma mesma pessoa ou a uma mesma coisa. Ponham-se os verbos *apresentar* e *ensinar*:

✓ *Ele <u>me</u> apresentou e ensinou a Filosofia*;
✓ *Ele <u>me</u> apresentou e <u>me</u> ensinou a Filosofia* (repetição enfática);
✓ *Ele apresentou-<u>me</u> e ensinou-<u>me</u> a Filosofia* (a única possível se se recorre à ênclise).

Diga-se o mesmo se se trata de qualquer outro tempo verbal, como o futuro do presente:

✓ *Ele <u>me</u> apresentará e ensinará a Filosofia*;
✓ *Ele <u>me</u> apresentará e <u>me</u> ensinará a Filosofia* (repetição enfática);
✓ *Ele apresentar-<u>me</u>-á e ensinar-<u>me</u>-á a Filosofia* (a única possível se se recorre à mesóclise).

Já nada disso valerá, todavia, se se tratar de verbos de regência diferente. Se se escrevesse "Márcia amiúde pensa e fala de nós", incorrer-se-ia em erro, porque, se de fato o verbo *falar* requer a preposição *de* (*fala* DE *nós*), não assim o verbo *pensar*, que *aqui* requer a preposição *em*. Mas o exemplo dado não exibe

esta preposição, e nele este último verbo fica sem a correspondente e devida preposição – razão por que a oração não está bem construída. Trata-se de cânone da Gramática portuguesa segundo o padrão culto atual. Escreva-se, pois:

✓ *Márcia amiúde pensa* EM *nós e fala* DE *nós.*

→ Se todavia não se trata de pronome oblíquo, mas de substantivo, pode escrever-se de duplo modo:

✓ ou *Márcia amiúde pensa* NO *assunto e fala* DELE;

✓ ou *Márcia amiúde pensa* NO *assunto e fala* DO *assunto* (repetição enfática).

B. Os Pronomes Demonstrativos

3.β.1. Os chamados PRONOMES DEMONSTRATIVOS reduzem-se tanto a ***substantivos*** como a ***adjetivos*** (***determinativos***) e são sempre pronomes propriamente ditos. São de diversas espécies: ***este, esse, aquele***, etc.; ***o*** e ***a***; ***semelhante*** e ***tal***. Há ainda o complexo caso de *mesmo* e de *próprio*: vê-lo-emos mais adiante.

3.β.1.a. Primeiramente, os que compõem o seguinte paradigma:

Masculino	Feminino	Neutro
Este	Esta	Isto
Esse	Essa	Isso
Aquele	Aquela	Aquilo

→ Os NEUTROS são **sempre** *substantivos*, enquanto os MASCULINOS e os FEMININOS são *adjetivos* (*determinativos*), na maioria das vezes, ou *substantivos* (mas como substantivos, como se verá, por vezes adquirem o caráter de indefinidos).

⇗ **Observação.** Os demonstrativos masculinos e os femininos não podem dizer-se propriamente substantivos quando usados em referência a substantivo elíptico, porque, para que fossem de fato substantivos, haveriam de pôr-se *em lugar dele*. Não é o que se dá neste exemplo: *Consideremos este assunto, não aquele* (*assunto*). Fica-se algo indeciso diante de, por exemplo, *Meu livro é este*; mas ainda aqui nos parece possível supor o substantivo *livro* elíptico – Sem dúvida alguma, todavia, tais pronomes são *substantivos* em casos como este: *Aquele que despreza o saber, esse está fadado a não progredir.*

§ Empregos desta espécie de pronomes demonstrativos.

• Em seu **PRIMEIRO USO**, os da primeira linha (*este, esta, isto*) referem-se de *algum modo* à primeira pessoa do discurso (*eu/nós*). Os da segunda linha (*esse, essa, isso*), à

segunda pessoa do discurso (*tu/vós*). Os da terceira linha (*aquele, aquela, aquilo*), à terceira pessoa do discurso (*ele-ela/eles-elas*). Referem-se a elas, porém, de modo vário.

◆ Neste uso, os NEUTROS, como substitutos de substantivos, obviamente designam substâncias, mas fazem-no considerando-as por sua localização com respeito às pessoas do discurso.

→ Por PROXIMIDADE ou AFASTAMENTO:

✓ *Isto me chegou ontem*; *Isto que me acompanha*... (1ª. pessoa);

✓ *Isso que tens nas mãos*...; *Isso que está diante de ti*... (2ª. pessoa);

✓ *Aquilo que está nas mãos de seu filho*...; *Aquilo* (*que está longe de ti e de mim*)... (3ª. pessoa).

→ Por LUGAR OU COISA EM QUE SE ESTÁ:

✓ *Isto* (*em que estou sentado*) *é um escabelo* (1ª. pessoa);

✓ *Isso* (*em que estás sentado*) *é um escabelo* (2ª. pessoa);

✓ *Aquilo* (*em que seu filho está sentado*) *é um escabelo* (3ª. pessoa).

◆ Neste uso, os MASCULINOS E OS FEMININOS, como adjetivos determinativos, modificam um substantivo, mas fazem-no dando-lhe como certa medida a localização com respeito às pessoas do discurso.

→ Por PROXIMIDADE ou por AFASTAMENTO:

✓ *Este livro* (*que tenho nas mãos*)...; *Este quadro* (*que está atrás de mim*)... (1ª. pessoa);

✓ *Essa carta* (*que tens nas mãos*)...; *Essa janela* (*que está diante de ti*)... (2ª. pessoa);

✓ *Aquele brinquedo* (*que está nas mãos de teu filho*)...; *Aquele cãozinho* (*que está distante de ti e de mim*)... (3ª. pessoa).

→ Por LUGAR OU COISA EM QUE SE ESTÁ:

✓ *Este país* (*o país em que vivo ou estou*)... (1ª. pessoa);

✓ *Esse escabelo* (*o escabelo em que estás sentado*)... (2ª. pessoa);

✓ *Aquela casa* (*a casa em que mora teu sobrinho*)... (3ª. pessoa).

→ Por POSSE (que não deixa de ser uma maneira de proximidade):

✓ *Estas mãos* (*as minhas*) (1ª. pessoa);

✓ *Essa caneta* (*a tua*) (2ª. pessoa);

✓ *Aquele sorriso* (*o de teu filho*)... (3ª. pessoa).

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Dá-se comumente cruzamento de referência e de medida espacial. Por exemplo, a caneta de outrem pode estar em minhas mãos, razão por que usarei *esta* (*caneta*) com respeito a ela.

↗ **Observação 2**. Por vezes, tem-se referência a uma ou a mais pessoas do discurso segundo, porém, tripla localização: _*este* prédio_ (o prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); _*esse* prédio_ (o prédio que está mais próximo do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); _*aquele* prédio_ (o prédio que está mais distante do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.). – Se todavia se trata apenas de dupla localização, então desaparece ou o termo médio (*esse*) ou o termo último (*aquele*): _*este* prédio_ (o prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.); _*esse*_ ou _*aquele* prédio_ (o prédio que está, segundo a perspectiva, mais ou menos próximo ou mais ou menos distante do prédio em que estou eu, ou em que estamos nós, ou em que estamos nós e ele[s], etc.).

• Mas estes DEMONSTRATIVOS ADJETIVOS também significam algo que modifica a substância por uma *medida temporal*, e já não em referência senão à primeira pessoa do discurso (a que fala ou escreve ou é personagem).

→ Neste **segundo uso**, empregam-se *este* e *esta* para tempo atual (a hora, o dia, a semana, o mês, o ano, o século, o milênio em que se está) e para tempo futuro ou para tempo passado mais imediatos:

✓ _*Este* (o dia de hoje) é um belo dia_; _*Este* (o século em que estamos) é um século de acontecimentos dramáticos_;

✓ _*Esta* noite (a noite de ontem) foi chuvosa_;

✓ _*Estes* dias (os próximos dias) serão decisivos._

→ Empregam-se *esse* e *essa*, por outro lado, para tempo passado mais imediato (razão por que podem comutar-se por *este* e por *esta*) ou para tempo passado mais remoto (razão por que, como se verá, podem comutar-se por *aquele* e por *aquela*):

✓ _*Essa* noite (a noite de ontem) foi de muita alegria_;

✓ _*Esse* ano (em certa altura do passado) foi de poucas conquistas._

→ E empregam-se *aquele* e *aquela*, por fim, para tempo passado mais remoto (razão por que, como visto, podem comutar-se por *esse* e por *essa*).

✓ _*Aquele* foi um tempo de estudos intensos._

↗ **Observação**. Nós, particularmente, damos preferência a *aquele*(*s*) e a *aquela*(*s*) para tempo passado mais remoto, a não ser que se sobreponha outra referência.

• Por fim, há um **terceiro uso**, em que todos estes demonstrativos se empregam como substantivos e *anaforicamente*,[30] ou seja, com referência a partes do próprio discurso ou do próprio texto. Neste uso,

---

[30] *Anáfora* vem do lat. tardio *anafŏra* ("repetição de uma palavra"), do gr. *anaphorá* (ação de repetir).

→ *isto, este* e *esta* referem-se ou ao já dito mais proximamente, ou ao que se está dizendo ou tratando, ou ao que ainda se vai dizer:

✓ *Isto (que se acabou de dizer) não é verdade;*

✓ *Isto (de que estou tratando) é assunto que pertence à Gramática;*

✓ *Digo-vos isto: estudem e estudem;*

✓ *A prudência não impede a coragem, nem esta (a coragem) anula aquela.*

→ *isso* refere-se ao já dito mais proximamente (caso em que, como visto, pode comutar-se por *isto*), enquanto o mesmo *isso* (e *esse* e *essa*) se refere ao dito entre um último e um antepenúltimo:

✓ *Isso (dito) não se deveria pôr em questão;*

✓ *Pedro, PAULO e José: este tem 21 anos, esse (Paulo) tem 19, e aquele tem 17.*

→ *aquilo, aquele* e *aquela* referem-se, por fim, ao dito mais remotamente:

✓ *PEDRO, Paulo e José: este tem 21 anos, esse tem 19, e aquele (Pedro) tem 17;*

✓ *A PRUDÊNCIA não impede a coragem, nem esta anula aquela (a prudência).*

OBSERVAÇÃO 1. Note-se que aqui também temos uso segundo o grau de afastamento ou de proximidade: *este (mais próximo), esse (termo médio) e aquele (mais distante)*; ou, na ausência de termo médio, *este (mais próximo) e aquele (mais distante)*. – E note-se ainda que, mesmo usados anaforicamente, estes demonstrativos não deixam de impor certa medida espacial ou ainda temporal, porque, com efeito, afastamento e proximidade podem dizer-se com respeito ao espaço ou ao tempo.

OBSERVAÇÃO 2. Todos estes demonstrativos se aglutinam com duas preposições: *de* e *em*, enquanto o *a* inicial de *aquele*, de *aquela* e de *aquilo* se funde ou craseia com a preposição *a*:

→ *deste, desta, disto; neste, nesta, nisto;*

→ *desse, dessa, disso; nesse, nessa, nisso;*

→ *daquele, daquela, daquilo; naquele, naquela, naquilo;*

→ *àquele, àquela, àquilo.*

OBSERVAÇÃO 3. Na oralidade e em Literatura, usa-se *nisto* no sentido de "então" ou "nesse momento":

✓ *Nisto(,) bateram à porta.*

OBSERVAÇÃO 4. Há certas expressões em que alguns destes demonstrativos se usam de modo fixo: *isto de* (e nunca "isso de"), *isto é* (e nunca "isso é"), *além disso, nem por isso*. Mas *por isso* pode comutar-se por *por isto*, especialmente em texto não literário, e sobretudo se se refere a algo dito mais proximamente que outro.

☞ **Observação 5**. Quando adjetivos, os pronomes *este(s)/esta(s)*, *esse(s)/essa(s)* e *aquele(s)/aquela(s)* usam-se ordinariamente antepostos ao substantivo que determinam: *esta casa, essa árvore, aquelas citações*, etc. *Esse(s)* e *essa(s)*, no entanto, podem usar-se pospostos a ele, mas com função distinta: nesta posição, ou emprestam ênfase ao substantivo determinado, ou ampliam o aspecto de recapitulação que um substantivo repetido encerra:

✓ *Frequentávamos concertos, peças teatrais, exposições de pintura, momentos esses inesquecíveis;*

✓ *Ontem se realizou o batizado de seu filho Marcos, filho esse que nasceu prematuramente.*

☞ **Observação 6**. *Esse(s)* e *essa(s)* empregam-se ainda adjetivamente com função de realce ou ênfase: *"D. Quixote", esse livro admirável de Cervantes*. Mas podem usar-se, com a mesma função, também substantivamente: *Aquele que despreza o saber, esse está fadado a não progredir.*

☞ **Observação 7**. *Aquele(s)* e *aquela(s)* servem, por seu lado, para introduzir predicativo cuja função é identificar, recapitulando, um sujeito determinado por *este(s)/esta(as)* ou *esse(s)/essa(s)*: ESSES ATOS são ***aqueles*** *(atos) que mais se podem dizer virtuosos*. Neste emprego, em que sempre se seguem de substantivo elíptico seguido, por sua vez, de oração adjetiva, *aquele(s)* e *aquela(s)*, como se verá, comutam-se por *o(s)* e por *a(s)*. – Mas *aquele* também se comuta por *o* na função de núcleo do sujeito seguido, ainda, de oração adjetiva: como em *Aquele (= O) que despreza o saber está fadado a não progredir*. Adquire, nestes casos, cunho NEUTRO e caráter de INDEFINIDO SUBSTANTIVO.

☞ **Observação 8**. Também o adquirem às vezes não só os demonstrativos masculinos deste paradigma mas ainda os femininos, como neste exemplo: *As mulheres da família rodeavam o doente: estas choravam em silêncio, aquelas rezavam.*

☞ **Observação 9**. Para que se precise inequivocamente, *isto* em função anafórica pode acompanhar-se de *último*: *Isto* ÚLTIMO *é a conclusão a que se deve chegar.*

3.β.1.b. Estudem-se agora os demonstrativos ***o(s)*** e ***a(s)***, que são ou substantivos ou adjetivos.

- Como substantivo, *o(s)* pode ser determinado já por uma oração adjetiva já por um grupo adjetivo e pode quase sempre comutar-se por *aquele(s)* ou por *aquilo*:

✓ *O (= aquele) que despreza o saber não progride;*

✓ *A sabedoria é o (= aquilo) que importa;*

✓ *Boa notícia para os da terra.*

• Exclusivamente no singular e como substantivo neutro, *o* pode comutar-se por *isto*, por *isso* e por *aquilo*, e usa-se não raro em função pleonástico-enfática:

✓ *Não é possível evitá-lo*;

✓ *Não penses que não era mentira: era-o*;

✓ *O preço da irresponsabilidade, aprendeu-o duramente.*

• Como adjetivos, *o(s)* e *a(s)* sempre têm elíptico o substantivo que determinam, e, se não fosse tal elipse, identificar-se-iam com os artigos *o(s)* e *a(s)*:[31]

✓ *O homem que estuda progride, o (homem) que não o faz estaciona ou regride*;

✓ *Já apareceram diversas senhoras, mas não as (senhoras) que espero.*

• *O* equivale a *coisa* em, por exemplo, *Era preciso vencer sua resistência, o (= COISA) que parecia quase impossível.* Note-se a invencível ambiguidade que resultaria de não pôr-se este *o* ou *coisa* antes do relativo *que*.

• Pode estranhar de início a presença do demonstrativo *o* em *É isso o que importa*, porque com ela se dão aí dois demonstrativos seguidos (*isso o*). Mas isto não se dá senão porque se trata de inversão: a ordem normal da oração pode ser ou *Isso é o que importa* (assim como também dizemos *Este homem foi aquele que disse...* ou *Esses atos são aqueles que...*) ou ainda *O que importa é isso.* – Mais ainda, é preferível escrever com tal sequência de demonstrativos a fazer do *que* relativo de *isso* ("É ISSO 'que' importa"), e não só porque, como dizem alguns gramáticos, aquela sequência melhor esclarece o sujeito *isso*, senão que sem a presença do segundo demonstrativo se torna impossível a colocação *normal* do verbo depois do sujeito ("Isso é que importa" é construção destituída de sentido).

• Do mesmo modo, é preferível escrever *tudo o que* a escrever "tudo que": *Tudo o que queremos é a paz na ordem.* Ou pode escrever-se, com igual propriedade, *tudo quanto*: *Tudo quanto queremos é a paz na ordem.*

3.β.1.c. Vejam-se ainda os demonstrativos ***tal/tais*** e ***semelhante/semelhantes***. Os primeiros podem ser, ainda, substantivos ou adetivos, enquanto os segundos não são senão adjetivos.

• Como substantivo e exclusivamente no singular, *tal* equivale a *isto*, a *isso*, a *aquilo* ou a *o*:

✓ *Quando ouviu tal, assombrou-se*;

✓ *Era tido por tal*;

✓ *Pensava-se que fosse criminoso: não era tal.*

[31] Outra prova de que os artigos se reduzem a pronomes adjetivos e, pois, a adjetivos.

• Como adjetivos, *tal* e *tais* equivalem a *este(s)* e *esta(s)*, a *esse(s)* e *essa(s)* ou a *aquele(s)* e *aquela(s)*:

✓ *Tal resposta foi sua primeira reação;*

✓ *A causa de tal confusão, não a sabíamos;*

✓ *Tal questão era demasiado complexa.*

⇨ **Observação.** *O tal estudante* ou *o tal João* equivalem a *o referido estudante* e *o referido João*. ("O tal *de* João" é construção coloquial.) – Por seu lado, *um tal* (*de*) é sinônimo de *um certo*: *Um tal João esteve aqui.*

→ Expressões em que entra *tal*:

✓ *Tal qual* ou *tal e qual* (= idêntico, sem diferença alguma): *É tal qual o pai; As peças saíram tais e quais ele as havia pensado*; etc.

✓ *Tal ou tal* ou *tal ou qual* (= este ou aquele, um ou outro): *Não sabemos o que se passa em tal ou tal espírito diante desta situação*; etc.

✓ *Que tal/que tais* (= semelhante[s], da mesma natureza, etc.): *Não se trata dessa figura de retórica, mas de outra que tal; Uma cidade repleta de rufiões e de outros que tais.*

✓ *Que tal?* (= *Que te/vos parece?*).

• Quando usado como demonstrativo, *semelhante(s)* é sempre adjetivo e pode comutar-se por qualquer demonstrativo adjetivo do primeiro paradigma, mas, em decorrência de seu sentido original, é o único que encerra o aspecto de *similitude* ou *similaridade*:

✓ *Não podíamos assentir a semelhante despropósito;*

✓ *É em semelhantes situações que mais é preciso manter a calma.*

⇨ **Observação.** Note-se que, como demonstrativo, *semelhante(s)* não pode vir senão anteposto ao substantivo que ele determina.

• Por fim, ao contrário do que dizem as gramáticas correntes em geral, não é evidente que *mesmo(s)/mesma(s)* e *próprio(s)/própria(s)* sejam pronomes demonstrativos; parecem-nos antes pronomes ou puros adjetivos de realce ou de precisão. Mas o que importa mostrar aqui a respeito destas palavras é o relativo a suas possibilidades de colocação, para o que nos bastarão os seguintes exemplos:

• "a *própria* Carmélia fez o convite", "a *mesma* Carmélia fez o convite" e "Carmélia *mesma* fez o convite" (note-se que nos dois primeiros casos, justo pela maneira de construir a oração, tem de dar-se o artigo);

• "ela *própria/ela mesma* fez o convite";

• "a *própria* natureza o requer/a *mesma* natureza o requer/a natureza *mesma* o requer";

- "ele é a *própria* inocência / ele é a *mesma* inocência / ele é a inocência *mesma*".

Observação. Nunca em português culto teve grande acolhida o uso de *mesmo(s)* / *mesma(s)* em lugar de *este(s)*/*esta(s)* ou de *ele(s)*/*ela(s)*. Evitem-se pois dizeres como "Interrogou-se o acusado, e o 'mesmo' disse que era inocente". Use-se *este* ou *ele* em vez deste "mesmo". E ainda com respeito a coisa, insista-se, pode dizer-se *ele*/*a*: "Cuidado ao abrir-se a porta do elevador: verifique se *ele* (ou *este*, e não o 'mesmo') está de fato no andar".

γ. Os Pronomes Possessivos

3.γ.1. Os pronomes possessivos reduzem-se essencialmente e quase sempre a ***adjetivos*** (***determinativos***), e são sempre pronomes propriamente ditos. Modificam o substantivo significando certa medida – a posse – das substâncias significadas por aquele. Fazem-no sempre em referências às três pessoas do discurso, mas de maneira muito particular, como se vê por sua maneira complexa de flexionar-se em gênero e em número: *concordam em gênero e em número com a coisa possuída, e em pessoa com o possuidor*. Daí as três séries de formas que compõem seu paradigma:

	UM POSSUIDOR		MAIS DE UM POSSUIDOR	
	Uma coisa possuída	Mais de uma coisa possuída	Uma coisa possuída	Mais de uma coisa possuída
1ª. pessoa masc.	meu	meus	nosso	nossos
fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2ª. pessoa masc.	teu	teus	vosso	vossos
fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3ª. pessoa masc.	seu	seus	seu	seus
fem.	sua	suas	sua	suas

3.γ.2. Quando usados em referência a substantivo apenas elíptico e não em lugar dele, os pronomes não podem dizer-se propriamente pronomes substantivos; seguem sendo propriamente pronomes adjetivos. Exemplos: *Meu filho já entrou para a escola –* ***e o*** *teu (filho)?*; *Ricardo já apresentou seu projeto. Quando apresentareis* ***o*** *vosso (projeto)?* Note-se que, quando, na função de adjunto adnominal, determina substantivo elíptico, o possessivo obrigatoriamente se acompanha de artigo. Não assim quando exerce a função de predicativo: então obrigatoriamente não se acompanha de artigo. E tal diferença é de caráter semanticamente

distintivo: uma coisa é *Este livro é meu* (predicativo), e outra *Este livro é* **o** *meu* (adjunto adnominal de substantivo elíptico). No primeiro caso, tão somente se indica que um livro pertence à primeira pessoa do singular; no segundo, que um livro *entre vários outros* pertence à primeira pessoa do singular.[32]

3.γ.3. Em apenas poucos casos o possessivo pode dizer-se substantivo. Eis dois destes casos:

3.γ.3.a. Quando indica *substantivamente*, ou seja, sem determinar nenhum substantivo, o conjunto das posses do sujeito da oração: *Não tenho quase nada* DE *meu*; *Não tem um momento* DE *seu*; etc.

Observação. Note-se que, com este sentido, o possessivo sempre se antecede da preposição *de*. Ademais, como se vê pelos exemplos, é muito mais comumente usado em orações negativas.

3.γ.3.b. Quando indica *substantivamente*, ou seja, sem determinar nenhum substantivo, o conjunto de parentes, ou de companheiros, ou de conterrâneos de alguém: *Transmita minhas lembranças a todos* OS *seus*; *Reunamos urgentemente* OS *nossos*; etc.

3.γ.4. Algumas vezes, além de expressarem posse ou pertinência, os possessivos coexpressam outras noções.

3.γ.4.a. Certa indefinição de medida: *Tem as suas dificuldades*; *Tivemos os nossos acertos*; etc. – Note-se que poderíamos dizer, com quase identidade: *Tem certas dificuldades*, *Tivemos alguns acertos*, etc. E note-se, ademais, que o mais comum neste caso é usar o possessivo antecedido de artigo.

3.γ.4.b. Aproximação de cálculo: *Aquela senhora tem seus sessenta anos*; *Tem seu um metro e oitenta de altura*. – Note-se que poderíamos dizer, com quase identidade: *Aquela senhora tem cerca de sessenta anos*; *Tem cerca de um metro e oitenta de altura*. E note-se, ademais, que o mais comum neste caso é não antepor artigo ao possessivo.

→ Outras vezes, porém, os possessivos expressam algum sentimento ou consideração com respeito a algo – o que, por outro lado, não deixa de ser certa maneira de posse, porque, por exemplo, *ter* a alguém em alta conta é afinal *tê-lo* de certo modo. Dão-se, a seguir, alguns destes casos.

- O possessivo pode expressar que de alguém ou de algo é que se está tratando num texto ou numa alocução: *Diz o nosso filósofo...*, etc. Ainda aqui, o mais corrente é fazer o possessivo anteceder-se de artigo.

---

[32] Insista-se em que, em *Este livro é* **o** *meu*, o artigo determina o elíptico *livro*, o que se pode talvez provar pelo fato mesmo de que como predicativo o possessivo não admite artigo: *Este livro é meu*.

- Pode expressar ainda amizade, bem-querer, familiaridade: *Meu caro André*, etc.
- Também pode expressar interesse ou simpatia: *O seu Cervantes, caríssimo, foi um romancista sem igual*, etc. Também aqui, o mais comum é fazer o possessivo anteceder-se de artigo.
- Pode, por fim, expressar polidez, respeito, deferência, ou ainda subserviência: com efeito, em *Meus senhores e minhas senhoras* indica polidez ou deferência; mas, se um escravo diz a seu senhor *Meu senhor*, então indicará subserviência.

→ Mais surpreendente, e demonstrativo da grande elasticidade ou plasticidade da linguagem, é o fato de que a preposição de certas locuções prepositivas e o pronome oblíquo tônico que forma com aquela um complemento nominal são muito correntemente substituídos pelo possessivo correspondente, que, obviamente, já não exerce a função de complemento, mas a de adjunto nominal. Exemplos:

✓ ao lado *de ti* = a *teu* lado;
✓ à frente *de nós* = à *nossa* frente;
✓ a favor *de vós* = a *vosso* favor;
✓ por causa *de mim* = por *minha* causa.

E atenção: uma coisa é *teu ódio* (= ódio que tu nutres por outrem), e outra, inversa, *ódio teu* (= ódio de ti, ódio que alguém nutre por ti).

☞ **Observação.** Não se julgue, no entanto, que *de mim, de ti, de nós*... possam expressar posse da mesma maneira que *meu, teu, nosso*... em seu significado próprio. E efetivamente não se pode dizer "a casa de mim" por *minha casa*, "a biblioteca de nós" por *nossa biblioteca*, etc. Não é senão a terceira pessoa, pelos motivos que se explicarão adiante, que admite *dele*(*s*) / *delas*(*s*), *do*(*s*) *senhor*/*da*(*s*) *senhora*(*s*)... como possessivos.

3.γ.5. Se em espanhol e em francês o possessivo anteposto ao substantivo expresso que ele determina nunca vem antecedido de artigo, em português, todavia, não é possível estabelecer regra pétrea. Em Portugal, generalizou-se o uso de artigo antes de possessivo; no Brasil, porém, correntemente se oscila entre usá-lo e não usá-lo aí, mesmo entre nossos melhores escritores – e isto não raro em um mesmo parágrafo ou até em uma mesma frase.

No entanto, a nós não nos parece indiferente usá-lo ou não usá-lo aí. Recorde-se o merecidamente tão citado e tão gabado exemplo do Padre Antônio Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas ***o*** seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser ***o*** seu filho". Por isso mesmo é que nós, particularmente, não usamos o artigo antes de possessivo referente a substantivo não elíptico

senão para efeitos como o alcançado por Vieira ou para fins diacríticos, ou ainda para fins de realce, dando-nos assim, a nós mesmo, regra pétrea quanto a isto.

E, se não a podemos dar senão a nós mesmo, podemos porém insistir na recomendação de outros gramáticos: evite-se o artigo ao menos antes de possessivo referente a partes do corpo, a familiares e a casa. Assim, *minha perna* e não "a minha perna"; *meu marido* e não "o meu marido", *a reunião será em sua casa* e não "na sua casa", etc.

⇨ **Observação.** Como dito na seção sobre os demonstrativos, é caso anômalo o admitirem os possessivos a anteposição de artigo, e ainda pode entender-se que tal artigo determina o substantivo e não o possessivo: *o seu carro = o carro seu.*

3.γ.6. Quanto à COLOCAÇÃO na oração, o possessivo ordinariamente precede o substantivo que ele determina: *teu cão, sua escola, nossa casa*, etc. Pode, no entanto, pospor-se a ele em algumas situações:

3.γ.6.a. quando o substantivo vem, ele mesmo, desacompanhado de artigo definidor: *Há de ser impressão minha*; *Chegou de repente multidão de cartas suas*; etc. – aqui a posposição é obrigatória;

3.γ.6.b. quando o substantivo já está determinado por artigo indefinidor ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido: *um telegrama meu*; *dois erros teus*; *essas ideias vossas*; *certas conclusões suas*; etc. – aqui a posposição é muitas vezes obrigatória;

3.γ.6.c. por necessidade de ênfase, nos vocativos: *Não me sais do coração, filho meu*; etc. – aqui obviamente a posposição é de todo facultativa.

⇨ **Observação 1.** Algumas vezes a colocação do possessivo não é significativamente indiferente, como visto mais acima. E, com efeito, há diferença semântica entre *Gostaria de ter notícias tuas* (= notícias sobre ti) e *Gostaria de ter tuas notícias* (= notícias dadas por ti sobre quaisquer coisas).

⇨ **Observação 2.** Fora desses casos, a posposição do possessivo não se usa senão poeticamente; e então o substantivo vem precedido de artigo: *o desejo teu*, *os sonhos seus*, etc.

3.γ.7. O possessivo de terceira pessoa não raro implica grave ambiguidade ou anfibologia tanto com respeito ao número do possuidor como com respeito a seu gênero: é que *seu, sua, seus, suas* se aplicam indistintamente a possuidor singular ou a possuidor plural, e a possuidor masculino ou a possuidor feminino. Com efeito, se digo *Estava com João e Maria e vi seus livros*, não dou a saber se os livros são tanto de João como de Maria ou se são só de João ou só

de Maria. No Brasil, o quadro agrava-se pelo uso de *você* em lugar de *tu* e de *vocês* em lugar de *vós*, uso cujos efeitos daninhos para a escrita já se apontaram. Mas o problema já decorre de nossas próprias formas respeitosas de tratamento: de fato, se trato a Marcos marido de Sandra por *senhor*, disto resultará a mesma ambiguidade que se o trato por *você* e lhe faço a mesma pergunta posta acima. Por isso mesmo, isto é, para evitar tal ambiguidade radical, é que quando cabível usamos em lugar de *seu(s)* e *sua(s)* as formas *dele(s)*, *dela(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da(s) senhora(s)*, etc.

⇗ **Observação.** Insista-se, porém, antes de tudo, em que não devemos recorrer a tal substituição senão para evitar anfibologia e, depois, em que devemos usar *tu* e *vós* sempre que possível, sobretudo na escrita, e especialmente na tradução de obras clássicas.

3.γ.8. Já vimos o uso de *nós* como plural de modéstia ou como plural de majestade. Pois é em decorrência desse mesmo uso que também há um *nosso* de modéstia e outro de majestade: *Nossa gramática* – escreve seu único autor – *tem por fim...*; *Nossos reinos e senhorios...* – diz o rei; etc.

3.γ.9. Tão diferentemente de línguas como o francês e o inglês, o português cultivado sempre repeliu o uso constante dos possessivos. Vejamos quando devemos evitá-los, ou seja, *sempre que possível*.

3.γ.9.a. Antes de nomes de parte do corpo, de coisa do espírito e de familiar: diga-se e escreva-se *Quebrei o braço* (e não "meu braço"), *Cortou o cabelo* (e não "seu cabelo"), *Perdeu o juízo* (e não "seu juízo"), *Passeava com a esposa* (e não "com sua esposa"), *Gosta muito da prima* (e não "de sua prima"). – Mas, naturalmente: *Meu braço está dolorido*, *Seus cabelos são lisos*, *Está em seu juízo perfeito*, *Referiu-se à sua esposa, não à minha*, *Nossa prima nos presenteou com um CD*. Não há outra maneira de construir estas orações.

3.γ.9.b. Antes da palavra *casa* como residência do sujeito da oração: *Saiu de casa há já um tempo* (e não "de sua casa"); *Cheguei a casa cedo* (e não "à minha casa"). – Mas, naturalmente: *Como um rei em sua casa*; *Estou em minha casa* (= nela faço o que quero); *Vou à tua casa, não à sua*. Tampouco há outra maneira de construir estas orações.

3.γ.9.c. Quando sua repetição ou, afinal, seu simples uso são dispensáveis. Com efeito, *Já no prédio, atravessei seu corredor que dá para seu pátio interno...* mais elegantemente se escreveria *Já no prédio, atravessei seu corredor que dá para o pátio interno...* ou, ainda, *Já no prédio, atravessei o corredor que dá para o pátio interno...*

→ Exatamente para escapar ao "abuso" do possesivo é que, com grande ganho de elegância, podem usar-se em seu lugar os pronomes oblíquos de dativo: *Educaram-te bem o filho na escola* (em vez de "Educaram bem teu filho na escola"), *Tremem-lhe as mãos* (em vez de "Tremem suas mãos"), *Quero atrair-vos o interesse* (em vez de "Quero atrair vosso interesse"), etc. Trata-se, como já se disse e como se explicará mais profundamente na Sexta Parte, dos chamados *dativos livres*. – Não se abuse, porém, por seu lado, destes mesmos pronomes dativos. Uma oração como "Abusaste-me da confiança", além de afetada, peca por certa obscuridade.

Δ. Os Pronomes Indefinidos

3.δ.1. Os PRONOMES INDEFINDOS reduzem-se majoritariamente a ***substantivos*** de caráter neutro, e então se chamam com toda a propriedade ***indefinidos***, ou a ***adjetivos*** (***determinativos***), e então melhor se dizem ***indefinidores***, porque, com efeito, o que fazem é indefinir os substantivos que eles determinam. São todos, porém, de terceira pessoa, ou antes, todos se aplicam à terceira pessoa.

3.δ.2. Parte deles compõe muito claramente um paradigma, ainda que de modo diverso do paradigma dos pronomes pessoais e do paradigma dos pronomes possessivos. Outra parte deles, todavia, só mais dificilmente os podemos incluir no mesmo paradigma. Como quer que seja, façamos tal esforço e demos o paradigma possível dos pronomes indefinidos:

a. algo – alguém – algum;
b. nada – ninguém – nenhum;
c. outro – outrem;
d. tudo – todo;
e. tanto – quanto;
f. muito – pouco;
g. certo / determinado / dado – qualquer.[33]

⇗ **Observação.** Como se vê, nas quatro primeiras linhas se trata de paradigma mais propriamente morfológico (o que implica, como é claro, o semântico), enquanto nas demais se trata de oposições apenas semânticas (ainda que sistemáticas e cruzadas, ou seja, dentro de cada linha e entre algumas linhas). Por seu lado, *cada* pode entrar de algum modo tanto na quarta como na sétima linha, enquanto

[33] Quanto a *quem* como pronome indefinido, discuti-lo-emos ao estudar os pronomes relativos.

vários e o *se* dito "indeterminador do sujeito", ainda que por razões distintas, são casos à parte – e mais ainda o é *qual*.

3.δ.3. Temos ainda as LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS, que, naturalmente, equivalem a pronomes indefinidos simples: *quem quer que, o que quer que*. Por seu lado, *cada um* e *cada qual* encontram-se também em fronteira turva, entre locuções pronominais indefinidas e grupos pronominais de cunho indefinido, como se verá. As demais locuções tradicionalmente incluídas entre as locuções pronominais indefinidas, estudá-los-emos mais adiante.

3.δ.4. Consideremos agora os pronomes indefinidos segundo sejam substantivos ou adjetivos.

3.δ.4.a. Os indefinidos *alguém, ninguém, outrem, algo, nada, um, qual* e *se* (indeterminador) são sempre substantivos:

- ALGUÉM:
  - ✓ (= alguma pessoa): *Alguém há de aparecer*;
  - ✓ (= uma pessoa): *Escreveu-o a alguém muito especial*;[34]
- NINGUÉM:
  - ✓ (= nenhuma pessoa): *Ninguém a quis escutar*;
- OUTREM:
  - ✓ (= outra pessoa): *Estes versos não são de Camões, mas de outrem*;
- ALGO:
  - ✓ (= alguma coisa): *Interroguemo-nos se o mal é algo*;
- NADA:
  - ✓ (= nenhuma coisa ou coisa nenhuma): *Não lhe trouxe nada*;
  - ✓ (= alguma coisa): *Não quer comer nada?*;
- UM:
  - ✓ *Cada um deve buscar o êxito da empresa*;
  - ✓ *Os pães pesam 50 gramas cada um*;
  - ✓ "Quanto um é mais pobre, tanto tem menos parentes" (PE. MANUEL BERNARDES).

OBSERVAÇÃO 1. *Cada um* pode considerar-se locução pronominal indefinida ou grupo pronominal de cunho indefinido. Se se considera locução, então *cada* e *um* entram aí como partes morfológicas. Se se considera grupo, então aí *um* é pronome

[34] Se se trata de PESSOA, *ninguém* é a negação de *alguém*; e, se se trata de COISA, *nada* opõe-se tanto a *algo* como a *tudo*.

indefinido e *cada* é pronome indefinidor e determinante de *um*. – Tendemos à segunda solução, porque, com efeito, pode comutar-se com muita facilidade este *um* por qualquer substantivo: *Cada* <u>*um*</u> *faça seu trabalho* = *Cada* <u>*pessoa*</u> *faça seu trabalho*.

⇨ **Observação 2**. Na frase de Bernardes, *um* está em lugar do medieval *homem* ou do *se* chamado "indeterminador do sujeito". Mas *um* com tal papel sempre foi de uso restrito, e, se se encontra algo abundantemente no Padre Manuel Bernardes (em especial em *Nova Floresta*), aí está, ao que parece, na qualidade de estrangeirismo (talvez o *uno* espanhol).

- QUAL:
  - ✓ *Que cada* <u>*qual*</u> *dê seu parecer*.

⇨ **Observação**. Bem sabemos ainda que quase nunca se inclui *qual* entre os pronomes indefinidos. Se o fazemos, é porque, se se considera *cada um* grupo pronominal de cunho indefinido, então também o será, por perfeito sinônimo daquele, *cada qual*. E, se assim é, então, obviamente, *qual* será tão pronome indefinido como *um*.

- SE:
  - ✓ (= alguma pessoa, uma empresa, etc.; a pessoa; pessoas): *Necessita-*<u>*se*</u> *de tradutores*; *Dorme-*<u>*se*</u> *bem no campo*; *É-*<u>*se*</u> *feliz aqui*.

⇨ **Observação 1.** Todos estes pronomes são invariáveis não só em número, mas também em gênero e grau. Se todavia se lhes apõe o artigo definidor, o artigo indefinidor ou algum adjetivo determinativo, caem os mesmos pronomes em fronteira turva, e por certo ângulo podem agora dizer-se substantivos (impróprios ou próprios).

▫ *Alguém* e *ninguém* comportam-se então desigualmente, apesar de constituírem par de opostos:

✓ *certo* <u>*alguém*</u> (= pessoa);

✓ *Nunca se deve considerar a ninguém um* <u>*ninguém*</u> (= pessoa de pouca ou nenhuma importância).

▫ Veja-se, porém:

→ que não se pode dizer "'certo' ninguém";

→ que, se o antônimo do *ninguém* da segunda oração acima é *alguém* (*Esse rapaz já se considera* <u>*alguém*</u>), não se lhe pode porém antepor artigo ("já se considera 'um' alguém").

⇨ **Observação 2.** Sucede o mesmo a *algo*:

✓ *Tem aquele* <u>*algo*</u> (= atributo, qualidade) *que o ofício requer*;

✓ *Esse rapaz já se considera* <u>*algo*</u> (= *alguém*).

Observação 3. *Nada*, por sua vez, comporta-se então da seguinte maneira:

✓ *Havia um nada de* gente; *Custa um nada*; etc.;

✓ *O nada é incognoscível*; *Somos nadas diante do Ente*; etc.

3.6.4.b. *Tudo* é o mais das vezes pronome substantivo:

✓ *Ele fez tudo* (= todas as coisas) *sozinho*;

✓ *Tem tudo* (= todos os atributos ou qualidades) *para tornar-se um grande escritor*;

✓ *A saúde não é tudo* (= o [mais] importante).

Mas *tudo* pode converter-se em adjetivo determinativo (de pronome demonstrativo ou do substantivo *mais*):

✓ *Estas coleções, estes livros, tudo* ISTO *será teu, meu filho*;

✓ *Tudo* O *que disserdes será levado em consideração*;

✓ *Entendemos tudo o* MAIS;

✓ etc.

Observação 1. O artigo entre *tudo* e *mais* é obrigatório, porque *mais* como substantivo o requer.

Observação 2. Como dito, são locuções pronominais substantivas e indefinidas *quem quer que* e *o que quer que*. De *cada um* e *cada qual* já tratamos. Quanto a *seja quem for*, *seja o que for* e que tais, e assim como *cada um* e *cada qual*, estamos ainda em fronteira turva: pode tratar-se de locuções pronominais indefinidas ou de grupos pronominais indefinidos.

Observação 3. Por outro lado, têm autêntico caráter pronominal indefinido os PARES DISTRIBUTIVOS *este ... este*, *qual ... qual*, *quem ... quem*, *um ... outro*, alguns dos quais usados também no plural. Exemplos:

✓ *Um* (*este*, *qual*, *quem*, etc.) *se alegra*, *outro* (*quem*, *qual*, *este*, etc.) *se entristece*;

✓ *Uns se vão*, *outros ficam*.

→ Curioso é o par *um ... outro*, em que o segundo dos dois membros pode determinar-se por artigo (*Um o elogiou*, **o** *outro o criticou*), enquanto o primeiro o rejeita. Tem-se, pois, um desequilíbrio. Mas em português mesmo não era assim: dizia-se *o um ... o outro*, como, aliás, em espanhol e em francês até hoje: *el uno ... el otro*; *l'un ... l'autre*. – Atente-se porém a que tal determinação não é necessária e depende tão somente da intenção de quem fala ou de quem escreve: as expressões *Um o elogiou, outro o criticou*, *Uns o elogiaram, outros o criticaram* são sempre legítimas – e perfeitamente *neutras*.

3.δ.4.c. *Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, tanto, quanto* e *qualquer* são pronomes antes adjetivos que por vezes se empregam como pronomes substantivos.

- ALGUM:
  - ✓ *Alguns homens são antes contemplativos* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Alguns deles se opuseram ao projeto* (pronome substantivo);

OBSERVAÇÃO. No português atual, *algum* adquire sentido negativo se posposto ao substantivo: *Nunca pensei coisa alguma com respeito a isso.* É então sinônimo de *nenhum.*

- NENHUM:
  - ✓ *Nenhum(ns) livro(s) seu(s) me pareceu(ram) bom(ns)* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Nenhum deles virá* (pronome substantivo).

OBSERVAÇÃO 1. Como visto, *nenhum* como pronome adjetivo pode pluralizar-se.

OBSERVAÇÃO 2. Há diferença entre *nenhum* e *nem um*: no segundo, *um* mantém o caráter de numeral independente.

OBSERVAÇÃO 3. *Nenhum* pode, indiferentemente, antepor-se ou pospor-se ao substantivo: *Não encontramos nenhum* ERRO *em sua tese* ou *Não encontramos* ERRO *nenhum em sua tese.*

- TODO:
  - ✓ *Todo cão é doméstico* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todo **o** cão é doméstico* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Restaurou-se todo **o** velho bairro* (pronome adjetivo);
  - ✓ ***A** obra toda é perfeita* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** presentes a aplaudiram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Toda **a** nossa busca...* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todo **o** mundo* (= todos) *o prefere* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Trabalham a todo **o** vapor* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Provê-os de todo **o** necessário* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda **a** parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Encontra-o em toda **e qualquer** parte* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** que o quiserem* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos **os** três meninos apareceram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todos três apareceram* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Todas (elas) estavam admiradas* (pronome adjetivo);

✓ *Todos eles estavam admirados* (pronome adjetivo);

✓ *Todos estavam admirados* (pronome adjetivo ou substantivo).

Observação 1. No Brasil se escreve, ao modo espanhol ou francês, *Todo cão é doméstico*, enquanto, no mesmo contexto, em Portugal se escreve *Todo o cão é doméstico*. Explica-se a diferença. Em Portugal, *Todo o cão é doméstico* entende-se como *todos os cães são domésticos*: trata-se de tomar o singular pelo plural, o que se faz comumente em nossa língua. No Brasil, porém, justo porque *todo* determina substantivo singular, este pronome tendeu a afigurar-se-nos como sinônimo de *cada* ou de *qualquer*; e, como estes não aceitam artigo depois de si, passamos, no português brasileiro (como em espanhol e em francês), a não usá-lo também depois de *todo*. Atente-se todavia a que o *o* usado em Portugal determina o mesmo substantivo determinado por *todo*. – Pois bem, não podemos estar de acordo com os gramáticos que propugnam escrevamos no Brasil como em Portugal: *Todo o cão é doméstico*. Insista-se em que não compete ao gramático inventar língua. Ora, não é possível reverter este modo de escrever no Brasil, assim como não o é em espanhol nem em francês. Ademais, basta uma passada d'olhos pela história literária de nossa língua para ver que as duas maneiras pelejaram por séculos sob a pena dos mesmos escritores portugueses e dos mesmos escritores brasileiros, até que se cristalizaram como vimos nos dois países.

Observação 2. Devemos, porém, dar caráter pétreo no Brasil ao uso de *todo* segundo nossa cristalização, assim: se *todo* se usa como sinônimo de *cada* ou de *qualquer*, então não se use artigo depois dele. Se todavia *todo* se usa com o sentido de totalidade ou de conjunto, então use-se obrigadamente o artigo depois dele. É o que se vê nos seguintes exemplos dados acima: *Restaurou-se todo* ***o*** *velho bairro* e ***A*** *obra toda é perfeita*. Note-se, ademais, que é indiferente que *todo* com este sentido venha anteposto ao artigo ou posposto ao substantivo. – E, se tal é assim, então com mais razão ainda não pode faltar o artigo entre *todos* e o substantivo: *Todos* ***os*** *presentes a aplaudiram*.

Observação 3. Indicação prática: sempre que *todo* determine substantivo também determinado por possessivo, e que aquele não esteja posposto a este, use-se obrigadamente então o artigo entre *todo* e o possessivo. Exemplos: *toda* ***a*** *nossa busca...*; *todos* ***os*** *nossos intentos*; etc. É que ainda nestes casos damos a *todo* a noção de totalidade.

Observação 4. A tão usada locução *todo o mundo* há de vir sempre com o artigo, pela simples razão de que expressa totalidade: *Todo o mundo o prefere* é hiperbolicamente o mesmo que *Todos o preferem*. Nenhuma razão têm, portanto,

os gramáticos e os lexicógrafos que ao menos toleram "todo mundo"; e, se a tendência nacional é escrevê-la sem artigo, tal não se dá senão pelo pouco hábito da mesma gramática e da leitura dos melhores: como se ouve "todo mundo" por crase entre a vogal átona final de *todo* e o artigo *o*, acaba-se por reproduzi-lo também na escrita. É deriva ou corrupção linguística.[35] – Pode reduzir-se a esta regra a obrigatoriedade do artigo em expressões como *todo o restante*, etc.

⇨ **Observação 5**. Em locuções como *a toda **a** brida, a todo **o** galope, a todo **o** pano, a toda **a** pressa, a todo **o** vapor, a toda **a** velocidade*, etc., ou seja, que expressam velocidade ou potência máxima, também é obrigado o artigo, e isso porque ainda aqui se trata, de certo modo, de totalidade. Com efeito, a velocidade máxima e a potência máxima são *toda* a velocidade e *toda* a potência que se podem alcançar.

⇨ **Observação 6**. Outra indicação prática: sempre que *todo* determinar adjetivo substantivado, ponha-se o artigo entre eles: *Provê-os de todo **o** necessário, Elimine-se todo **o** supérfluo*, etc. Trata-se ainda de totalidade.

⇨ **Observação 7**. Hesitam gramáticas e dicionários quanto a expressões como *toda* (*a*) *parte, todo* (*o*) *lugar*, etc.: ora põem aí o artigo, ora não. Por todo o dito acima, no entanto, no uso brasileiro tem pleno direito a ausência de artigo: *Encontra-o em toda* (= cada ou qualquer) *parte, Parece que está em todo* (= cada ou qualquer) *lugar*, etc. Se se quer dar outro torneio à oração, diga-se então *Encontra-o em todas **as** partes, Parece que está em todos **os** lugarES*, etc.; ou ainda *Encontra-o em toda **e qualquer** parte, Parece que está em todo **e qualquer** lugar*. Aliás, a possibilidade de uso de *todo e qualquer* é universal em casos que tais: *todo e qualquer cão é doméstico, toda e qualquer sugestão será bem-vinda*, etc.

⇨ **Observação 8**. Em *Todos* OS *que o quiserem...*, *os* não é artigo, mas pronome demonstrativo (= *Todos* AQUELES *que o quiserem...*). – E ainda o é se se põe esta oração no singular: *Todo* O *que o quiser...* = *Todo* AQUELE *que o quiser...*

⇨ **Observação 9**. Se *todos* determina substantivo determinado também por numeral, então será de regra usar o artigo antes do numeral se o substantivo não estiver elíptico, e não usá-lo se este estiver elíptico:

✓ *Todos **os** três* MENINOS *apareceram* (pronome adjetivo);

✓ *Todos três* (*meninos*) *apareceram*.

Não se diga, porém, "todos os dois": use-se ou *ambos* ou *os dois*, segundo o contexto.

[35] Ademais, é com artigo que se diz a expressão nas línguas românicas mais próximas da nossa: em espanhol, *todo el mundo*; em italiano, *tutto il mondo*; em francês, *tout le monde*. – Em Portugal, diz-se antes *toda a gente*.

Observação 10. Como dito, nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio. E *todo* também por vezes se encontra em tal fronteira turva. Assim, quando dizemos, por exemplo, *Ela está todA molhada*, parece que *toda* é advérbio impróprio: equivale a *totalmente*, mas flexiona-se como adjetivo.[36] Mas neste caso *toda* pode ver-se também, ainda que com menos probabilidade, como adjetivo próprio, se o entendemos como determinante deslocado de *ela*: *Ela toda* (ou *Toda ela*) *está molhada*, onde *toda = inteira*. – Quanto porém ao substantivo e adjetivo *todo-poderoso*, é errado flexionar-lhe a primeira parte morfológica, razão por que há de pôr-se obrigadamente *Ela é todO-poderosa*.[37]

- Outro:
  - ✓ *Temos necessidade de outras contribuições* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro dia fomos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro dia vamos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *No outro dia fomos à exposição* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Outro o teria feito melhor* (pronome substantivo);
  - ✓ *Que outros o façam* (pronome substantivo);
  - ✓ *José e Maria amam-se um ao outro* (pronome substantivo);

Observação 1. *Outro dia* pode ter o sentido de 'dia passado próximo' (*Outro* DIA *fomos à exposição*) ou de 'dia vindouro próximo' (*Outro* DIA *vamos à exposição*). *No outro dia*, no entanto, tem o sentido de 'no dia seguinte' (*No outro* DIA *fomos à exposição*).

Observação 2. São corretas e elegantes construções como *outro que eu*. Errado é escrever "outro que 'não' eu". – Aliás, igualmente correta e elegante é a construção *Não há outra saída que esta* (= além desta), e igualmente errado é escrever "Não há outra saída que 'não' esta".

Observação 3. Não é unanimemente aceito, longe disso, que *outro* seja regido do artigo indefinidor *um*; nós mesmo não o fazemos. Escreva-se, portanto, *Outro chegou* (e não "'Um' outro chegou"), *Prefere outra peça* (e não "Prefere 'uma' outra peça"), etc.

- Muito:
  - ✓ *Plantaram-se muitos laranjais* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Havia muito carro na rua* (pronome adjetivo);
  - ✓ *Não temos muita apreensão quanto a isto* (pronome adjetivo);

---

[36] Lembre-se que o advérbio, ao contrário do adjetivo, é *essencialmente* invariável em gênero e em número.

[37] Por fim, a locução *de todo* comuta-se de modo perfeito por *totalmente*.

✓ *Muitos não o aceitaram* (pronome substantivo);
✓ *Não necessitamos de muito* (pronome substantivo).

Observação 1. Veja-se que o singular *muito* pode usar-se com o mesmo sentido de *muitos*, como em *Havia muito carro na rua*, justamente porque em construções assim a palavra determinada, com que a determinante tem de concordar, pode usar-se no singular pelo plural. – Não obstante, prefira-se a forma plural pelo menos na escrita não literária, até porque não se pode dizer nem escrever "havia carro na rua", mas tão somente *Havia carros na rua*.

Observação 2. Em *o muito que lhe quero*, *muito* é substantivo acidental.

- Pouco:
  ✓ *Poucas leituras edificaram-me mais que esta* (pronome adjetivo);
  ✓ *Havia pouco carro na rua* (pronome adjetivo);
  ✓ *Poucos o rejeitaram* (pronome substantivo);
  ✓ *Necessitamos de pouco* (pronome substantivo).

Observação. Diga-se de *pouco* o mesmo que se acaba de dizer de *muito*: *Havia pouco carro na rua*. Igualmente, porém, prefira-se a forma plural pelo menos na escrita não literária.

- Tanto:
  ✓ *Tínhamos tantos problemas por resolver, que não viajamos* (pronome adjetivo);[38]
  ✓ *Tínhamos tanto por resolver, que não viajamos* (pronome substantivo);
  ✓ *Foram tantos os que rejeitaram a proposta, que desistimos dela* (pronome substantivo).
- Quanto:
  ✓ *Há quantos dias o espera!...* (pronome adjetivo);
  ✓ *Lê tantas obras quantas possa* (pronome adjetivo);
  ✓ *Lê tanto quanto possa* (pronome substantivo);
  ✓ *Quanto custa a casa?* (pronome substantivo);
  ✓ *Quantos virão?* (pronome substantivo);
- Qualquer (pl. quaisquer):
  ✓ *Aponte-me quaisquer erros que encontrar* (pronome adjetivo);
  ✓ *Nunca leu qualquer livro* (pronome adjetivo);
  ✓ *Qualquer (pessoa) o pode fazer* (pronome adjetivo);
  ✓ *Assine em qualquer destas duas linhas* (pronome substantivo).

[38] Prefira-se *há muitos problemas por* (ou *que*) *resolver* a "há muitos problemas 'a' resolver", *tenho muitas coisas por* (ou *que*) *dizer* a "tenho muitas coisas 'a' dizer", etc.

⇗ **Observação 1.** O *qualquer* de *Nunca leu qualquer livro* não é sinônimo de *nenhum*. Seu sentido de 'exclusão' não é absoluto como o é o de *nenhum*, mas parcial: 'Nunca leu livro de má qualidade' ou 'Nunca leu livro que não fosse de seu interesse'. Por isso mesmo, não se use *qualquer* em lugar de *nenhum* para dar sentido de exclusão absoluta: para isto, escreva-se *Nunca leu nenhum livro*. – Ademais, em português não há o menor problema em multiplicar as negativas numa oração: *Não leu nunca nenhum livro* é construção legítima e perfeitamente afim à índole de nossa língua e das demais línguas latinas. Não se confunda tal multiplicação de negativas com a possibilidade de *afirmar* mediante duas negativas: *Não pode não ser bom* quer dizer *Só pode ser bom*. São construções diversas.

⇗ **Observação 2.** O *qualquer* de *Qualquer o pode fazer* é determinante de *pessoa*, substantivo elíptico. – Aliás, não se use a expressão "qualquer um" em lugar de *qualquer* ou *qualquer pessoa*, porque está longe de ser unanimemente aceita pelos melhores escritores, pelos gramáticos, pelos lexicógrafos (não nos recordamos, aliás, de nenhum dicionário que a registre).

3.δ.4.d. *Cada* e *certo/determinado/dado* são sempre pronomes indefinidores ou adjetivos. *Cada*, ademais, é invariável em gênero e em número.

- Cada:
  - ✓ *Plantou ele mesmo cada árvore do pomar*;
  - ✓ *De cada duas dúzias, uma veio estragada*;
  - ✓ *Vinha ver-nos cada três dias*;
  - ✓ *Enjoava a cada curva*.

⇗ **Observação 1.** Se *cada* determina grupo substantivo numeralizado, como em *Vinha ver-nos cada três dias*, então é preferível que não se lhe anteponha a preposição *a*. Se de tal não se trata, então deve antepor-se-lhe esta preposição, como em *Enjoava* A *cada curva*.

⇗ **Observação 2.** Não se deve usar *cada* como se fora pronome substantivo. Por isso não se diga "Os pães pesam 50 gramas *cada*", mas *Os pães pesam 50 gramas cada um*.

- Certo/determinado/dado:
  - ✓ *Certo dia chegou toda a família*;
  - ✓ *Um certo Capitão Rodrigo*;
  - ✓ *Certas pessoas erguem-se acima de seu tempo*;
  - ✓ *Forneceu-lhe determinadas informações*;
  - ✓ *Em dado momento*...

Observação 1. Não se use artigo indefinidor antes de *certo*: trata-se de redundância viciosa, porque, com efeito, aqui *um* e *certo* são por certo ângulo sinônimos (*certo dia = um dia*).

Observação 2. Se porém *certo* determinar nome próprio, admite-se a anteposição de *um*, porque, como dito, aqui *um certo* equivale a *um tal* – como em *Um Certo Capitão Rodrigo*.

Observação 3. Tampouco se use artigo indefinidor antes de *determinado* e de *dado* como pronomes indefinidores, pelas mesmas razões aduzidas para *certo* na Observação 1 imediatamente acima: por certo ângulo, *um* e *determinado* ou *dado* como pronomes são sinônimos.[39]

3.δ.4.e. Finalmente, *vários* usa-se unicamente como pronome indefinidor ou adjetivo, e como tal não se singulariza nem se pospõe ao substantivo.

✓ *Adquirimos vários CDs de música barroca*;

✓ *Tive de ler várias vezes o mesmo ponto para entendê-lo.*

Observação. *Vário* não é pronome indefinidor, mas adjetivo qualificativo (*um terreno de vegetação vária = variada*). Pode pluralizar-se: *um terreno de árvores várias*. E note-se que *um terreno de árvores várias* (= *variadas*) não é o mesmo que *um terreno de várias* (= *muitas*) *árvores*, em que *várias* é pronome indefinidor. Por isso mesmo, ou seja, para evitar confusão, é que *vários* qualificativo vem sempre posposto ao substantivo, enquanto *vários* indefinidor vem sempre anteposto a este.

E. Os Pronomes Relativos

3.ε.1. Os PRONOMES RELATIVOS, ao contrário do que talvez façam crer as mesmas gramáticas – ou talvez por isso mesmo –, constituem um dos capítulos mais espinhosos da Gramática.

3.ε.2. Chamam-se RELATIVOS porque se referem a um termo anterior ou antecedente. Trata-se todavia de maneira de referência muito particular: os relativos representam o antecedente para servir de elo subordinante da oração que iniciam; para o fazerem, no entanto, têm eles mesmos de exercer função sintática nesta oração. Por tudo isso os relativos se distinguem das conjunções, que são meros conectivos sem função sintática.

---

[39] Mas *determinado* não é pronome em *um dia determinado* se oposto a *um dia indeterminado*: é adjetivo qualificativo.

3.ε.3. Os relativos, ademais, são PRONOMES IMPROPRIAMENTE DITOS: não podem comutar-se por nenhum substantivo, e não podem dizer-se pronomes senão por reunir-se em paradigma fechado e por representar como dito o antecedente, ou seja, enquanto *despidos* ***em si*** *de toda e qualquer significação*. É o que se dá, por exemplo, em *Cervantes, que nasceu no século XVI, foi o fundador do romance moderno*, onde o pronome relativo *que* não pode substituir-se por nenhum substantivo isolado nem por nenhum grupo substantivo.

3.ε.4. Alguns relativos são variáveis em gênero e em número:

a. CUJO, CUJOS; CUJA, CUJAS;

b. QUANTO, QUANTOS; –, QUANTAS;

c. O QUAL, OS QUAIS; A QUAL, AS QUAIS.

QUE e *QUEM*, por seu lado, são invariáveis tanto em gênero como em número.

§ Invariáveis são ainda *ONDE* e *AONDE*, por um lado, e *COMO*, por outro – e já diremos por que e de que modo a estes três vocábulos podemos considerá-los *relativos*.

OBSERVAÇÃO 1. Grande número de gramáticos chama a *quem* e a *quanto* RELATIVOS INDEFINIDOS quando empregados sem "antecedente explícito". Devemos porém aprofundar o assunto: é que *quanto* pode empregar-se de fato "sem antecedente *explícito*" (*Isto é* [*TUDO*] *quanto quero*), ao passo que, propriamente falando, *quem* nunca se emprega "sem antecedente", conquanto possa comutar-se por *antecedente* (substantivo ou pronome demonstrativo) + pronome relativo *que* (*Quem* [= *A pessoa QUE*] *tiver paciência...*; *Quem* [= *Aquele/O QUE*] *tiver paciência...*; etc.). Por isso é que nós preferimos chamar a *quanto*, quando usado sem antecedente "explícito", puro e simples *pronome relativo*, e a *quem*, quando usado sem "antecedente", *indefinido relativo* (*indefinido*, como gênero, e *relativo*, como diferença específica, porque na comutação indicada está presente o mesmo relativo *que*). Não obstante isso, *quem* como indefinido deve estudar-se entre os relativos, antes de tudo, porque não o podemos dizer tal senão no capítulo destes e, depois, porque, como se verá, *quem* não raro se usa pelo relativo *que* e vice-versa. – Alguns gramáticos, todavia, nem sequer procedem a nenhuma comutação ou resolução de *quem*: é o caso de Said Ali, que julga sejam óbice a isto construções como *quem quer que seja*. A nosso ver, porém, o máximo que se pode dizer aqui é que *neste caso*, ou seja, no caso d*estas* construções ou de outras que tais, já não é possível nenhuma comutação ou resolução (como aliás tampouco o é nas latinas *quisquis* ou *quicumque* ou na francesa *quiconque*), o que resulta do modo como se compõem. – Quanto às implicações

mais propriamente sintáticas do uso de *quanto* sem antecedente explícito e de *quem* como indefinido relativo, estudá-las-emos no devido momento.

Observação 2. Alguns gramáticos consideram *onde* e *aonde* como pronomes *relativos* em orações como *Esteja* NO LUGAR *onde*..., *Ali*, O LUGAR *aonde vamos*..., etc., porque, com efeito, podem comutar-se aí por *em que* e por *a que*, respectivamente. Podem usar-se, ademais, sem antecedente explícito, como em *Esteja* [NO LUGAR] *onde estiver*..., *Não sei* [O LUGAR] *aonde vamos*, etc. – Mas muitos gramáticos chamam a *onde* e *aonde* em todos estes casos "advérbios relativos", antes de tudo porque aí sempre exercem a função de adjunto adverbial, e depois por sua mesma carga semântica adverbial (de [*lugar*] *em que* ou de [*lugar*] *a que*). Não deixam de ter razão. Parece-nos mais conveniente, todavia, considerar que se trata de fronteira turva, até porque, assim como *nominal* se diz de fatos morfossintáticos relativos não só a substantivos e a adjetivos mas ainda a advérbios, assim também *pronominal* há de dizer-se igualmente – e, com efeito, *onde* e *aonde* parecem cumprir nos exemplos acima a função de pronome relativo. Se assim é, não parecem contraditórias a classificação de *onde* e *aonde* como *pronomes relativos* e sua classificação como *advérbios relativos*. Tudo dependerá do ângulo por que se observem. – O uso ou emprego de *onde* e *aonde*, tratá-lo-emos nesta mesma seção (ou seja, a dos pronomes relativos).

Observação 3. Se porém alguns gramáticos podem chamar *pronomes relativos* a *onde* e *aonde*, então *analogamente* também deveriam chamar *pronome relativo* a *como* em determinadas construções, quer com antecedente explícito, quer com antecedente implícito: *Esta foi a* MANEIRA *como* [= *pela qual*] *arranjamos a situação*; *Agradou-me* [O MODO] *como* [= *pelo qual*] *nos tratou*; etc. Mais ainda, *como* pode usar-se de modo *análogo* a *quem* indefinido relativo: *Agiu como* [= *do modo que*] *quis*; *O trabalho não ficou como* [= *da maneira que*] *queriam*; *Lutou como* [= *do modo que*] [*luta*] *um leão*;[40] etc. – Mas a maneira como as gramáticas e os dicionários sempre classificaram *como* nestes casos, ou seja, ou como *advérbio* ou como *conjunção*, funda-se em razões seriíssimas. Antes de tudo, nos exemplos dados aqui, *como* indica *modo*, e significar modo ou modalidade é o próprio do advérbio; depois, nos mesmos exemplos, *como* serve para ligar uma oração subordinada à sua principal, o que é o próprio da conjunção. – Não se trata, porém, de

---

[40] Neste último caso, porém, pode entender-se *Lutou como* [*ao modo de*] *um leão*, e então *como* se encontrará em outra fronteira turva, ou seja, entre conjunção e preposição.

contradição ou de aporia, mas tanto de fronteira turva como de polifuncionalidade. Quanto todavia ao emprego ou uso de *como*, tratá-lo-emos tanto na seção sobre o advérbio como na seção sobre a conjunção.

⇗ **Observação 4.** *Quando*, como ainda se dá em espanhol, já se usou em português como relativo: "o ano quando nasceu". Hoje porém se evita entre nós tal construção, e usa-se *o ano em que nasceu.*

3.ε.5. O PRONOME RELATIVO pode ter por ANTECEDENTE:

a. um SUBSTANTIVO OU UM GRUPO SUBSTANTIVO:

✓ "Deem-me AS CIGARRAS *que* eu ouvi menino" (MANUEL BANDEIRA);

✓ *O ESCRITOR ESPANHOL CERVANTES, cuja personagem D. Quixote é universal...*;

b. um PRONOME:

✓ *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível.*

⇗ **Observação 1.** Muitos gramáticos consideram que o antecedente do relativo em frases como *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível* é a oração *Era preciso vencer sua resistência*, e que *o que* constitui em conjunto o relativo. Não estamos de acordo, porque este *o* parece-nos, como dito, pronome demonstrativo na função de aposto da referida oração. É bem verdade que em outras fases do português não se usava este *o* em construções como esta, o que, porém, como há de estar claro, resultava o mais das vezes em anfibologia: com efeito, ambígua é a construção "Era preciso vencer sua resistência, *que* parecia quase impossível". Fica-se sem saber qual é aí o antecedente de *que*, se a oração inteira ou *resistência*. Pois bem, passou-se a usar aquele *o* precisamente para evitar tal sorte de ambiguidade – e passou a usar-se justamente como o que é, ou seja, como *pronome demonstrativo* que não pode exercer aí senão a função de *aposto*.

⇗ **Observação 2.** Muitos gramáticos consideram que, em de *De ácidos que são antes da madureza, certos frutos mudam-se em doces*, o *que* é relativo e tem por antecedente o adjetivo *ácidos*. Mas, além de não parecer possível que um adjetivo seja antecedente de relativo, parece ainda que construções como esta resultam de determinada inversão expressiva:

- *Certos frutos, que são ácidos antes da madureza, mudam-se em doces (com a madureza) > De ácidos que são antes da madureza, certos frutos mudam-se em doces (com a madureza).*

Se assim é, então tal *que* é relativo de *frutos*, que, porém, para o efeito expressivo intentado, se deslocou para a oração seguinte. Ter-se-ia assim um caso excepcional de relativo não de um antecedente, mas de um subsequente.

3.ε.6. São várias as funções sintáticas que os relativos podem exercer: sujeito, objeto direto, objeto indireto (relativo e dativo), complemento nominal, adjunto adnominal, agente da passiva e adjunto adverbial (esta última, como dito, no caso de *onde* e *aonde*). Tratá-lo-emos na Sexta Parte. Diga-se desde já, todavia, que *cujo* funciona unicamente como adjunto adnominal.

3.ε.7. O que importa aqui são os empregos dos relativos.

3.ε.7.a. QUE.

- *Que* é o relativo fundamental. Refere-se a pessoa ou a coisa singulares ou plurais e pode iniciar orações ADJETIVAS "RESTRITIVAS" e orações "ADJETIVAS EXPLICATIVAS":[41]

✓ *As palavras que* ESCREVEU *emocionaram-nos*;

✓ *Seu marido, que* SE CHAMA RENATO, *ofereceu-nos hospedagem.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Diga-se desde já que as orações "adjetivas explicativas" sempre se antecedem de vírgula (ou travessão ou, ainda, parêntese), ao passo que as "restritivas" nunca se antecedem de nenhum sinal de pontuação. Mas este é assunto tanto para a Sexta Parte como para a Décima Parte.

- O *que* pode ter por antecedente não só um substantivo, mas um grupo substantivo ou um pronome:

✓ *As* BELAS PALAVRAS *que escreveu emocionaram-nos*;

✓ *Era preciso vencer sua resistência,* O *que parecia quase impossível.*

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Insista-se em que este demonstrativo *o*, que, como dito, aí exerce a função de aposto, pode comutar-se por *coisa*: *Era preciso vencer sua resistência,* COISA *que parecia quase impossível.*

⇨ **OBSERVAÇÃO 2.** Por vezes, sim, o antecedente de *que* pode estar elíptico: *Aquilo deu* (MUITO) *que falar*, *Isto dá* (MUITO) *que pensar*, etc. Mas não nos parece que se trate do mesmo em *Não sabia que responder*. Aqui, ao contrário, parece-nos que o que está elíptico é o subsequente: *Não sabia que* (COISA) *responder*. – Como quer que seja, não se use *o* antes de *que* em orações como *Aquilo deu* (MUITO) *que falar*, *Isto dá* (MUITO) *que pensar*, nas quais, com efeito, tal *o* não teria nenhum sentido nem exerceria nenhuma função.

⇨ **OBSERVAÇÃO 3.** Muitos gramáticos assinalam que o antecedente do relativo pode ser uma oração inteira. Sem o negarmos, dizemos porém que se trata de recurso antes literário, não usável pois em outro âmbito, justamente porque

---

[41] Uma vez mais, diga-se que a razão de tais aspas dar-se-á no momento devido.

sempre traz consigo algum grau de ambiguidade ou ao menos de dificuldade de compreensão imediata. Para mostrá-lo, basta que se reproduza o exemplo dado por Celso Cunha e Lindley Cintra:

✓ "E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas, / E negro como a capa das viúvas... / (À maneira o trará das virgens de Belém / <u>*Que*</u> a Nossa Senhora ficava tão bem!)" (ANTÓNIO NOBRE).

3.ε.7.b. O QUAL (A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS).

• Nas orações "adjetivas explicativas", o *que* pode substituir-se pela locução *o qual* (*a qual, os quais, as quais*):[42]

✓ *O autor desta obra, <u>o qual</u> só obteve reconhecimento tardio...*

Atente-se porém à razão por que se usa aqui tão corretamente *o qual* em lugar de *que*: se se pusesse *que*, hesitar-se-ia quanto ao antecedente: *esta obra* ou *o autor*? Por isso julgamos de todo procedente a seguinte regra: reserve-se *o qual* (*a qual, os quais, as quais*) para os casos em que possa dar-se o *menor* grau de ambiguidade (em especial quando o relativo se refere a antecedente distante), a *menor* dificuldade de compreensão imediata ou ainda *qualquer* necessidade de ênfase, e use-se o *que* nos demais casos:

✓ *CERVANTES, <u>que</u> nasceu no século XVI...*;

✓ *Multiplicavam-se as corruptelas NO LATIM VULGAR falado na península, <u>o qual</u> já havia muito vinha diversificando-se em vários dialetos*;

✓ *Era HERANÇA dos avós, <u>a qual</u> era preciso salvar*;

✓ *Mas os poetas têm "direitos" próprios, decorrentes de sua mesma arte, <u>na qual</u> não se cingem necessariamente às regras gramaticais* [aqui se trata de pura necessidade de ênfase];

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Quando se trata de orações adjetivas "restritivas", como não se pode recorrer a *o qual* para resolver a dificuldade, muitas vezes se faz necessário dar outro torneio à frase. Ponha-se o seguinte exemplo: "Estive na escola da cidade que fora fundada no início do século". Se o antecedente pretendido é *cidade* e esta não tem senão uma escola, então a frase está corretamente construída. Se porém o antecedente pretendido é *escola* e esta não é a única da cidade, escreva-se então algo como *Na cidade, estive na* ESCOLA <u>*que*</u> *fora fundada no início do século*. Cada caso, todavia, será singular e, portanto, haverá de resolver-se singularmente.

• Casos há, no entanto, em que *o qual* é exigido por razões outras que a solução de ambiguidade ou a ênfase.

---

[42] O *o* desta locução é, ele mesmo, diacrítico: surgiu para evitar ambiguidade com respeito a gênero.

- Assim, *que* emprega-se preferentemente, ou seja, com mais propriedade e elegância, depois das preposições monossilábicas *a, com, de* e *em*:
  - ✓ *Este é um lugar* A *que a ninguém ocorre vir;*
  - ✓ *Os recursos* COM *que contamos são suficientes;*
  - ✓ *Os meios* DE *que dispomos são insuficientes;*
  - ✓ *Houve dias* EM *que nos parecia não encontraríamos solução para isto.*
- *Por*, por sua vez, emprega-se variadamennte:
  - ✓ *Foram estes os meios* PEL*os quais agiu;*
  - ✓ *... razão* POR *que não nos devemos preocupar.*
- As demais preposições simples, bem como as locuções prepositivas, requerem obrigatoriamente ou muito preferentemente *o qual:*
  - ✓ *Este é o tema* SOBRE *o qual deu a conferência;*
  - ✓ *Foi um tempo* DURANTE *o qual se acumularam as penúrias;*
  - ✓ *Impressionante mulher,* ANTE *(ou* PERANTE*, ou* DIANTE D*) a qual todos se curvavam;*
  - ✓ *Era uma obra* AO LADO D*a qual todas as demais empalideciam.*

⇨ **Observação.** Deixou de usar-se *sem quem*, a que se substitui *sem o qual* (*os quais, a qual, as quais*): *É ele o professor sem o qual nos teria sido impossível penetrar esta doutrina.*

- *O qual* também se usa em certas construções partitivas:
  - ✓ *Vieram muitos candidatos,* ALGUNS D*os quais completamente despreparados;*
  - ✓ *Podíamos escolher entre uns 20 livros,* UM D*os quais de Filosofia;*
  - ✓ *Eram cinco moças,* A MAIS JOVEM D*as quais havia de ter uns 15 anos.*

⇨ **Observação.** Como visto, *qual* também pode ser pronome indefinido, quer como determinado de CADA (CADA *qual*), quer no par *qual ... qual*:
  - ✓ "Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, *qual* mais original, *qual* mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime" (Machado de Assis).

3.ε.7.c. Quem.

§ No português atual, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a algo personificado:
  - ✓ *Foi a menina quem o fez;*
  - ✓ *Fomos nós quem o fez.*
  - ✓ *A pessoa de quem falaram...*
  - ✓ *O homem a quem cumprimentamos...;*
  - ✓ *Quem me converteu foi o sofrimento.*

Observação 1. Em *Foi a menina quem o fez*, o *quem* resolve-se em *a* (= *aquela*) *que*. Pode escrever-se sem erro *Foi a menina que o fez*, até porque tal maneira já desde há muito se tornou convencional entre os melhores escritores; mas desta maneira se torna impossível a colocação normal do verbo ("Ela foi que o fez" é construção destituída de sentido). É que, em verdade, falta aqui o devido demonstrativo, o que requer explicação. *Foi ela quem o fez* responde à pergunta *Quem o fez?*, ou seja, *Que pessoa o fez?*. Por seu lado, uma oração como *Foi uma pedra o que rolou pela ladeira* responde à pergunta *Que rolou pela ladeira?*. Veja-se que, se a pergunta fosse *Que foi isso?*, a resposta seria *Foi uma pedra que rolou pela ladeira*, ou seja, sem o demonstrativo. Pois, semelhantemente, posso responder *Foi ela que rolou pela ladeira*, sem, uma vez mais, o demonstrativo. É que em *Foi a menina a* (ou *o*) *que o fez* equivale a *Foi uma pedra o que rolou pela ladeira* e nela se pode comutar *a que* por *quem*, ao passo que *Foi a menina que rolou pela ladeira* equivale a *Foi uma pedra que rolou pela ladeira* e nela não se pode comutar o *que* por *quem*.

Observação 2. *Fui eu quem o fez, Foste tu quem o fez, Foi ele quem o fez, Fomos nós quem o fez, Fostes vós quem o fez, Foram eles quem o fez*: é esta a única maneira unânime entre os melhores do português atual. Para nos certificarmos da justeza da construção, basta-nos inverter a ordem das orações: *Quem o fez fui eu, Quem o fez foste tu, Quem o fez foi ele, Quem o fez fomos nós, Quem o fez fostes vós, Quem o fez foram eles*. Se todavia se preferir dar o outro torneio à frase e com correção segundo ainda o padrão culto atual, use-se então *que* em vez de *quem*: *Fui eu que o fiz, Foste tu que o fizeste, Foi ele que o fez, Fomos nós que o fizemos, Fostes vós que o fizestes, Foram eles que o fizeram*. Insista-se porém em que, pelo dito na **Observação 1** imediatamente acima, preferimos e sempre usamos *Fui eu quem o fez* ou *Fui eu o que o fez*, etc.

Observação 3. Em *A pessoa de quem falaram...* e *O homem a quem cumprimentamos...*, *quem* já se usa como simples relativo com antecedente explícito. E, embora *quem* não se possa usar senão em referência a pessoa ou a coisa personificada, *que* pode usar-se, por seu lado, em referência tanto a coisa como a pessoa: *A pessoa de que falaram...* e *O homem que cumprimentamos...* – Note-se, ademais, que a preposição *a* aparece em *O homem a quem cumprimentamos...* (e não em *O homem que cumprimentamos...*) porque, quando introduz oração subordinada, *quem* vem sempre preposicionado no português contemporâneo. Não se trata pois de fato de regência verbal, porque, com efeito, o verbo *cumprimentar* é transitivo direto e não requer de si preposição.

Observação 4. O *quem* de *Quem me converteu foi o sofrimento* refere-se, obviamente, a algo não pessoal mas personificado. Observe-se, ademais, todavia,

o *quem* em toda a plenitude de seu caráter indefinido: *Quem* (= *Aquilo*/*O que*) *me converteu foi o sofrimento.*

Observação 5. Como visto, *quem* no par distributivo *quem ... quem* é puro pronome indefinido:

✓ "*Quem* no Rostro pasmando se extasia; / *Quem* pelo cúneo aos redobrados vivas / Da plebe e dos patrícios embasbaca; / Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se..." (Odorico Mendes).

3.ε.7.d. Cujo.

§ O relativo *cujo* expressa noção de posse, de pertença, etc., e com efeito equivale a *do qual, de quem, de que*; pode por isso dizer-se o mais "significativo" dos relativos. Emprega-se tão somente, como dito, na função de adjunto adnominal, e concorda em gênero e número com a coisa "possuída":

✓ *É este o autor cujo* PRIMEIRO LIVRO *tanto me agradou*;

✓ *Era mulher cuja* ARTE *todos admiravam*;

✓ *Eis o exame cujos* RESULTADOS *o preocuparam*;

✓ *É esta a moça de cujas* PENAS *nos falaste?*

Observação 1. Note-se que a coisa "possuída" pode sê-lo plenamente, como em *Era mulher cuja* ARTE *todos admiravam*, ou pode sê-lo apenas em certo sentido. Em *É esta a moça de cujas* PENAS *nos falaste?*, com efeito, as *penas* só podem dizer-se "possuídas" enquanto são padecidas; e em *Eis o exame cujo* RESULTADO *o preocupava*, semelhantemente, o *resultado* só pode dizer-se "possuído" enquanto é justamente "resultado".

Observação 2. Note-se ainda que a preposição *de* de *É esta a moça de cujas penas nos falaste?* é requerida pelo verbo *falar* (*quem fala, fala de algo ou de alguém*), não pelo pronome *cujas*. Não pô-lo aí, em casos semelhantes, constitui solecismo. Semelhantemente: *Eis o senhor* COM *cujos filhos convivemos um tempo*; *Paulo é aquele* POR *cujo socorro a menina se salvou*; *Aquele livro,* SOBRE *cujos defeitos tanto se discutiu...*; *José,* EM *cujos domínios vivem muitos...*; etc.

3.ε.7.e. Quanto.

§ Como relativo, *quanto* tem por antecedente um dos pronomes indefinidos *tudo, todos/todas*, os quais, todavia, como visto, podem omitir-se:

✓ *É afável com* TODOS *quantos*/TODAS *quantas o rodeiam*;

✓ *Já dispõe de* TUDO *quanto pediu*;

✓ *Já dispõe de* [*tudo*] *quanto pediu.*

→ Onde e aonde.

• *Onde* e *aonde* usam-se quer com antecedente expresso, quer com antecedente elíptico.

✓ *Permaneceremos* NO LUGAR *<u>onde</u> estamos;*

✓ *Não conheço* [O LUGAR] *<u>onde</u> estamos;*

✓ *Esse é* O LUGAR *<u>aonde</u> vamos;*

✓ *Ainda não escolheram* [O LUGAR] *<u>aonde</u> irão.*

OBSERVAÇÃO 1. Discrepamos, pois, dos *pouquíssimos* gramáticos que tacham de errado o uso de *onde* e de *aonde* sem antecedente explícito, uso tradicional de muitos séculos não só na fala, mas ainda entre os melhores escritores – e ainda no espanhol popular e no culto. Por isso havemos de insistir em que toda e qualquer regra gramatical deve fundar-se no que seja unanimemente ou *quase* unanimente aceito pelos melhores escritores, pelo melhores gramáticos e pelos melhores lexicógrafos.

OBSERVAÇÃO 2. Não discrepamos, porém, dos gramáticos que impugnam construções como "Vá 'aonde' estivermos", justamente porque aqui não se pode dar a *aonde* antecedente algum (com efeito, "Vá ao lugar 'aonde' estivermos" é destituída de sentido) e porque, como já se verá, *aonde* se usa tão somente com verbo de movimento, o que não é o caso aqui. Diga-se e escreva-se tão somente, portanto, *Vá <u>a</u>*O LUGAR *<u>onde</u> estivermos.*

- *Onde* se comuta por *<u>em</u> que* e é requerido pelos verbos de estada ou estância (*estar, permanecer, encontrar-se, descansar, pernoitar,* etc.), enquanto *<u>a</u>onde* se comuta por *<u>a</u> que* e é requerido pelos verbos de movimento *ir, chegar, vir, voltar,* etc.:

✓ *Estamos/Permanecemos/Encontramo-nos/Descansamos/Pernoitamos... [no lugar] <u>onde</u>...;*

✓ *O lugar <u>aonde</u> fomos/chegamos/viemos/voltamos, ...*

OBSERVAÇÃO 1. *Onde* e *aonde* devem usar-se justamente como acabamos de dizer, apesar da tendência corruptora da oralidade brasileira ("ir <u>em</u>/<u>onde</u>", "chegar <u>em</u>/<u>onde</u>", etc.). – Mas assinale-se que alguns verbos de movimento, como *entrar,* requerem mais comumente *em* (*Entrar <u>em</u> algum lugar*), ainda que, mais raramente, também admitam *a* (*Entrar <u>a</u> algum lugar*).

OBSERVAÇÃO 2. Ademais, não deve o gramático assentir à deriva no uso destes pronomes-advérbios (deriva da oralidade com profundo reflexo nos escritores) e esquivar-se de normatizar seu uso, razão por que deve qualificar de erradas construções como "Aonde estou?", "Este é o lugar aonde quero viver", etc., ou como "Onde vamos", "Chegamos onde quisemos", etc. Nem devem obstar a isto certos exemplos de grandes escritores ou poetas, alguns dos quais exemplos[43] já se tornaram célebres:

---

[43] Atente-se a este uso diacrítico, corretíssimo e comum entre os melhores escritores: *Nem devem obstar a isto certos exemplos de grandes poetas, alguns dos quais <u>exemplos</u> já se tornaram célebres.* Se aqui

✓ "Mas *aonde* te vais agora, / *onde* vais, esposo meu?" (Machado de Assis).

✓ "Ela quem é, meu coração? Responde! / Nada me dizes. *Onde* mora? / *Aonde*? (Teixeira de Pascoaes).

Nenhum poeta, nenhum gramático, nenhum lexicógrafo está isento de erros gramaticais. E, se não é atividade sã nem lícita viver a buscá-los em texto alheio (que sempre pode ser grande apesar de, dentro de certa medida, conter tais erros), tampouco é digno da Gramática não fornecer aos escritores regras simples, de formulação clara e de abrangência o mais ampla possível que os possam ajudar a evitá-los.

⇗ **Observação 3.** Insista-se porém em que os poetas e os demais literatos têm, digamos, "direitos" próprios, decorrentes de sua mesma arte, na qual não se cingem necessariamente às regras gramaticais. Por exemplo, porque necessitava de uma rima em *-ax*, não hesitou Camões em pôr "Ajax" em vez do correto *Ájax*, e de modo semelhante procedeu muitas outras vezes, e não só quanto à rima, mas quanto ao metro, etc. Até que ponto porém podem ir os poetas e os demais literatos na infração às regras gramaticais, esse não é assunto que compita à Gramática, senão à mesma Poética.

• O quadro complica-se se atentamos a que pode dizer-se ou *Vou buscar minha filha* **na** (*em* + *a*) *escola* ou *Vou buscar minha filha* **à** (*a* + *a*) *escola*: para a regência do primeiro caso, tem-se antes em conta que se vai buscar alguém que está **na** (em + a) escola, enquanto no segundo que se vai **à** (a + a) escola [para] buscar alguém. Pois bem, nas interrogações ordenadas ao primeiro caso se usará *onde*, enquanto nas ordenadas ao segundo se usará *aonde*: respectivamente, *Onde vais buscar tua filha?* e *Aonde vais buscar tua filha?*. – Diga-se algo análogo com respeito a orações com *entrar* (*Onde entrou teu amigo?* e *Aonde entrou teu amigo?*), etc.

IV
OS NUMERAIS

4.1. Os numerais empregam-se quer para indicar o número em si, quer para designar determinada quantidade de coisas ou de pessoas, quer ainda para assinalar o lugar de algo ou de alguém em dada série.

não se pusesse *exemplos* como subquente de *quais*, não se poderia saber com certeza se este relativo o é de *certos exemplos* ou de *grandes escritores ou poetas*.

Observação. Como dito, os numerais, como os pronomes, compõem paradigmas, mas, diferentemente dos paradigmas pronominais, trata-se aqui de *paradigmas potencialmente infinitos*; e, como os pronomes, são ou adjetivos determinativos ou substantivos.

4.2. Os **numerais adjetivos** subdividem-se:

- em CARDINAIS: *três cães*, *cento e cinco livros*, etc.;
- em ORDINAIS: *a segunda porta*, *o centésimo colocado*, etc.;
- em MULTIPLICATIVOS: *um café duplo*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Compre meio quilo de carne*, etc.

4.3. Os **numerais substantivos**, por sua vez, subdividem-se:

- em CARDINAIS: *Dois e dois são quatro*, etc.;
- em MULTIPLICATIVOS: *Ganhamos o dobro do que esperávamos*, etc.;
- em FRACIONÁRIOS: *Três quartos do romance são bons*, etc.

4.4. Os **numerais cardinais** designam ou o número em si mesmo, ou determinada quantidade.

4.4.1. Antes de tudo, designam o número em si mesmo, e serão então substantivos:

✓ *um*, *dois*, *três*, *quatro*, *cinco*...;

✓ *quatorze* (ou *catorze*) *menos dois* = *doze*;

✓ etc.

Observação 1. No Brasil, 16, 17 e 19 dizem-se e escrevem-se *dezesseis*, *dezessete* e *dezenove*; em Portugal, *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*.

Observação 2. Naturalmente, em Matemática os numerais se escrevem por números (1, 2, 3, 4, 5...). Fora da Matemática, escrever-se-ão por números ou por letras segundo o padrão *editorial* adotado.

4.4.2. Depois, designam quantidade determinada de coisas ou de pessoas, e serão então adjetivos determinativos:

✓ *Possui mais de cinco mil* LIVROS;

✓ *Daqui à sua cidade são trezentos* QUILÔMETROS;

✓ etc.

4.5. Os **numerais ordinais** indicam a posição ou ordem de qualquer ente em dada série. Reduzem-se antes a adjetivos:

✓ *A primeira* EDIÇÃO *de seu livro*...;

✓ *Foi a nona* COLOCADA *no concurso*;

✓ etc.

◊ **Observação.** Em construções como *Foi o nono no concurso*, o numeral não deixa de ser adjetivo, porque facilmente se pode supor o substantivo que ele determina (*Foi o nono* [COLOCADO] *no concurso*). Não raro, porém, os ordinais encontram-se em fronteira turva: em *Os últimos serão os primeiros*, pode ver-se em *primeiros* ou um adjetivo substantivado ou um numeral substantivo; se todavia se considera numeral substantivo, então também se haveria de considerar tal a *últimos*, o que não deixam de fazer alguns gramáticos. Não obstante, insista-se, preferimos considerar que uma vez mais se trata de fronteira turva. – Mas atenção: em *Primeiro foi ao dentista e depois à escola*, *primeiro* é advérbio.

4.5. Os chamados **NUMERAIS MULTIPLICATIVOS** indicam aumento proporcional da quantidade. Reduzem-se antes de tudo a substantivos (sempre antecedidos de artigo), e por vezes a adjetivos:

✓ *Sua casa é* O *triplo da nossa*;

✓ "É UM duplo receber, que é UM duplo dar" (J. M. DE MACEDO);

✓ *Peça um* CAFÉ *duplo*;

✓ *Há uma dupla maneira de dizê-lo*;

✓ etc.

◊ **Observação 1.** É de notar que, em verdade, os multiplicativos substantivos também se encontram em fronteira turva: podem considerar-se também puros e simples substantivos, o que se mostra pelo obrigado artigo que os antecede.

◊ **Observação 2.** Em *via de mão dupla*, em *dupla personalidade*, etc., a maioria dos gramáticos e dos lexicógrafos considera que *dupla* seja o que chamamos adjetivo qualificativo. Não podemos dar-lhes nosso acordo, porque, com efeito, ainda aqui *duplo, triplo*... indicam multiplicação: *dupla* em *dupla personalidade* expressa que há DUAS VEZES *uma personalidade*, ou seja, o DOBRO de uma. – E, ainda que de maneira não tão clara, tal é assim até em *cama dupla*, porque, com efeito, ainda que se trate de apenas *um* móvel, este se desdobra justamente em *duas* camas. Pode conceder-se, porém, que neste último caso estamos outra vez em fronteira incerta.

4.6. Os **NUMERAIS FRACIONÁRIOS** designam, por sua vez, a diminuição proporcional da quantidade:

✓ *Metade de sua casa ocupa-a a biblioteca*;

✓ *Já estudou três quintos da matéria*.

◊ **Observação 1.** *Metade* pode anteceder-se ou não de artigo: *Metade* ou *A metade de sua casa*.

☞ **Observação 2.** Fracionários como *três quintos*, *seis sétimos*... são, em verdade, locuções numerais.

4.7. Temos ainda os chamados **numerais coletivos**, que se reduzem a substantivos coletivos. Uns nomeiam quantidade precisa (*dezena* = quantidade de *dez*) mas *não determinada* de entes, razão por que requerem se especifique de que são quantidade: *uma dúzia de ovos*, *um milhar de cadernos*, etc. Os outros, todavia, designam espaço de tempo não só preciso mas determinado, razão por que não necessitam de especificação: *decênio* (= dez anos), *século* (= cem anos), *milênio* (= *mil anos*), etc.

4.8. A flexão dos numerais.

4.8.1. Os cardinais.

4.8.1.a. Os **cardinais adjetivos** *um* e *dois* e as centenas a partir de *duzentos* flexionam-se em gênero: *um/uma*, *dois/duas*, *duzentos/duzentas*, *trezentos/trezentas*, etc.

4.8.1.b. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* (ou *trilião*), etc., sempre substantivos, flexionam-se em número: *vinte trilhões*, *dois quatrilhões*, etc.

4.8.1.c. *Ambos* flexiona-se em gênero: *ambas as mãos*, etc.

☞ **Observação 1.** *Ambos* (que equivale a *os dois*) é resquício, em línguas latinas, da categoria chamada *dual*, que se encontra no grego antigo, no hebreu, no sânscrito, etc.

☞ **Observação 2.** *Ambos* pode ser adjetivo (em *ambos os braços*, por exemplo) ou substantivo (em *Ambas vivem no campo*). Note-se que, quando adjetivo e ao contrário do que se dá em espanhol, *ambos* nunca exclui o artigo do substantivo a que se refere: *ambos os homens*, e não "ambos homens" (*ambos hombres*, em espanhol), etc.

☞ **Observação 3.** Não se pode usar *ambos* com respeito a pessoas ou a coisas que se oponham. Assim, diga-se *As duas partes chegaram a um acordo amigável* (e não "'Ambas' as partes..."). Constitui erro a maneira posta entre parênteses.

☞ **Observação 4.** Outrora se dizia "ambos de dois". Hoje se evita tanto este dizer como o dizer "todos os dois". Em ambos os casos, diga-se "os dois".

4.8.1.d. Todos os demais cardinais são invariáveis tanto em gênero como em número.

4.8.2. Os ordinais.

§ Os **ordinais** flexionam-se em gênero e em número: *primeira*, *trigésimos/trigésimas*, etc.

4.8.3. Os multiplicativos.

§ Quando substantivos, os **multiplicativos** são invariáveis tanto em gênero como em número: *o triplo de tua idade, o quádruplo da área de sua casa*, etc. Quando porém são adjetivos, variam em gênero e em número: *dose duplA, modos duplos*, etc.

☞ **Observação.** *Dúplice* (= duplo), *tríplice* (= triplo)... flexionam-se apenas em número: *atitudes dúplices*, etc.

4.8.4. Os fracionários.

§ Nos **fracionários**, a segunda parte morfológica concorda com a primeira, ou seja, com a parte morfológica (cardinal) que indica o número das partes: *Em UM terço da fazenda planta, em DOIS terços cria gado*, etc.

☞ **Observação 1.** *Meio* concorda em gênero com o substantivo designativo da quantidade de que é fração: *uma TONELADA e meiA de minério, quatro QUILOS e meiO de carne*, etc.

☞ **Observação 2.** É solecismo dizer "meio-dia e meio", em lugar do correto *meio-dia e meia*. Nas horas, *meia* refere-se à palavra *hora* elíptica (*meio-dia e meia* [*hora*], *três e meia* [*hora*], etc.).

4.8.5. Os coletivos.

§ Todos os **numerais coletivos** variam em número: *três decênios, seis dúzias, dois milhares* (ou *milheiros*), *quatro lustros* (= quinquênio), etc.

☞ **Observação.** Não se escreva "'duas' milhares de pessoas", mas *dois MILHARES de pessoas*, porque os coletivos, como *milhar*, são sempre masculinos e o cardinal que os determine, como aqui *dois*, há de concordar com ele também em gênero.

4.9. Emprego dos cardinais.

4.9.1. *Cem* (forma reduzida de *cento*) usa-se como adjetivo invariável: *cem cães, cem galinhas*, etc.

4.9.2. Mas *cento* também é invariável. Hodiernamente, usa-se tão só:

4.9.2.a. nos números entre *cem* e *duzentos*: *CENTO e trinta soldados, CENTO e oitenta ovelhas*, etc.;

4.9.2.b. como equivalente de *centena* (e sempre precedido de artigo): *UM cento de folhas de papel, O cento de maçãs*, etc.;

4.9.2.c. na expressão de porcentagem: *nove por cento, cem por cento*, etc.

4.9.3. *Bilhão* ou *bilião* designava outrora, no Brasil, "um milhão de milhões", e segue designando-o em Portugal, na Grã-Bretanha, na Alemanha e em todo o mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países, designa hoje "mil milhões".

4.9.4. Os cardinais podem usar-se indefinidamente: *UNS vinte passos adiante*, *Tenho de dizer-lhe duas ou três coisas*, etc. Por vezes, tal indeterminação é hiperbólica: *Tem milhares de preocupações*, *Estamos lendo um milhão de livros*, *Tenho mil projetos* (ou *Projetos mil passam por minha cabeça*), etc.

4.9.5. Costuma-se contar *zero* entre os cardinais, o que suscita não poucos problemas. Como quer que seja, *zero* normalmente se reduz a substantivo e se usa em aposição: *desinência zero*, *grau zero*, etc. Mas é amplo seu uso como adjetivo: "Ontem fez 'zero' grau".

4.9.6. Algo mais complexo é o uso da conjunção *e* com os cardinais. Vejamo-lo passo a passo.

4.9.6.a. A conjunção *e* sempre se intercala entre as centenas, as dezenas e as unidades: *quarenta e oito*, *quinhentos e setenta e sete*, etc.

4.9.6.b. Mas a mesma conjunção não se emprega entre os milhares e as centenas, a não ser quando o número termina em centena com dois zeros: 1972 = *mil novecentos e setenta e dois*; 1600 = *mil e seiscentos*; etc.

4.9.6.c. Em números muito grandes, emprega-se *e* entre os membros da mesma ordem de unidades, mas omite-se quando se passa de uma ordem para outra:

✓ 392.632 = *trezentos e noventa e dois mil, seiscentos e trinta e dois*;

✓ 437.816.244.311 = *quatrocentos e trinta e sete bilhões, oitocentos e dezesseis milhões, duzentos e quarenta e quatro mil, trezentos e onze*;

✓ etc.

4.10. Emprego dos ordinais.

4.10.1. A par de *primeiro*, empregamos o latinismo *primo/a* em, por exemplo, *matéria prima*,[44] *números primos*, etc.

Observação 1. Em *obra-prima* e *matéria-prima*, *prima* não é palavra adjetiva, mas *parte morfológica de origem adjetiva*.

Observação 2. *Primo* substantivou-se para significar variamente:

- certo grau de parentesco, a saber, o filho de tio e/ou de tia: *nossos primos*, *minha prima*, etc.;
- a primeira das horas canônicas diurnas (do ofício divino);
- a primeira e a mais fina corda de certos instrumentos (guitarra, viola, etc.);
- a nota geradora da série harmônica superior ou inferior;
- etc.

---

[44] *Matéria prima* é conceito filosófico e significa o princípio material potencial, enquanto *matéria-prima* significa "substância de que se produz ou faz algo (material ou intelectual)".

4.10.2. Em expressões como *de primeira categoria* (ou apenas *de primeira* = de categoria superior) e *de segunda categoria* (ou apenas de segunda = de categoria inferior), o cardinal recai, uma vez mais, em fronteira turva.

4.11. Emprego dos cardinais pelos ordinais. Não raro o ordinal é substituído pelo correspondente cardinal, o que se dá nos seguintes casos.

4.11.1. Para designação de papas e de soberanos, de séculos e de partes de obra literária, ou teatral, etc., usam-se ORDINAIS até *décimo* e CARDINAIS daí por diante – sempre que o numeral vier posposto ao substantivo:

Inocêncio III (terceiro)	Pio XII (doze)
Pedro II (segundo)	Luís XV (quinze)
Século IX (nono)	Século XIX (dezenove)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto V (quinto)	Tomo XVII (dezessete)

Quando todavia o numeral antecede ao substantivo, usa-se *sempre* o ORDINAL:

Décimo terceiro século	Vigésimo primeiro século
Sexto ato	Décimo primeiro (ou undécimo) capítulo
Terceiro Canto	Décimo segundo (ou duodécimo) volume

4.11.2. Com respeito a artigos de leis, decretos, portarias, etc., usam-se os ORDINAIS até *nono* e os CARDINAIS de *dez* em diante:

Artigo 2º. (segundo)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9º. (nono)	Artigo 48 (quarenta e oito)

4.11.3. Em referência aos dias do mês salvo o primeiro, usam-se CARDINAIS (*Hoje é 18* ou *dezoito de fevereiro*, etc.). Para o primeiro dia dos meses, emprega-se mais comumente o ORDINAL (1º. ou *primeiro* de setembro, etc.).

➢ Não podemos compreender nem aceitar a "regra" que impugna construções como *Hoje é 18* ou *dezoito de fevereiro*. Obviamente está elíptico aí "o dia" (*Hoje é* [*o dia*] *18* ou *dezoito de fevereiro*). A recomendação de que se diga e escreva "Hoje 'são' dezoito de fevereiro" parece-nos não só desnecessária, mas pernóstica. – São "regras" assim, desse jaez, as que contribuem para o descrédito da Gramática.

4.11.4. Usam-se ainda CARDINAIS para indicar os anos e as horas: *Nasceu às oito horas de dois mil e vinte e três*, etc.

4.11.5. Na enumeração de páginas ou de folhas de um livro, na de casas, de apartamentos, de quartos de hotel, de cabines ou camarotes de navio ou de trem, na de poltronas de teatro ou de cinema, etc., também empregamos CARDINAIS.

Página 4 (quatro)	Casa 108 (cento e oito)
Folha 12 (doze)	Apartamento 11 (onze)
Camarote 3 (três)	Quarto 1015 (mil e quinze)

Se porém o numeral vier anteposto ao substantivo, emprega-se o ORDINAL:

Terceira página	Quinta cabine
Sétima folha	Trigésima oitava casa

☞ **OBSERVAÇÃO.** Em alguns dos casos de uso do cardinal pelo ordinal, sente-se a omissão da palavra NÚMERO: *casa* [*número* ou *de número 8*]. Nos demais, no entanto, tal uso resulta quer da própria dificuldade popular de memorizar e dizer ordinais a partir de décimo primeiro, quer da preguiça dos lábios, quer das duas coisas conjugadas.

4.12. EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS. Não devemos ceder à tese de que dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de usar correntemente, enquanto os demais se hão de reservar para a "linguagem erudita". Como nosso intento é justamente ensinar o mais largamente possível a língua culta, digamos e escrevamos sem escrúpulos: *quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, undécuplo, duodécuplo, cêntuplo.* (Há ainda *dúplice* [= *duplo*] e *tríplice* [= *triplo*].) – E diga-se e escreva-se: *sêxtuplo de três* (= 18); *quádruplo de vinte e um* (= 84); *duodécuplo de cento e vinte e um* (= 1.452); etc.

4.13. EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS. Há duas modalidades de fracionários: os FRACIONÁRIOS ORDINÁRIOS (que correspondem às frações ordinárias) e os FRACIONÁRIOS DECIMAIS (que correspondem às frações decimais).

4.13.1. Para 1/2, 1/3, 1/4, 1/5, 1/6, 1/7, 1/8, 1/9, 1/10, os fracionários ordinários são, respectivamente, (*um*) *meio, um terço, um quarto, um quinto, um sexto, um sétimo, um oitavo, um nono, um décimo*. Com variação no numerador: para 2/3, 3/4, 2/5, por exemplo, temos *dois terços, três quartos, dois quintos*, respectivamente.

4.13.2. Os denominadores de 11 em diante expressam-se em forma CARDINAL seguida de *avos* (palavra constituída regressivamente de *oitavo*): assim,

para 5/12, 7/33, 11/245, temos, respectivamente, *cinco doze avos*, *sete trinta e três avos*, *onze duzentos e quarenta e cinco avos*.

4.13.3. Se porém o denominador for de dezenas, de centenas, de milhares "redondos", a fração ordinária pode expressar-se de dois modos: por exemplo, para 23/10, para 34/100 e para 123/1.000, temos, respectivamente: *vinte e três dez avos* ou *vinte e três décimos*; *trinta e quatro cem avos* ou *trinta e quatro centésimos*; *cento e vinte e três mil avos* ou *cento e vinte e três milésimos* – segundo se queira (com avos) ou não se queira (com o ordinal) sugerir plasticamente a mesma fração.

4.13.4. Os FRACIONÁRIOS DECIMAIS recorrem aos ordinais: para 12,7, para 15,73, para 5,741 e para 37,7471, por exemplo, temos respectivamente: *doze e sete décimos*; *quinze e setenta e três centésimos*; *cinco e setecentos e quarenta e um milésimos*; e *trinta e sete e sete mil quatrocentos e setenta e um décimos milésimos*.[45]

✐ **OBSERVAÇÃO.** No Brasil, a expressão *meia dúzia* substitui correntemente o cardinal *seis*, enquanto sua redução a *meia* se usa em lugar do mesmo cardinal para enunciar números de telefone, etc. Não usemos na escrita tal redução.

QUADRO DE NUMERAIS CARDINAIS E DE NUMERAIS ORDINAIS[46]

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo

[45] Os exemplos de fracionários são tomados do *Dicionário Houaiss*.
[46] Quadro extraído de Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 390-91.

XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1.000	mil	milésimo
X	10.000	dez mil	dez milésimos
C	100.000	cem mil	cem milésimos
M	1.000.000	um milhão	milionésimo
M	1.000.000. 000	um bilhão	bilionésimo

V
OS ARTIGOS

5.1. Os **ARTIGOS** reduzem-se, como dito, a adjetivos determinativos (ou pronomes adjetivos). Às vezes não é senão por eles que sabemos o GÊNERO e o NÚMERO de alguns substantivos: *o amálgama, uns leva e traz*, etc. Nestes exemplos, sua função é ordenar paradigmaticamente. Mas também são DEFINIDORES, por indicar que o substantivo se refere a algo preciso que se supõe conhecido: *o(s)* e *a(s)*; ou INDEFINIDORES, por indicar que o substantivo designa algo vago, impreciso ou ainda desconhecido: *um(ns)*, *uma(s)*.[47]

[47] Relembre-se que somos forçados, aqui também, a discrepar da terminologia tradicional: os ARTIGOS não podem ser "definidos" ou "indefinidos", porque o que fazem, como adjetivos determinativos que

5.2. Em português, como na maioria das línguas que os têm, os artigos, tanto os definidores como os indefinidores, não podem colocar-se senão antes do substantivo que eles definem ou indefinem.

5.3. As duas espécies de artigos.

5.3.1. Mediante o uso do **artigo definidor**, precisemo-lo, indica-se antes de tudo que o substantivo por ele determinado significa algo ou alguém já conhecido de algum modo (por referência ou por experiência prévias) do leitor ou do ouvinte. Deem-se exemplos:

✓ *Deixou o jornal sobre a mesa e saiu;*

✓ *Atravessaram a rua;*

✓ *Compraziam-no as macieiras de sua terra;*

✓ *Apreciei os livros que me deste.*

5.3.2. Mediante o uso do **artigo indefinidor**, precisemo-lo também, indica-se antes de tudo que substantivo por ele determinado significa algo ou alguém a que anteriormente não se fez nenhuma referência ou de que tampouco se teve experiência prévia. Vejam-se exemplos:

✓ *Deparamos com uma praça que não conhecíamos;*

✓ *Estiveram aqui uns senhores a procurar-te;*

✓ *Pediu-lhe que fizesse um laudo preciso;*

✓ *Umas crianças brincavam no pátio.*

→ Note-se no exemplo seguinte a passagem de indefinição a definição mediante o uso das duas espécies de artigo:

✓ *Um ladrão roubou-nos a casa, e ninguém no-lo soube descrever. Após certo tempo, porém, a polícia acabou por encontrar e prender o ladrão.*

⇗ **Observação 1.** Os acusativos *illu*(*m*) e *illa*(*m*), do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud* ("aquele, aquela, aquilo, ele, ela"), deram origem, no português arcaico, a *lo* e a *la*, cujo *l-*, por sua constante posição intervocálica (entre outras razões), tendeu desde o início a sincopar-se, donde nossas atuais formas *o, a, os, as.* – Recorde-se que estas formas são não só as do artigo definidor, mas ainda as do pronome oblíquo acusativo e as de um dos pronomes demonstrativos; e, com efeito, é grandíssimo o parentesco morfossemântico entre estas espécies de vocábulos.

---

de fato são, é justamente *definir* ou *determinar* e *indefinir* ou *indeterminar* os substantivos – donde a nossa maneira de chamá-los. – Lembre-se, ademais, que nem todas as línguas têm artigos: não os tinha o latim, por exemplo, mas tinha-os o grego antigo, ainda por exemplo.